

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

MARGARIDA APARECIDA DE OLIVEIRA

**MIGRAÇÃO VALADARENSE PARA A COSTA LESTE DOS EUA ENTRE 1980
E 2024: REDES SOCIAIS, TRABALHO E GÊNERO**

BELO HORIZONTE

2025

MARGARIDA APARECIDA DE OLIVEIRA

**MIGRAÇÃO VALADARENSE PARA A COSTA LESTE DOS EUA ENTRE 1980
E 2024: REDES SOCIAIS, TRABALHO E GÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Cultura, Trabalho e Políticas Públicas

Linha de Pesquisa: Metrôpoles, Trabalho e Desigualdades

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Alessandra Sampaio Chacham

Co-Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sueli Siqueira

BELO HORIZONTE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

O48m	<p>Oliveira, Margarida Aparecida de</p> <p>Migração valadarense para a Costa Leste dos EUA entre 1980 e 2024: redes sociais, trabalho e gênero / Margarida Aparecida de Oliveira. Belo Horizonte, 2025.</p> <p>215 f. : il.</p> <p>Orientadora: Alessandra Sampaio Chacham Coorientadora: Sueli Siqueira</p> <p>Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais</p> <p>1. Emigração e imigração. 2. Mulheres - Governador Valadares - Condições sociais. 3. Identidade de gênero. 4. Igualdade. 5. Mercado de trabalho. 6. Trabalhadores migrantes. 7. Mobilidade social. 8. Capital social. 9. Redes Sociais. 10. Governador Valadares - Condições sociais. I. Chacham, Alessandra Sampaio. II. Siqueira, Sueli. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 325.1(73:81)</p>
------	--

MARGARIDA APARECIDA DE OLIVEIRA

**MIGRAÇÃO VALADARENSE PARA A COSTA LESTE DOS EUA ENTRE 1980
E 2024: REDES SOCIAIS, TRABALHO E GÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.
Área de Concentração: Cultura, Trabalho e Políticas Públicas
Linha de Pesquisa: Metrôpoles, Trabalho e Desigualdades

Prof^a Dr^a Alessandra Sampaio Chacham – PUC Minas (Orientadora)

Prof^a Dr^a Sueli Siqueira – UNIVALE (Co-Orientadora)

Prof^a Dr^a Maria Carolina Tomás – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Duval Magalhães Fernandes – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^a Dr^a Gláucia de Oliveira Assis – UNIVALE (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Fabián Torres-Ardila – Umass Boston (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 23 de abril de 2025.

*“Somos todos imigrantes.
Ninguém tem moradia fixa nessa terra”.*

Papa Francisco

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força, sabedoria e graça que me sustentaram em cada etapa desta jornada.

À minha mãe, por sua sabedoria e fé, que contribuíram para que eu acreditasse em mim mesma e moldaram quem sou hoje.

Em memória do meu pai, cuja coragem e intuição diante do desconhecido sempre me inspiraram.

Aos meus irmãos, pela conexão com nossas raízes e pela força que me inspira a sonhar e seguir em frente.

Ao meu filho e sobrinhos, fontes de carinho e respeito, que enchem minha vida de alegria e entusiasmo criador.

Ao Instituto Maurício Gastón for Latino Community Development and Public Policy da Universidade de Massachusetts Boston, pela oportunidade de expandir meus horizontes e crescer em um ambiente acolhedor e desafiador.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, pela honra de integrar uma comunidade acadêmica comprometida e inspiradora.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela experiência enriquecedora e pelas valiosas oportunidades de aprendizado e parceria.

À professora Léia Souki, pela orientação no início da minha investigação para esta tese.

À Alessandra S. Chacham, orientadora desta tese, por direcionar-me com valiosas contribuições e conselhos ao longo deste processo.

À Sueli Siqueira, co-orientadora desta tese, por me fazer despertar para os efeitos sociais da migração, me convidar a integrar grupo de pesquisa e me auxiliar na busca por um aceite na Universidade de Massachusetts.

Ao Professor Duval Fernandes, pela acolhida na disciplina de Migração Internacional e pelo incentivo nos primeiros contatos para eu encontrar e me conectar a uma Universidade internacional.

À professora Gláucia Assis, pelas contribuições importantes e indicações bibliográficas na Banca de Qualificação, que enriqueceram a sequência da investigação em campo e das análises.

À professora Maria Carolina Tomás, pelas sugestões valiosas de melhorias na metodologia durante a Banca de Qualificação, que foram essenciais para o desenvolvimento do campo de pesquisa e também das análises.

À Cristina Filgueira, pelo acolhimento, esclarecimentos e apoio durante o doutorado sanduíche no exterior.

Ao Professor Carlos Eduardo Siqueira, pela recomendação junto à Universidade de Massachusetts.

Ao Álvaro de Castro e Lima, Diretor de Pesquisa do Departamento de Planejamento da Cidade de Boston, pelos convites que ampliaram meu campo de estudo e por ser a conexão entre mim e a Universidade de Massachusetts.

Ao Professor Fabián Torres-Ardilla, diretor associado no Instituto Maurício Gastón da Universidade de Massachusetts Boston, pela rica troca de experiências e condução do Projeto Transnacional Brasileiro.

À Professora Lorna Rivera, Diretora do Instituto Maurício Gastón, pela calorosa recepção e confiança ao me permitir coordenar o Projeto Transnacional Brasileiro em sua magnitude e importância na UMass.

Ao Shaun P. Morgan, Diretor-executivo dos serviços para Estudantes e Acadêmicos Internacionais pela acolhida, pronto atendimento e providências de documentos consulares na Universidade de Massachusetts.

À Ilma Paixão, por me auxiliar a encontrar e conectar os imigrantes nos Estados Unidos e ampliar meu trabalho de coleta de dados em campo.

À Haruf Salmen Espindola, por me fazer descortinar a visão sobre os impactos da migração internacional no território de Governador Valadares e nas cidades adjacentes durante a Disciplina Estudos Territoriais.

À Devani Tomaz Domingues, por contribuir com as ideias iniciais sobre a pesquisa em migração internacional e me incluir nos grupos de discussão, ampliando minha rede o que contribuiu para a coleta de dados no campo.

À Solange Riveli de Oliveira, pelo aconselhamento e incentivo para que eu iniciasse o doutorado a partir de disciplinas isoladas.

Ao Marconi Spindola Nazareth, pela colaboração e incentivo com leituras e indicações de textos que contribuíram para a elaboração do projeto de pesquisa deste doutorado.

Ao Henrique Almeida de Queiroz, pela leitura atenta e contribuição de melhorias no Projeto de Pesquisa apresentado no processo seletivo da PUC Minas para este doutorado.

A toda a equipe do grupo de pesquisa, pelos diversos encontros enriquecedores para discussão da temática da migração internacional.

Aos meus familiares e amigos, pela compreensão, apoio constante e encorajamento ao longo desta jornada.

Sou grata às pessoas que me acolheram, me concederam entrevistas e confiaram suas histórias, especialmente aos imigrantes.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o fenômeno migratório dos emigrantes de Governador Valadares para os Estados Unidos, com foco na Costa Leste, entre as décadas de 1980 e 2024. A análise busca compreender as motivações multifacetadas que impulsionam a migração, que vão além da busca por melhores condições financeiras, incluindo aspectos sociais, emocionais e pessoais. Destaca-se o papel das redes sociais e do capital social no apoio aos migrantes, influenciando tanto a decisão de emigrar quanto a adaptação ao novo contexto. A pesquisa examina como a precarização e a segregação laboral impactam as trajetórias dos imigrantes, com ênfase na crescente participação feminina e nas desigualdades de gênero e *status* migratório. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, observação e narrativas livres. A metodologia foi aplicada em dois campos de estudo: Governador Valadares, reconhecida por sua forte conexão migratória com a região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, e em localidades dessa região norte-americana. A investigação foi realizada em duas etapas. A primeira, conduzida entre dezembro de 2022 e março de 2023, priorizou entrevistas com migrantes que retornaram ao Brasil. A segunda, entre julho de 2023 e março de 2024, ocorreu nos Estados Unidos, permitindo um aprofundamento na análise das experiências dos imigrantes em seu contexto de inserção. Os resultados indicam que, apesar do papel crucial das redes sociais na inserção inicial dos migrantes, elas não são suficientes para superar as barreiras estruturais do mercado de trabalho. A pesquisa sugere melhorias nas condições de vida nas regiões de origem e a oferta de apoio contínuo aos migrantes durante o processo de adaptação. Além disso, destaca o impacto das políticas restritivas de controle de fronteiras nos Estados Unidos, que ampliam a insegurança e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes indocumentados. Diante desse cenário, esta pesquisa propõe a formulação de políticas públicas que protejam os direitos dos migrantes, promovam sua regularização e garantam o acesso a serviços essenciais. Além de fornecer subsídios para reflexões teóricas e políticas sobre a mobilidade humana contemporânea, sugere novos estudos sobre políticas de fronteira e estratégias de adaptação dos migrantes.

Palavras-chave: migração internacional; capital social; redes de apoio; segregação laboral; gênero e migração; mobilidade social.

ABSTRACT

This research investigates the migratory phenomenon of emigrants from Governador Valadares to the United States, focusing on the East Coast, between the 1980s and 2024. The analysis seeks to understand the multifaceted motivations that drive migration, which go beyond the search for better financial conditions, including social, emotional and personal aspects. It highlights the role of social networks and social capital in supporting migrants, influencing both the decision to emigrate and adaptation to the new context. The research examines how job insecurity and segregation impact the trajectories of immigrants, with an emphasis on the growing participation of women and inequalities of gender and migratory status. A qualitative approach was used, with data collected through semi-structured interviews, observation and free narratives. The methodology was applied in two fields of study: Governador Valadares, recognized for its strong migratory connection with the New England region in the United States, and localities in this North American region. The research was carried out in two stages. The first, conducted between December 2022 and March 2023, prioritized interviews with migrants who had returned to Brazil. The second, between July 2023 and March 2024, took place in the United States, allowing for a deeper analysis of immigrants' experiences in their context of insertion. The results indicate that, despite the crucial role of social networks in the initial integration of migrants, they are not enough to overcome the structural barriers of the labor market. The research suggests improving living conditions in the regions of origin and offering migrants continuous support during the adaptation process. It also highlights the impact of restrictive border control policies in the United States, which increase the insecurity and difficulties faced by undocumented immigrants. Given this scenario, this research proposes the formulation of public policies that protect the rights of migrants, promote their regularization and guarantee access to essential services. In addition to providing input for theoretical and political reflections on contemporary human mobility, it suggests new studies on border policies and migrants' adaptation strategies.

Keywords: international migration; social capital; support networks; labor segregation; gender and migration; social mobility.

LISTA DE FIGURA, TABELAS E QUADRO

Figura 1 - Método Snowball Sampling	68
Figura 2 - Redes sociais de migrantes e recursos	117
Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica das pessoas retornadas vivendo em Governador Valadares	77
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica das pessoas imigrantes que estão vivendo nos Estados Unidos	87
Tabela 3 - Caracterização sociodemográfica de mulheres migrantes nos Estados Unidos	97
Quadro Descritivo 1 - Matriz de análise qualitativa das entrevistas	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Apresentando alguns conceitos centrais para a análise	19
2.	CAPÍTULO 1: TEORIAS MIGRATÓRIAS	29
2.1	Migração como pretensão temporária	34
2.2	O mercado de trabalho e a regulação pela migração	41
2.3	Migrações contemporâneas e precarização planejada	44
2.4	As crises que motivam a migração	48
2.5	Crise do trabalho e relações sociais capitalistas contemporâneas	49
3.	CAPÍTULO 2: RELAÇÕES DE GÊNERO, TRABALHO E AS REDES SOCIAIS	53
3.1	Capital social em Pierre Bourdieu na perspectiva de gênero	56
3.2	O papel das redes sociais como mecanismos intermediários para acesso ao trabalho nos Estados Unidos	60
3.3	Relações de gênero nas migrações internacionais	62
4.	CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	66
4.1	Introdução	66
4.2	Aspectos metodológicos	66
4.3	Biografias sintetizadas das pessoas da pesquisa retornadas vivendo em Governador Valadares	75
4.4	Biografias sintetizadas das pessoas imigrantes que estão vivendo nos Estados Unidos	80
4.5	Biografias de mulheres migrantes nos Estados Unidos e suas experiências de vida	96
5.	CAPÍTULO 4: REDES DE APOIO E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS: uma análise qualitativa da migração de emigrantes de Governador Valadares	100
5.1	Introdução	100
5.2	Análise crítica das categorias e subcategorias	107
5.2.1	Motivações econômicas	104
5.2.2	Situação financeira atual	105
5.2.3	Falta de perspectiva	107
5.2.4	Influências sociais e familiares	108
5.2.5	Mudança de vida e contexto familiar	109
5.2.6	Fatores emocionais e sociais	111
5.2.7	Razões sociais e condições socioeconômicas	113
5.2.8	Redes de apoio familiar e comunitário	115
5.2.9	Apoio de amigos e conhecidos na inserção profissional de migrantes	118
5.2.10	Inserção profissional de emigrantes	120
5.2.11	Formas de inserção inicial no mercado de trabalho	122

5.2.12	Processos de inserção no mercado de trabalho	123
5.2.13	Condições de trabalho	126
5.2.14	Características socioeconômicas e gênero	128
5.2.15	Evolução temporal e impacto cultural	129
5.2.16	Mobilidade profissional	131
5.2.17	Fatores estruturais e seus impactos	133
5.2.18	Redes sociais e capital social	135
5.2.19	Redes no mercado de trabalho	137
5.2.20	Impacto do capital social na trajetória profissional	139
5.2.21	Autonomia e empreendedorismo	140
5.2.22	Desigualdades e barreiras estruturais	142
5.3	À guisa de conclusão.....	147
6	CAPÍTULO 5: MULHERES MIGRANTES: narrativas de identidade, gênero e pertencimento	149
6.1	Introdução	149
6.2	Descrição das mulheres migrantes e suas narrativas	150
6.3	Análise das histórias de vida de mulheres migrantes	158
6.3.1	A vulnerabilidade e ausência de informação durante a travessia	155
6.3.2	Os riscos de vida experimentados na travessia terrestre da fronteira do México	157
6.3.3	Os riscos de vida experimentados na travessia e o retorno ao Brasil antes de concluir o projeto migratório	158
6.3.4	A reemigração pelo sistema cai-cai	160
6.3.5	Tentativa de entrada no país com documentação montada e a consequente prisão	161
6.3.6	Casamento por conveniência	163
6.3.7	Normatividade social e cidadania	165
6.3.8	Racismo, xenofobia e exclusão	166
6.3.9	Trabalho como fuga da realidade	168
6.3.10	Distanciamento do autocuidado e da identidade	170
6.3.11	Inserção no mercado de trabalho norte-americano	171
6.3.12	Relacionamento abusivo	172
6.3.13	Retorno ao país de origem e reemigração	175
6.3.14	Vulnerabilidade e exposição	176
6.3.15	Indocumentação e retorno forçado	178
6.3.16	Ilegalidade e deportação	180
6.4	À guisa de conclusão.....	185

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS	195
ANEXO 1 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO.....	207

1 INTRODUÇÃO

A migração internacional é um fenômeno social, econômico e cultural que marca profundamente diversas regiões do mundo. No Brasil, poucas cidades possuem uma relação tão estreita com a migração quanto Governador Valadares, situada no estado de Minas Gerais. Desde meados do século XX, a cidade se tornou um dos principais centros emissores de migrantes para os Estados Unidos, configurando uma verdadeira cultura migratória, que impacta tanto os que partem quanto os que permanecem.

Esse fluxo migratório intensificou-se entre as décadas de 1980 e 1990, impulsionado por crises econômicas e pela busca por melhores condições de vida. Redes sociais e laços familiares desempenham um papel fundamental nesse processo, facilitando a integração dos migrantes no país de destino e a manutenção de vínculos com a cidade de origem. Esse fenômeno também influencia a economia local, seja pelo envio de remessas financeiras ou pelo retorno de migrantes que investem em negócios na região.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo compreender os efeitos da migração internacional na estrutura econômica e social de Governador Valadares, analisando como as experiências migratórias moldam as dinâmicas locais. O estudo investiga os fatores que motivam a migração, os desafios enfrentados pelos migrantes em seu processo de inserção no exterior e as consequências do retorno para a economia e sociedade valadarense.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender as implicações desse fenômeno para o desenvolvimento local, subsidiando políticas públicas e estratégias de planejamento urbano e econômico. Este estudo se fundamenta em uma abordagem multidisciplinar, combinando análises históricas, econômicas e sociais para oferecer um panorama abrangente da questão migratória valadarense.

Em virtude do atual contexto das políticas migratórias nos Estados Unidos, o estudo ganha ainda mais importância, uma vez que as frequentes mudanças nas leis e o endurecimento das medidas têm gerado impactos diretos nas comunidades migrantes, especialmente nas originárias de cidades como Governador Valadares.

Dessa forma, é fundamental compreender como esses novos desafios afetam os fluxos migratórios e quais são as repercussões para as estratégias de inserção e adaptação dos migrantes. Além disso, a crise migratória atual nos Estados Unidos ressalta a importância de estudar os mecanismos de apoio às comunidades emigrantes, reconhecendo o papel essencial das redes de solidariedade familiar e comunitária, tanto

na experiência migratória quanto no retorno, quando os emigrantes buscam novas oportunidades ou se encontram em situações de vulnerabilidade.

Nos capítulos seguintes, serão abordados o contexto histórico da migração na região, as redes de apoio que sustentam os fluxos migratórios e as consequências desse fenômeno para Governador Valadares. Ao final, serão apresentadas considerações sobre as possíveis perspectivas futuras da relação entre migração e desenvolvimento local.

Entre as décadas de 1940 a 1970, a presença de americanos na região contribuiu para o fortalecimento dos laços iniciais entre a cidade e os destinos migratórios, principalmente os Estados Unidos (Sousa, 2016). Este movimento histórico ajudou a moldar a identidade de Governador Valadares. Siqueira (2008) observa que a emigração internacional de seus habitantes começou no final dos anos 1960 e, na década de 1970, já havia um número significativo de valadarenses nos Estados Unidos. O fluxo migratório se intensificou na década de 1980. Em 1999, Governador Valadares ocupava o primeiro lugar entre as dez cidades brasileiras que mais contribuíam para o fluxo migratório para o estado norte-americano de Massachusetts (Martes, 1999).

Esse fenômeno gerou alterações significativas na rotina econômica e social da cidade, uma vez que a migração e a cultura migratória se tornaram elementos centrais na vida local (Assis, 1995; Margolis, 1994; Martes, 1999; Siqueira, 2009). A economia local de Governador Valadares é marcada pela extração de mica e pedras preciosas, o que contribuiu para um forte crescimento populacional, impulsionado também pela pecuária e o comércio. A cidade está localizada em uma região privilegiada do estado de Minas Gerais, com grande vocação logística. Em 2022, sua população era de aproximadamente 257.000¹ habitantes, posicionando-se como o nono município mais populoso de Minas Gerais.

Entretanto, com o declínio das atividades relacionadas aos recursos naturais e à agropecuária, o fluxo de capital foi sustentado por remessas de recursos enviadas por imigrantes, especialmente dos Estados Unidos. Assim, esta pesquisa propõe analisar as atividades de trabalho desempenhadas pelos imigrantes durante seu processo migratório e entender como ocorre sua inserção no mercado de trabalho norte-americano entre 1980 e 2024.

Para abordar esta questão, discutem-se as principais concepções teóricas sobre migração internacional, redes sociais e de apoio, e a inserção dos imigrantes no mercado

¹ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 2 jan. 2025.

de trabalho norte-americano. Além disso, serão detalhados os procedimentos metodológicos da pesquisa, seguidos da análise e das principais considerações do estudo.

A reestruturação do capital mundializado, que se intensificou no Brasil nas últimas décadas do século XX, provocou mudanças significativas na organização e nas relações de trabalho, afetando profundamente diversas categorias profissionais marcadas pela exploração, opressão e desigualdade. O problema teórico-analítico desta pesquisa consiste em entender como as transformações da sociedade capitalista impactam o trabalho, especialmente nas condições de precarização e segregação laboral. Como Karl Marx (2003, p. 7) afirmou, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Neste contexto, a pesquisa parte da hipótese de que em uma estrutura metrópole-satélite, como a que envolve os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, as metrópoles tendem a se desenvolver enquanto os países satélites permanecem no subdesenvolvimento. Uma teoria amplamente difundida é que o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos decorre do maior contato com os países metropolitanos desenvolvidos. Essa dinâmica se reflete nas realidades econômicas dos países periféricos, que frequentemente não atendem às suas próprias necessidades, em grande parte porque não as compreendem.

Dessa forma a proposta de tese apresentada teve como problema investigar as seguintes questões: (i) De que forma a inserção dos imigrantes da cidade de Governador Valadares no mercado de trabalho na Costa Leste dos Estados Unidos, nas décadas de 1980 a 2024, é impactada pelos marcadores de gênero, o *status* migratório, a rede social e o capital social? (ii) Como esses elementos contribuem para a precarização e segregação laboral, especialmente considerando os desafios enfrentados por esses trabalhadores no mercado secundário e a ampliação do número de mulheres nessa força de trabalho?

O presente estudo teve como objetivo analisar a inserção profissional dos emigrantes de Governador Valadares na costa leste dos Estados Unidos entre as décadas de 1980 e 2024, com ênfase nas redes sociais e no capital social em suas trajetórias laborais. A pesquisa investiga a inserção inicial profissional dos emigrantes, analisando de que forma fatores como gênero, *status* migratório e desigualdades socioeconômicas influenciam essas experiências.

Dessa forma, abre-se um caminho para identificar as redes sociais e de apoio utilizadas pelos emigrantes de Governador Valadares no processo migratório e durante

sua inserção no mercado de trabalho norte-americano, analisando como essas redes influenciam a construção de suas trajetórias profissionais e *status* migratório. Além disso, propõe-se a investigar as diferentes formas de inserção dos emigrantes no mercado de trabalho, levando em consideração o impacto das redes sociais e as características de gênero e socioeconômicas dos migrantes, bem como as implicações desses fatores nas condições de trabalho e nas trajetórias profissionais entre 1980 e 2024. A pesquisa também avalia como o capital social influencia a trajetória profissional dos emigrantes, desde a inserção inicial no mercado de trabalho até a mobilidade profissional e a transição para maior autonomia ou empreendimentos próprios, destacando as barreiras estruturais, especialmente em função do gênero e do status migratório.

Para compreender essas questões, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na história oral, para acessar as experiências e percepções dos migrantes por meio de narrativas pessoais e coletivas. A história oral é crucial para captar as dimensões subjetivas e as estratégias adotadas pelos emigrantes ao longo de sua trajetória nos Estados Unidos, enriquecendo a compreensão das redes de apoio, do capital social e das dinâmicas de precarização e mobilidade profissional. A coleta de dados inclui entrevistas semiestruturadas com imigrantes valadarenses em diferentes contextos laborais e com retornados, permitindo a análise.

Esta pesquisa empírica visa compreender as ações humanas dentro do contexto em que ocorrem. Para isso, adota uma abordagem metodológica qualitativa fundamentada no paradigma interpretativista. O objetivo central é captar os sentidos e significados atribuídos pelos próprios participantes aos fenômenos estudados, permitindo uma análise indutiva baseada nas experiências e narrativas individuais. A partir dessa perspectiva, a pesquisa busca identificar padrões emergentes que podem revelar as complexas dinâmicas subjacentes às trajetórias migratórias dos sujeitos. Nesse processo, o contexto é fundamental para a interpretação dos dados, pois os significados atribuídos são situados, ou seja, variam conforme a interação entre os participantes e suas realidades sociais, não sendo universais.

A investigação foi realizada em dois campos de análise: o primeiro em Governador Valadares e o segundo, na Costa Leste dos Estados Unidos, com foco em estados da Nova Inglaterra. Esses campos se complementam ao oferecer uma visão ampla das dinâmicas migratórias e das condições de trabalho associadas a elas. A análise crítica desses dois cenários revela os fatores estruturais e subjetivos que moldam as trajetórias

dos indivíduos, aprofundando a compreensão das complexas relações entre migração, trabalho e redes sociais.

Esta tese está organizada em uma estrutura composta pela Introdução, na qual são apresentados os conceitos fundamentais para a análise, seguida por quatro capítulos e as Considerações Finais.

Na Introdução, são delineadas a problemática e a hipótese central do estudo, bem como a base teórica que sustenta a pesquisa. Destaca-se o crescimento da presença feminina na força de trabalho imigrante, ao mesmo tempo em que se evidencia a permanência das desigualdades de gênero e *status* migratório. Além disso, apresentam-se os princípios metodológicos que orientam a interpretação das falas dos participantes, ancorados em uma abordagem qualitativa que combina entrevistas semiestruturadas, observação e narrativas livres.

O primeiro capítulo explora conceitos centrais relacionados às teorias migratórias, ao funcionamento do mercado de trabalho sob a influência da migração, às dinâmicas das migrações contemporâneas e a precarização planejada. Também são discutidas as crises que impulsionam os fluxos migratórios.

O segundo capítulo trata da interseção entre gênero e trabalho, enfatizando o papel das redes sociais na inserção de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos (Oliveira, 2023). Esse capítulo discute de que maneira essas redes de relações sociais e profissionais contribuem para a obtenção de emprego e o progresso na carreira, subsidiando uma análise aprofundada sobre a importância dos vínculos sociais no contexto migratório.

O terceiro capítulo analisa a relevância das redes de apoio na jornada migratória dos emigrantes de Governador Valadares e sua inserção no mercado de trabalho norte-americano. A análise qualitativa examina a influência dos laços familiares, das amizades, das comunidades locais e das conexões profissionais na adaptação e na mobilidade socioeconômica dos imigrantes. Além disso, investiga os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para superá-los, destacando tanto os benefícios quanto as limitações dessas redes.

O quarto capítulo analisa as experiências das mulheres brasileiras migrantes, adotando a perspectiva da história oral para compreender suas trajetórias. A análise foca nos impactos da migração sobre identidade, papéis de gênero, relações familiares e classe social, com base nos relatos de cinco mulheres que migraram para os Estados Unidos ou retornaram ao Brasil após deportação. Também são discutidas questões como a indocumentação, a travessia de fronteiras, a precarização do trabalho e os impactos

emocionais da experiência migratória, inserindo-as em um contexto mais amplo de gênero e pertencimento. Além de descrever suas histórias, esse capítulo enfatiza as estratégias de resistência, adaptação e transformação, inserindo essas experiências em dinâmicas mais amplas de gênero e pertencimento.

1.1 Apresentando alguns conceitos centrais para a análise

Este trabalho é sustentado ainda por um arcabouço teórico que prioriza a análise das dinâmicas migratórias e das relações de trabalho a partir de uma perspectiva interseccional. Conceitos como migração internacional, redes sociais, capital social, precarização laboral e interseccionalidade são centrais para compreender as realidades vividas pelos emigrantes de Governador Valadares em sua inserção no mercado de trabalho norte-americano.

A migração internacional é entendida aqui como um fenômeno que ultrapassa os deslocamentos geográficos, abrangendo também adaptações culturais, negociações identitárias e vivências marcadas por desigualdades globais. Nesse contexto, as redes sociais desempenham papel estruturante, facilitando o acesso a recursos como informações, oportunidades de trabalho e suporte emocional. No entanto, essas redes também são influenciadas por dinâmicas de poder e marcadores sociais, como gênero, classe e *status* migratório, que podem limitar ou ampliar as possibilidades dos indivíduos.

O conceito de capital social, conforme definido por Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant (1992), refere-se aos recursos acessíveis por meio de redes de relacionamentos, é outro pilar da análise. Ele revela como as conexões sociais podem influenciar trajetórias de inserção e mobilidade no mercado de trabalho. Contudo, essas trajetórias são frequentemente moldadas por barreiras estruturais, como discriminação de gênero, segregação laboral e vulnerabilidades decorrentes do *status* migratório, que resultam na precarização das condições de trabalho, especialmente entre trabalhadores inseridos no mercado secundário.

A abordagem interseccional é essencial para este estudo, pois permite analisar como os marcadores sociais interagem e produzem experiências singulares e desiguais para os emigrantes. Ao considerar gênero, classe, raça e *status* migratório como categorias interligadas, esta pesquisa busca desvendar as formas como esses elementos influenciam as condições de trabalho e as trajetórias profissionais, destacando as desigualdades estruturais e as estratégias individuais e coletivas de enfrentamento.

Ao explorar essas categorias, o estudo busca não apenas descrever as trajetórias dos emigrantes de Governador Valadares, mas busca analisar criticamente os contextos e as condições em que elas ocorrem, investigando como diferentes eixos de desigualdade se articulam para moldar as experiências dos emigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho dos Estados Unidos.

A migração é um fenômeno que permeia a história da humanidade, desempenhando um papel significativo na dinâmica das populações e na estruturação dos mercados de trabalho. Estudos anteriores destacam que o deslocamento de trabalhadores pode promover certo equilíbrio na remuneração da mão de obra ao longo das regiões, regulado por diferenças salariais. Adam Smith (1776), em *A Riqueza das Nações*, foi um dos primeiros a refletir sobre essa relação entre migração e trabalho, apontando que os indivíduos tendem a se mover em busca de melhores oportunidades econômicas, contribuindo para a alocação mais eficiente dos recursos humanos no mercado.

Essa mobilidade favoreceria não apenas os trabalhadores, mas também o crescimento das economias locais, ao ajustar oferta e demanda de trabalho. Complementando essa visão, Ravenstein (1985), em suas *Leis da Migração*, argumenta que grande parte dos movimentos migratórios ocorre em curtas distâncias, gerando fluxos que convergem para grandes centros comerciais, onde se concentram as oportunidades e os serviços.

Esses centros, segundo Ravenstein (1985), atraem populações oriundas de áreas rurais e locais circunvizinhos. Esse processo de atração desencadeia um efeito em cadeia, no qual áreas despovoadas próximas são preenchidas por pessoas vindas de regiões ainda mais distantes, refletindo a capacidade de absorção econômica dos grandes centros. O autor também identifica uma lógica inversa na migração, onde correntes compensatórias se formam, redistribuindo parte dos migrantes de volta às suas origens ou a novos destinos menos congestionados.

Além disso, ele observa que os migrantes de longas distâncias tendem a buscar os principais centros comerciais e industriais, enquanto os habitantes de áreas urbanas apresentam maior propensão à fixação em relação aos moradores do campo. Outro ponto relevante é que, estatisticamente, as mulheres migram mais frequentemente que os homens.

Lee (1966b, p. 99) reafirma as leis da migração de Ravenstein (1985), sobretudo, fez algumas agregações importantes nesta dinâmica, afirmando que “não importando quão curto ou longo, quão fácil ou quão difícil, a verdade é que todo ato migratório

implica num lugar de origem, num lugar de destino e numa espécie de obstáculos intervenientes”.

A abordagem de Souza-Lobo (2021) destaca a importância das relações de gênero nas negociações sociais, evidenciando como, em contextos de desigualdade, as mulheres frequentemente negociam pequenas vantagens em situações de inferioridade, enquanto os homens ocupam posições de maior poder. Essa hierarquia, embora muitas vezes aceita, está em constante renegociação, configurando-se como uma estrutura de poder permeada por normas culturais específicas. Esse cenário está enraizado em um histórico no qual o trabalho doméstico, naturalizado e invisível, é distribuído dentro da rede familiar e restrito ao universo feminino, com as gerações sucedendo-se nas mesmas funções. Dessa forma, trabalho, casamento e maternidade se perpetuam como ciclos naturais, reforçando a manutenção dessa dinâmica de gênero (Souza-Lobo, 2021).

Souza-Lobo (2021) assevera ainda que a identidade, o universo possível, a vida são claramente definidos a partir do trabalho manual em oposição ao estudo, ao trabalho intelectual. O que resta poderia ser explorado em que medida essa representação do trabalho manual integra para as mulheres as formas do trabalho doméstico, diferenciando-se assim das representações masculinas do trabalho manual.

Os estudos fragmentados sobre condições de vida e trabalho, a casa e a fábrica, as lutas e greves, práticas culturais e divisão sexual do trabalho, estratégias de gestão e disciplinamento de acordo com Souza-Lobo (2021) concorrem para a problematização da experiência trabalhadora, sua formação através de distintas dimensões da vida em sociedade a partir da qual os grupos dispersos desenvolvem uma experiência.

Madeleine Guilbert (1966), tendo sido uma pioneira na pesquisa, relacionava feminização com desqualificação. “A predominância de mulheres nos empregos que refletem em seu grau mais elevado as consequências da divisão e da simplificação do trabalho operário.” (Guilbert, 1966, p. 9). Estabelece-se uma relação entre desqualificação do trabalho – desqualificação da força de trabalho – feminização. Permanecendo assim, a questão da designação natural das mulheres como trabalhadoras desqualificadas.

Para Souza-Lobo (2021) a explicação também da feminização de setores e tarefas como parte de uma estratégia de barateamento dos custos da força de trabalho. A autora assegura ter relação com o fato das mulheres em grande medida, terem menos consciência de seus direitos como trabalhadoras, por uma menor participação e politização acabam por aceitar salários mais baixos. Desse modo, a extensão do trabalho feminino obedece

aos interesses do capital primeiramente na perspectiva de maximização dos lucros com o barateamento da força de trabalho, embora não se possa fixar como regra geral, tendo em vista que a força de trabalho feminina não substitui sistematicamente a masculina, e que, portanto, o capital submete seus objetivos à divisão sexual do trabalho.

Camurça e Gouveia (2004) destacam que o conceito de gênero se consolidou como uma ferramenta crucial para entender as relações sociais e políticas entre homens e mulheres. Esses conceitos não são neutros, mas refletem dinâmicas cotidianas e políticas, estando intimamente ligados ao movimento das mulheres nas sociedades contemporâneas. O conceito de gênero permite analisar os diferentes desafios enfrentados pelas mulheres, particularmente nas esferas do trabalho, vida pública, sexualidade, reprodução e família. No entanto, gênero não se restringe às identidades individuais, mas também se refere às relações entre as pessoas, nas quais a sociedade, ao reconhecer as diferenças biológicas, constrói normas sobre o que é masculino e feminino. Essas representações moldam as interações entre os sexos, criando um sistema de poder desigual, onde as relações de gênero são, em última instância, relações de poder baseadas em uma hierarquia simbólica que valoriza o masculino em detrimento do feminino.

As normas de gênero, para mesmas autoras, são fundamentais para a organização social, embora e nem todas sejam necessariamente negativas. Contudo, muitas delas limitam as possibilidades das mulheres, como a expectativa de que o casamento seja seu principal objetivo. Apesar das transformações sociais, como a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua participação em movimentos sindicais, o papel de esposa e mãe continua sendo prioritário. Por outro lado, os homens têm opções mais amplas e diversificadas, sem a pressão de se conformar a um modelo único de vida (Camurça; Gouveia, 2004).

A teoria interseccional de Angela Davis, exposta em *Mulheres, raça e classe* (2016), destaca a interdependência entre gênero, raça e classe na análise das desigualdades sociais. Davis argumenta que as opressões de gênero, raça e classe são inseparáveis, especialmente para mulheres negras e trabalhadoras, que enfrentam condições específicas de exploração devido à escravidão, racismo e exclusões do feminismo hegemônico. Essa abordagem desafia visões isoladas dessas categorias, revelando como suas interseções criam múltiplas formas de violência e resistência. A autora foca na precarização do trabalho das mulheres negras e latinas, denunciando como o capitalismo perpetua desigualdades por meio da exploração de corpos racializados e femininos. Davis (2016) propõe um feminismo interseccional e anticapitalista como

alternativa para combater essas desigualdades estruturais, uma perspectiva que ressoa em estudos contemporâneos sobre precarização do trabalho, redes sociais e desigualdades globais, especialmente nos processos migratórios e de inserção profissional.

Camurça e Gouveia (2004) ainda refletem sobre como as normas de gênero influenciam a construção da identidade de gênero desde a infância. Mesmo sem compreender plenamente as razões pelas quais as vidas de homens e mulheres são tão distintas, as crianças internalizam as informações transmitidas pelos adultos. Esse processo é essencial para o desenvolvimento do senso de identidade, fundamentado nas normas culturais e sociais sobre o que significa ser homem ou mulher. A identidade de gênero é construída ao longo da vida e é influenciada por valores sociais que moldam os desejos, comportamentos e a forma de estar no mundo de cada indivíduo. Esse processo contínuo de construção de identidade de gênero é uma das bases para a forma como as pessoas se posicionam nas relações sociais, influenciando tanto as suas ações quanto a maneira como são percebidas na sociedade.

Judith Butler, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), apresenta a ideia de que o gênero é uma construção social performativa, não uma essência fixa. No contexto migratório, essa perspectiva ajuda a entender como as identidades de gênero podem ser reinterpretadas e transformadas. Migrantes, especialmente mulheres e pessoas trans, enfrentam normas de gênero adaptadas às expectativas do país de destino, o que pode resultar tanto em resistência quanto em marginalização.

Judith Butler (2003) desconstrói a ideia de uma categoria universal de "mulher", essencial para compreender a migração internacional, onde mulheres racializadas e não heteronormativas enfrentam marginalização. Ao questionar as categorias de gênero, ela analisa como as mulheres migrantes enfrentam opressões em diferentes contextos culturais e legais. As redes de apoio se tornam fundamentais para subverter as normas de gênero, criando formas de resistência às expectativas heteronormativas e promovendo um entendimento mais inclusivo das identidades migrantes.

Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1962), critica a construção social do gênero, propondo que a identidade feminina é cultural e histórica, não biológica. Sua teoria de que "não se nasce mulher, torna-se mulher" é relevante para as mulheres migrantes, que enfrentam a opressão de gênero e as imposições culturais do novo país. Além da discriminação de gênero, elas enfrentam racismo, xenofobia e exclusão social,

e a precarização do trabalho e a objetificação do corpo feminino, especialmente em empregos informais e domésticos, são questões amplificadas no contexto migratório.

A teoria de Simone de Beauvoir sobre emancipação feminina, ligada à liberdade sexual e econômica, reflete as experiências das mulheres migrantes, que buscam autonomia em contextos de exclusão. O deslocamento desafia as normas de gênero das sociedades de origem e destino, e as mulheres enfrentam uma marginalização dupla, marcada por gênero, raça, classe e status migratório. A crítica de Beauvoir sobre as identidades de gênero é essencial para compreender as barreiras enfrentadas pelas mulheres migrantes e suas lutas por autonomia além das fronteiras nacionais.

Renato Ciampa (2002) destaca que a identidade é fundamental para o indivíduo se perceber e ser reconhecido socialmente, sendo moldada por valores e crenças compartilhados com o grupo. A identidade pode ser pessoal, ligada à trajetória individual, ou social, associada a grupos como etnia ou profissão. A identidade social está em constante transformação e reflete a interação do indivíduo com seu grupo, impactando a construção das identidades, como observado por Ana Maria Fernandes e Maria João Aleluia (2020).

As crenças oriundas de diferentes instituições, como as religiosas, políticas e outras, constituem uma ideologia institucionalizada, que, por sua vez, desempenha um papel significativo na preservação e construção das identidades profissionais (Dâmaso et al., 2019). De maneira similar, no contexto das identidades de gênero, os padrões culturais também envolvem a reprodução e resistência às normas que estabelecem o que é adequado para homens e mulheres, impactando tanto a formação da identidade individual quanto a profissional (Abreu, 2018).

Camurça e Gouveia (2004) destacam que as normas e valores desempenham um papel crucial nas relações de gênero, não apenas determinando o que deve ou não ser feito, mas também atribuindo diferentes valores às pessoas e suas ações. Em geral, a sociedade tende a valorizar aqueles que seguem as normas de maneira rígida. Quando tanto mulheres quanto homens adotam comportamentos ou pensamentos fora dessas normas, acabam sendo discriminados e vistos como "errados". As normas podem ser tanto formais, como as leis, quanto informais, como as relacionadas à educação, tradições e costumes. Muitas vezes, são essas normas não escritas que são mais difíceis de identificar e modificar, mas que têm um impacto profundo nas relações de gênero.

A interseccionalidade, originada nos Estados Unidos a partir das críticas das feministas negras ao feminismo branco, foca na interação entre diferentes formas de

dominação. Embora a classe tenha sido abordada desde o início, a interseccionalidade foi, com o tempo, associada principalmente ao feminismo negro (Nash, 2008). Na França, a crítica ao marxismo também discutiu gênero e classe, destacando as opressões das mulheres trabalhadoras (Jaunait; Chauvin, 2012). No Brasil, a interseccionalidade é vista principalmente como a articulação entre gênero e raça.

O conceito de gênero proposto por Sandra Harding em *Science Question in Feminism* (1986) propõe considerar três aspectos interligados: o simbolismo do gênero, a estrutura de gênero e o gênero individual, que geram as relações de poder na sociedade. Esses processos envolvem a atribuição de metáforas dualísticas de gênero, a organização social baseada nesses dualismos e a construção social das identidades individuais, com relação parcial às diferenças sexuais. Definições semelhantes também são apresentadas em outros textos dos anos 1980, como o de Joan Scott (1995).

Scott (1986, p. 86-87) sugere que o gênero envolve quatro elementos interconectados: os "símbolos culturalmente disponíveis", os "conceitos normativos que refletem as interpretações dos significados desses símbolos", as "políticas, instituições e a vida social", e a "identidade subjetiva". Esse modelo, ao integrar as várias dimensões do gênero, contribui para uma análise mais completa e dinâmica das relações de gênero.

Com uma perspectiva distinta, Raewyn Connell (1987), em seu livro *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*, propõe quatro dimensões nas relações de gênero: poder, produção (incluindo a divisão sexual do trabalho), simbolismo e catexia (relações emocionais e vínculos pessoais). Connell enfatiza que as relações de gênero devem ser compreendidas como relações de poder, e que a consideração das dimensões estruturais não deve negar a possibilidade de mudança e a ação dos indivíduos. O ponto importante aqui é que essas abordagens não limitam a compreensão do gênero às estruturas sociais, aos sistemas simbólicos ou às identidades pessoais. Elas sugerem a necessidade de integrar essas diferentes dimensões para uma análise mais rica e completa do gênero.

Lélia Gonzalez (1979), em “Cultura, etnicidade e trabalho”, analisa como as categorias de gênero, raça e classe interagem na exploração das mulheres negras no contexto latino-americano. Ela destaca que a marginalização dessas mulheres não ocorre apenas no trabalho, mas também através de discursos culturais que naturalizam sua subordinação. Gonzalez associa essa exploração às raízes coloniais e propõe uma abordagem interseccional no ativismo, unindo movimentos feministas e antirracistas para combater as opressões estruturais. Ela enfatiza a valorização das culturas

afrodescendentes e o reconhecimento das contribuições das mulheres negras para a emancipação.

Patricia Hill Collins, em seu artigo de 1989, amplia a definição de Harding (1986) ao incluir as dimensões simbólica, institucional e individual do gênero, raça e classe. Collins (2015) enfatiza que, além da ação individual, as estruturas de opressão, como o racismo, machismo e elitismo, devem ser analisadas, já que elas se manifestam em instituições sociais como escolas e empresas, afetando diretamente as identidades de gênero e outras formas de identidade.

Harding (1986) argumenta que o gênero não deve ser visto como uma característica individual ou um reflexo de comportamentos pessoais, mas como algo integrado às estruturas sociais e aos esquemas conceituais. Dentro dessas estruturas, as identidades de gênero dos indivíduos são formadas, refletindo as dinâmicas de poder e as normas culturais em que estão inseridas.

Collins (2015, p. 18) destaca a distinção entre a experiência vivida e a abordagem teórica da interconexão das opressões, afirmando que "raça, classe ou gênero podem moldar uma situação, mas podem não ser igualmente visíveis e/ou relevantes nas autodefinições das pessoas". Para a autora, as dimensões simbólica e institucional funcionam como pano de fundo, influenciando as escolhas individuais e a forma como lidamos com as normas sociais. Essas escolhas, por sua vez, ocorrem dentro de contextos históricos e sociais específicos.

A análise de Collins e outras autoras enfatiza que as estruturas sociais não devem ser vistas como deterministas. Embora moldem a experiência, essas estruturas também são históricas, contraditórias e abertas à transformação. Por isso, a análise das relações de gênero, raça e classe deve incluir a ação dos indivíduos e reconhecer a possibilidade de mudanças, em vez de se restringir a uma visão estática das estruturas sociais.

No entendimento de Harding (1986), o gênero, especialmente em sua dimensão simbólica, permeia todos os aspectos da vida social. Além disso, a ciência, como construção social, também reflete as influências do gênero. Isso sugere que o estudo das estruturas de gênero deve considerar não apenas suas manifestações simbólicas, mas também sua relação com outras dimensões da vida social, como a classe.

Nesse contexto, a análise do capitalismo contemporâneo se torna crucial para compreender como a classe social não pode ser reduzida apenas à renda ou à posição individual dentro da hierarquia social. A classe deve ser entendida como uma estrutura

dinâmica que interage com o gênero e a raça, influenciando as relações sociais de maneira mais profunda do que apenas nas esferas econômicas.

A abordagem de Dardot e Laval (2016) sobre o neoliberalismo como uma "nova razão do mundo" amplia a perspectiva, destacando não apenas as transformações econômicas, mas também como o neoliberalismo reconfigura as subjetividades, promovendo uma lógica centrada na concorrência e no empreendedorismo. Essa lógica, inserida no capitalismo globalizado, é uma forma contemporânea de controle que molda a vida social e subjetiva de indivíduos, especialmente nas relações de gênero e classe.

Para Heleieth Saffioti (1992), a intersecção entre gênero e raça é visível no corpo, que se torna um campo onde as relações de poder se manifestam. O corpo, nesse sentido, é tanto um meio de construção cultural quanto um reflexo de uma realidade social marcada por desigualdades. A autora argumenta que gênero e raça representam diferenças fundamentais que não são apenas sociais ou culturais, mas também estruturam as relações de poder. Maria de Lourdes Oliveira (1976) e Saffioti (1992) questionam se é possível considerar etnia/raça e gênero como componentes de um campo relacional dialético, no qual suas intersecções se tornam visíveis, especialmente nas experiências de migração de mulheres negras e brancas. Essa abordagem revela as hierarquias e desigualdades de poder que se manifestam na construção da identidade e das relações sociais.

Do ponto de vista teórico, as ideologias relacionadas a gênero, classe e etnia são materiais, de acordo com Saffioti (1992), pois surgem das práticas cotidianas e das experiências vividas. A intersecção de gênero e etnia, como conceito, reflete a aceitação ou rejeição do igualitarismo, além de evidenciar as estruturas de sujeição nas relações sociais. Esses processos não podem ser explicados por conceitos universalistas, pois as desigualdades sociais e as configurações de sujeição são específicas e particulares, moldadas por contextos históricos e culturais.

Saffioti (1992) também destaca que, no sistema sexo-gênero, as formas de dominação social estão profundamente relacionadas ao pertencimento racial. As questões de raça e etnia expõem desigualdades que vão além das diferenças biológicas, sendo em grande parte socialmente construídas. Nesse contexto, o gênero não é uma categoria isolada, mas se entrelaça com a raça, criando um campo de subjetividades e práticas de sujeição que envolvem o corpo, o poder e a identidade.

A construção do conceito de gênero, conforme apresentado por Scott (1991), é relevante para entender como as relações de poder se articulam. Scott argumenta que o gênero, embora frequentemente relacionado ao poder, não se limita a ele. O gênero é um

campo no qual o poder é estruturado, mas também é um reflexo das relações de poder que ocorrem em outras áreas da vida social. Bourdieu, citado por Scott, observa que o gênero organiza a percepção e a estrutura simbólica da vida social, determinando distribuições de poder e acesso desigual a recursos materiais e simbólicos.

A transversalidade, conforme Saffioti (1992), refere-se à maneira como o poder é estruturado e compartilhado na sociedade, afetando diretamente as relações de gênero. O conceito de transversalidade implica que as relações de gênero são inseparáveis da classe social e das outras formas de dominação social. A autora também desafia a visão tradicional do sexo como algo imutável, propondo uma compreensão dinâmica das relações de gênero, que refletem as interações entre poder, identidade e estrutura social.

Com base nesses conceitos, busca-se aprofundar o entendimento sobre os processos migratórios e as condições de trabalho que moldam as trajetórias dos emigrantes de Governador Valadares, destacando como as dinâmicas de gênero influenciam essas experiências. A interseção entre as teorias de fluxo migratório, redes sociais e negociações de gênero revela-se essencial para desvendar as complexidades dessas vivências, evidenciando como as normas de gênero, profundamente enraizadas nas relações de poder, impactam tanto a construção das identidades individuais quanto as oportunidades disponíveis. Assim, refletir sobre gênero torna-se central para compreender as desigualdades e as transformações sociais que permeiam os processos migratórios e suas implicações econômicas e culturais.

2. CAPÍTULO 1: TEORIAS MIGRATÓRIAS

Os conceitos discutidos à luz do arcabouço teórico da modernidade líquida e seus atributos mais incisivos (Bauman, 1999) servem de prelúdio para o debate subsequente acerca da instabilidade democrática atual e da emergência de dilemas de amplo impacto. No contexto da conformação social, a análise dos impasses atrelados aos surtos migratórios considera a problemática que delinea bem a natureza de certas questões de ordem política, econômica, cultural e também moral que impactam a realidade contemporânea.

Zygmunt Bauman (1999) aponta que, na modernidade líquida, a ampliação da vulnerabilidade gera inquietações que afetam indivíduos e instituições, frequentemente contrariando os valores morais que sustentaram a civilização ocidental, especialmente europeia. Essa condição, agravada pela sensação constante de crise, evidencia tensões nas bases culturais e políticas da modernidade. No contexto migratório, essas tensões se refletem em políticas excludentes, discursos xenofóbicos e na marginalização de migrantes, expondo as limitações de um sistema incapaz de lidar com os deslocamentos que ele próprio provocou.

A migração conforme observa Bauman (2017, p. 9) acompanha a era moderna desde o início, refletindo mudanças causadas pelo "modo de vida moderno", que produz pessoas "não empregáveis" ou "intoleráveis" devido a fatores econômicos, sociais e políticos. Esse fenômeno é impulsionado por desigualdades e disputas por poder, tornando-se uma consequência das tensões estruturais da modernidade. Como resultado, perpetuam-se exclusão e vulnerabilidade, desafiando sociedades de origem e destino, que muitas vezes não conseguem lidar de forma inclusiva com essa complexidade.

Feitosa (2018) aponta que o Estado enfrenta um declínio em sua capacidade de ação, um fenômeno que, embora não seja novo, tornou-se mais grave com o aumento do abandono dos indivíduos à própria sorte. Manuel Castells (1999) reforça essa ideia ao destacar que o mercado e forças supraestatais, operando no "espaço de fluxos", desvincularam-se quase totalmente das amarras territoriais e normativas do Estado. Assim, o Estado perde sua capacidade de agir de forma eficaz e de inspirar confiança nos cidadãos, especialmente em períodos de maior crise.

Segundo Bauman (2017), os fatores que impulsionam os movimentos migratórios e seus impactos são complexos tanto nos pontos de origem quanto nos de destino. Nos países mais desenvolvidos, migrantes econômicos, atraídos pela busca de melhores

condições de vida e trabalho, alimentam o interesse empresarial por mão de obra barata e qualificada. No entanto, para a população local, já fragilizada pela precariedade e incertezas sociais, esse fluxo intensifica a competição no mercado de trabalho, ampliando a sensação de insegurança e reduzindo as perspectivas de ascensão.

Sasaki e Assis (2000) analisam a migração a partir das divisões do mercado de trabalho em sociedades industriais avançadas. Segundo os autores, imigrantes, minorias étnicas e mulheres tendem a se concentrar em indústrias marginais e no mercado secundário, ao contrário dos trabalhadores nativos, que contam com maior proteção sindical, acesso a licenças de trabalho e oportunidades em grandes corporações. Redes sociais e discriminação institucional agravam essa exclusão, relegando os imigrantes a empregos temporários e de baixa remuneração. A situação se torna ainda mais precária para mulheres e minorias étnicas, especialmente quando indocumentadas, devido à exploração múltipla que enfrentam nesse contexto.

De acordo com José Antônio Alonso (2011), o fenômeno migratório é frequentemente estudado sob os aspectos demográficos e econômicos, com teorias que avaliam o impacto populacional da migração, tanto no país de origem quanto no destino. As análises demográficas, por exemplo, focam nas consequências das mudanças populacionais na oferta de serviços públicos, especialmente em relação à sua manutenção e equilíbrio.

A perspectiva neoclássica da economia da migração, segundo Sasaki e Assis (2000), argumenta que a migração internacional de trabalhadores é motivada pelas diferenças salariais entre países. Os mercados de trabalho, e não outros setores como o financeiro, são os principais responsáveis por induzir os fluxos migratórios, defendendo a teoria do equilíbrio de renda e emprego entre diferentes países.

Alejandro Portes (1995) questiona a ênfase neoclássica na ação racional, argumentando que a busca por ganhos materiais também deve considerar as expectativas de reciprocidade nas interações sociais dentro dos grupos. Assim, os imigrantes não devem ser vistos apenas como indivíduos, mas como parte de estruturas sociais que influenciam suas trajetórias de mobilidade espacial e socioeconômica. Ao analisar os migrantes como integrantes de grupos étnicos e redes sociais, utilizando o capital social em sua jornada, Portes (1995) oferece categorias analíticas para entender a complexidade dos novos movimentos migratórios.

As contribuições dos novos economistas da migração, conforme Oded Stark e David Bloom (1985), desafiam várias hipóteses da teoria neoclássica. A principal

inovação dessa abordagem é a ideia de que as decisões migratórias não são tomadas de forma isolada, mas por unidades maiores, como famílias ou domicílios, onde as pessoas agem coletivamente. O objetivo não é apenas maximizar a renda, mas também reduzir os constrangimentos impostos pelos mercados de trabalho. Os modelos teóricos desenvolvidos pelos "novos economistas", segundo Sasaki e Assis (2000), apresentam proposições distintas da teoria neoclássica, levando a diferentes recomendações políticas.

Douglas Massey (1997), assim como os novos economistas, critica os limites das proposições neoclássicas. Ele destaca alguns pontos principais: a unidade de análise não é o indivíduo isolado, mas sim famílias, domicílios ou outras unidades de produção e consumo culturalmente definidas; o diferencial de renda não é condição necessária para a migração, pois as redes sociais podem oferecer incentivos para diversificar riscos; migração internacional, emprego e produção local não são mutuamente exclusivos; e as políticas governamentais podem alterar a distribuição de renda, influenciando a migração internacional, independentemente de seus efeitos sobre a renda.

Uma abordagem sobre o funcionamento do mercado de trabalho considera duas perspectivas distintas sobre a inserção e o desempenho dos imigrantes. Os teóricos da segmentação, como Michel Piore e Doeringer (1971) e Gordon (1982, 1964), e os teóricos do capital humano, como George Borjas (1990), destacam pontos importantes. Eles argumentam que imigrantes ilegais têm acesso aos benefícios do *welfare* nos Estados Unidos, o que sobrecarrega os orçamentos de estados como Flórida e Califórnia. No mercado de trabalho, imigrantes com baixa qualificação são vistos como responsáveis por reduzir salários e tirar empregos de nativos. Esses teóricos defendem que a política migratória deve priorizar imigrantes mais qualificados para promover um sistema econômico mais produtivo (Sasaki; Assis, 2000).

Sasaki e Assis (2000) explicam que os teóricos da segmentação afirmam que há uma complementaridade entre imigrantes e nativos no mercado de trabalho. Esses dois grupos atendem a diferentes oportunidades dentro de um mercado segmentado, composto pelo mercado de trabalho primário e secundário.

O mercado de trabalho primário é composto por empregos que exigem alta qualificação, oferecem melhores salários e oportunidades de ascensão hierárquica, geralmente em grandes empresas capitalistas. Já o mercado secundário é caracterizado por baixos salários, alta rotatividade, baixa qualificação e poucas chances de crescimento. Este mercado é frequentemente ocupado por migrantes, mulheres e jovens (Sasaki; Assis, 2000).

Sassen (1991) destaca que, embora a pobreza, o desemprego e a superpopulação impulsionem as migrações, é essencial identificar os processos que transformam essas condições e levam à migração. Esses processos estão ligados à reorganização da economia global nas últimas décadas, criando um espaço transnacional onde a circulação de trabalhadores é apenas um dos fluxos, junto aos de capital, mercadorias, serviços e informações. Assim, a internacionalização da produção e o investimento estrangeiro são fatores-chave para entender os fluxos migratórios internacionais (Sasaki; Assis, 2000).

De acordo com Sassen (1991), os elevados níveis de investimento estrangeiro impulsionam a emigração de diversas formas: a) a integração de novos grupos populacionais no mercado de trabalho e a transformação da estrutura laboral tradicional geram uma oferta de trabalhadores migrantes; b) a crescente participação feminina no mercado de trabalho afeta as oportunidades de emprego para os homens; e c) fortalece as relações entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos. Esse processo contribui para a "ocidentalização", criando um grande número de potenciais emigrantes e tornando a emigração uma opção cada vez mais acessível.

Segundo Cynthia Carneiro (2017), a pressão sobre o mercado de trabalho nos países com populações jovens também incentiva a emigração, pois existem empregos disponíveis em países estrangeiros para pessoas com baixa qualificação, especialmente em áreas como trabalho doméstico e atividades braçais. Muitos desses trabalhadores ocupam cargos como cozinheiros, motoristas, faxineiras, babás, cuidadores, jardineiros, acompanhantes e na construção civil. Esses países atraem migrantes devido aos seus altos índices de desenvolvimento econômico, mesmo diante das crises sazonais do capitalismo.

A teoria socioeconômica busca compreender a relação entre migração internacional e desenvolvimento, utilizando variáveis pré-estabelecidas. A análise, com base em dados quantitativos e qualitativos, revelou aspectos como a variação na demanda por empregos e consumo no país de destino, o volume de remessas financeiras enviadas às famílias nos países de origem, e a frequência das comunicações entre migrantes e seus familiares (Ratha; Mohapatra; Silva, 2011).

Outro estudo avalia o impacto das migrações de trabalhadores qualificados, analisando tanto o "*braindrain*" (perda de talentos no país de origem) quanto o "*brainwaste*" (subutilização das habilidades no país de destino). Esse cenário reflete uma situação em que ambos os países perdem, devido às dificuldades no reconhecimento de diplomas e títulos estrangeiros, algo comum em países com normas restritivas (Docquier; Marfouk, 2006).

A migração, seja individual, familiar ou em grupos, ocorre frequentemente devido à pressão por emprego de um lado e à demanda por trabalho do outro. As migrações internacionais, especialmente entre países pobres e ricos, são impulsionadas por diferenças salariais, condições de emprego, estrutura do mercado de trabalho, minimização de riscos e a globalização, entre outros fatores que explicam essa diversidade migratória.

Marden Campos e Thiago Campos (2022) destacam que as decisões migratórias são influenciadas pelos diferenciais econômicos percebidos entre os locais de origem e destino. Além disso, embora com menor foco econômico, a atração pela vida urbana, especialmente entre homens jovens, também desempenha um papel importante, sendo chamada por Caroline Brettell (2022) de "teoria das luzes da cidade". A migração também é moldada pelas características das comunidades de origem, que influenciam os comportamentos dos migrantes.

Segundo Campos e Campos (2022), os migrantes preservam laços estreitos com suas regiões de origem, mantendo um padrão contínuo de deslocamentos entre esses locais mesmo após a migração. Esse processo migratório é entendido como um fenômeno no qual se estabelecem diversas relações – familiares, econômicas, sociais, religiosas e políticas – que transcendem fronteiras e conectam os lugares de origem e destino.

Brettell (2022) argumenta que a mudança no foco dos estudos de migração altera a análise de características fixas de locais isolados para um enfoque em trânsito e fluidez. Esse redirecionamento busca atender a interesses teóricos mais amplos, influenciados por abordagens pós-modernistas e feministas, que propõem novas formas de pensar o espaço, ao mesmo tempo em que retomam conceitos presentes em estudos anteriores sobre redes sociais e migração (Hugo, 1981; Massey, 1990; Taylor, 1986).

Atualmente, há uma tendência crescente de examinar e reconceituar as categorias migratórias, utilizando chaves analíticas como "diáspora", "espaços intermediários" e "formas híbridas" de identidade e cultura. Essas novas abordagens permitem uma compreensão mais dinâmica e multifacetada dos processos migratórios, reconhecendo as experiências dos migrantes como complexas e em constante transformação.

Desde a década de 1970, os estudos sobre migração se expandiram significativamente, abrangendo populações de diversas regiões do mundo, tanto migrantes internos quanto internacionais. Esses estudos passaram a analisar os fluxos Sul-Norte e Sul-Sul, observando os impactos da mobilidade populacional, especialmente em economias emergentes. Nancie Gonzalez (1961) apresentou uma tipologia de cinco tipos

de trabalho migratório assalariado: sazonal, temporário, não sazonal, recorrente, contínuo e permanente. Essa categorização destaca que os movimentos migratórios, particularmente os que cruzam fronteiras internacionais, não são necessariamente unidirecionais nem definitivos. Mais recentemente, a "migração educacional" foi incorporada a essas análises (Childs; Choedup, 2018).

Para Brettell (2022), a abordagem mais atual considera essas tipologias como diferentes dimensões da mobilidade, pois elas englobam teorias sobre as motivações para a migração, a maneira como a migração é influenciada pelas economias locais, regionais, nacionais e internacionais, e as conexões entre os países de origem e os receptores. Além disso, essa perspectiva analisa a relação entre migração e estrutura familiar, estratégias domésticas, e como a migração adquire significado dentro de contextos culturais específicos.

Para aprofundar um tanto mais sobre migração, é relevante explorar como os movimentos migratórios muitas vezes têm uma intenção temporária. Esse paradoxo, que une saída e chegada em uma só identidade, abre espaço para discussões sobre fenômenos como a "migração de retorno" e, mais recentemente, a "migração de raízes". Essas dinâmicas oferecem novas perspectivas para entender os significados atribuídos à migração, tanto no contexto de partida quanto no de chegada, revelando a complexidade das experiências migratórias.

2.1 Migração como pretensão temporária

O emigrante é caracterizado pela saída temporária da sociedade de emigração, e pelo imigrante que, ao chegar à sociedade de imigração, para ela, o paradoxo é que ambos são uma mesma pessoa. Um tema que passou a ser adicionado aos estudos trata da “migração de retorno” – e mais recentemente da “migração de raízes” (Sala; Baldassar, 2017), aos variados padrões de movimento através e dentro das fronteiras nacionais (Gmelch, 1992; Fitzgerald, 2020; Lockwood, 1990; Long; Oxfeld, 2004; Rhoades, 1978; Rottman, 2013).

Gmelch (1980) propôs uma formulação teórica inicial sobre a migração de retorno, na qual ele distingue os emigrantes que planejam deixar permanentemente sua sociedade de origem dos que planejam deixá-la temporariamente. Ele também observou que os laços familiares podem ter uma força tão grande que superam fatores econômicos e o sucesso financeiro como incentivos para o retorno.

Sayad (1998) chama a atenção para o fato de que o imigrante enfrenta o drama da provisoriedade entre dois mundos. Sayad expõe a provisoriedade como a principal contradição existencial que permeia a condição do imigrante, que por não conseguir estar em conformidade com o direito e o fato, acaba a imigração o condena ao engendramento de uma situação que parece destiná-lo a uma contradição dupla: “não se sabe mais se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (Sayad, 1998, p. 45).

O que Sayad expõe deste modo, revela uma ilusão coletiva que é produzida e compartilhada pelo próprio migrante, a sociedade da qual provém e a sociedade que o recebe. Trata-se de um sentimento de vida provisória que de acordo com Sayad (1998) faz com que o imigrante não desenvolva relação afetiva ou em maior profundidade com a sociedade de origem e nem com a sociedade que o recebe. São vislumbrados como trabalhadores temporários que estão em trânsito de modo provisório.

Sayad (1998) destaca que é crucial adotar uma perspectiva fenomenológica social em sua totalidade ao pensar na imigração. Os migrantes vivem como sujeitos sem conexão com a sociedade de emigração e sem participação política. Para entender as condições que geram e perpetuam a imigração, não basta considerar apenas a economia capitalista e seus efeitos de transferência entre diferentes regiões do mundo.

A noção de retorno na perspectiva antropológica total do ato de migrar argumentada por Sayad (2000) está intimamente ligada à ideia de emigração. Segundo ele, não pode haver imigração em um lugar sem ter havido emigração em outro lugar. Ele também afirma que não pode haver presença em qualquer lugar sem uma ausência correspondente em outro lugar. Em última análise, a condição humana e sua finitude estão em jogo (Sayad, 2000, p. 11).

Sayad (2000) afirma que o retorno é um desejo comum entre os imigrantes, mas é como recuperar a visão de um cego, ou seja, uma operação impossível. Assim, eles ficam presos em uma nostalgia intranquila pela sua terra natal. O imigrante é deslocado tanto no sentido literal de movimentação no espaço quanto de uma forma figurada, em que sua presença é imprópria e deslocada, como uma palavra fora do lugar. Para o mesmo autor, a ideia do retorno é fundamental em uma antropologia completa do ato de emigrar, que abrange a dimensão social, cultural e política do fenômeno migratório, lembrando sempre de sua natureza universal. Sayad (1998) propõe uma sociologia que se concentre

na parte inferior da hierarquia social e que leve em conta a condição existencial do migrante.

Sayad (2000) afirma que, além da dimensão física e geográfica, devemos considerar as qualificações sociais do espaço, que é uma metáfora espacial do espaço social. Isso envolve o grupo do qual o indivíduo se afastou fisicamente, mas ainda carrega consigo de alguma forma, e aquele no qual entrou e precisa se impor, aprender, conhecer e dominar.

Sayad (2000) argumenta que todas as relações entre esses elementos são interdependentes e formam a unidade que compõe o ser social. Além disso, o autor destaca a importância da relação do migrante com o tempo, que se manifesta na noção do retorno presente no imaginário do imigrante e de seu grupo. Esse retorno é uma retrospectiva que remete ao tempo anterior à imigração, representando um retorno a si mesmo. De acordo com Jankélévich (1983), a temática da memória é mais do que uma simples nostalgia, representada pela dor do retorno, a saudade da terra. É um mal que só pode ser curado pelo próprio retorno.

O texto de Sayad (2000) mostra que a nostalgia não é a solução para o mal do retorno, pois não é possível voltar verdadeiramente ao ponto de partida. Embora haja a possibilidade de retornar fisicamente ao lugar de origem, não é possível voltar ao mesmo tempo da partida, ser a mesma pessoa ou reencontrar os mesmos lugares e pessoas nas mesmas condições em que se deixou. O espaço permite o ir e vir, mas o tempo é irreversível.

O mesmo autor assevera que emigrar é mudar de espaço, de território, que é mais maleável que o tempo. Mudar de espaço implica aprender que este é sempre um espaço qualificado e carregado de afetividade, um “espaço nostálgico” aberto a todas as nostalgias. O espaço não é um conceito abstrato, contínuo e homogêneo como postulado pela geometria, mas sim um espaço vivo, concreto, qualitativo e emocional. O espaço é um lugar de nostalgia e é carregado de afetividade, o que é experimentado em todos os deslocamentos (Sayad, 2000, p. 12).

Portanto, destaca-se um fato social completo. Um fenômeno em sua totalidade, segundo Sayad (1998) que apresenta inúmeras facetas que possibilitam o diálogo entre as mais distintas áreas do conhecimento.

Segundo Brettell (2022), o retorno pode ser parte de uma estratégia migratória inicial, embora frequentemente adiado. Nesse contexto, o conceito de "peregrino", em contraste com o "colono" (Chávez, 1988; Dahya, 1973; Park, 2006), é utilizado para

descrever aqueles que migram com o objetivo de acumular o máximo de dinheiro possível no exterior para alcançar uma meta, como construir uma casa ou iniciar um negócio, mas com a intenção principal de retornar ao seu país de origem. Esses objetivos, muitas vezes, refletem uma ideologia de migração profundamente enraizada culturalmente.

De acordo com Brettell (2003), a ideologia do retorno e o retorno real são dimensões distintas da migração. Embora o retorno seja frequentemente idealizado como uma parte importante da estratégia migratória, quando ele realmente ocorre, pode ser acompanhado pela sensação de deslocamento. Muitos migrantes, ao retornarem, experimentam a dificuldade de não se sentirem mais pertencentes às suas comunidades de origem. Esse processo pode levar ao sentimento de estranhamento, sendo que, em alguns casos, os migrantes são rotulados e ridicularizados por aqueles que permaneceram na comunidade, dificultando sua reintegração.

Caroline Brettell e James Hollifield (2022) destacam que nem toda migração é voluntária. A cada ano, dezenas de milhões de pessoas são forçadas a se deslocar devido a circunstâncias extremas, como violência política, guerra, perseguições étnicas, religiosas e políticas, fome, privação e as mudanças climáticas. Esses migrantes, em sua grande maioria, são considerados pessoas deslocadas, vivendo em situações de vulnerabilidade e muitas vezes sem a possibilidade de retornar aos seus locais de origem devido à impossibilidade de reintegração ou à permanência dos fatores que os forçaram a migrar.

No contexto dos Estados Unidos, as categorias de "trabalhador migrante indocumentado" ou "estrangeiro ilegal" se tornaram amplamente reconhecidas (Coutin, 2005; Heyman, 2001; Plascencia, 2009). De acordo com Brettell (2022), outros termos são utilizados para classificar os migrantes como ilegais ou clandestinos, especialmente em países em desenvolvimento.

Simmel descreve o estrangeiro como aquele que "chega hoje e fica amanhã" (Simmel, 1908), sendo uma figura que está simultaneamente dentro e fora do grupo social. Sua posição é paradoxal, pois ele é próximo devido à sua presença física, mas distante em termos de conexões sociais profundas. A teoria do estrangeiro de Simmel tem sido amplamente aplicada nos estudos sobre migração e globalização, pois ajuda a compreender a experiência de indivíduos que transitam entre diferentes culturas e sociedades.

Migrantes e expatriados frequentemente ocupam uma posição liminar, estando fisicamente presentes, mas mantendo uma identidade cultural distinta, o que os coloca em

uma relação de proximidade e distanciamento simultâneos com a sociedade anfitriã. Schroeder (2020) destaca que essa condição permite ao estrangeiro contribuir significativamente para a diversidade cultural, trazendo novas perspectivas e práticas que enriquecem o ambiente social. No entanto, essa mesma posição pode levar a desafios de aceitação e integração, pois o estrangeiro é frequentemente percebido como um elemento externo, cuja presença pode ser tanto valorizada quanto rejeitada dependendo do contexto socioeconômico e político.

O conceito de estrangeiro tem sido amplamente utilizado para examinar a relação entre nativos e imigrantes em cidades globais. Ulrich Beck (2019) destaca que, nas metrópoles contemporâneas, a presença de estrangeiros contribui para dinâmicas sociais e econômicas complexas, nas quais a coexistência entre diferentes grupos é simultaneamente marcada por trocas culturais e por tensões relacionadas à identidade e pertencimento. Os estrangeiros, por sua condição de mobilidade e de conexão com diferentes redes sociais, acabam desempenhando um papel fundamental na economia urbana, influenciando padrões de consumo, habitação e trabalho. Contudo, essa mesma inserção pode gerar desafios, como a segregação espacial e a exclusão social, fenômenos que revelam a ambivalência da figura do estrangeiro nas sociedades urbanizadas.

Mais recentemente, a antropologia tem introduzido conceitos como "precariedade", "*status abjeto*" e "realidade vivida", para descrever as experiências de imigrantes ilegais ou indocumentados em diversas sociedades receptoras (Gomberg-Muñoz, 2016; Gonzales; Chaves, 2012; Monroe, 2014; Quesada, 2011; Willen, 2007a, b). Além disso, termos como "crueldade benevolente", controle estatal e "política de sofrimento" têm sido usados para descrever as situações enfrentadas por refugiados e solicitantes de asilo, especialmente em contextos do Sul Global (Frischkorn, 2015; Gabiam, 2016; Ramsay, 2017; Sherestha, 2019).

Willen (2005) aborda a ilegalidade de uma maneira crítica e fenomenológica, argumentando que não se trata apenas de um *status* legal ou condição social, mas de uma forma de existência. A ilegalidade, segundo ele, afeta profundamente a maneira como os migrantes percebem o tempo, o espaço e seus próprios corpos, moldando seu senso de identidade de forma essencial (Willen, 2005, p. 66-67).

A abordagem de Willen vai além de uma simples tipologia para analisar as experiências de viver sem documentos ou trabalhar em empregos precários, como diaristas, e aborda questões como a deportação (regresso forçado), a securitização, a espera e a imobilidade nas fronteiras, além da imposição, evasão e resistência ao Estado.

Ele também explora a condição liminar dos migrantes e a violência estrutural presente nas viagens (Anderson, 2014a, b; Boehm, 2016; Fassin; D'Halluin, 2007; Frank-Vitale, 2020; Getrich, 2019; Heidbrink, 2020; Kallius et al., 2016; Mathews et al., 2014; Oka, 2014; Ordóñez, 2015; Reeves, 2013; Vogt, 2013; Willen, 2019).

Brettell (2022) aponta que a análise das migrações pode assumir diferentes enfoques, podendo ser abordada em uma escala macro, em termos de uma economia global interconectada, ou em uma escala mais micro, por meio das redes sociais e emocionais. Essas redes conectam famílias e indivíduos, criando laços entre as áreas de envio e recepção, e demonstrando a complexidade das relações que sustentam os fluxos migratórios.

Atualmente, a principal força motriz por trás dos fluxos migratórios de trabalho é a demanda por empregos nos países que conseguem receber emigrantes. Segundo Rainer Munz (2007), durante mais de dois séculos, a maior parte dos países da Europa Ocidental foram predominantemente de emigração. No entanto, nos últimos 60 anos, essas nações passaram a se tornar destinos para migrantes internacionais e requerentes de asilo. Munz também destaca a importância do nível educacional ao analisar o perfil de habilidades da população estrangeira na Europa Ocidental.

Os estudos de Munz (2007) indicam que pessoas com alta educação formal são sub-representadas entre os imigrantes. Em relação à formação educacional, ele apresenta os seguintes dados: imigrantes de outros países da União Europeia (UE)² representam 28,3%, enquanto nativos são 24,3%. Imigrantes com baixa escolaridade também são sub-representados, com 30,7% de imigrantes da UE e 36,3% de imigrantes de países terceiros, em comparação com 28,1% de nativos. Já os imigrantes com educação média são igualmente sub-representados, com 41% de imigrantes da UE e 37,9% de imigrantes de países terceiros, enquanto 49,6% dos nativos possuem esse nível educacional.

Segundo Munz (2007), a demanda por migrantes altamente qualificados e pouco qualificados nos mercados de trabalho da UE resulta em uma distribuição desigual das competências entre os países membros. Ele destaca que alguns países conseguiram atrair com mais sucesso trabalhadores altamente qualificados.

Munz (2007) estima que a força de trabalho da Europa Ocidental será de 227 milhões de pessoas, mas sem imigração e com taxas constantes de participação, ela

² Os Estados-membros da União Europeia são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Polônia, Portugal, República Tcheca, Romênia, Suécia.

reduzirá para 201 milhões em 2025 e para 160 milhões em 2050. Para manter essa força de trabalho estável ao longo do tempo, seria necessário um fluxo líquido de 66 milhões de trabalhadores.

Isso implica que, em média, seria necessário um fluxo líquido de quase 1,5 milhão de migrantes por ano para manter a população economicamente ativa da Europa em níveis constantes. No entanto, como nem todos os migrantes ingressarão no mercado de trabalho, o número total de migrantes líquidos precisaria ser ainda maior.

Entre 2000 e 2005, a população em idade ativa (15 a 64 anos) nos 15 Estados-Membros da UE aumentou em cerca de 8,2 milhões, dos quais 34% eram cidadãos de países terceiros, enquanto o restante era nacional ou cidadãos de outros Estados-Membros da UE. Em 2005, os nacionais de países terceiros representaram 4% do total de empregos. O crescimento do emprego foi significativamente impulsionado pelos migrantes de países terceiros, já que cerca de 80% do aumento populacional na UE nesse período foi devido ao saldo migratório positivo.

De acordo com Munz (2007), o crescimento do emprego seguiu um ciclo positivo, com migrantes desempenhando um papel significativo no aumento da força de trabalho global. No entanto, a situação era menos favorável para migrantes com pouca qualificação, que experimentaram um crescimento mais modesto no emprego. Mesmo assim, a contribuição dos migrantes de países terceiros foi maior do que a dos cidadãos da UE. Isso se deve à contínua necessidade de mão de obra e à oferta de empregos que exigem menos qualificação, sendo o impulso para essa dinâmica predominantemente econômico.

Para Munz (2007), a diferença entre trabalhadores nativos e estrangeiros tende a ser menos significativa quando se comparam os cidadãos naturalizados com os trabalhadores estrangeiros. Isso ocorre porque, em média, os cidadãos naturalizados estão melhor integrados do que os estrangeiros legais. Além disso, eles têm acesso a setores do mercado de trabalho que não estão disponíveis para migrantes de países fora da União Europeia. No entanto, ainda há disparidades, principalmente entre imigrantes de países de renda média e baixa e as populações nativas da Europa Ocidental.

Ao contrário de muitos estados-membros da UE, segundo Munz (2007), a integração econômica dos recém-chegados aos Estados Unidos da América (EUA) tem base principalmente na capacidade de absorção do mercado de trabalho. Na rápida expansão econômica da década de 1990, isso pareceu ser justificado tendo em vista que os imigrantes encontraram emprego de maneira ampla em distintas ocupações e setores,

e muitos grupos tiveram altas taxas de participação na força de trabalho e níveis de desemprego baixo a moderados.

Em um cenário econômico favorável, alguns grupos de migrantes se saíram melhor do que outros destaca Munz (2007). Muitos indivíduos, apesar de passarem anos nos Estados Unidos, continuam em empregos de baixa qualificação e mal remunerados. Ele também observa que, embora a falta de políticas de integração e programas tenha gerado poucas consequências imediatas em um mercado de trabalho em crescimento e mais flexível, com menos regulamentações, ela afetou tanto imigrantes regulares quanto irregulares.

Munz (2007) alerta que a falta de investimento no desenvolvimento do capital humano dos imigrantes pode resultar em problemas a longo prazo, afetando sua integração e a de suas famílias na economia do conhecimento.

De qualquer modo para Munz (2007), na Europa, a cidadania desempenha um papel crucial na integração dos imigrantes, embora a relação entre os dois não seja simples. A naturalização pode facilitar o acesso a empregos e reduzir a discriminação, mas a integração econômica bem-sucedida aumenta as chances de os imigrantes se tornarem cidadãos. O autor enfatiza que, para um bom processo de integração, é essencial investir no desenvolvimento econômico e cívico dos imigrantes e de seus filhos, a chamada segunda geração.

Para Munz (2007), essa abordagem está alinhada com os esforços da União Europeia em promover legislações contra a discriminação e em favor da igualdade de oportunidades em todos os seus Estados Membros. A implementação dessas políticas visa garantir uma maior inclusão social e econômica dos imigrantes, contribuindo para uma integração mais eficaz e equitativa nas sociedades europeias.

No entanto, os esforços para garantir igualdade de oportunidades e combater a discriminação continuam sendo um desafio, exigindo políticas públicas eficazes. Diante desse cenário, é fundamental entender como o mercado de trabalho e a regulação da migração interagem, tema que será abordado a seguir, destacando as influências econômicas e políticas nas dinâmicas de emprego e imigração.

2.2 O mercado de trabalho e a regulação pela migração

O fluxo migratório para os Estados Unidos continua de forma constante, independentemente das condições econômicas e da demanda por mão de obra (Camarota,

2003). Embora as evidências mostrem que os fluxos migratórios têm uma certa autonomia em relação às condições do mercado, Harald Bauder (2006) observa que a ideia de que os processos econômicos impulsionam a migração continua predominando no debate público e acadêmico. No entanto, surgem questionamentos sobre se a migração é realmente tão dependente do mercado quanto sugerido. Michel Piore (1979) argumenta que a renda não é a principal variável para explicar os padrões da migração internacional.

Bauder (2006) propõe uma perspectiva alternativa que inverte a relação tradicional entre migração e mercado de trabalho. Ele sugere que a migração, na verdade, regula os mercados de trabalho, e não o contrário. Castells (1975) apoia essa ideia ao afirmar que "trabalhadores imigrantes não existem porque há empregos 'difíceis e mal pagos' a serem ocupados, mas sim, esses empregos existem porque os trabalhadores estão disponíveis ou podem ser enviados para ocupá-los."

Apesar da relevância da observação de Castells, a visão de que a migração regula os mercados de trabalho continua negligenciada no debate público e acadêmico. O movimento trabalhista mostra como essa lacuna pode ser corrigida, especialmente ao observar como a presença e a vulnerabilidade dos migrantes influenciam os mercados de trabalho. Andrew Sum et al. (2004) destacam que, nos Estados Unidos, o crescimento do emprego entre 2000 e 2004 ocorreu principalmente com novos imigrantes, enquanto o emprego entre trabalhadores nativos e imigrantes estabelecidos caiu em 1,3 milhão. Sem o trabalho migrante, as economias da América do Norte e da Europa enfrentariam um colapso.

Bauder (2006) argumenta que, embora a migração internacional afete a economia de maneira geral, os imigrantes tendem a se concentrar em certas ocupações. Muitas vezes, são contratados para trabalhos de baixo custo que os nativos não desejam ou para cargos que exigem mão de obra mais barata do que a doméstica. Bauder observa que os imigrantes estão sobrerrepresentados em setores como limpeza, jardinagem, serviços alimentícios e trabalhos manuais. Quando setores econômicos enfrentam dificuldades e pressões para reduzir custos e aumentar a flexibilidade, em vez de cortar empregos, muitas vezes substituem parte de sua força de trabalho por imigrantes.

Bauder (2006) afirma que os imigrantes, por serem mais vulneráveis, aceitam salários mais baixos, trabalham mais horas e têm maior flexibilidade. Isso impacta o mercado de trabalho ao reduzir os salários, diminuir os padrões de trabalho e promover práticas de emprego mais flexíveis, tornando a migração internacional uma ferramenta de regulação do mercado de trabalho.

Muitos imigrantes de acordo com Bauder (2006) são altamente educados, possuem larga experiência e falam o idioma fluentemente, porém estes trabalham muito abaixo de suas qualificações. Importa destacar que os processos sociais e culturais que ocorrem fora do mercado de trabalho influenciam as circunstâncias de emprego dos imigrantes. Para Jamie Peck (1996) esta abordagem segue uma tradição de ver mercados de trabalho como socialmente regulados, portanto, o período de adaptação vivido pelos imigrantes não é, um evento natural de aclimatação, mas um processo controlado de diferenciação.

Michael Hardt e Antonio Negri (2000) afirmam que as migrações em massa são essenciais para a produção, e Robin Cohen (1987a, b) e Tanya Basok (2002) concordam que a migração internacional é uma "necessidade estrutural" para as economias. Assim, a migração se revela um componente fundamental na regulação do mercado de trabalho.

Contudo, para Bauder (2006) esta visão não deve implicar que a migração ocorre somente no ganho de acumulação de capital. Em vez disso, Bauder continua afirmando que as motivações dos migrantes e outros setores envolvidos no processo migratório são complexos, e abrange outras dimensões. Embora haja complexidade e ambiguidade da migração e do assentamento de processos, não se pode negar que a migração internacional influencia a forma como as economias e os mercados de trabalho operam.

O que Bauder (2006) propõe é que a relação entre migração e mercados de trabalho seja vista como recursiva, onde ambos se influenciam mutuamente. Ele também destaca que o mercado de trabalho é um campo amplo, envolvendo uma rede complexa de relações sociais, políticas e econômicas interconectadas.

Robert Boyer (1990) afirma que os princípios de acumulação econômica, uma vez internalizados, guiam o comportamento de indivíduos e grupos, regulando a economia de maneira geral. Ele destaca que a questão central é como os agentes ajustam suas decisões cotidianas dentro das limitações locais, sem entender as "leis imanentes" que regem a economia como um todo. Para Boyer, entender os comportamentos e motivações de indivíduos, grupos e instituições é essencial para compreender a regulação do mercado de trabalho.

Bauder (2006) argumenta que ao adotar a perspectiva da escola da regulação, se rejeita a ideia de que o trabalho é uma mercadoria pura e o mito da autorregulação do mercado de trabalho por meio dos salários. Jamie Peck (1996) destaca que muitos mercados de trabalho são socialmente regulados. Ele também destaca que as práticas das instituições sociais, incluindo o Estado, conectam as pessoas ao mercado de trabalho,

designando ocupações, gerenciando as condições de trabalho e criando as condições necessárias para a reprodução do trabalho.

Com o enfraquecimento dos mecanismos tradicionais de gestão dos mercados de trabalho devido à migração internacional, surgem novos mecanismos de regulação para preencher essa lacuna. A mobilidade dos trabalhadores facilita a regulamentação dos mercados de trabalho de formas inovadoras (Bauder, 2006). Apesar do aumento dos deslocamentos internacionais e suas dinâmicas contemporâneas, observa-se uma falta de ações institucionais sobre a migração, especialmente por parte dos organismos internacionais de direito.

Segundo Carneiro (2017), o silêncio internacional sobre a migração é justificado juridicamente pela visão de que essa questão é um domínio exclusivo da soberania dos Estados, que têm o direito de se proteger contra ameaças externas que possam comprometer sua integridade territorial, política e cultural. O paradigma da soberania estatal molda as leis e normas migratórias, que, por sua natureza administrativa, conferem ampla discricionariedade aos governos sobre o tratamento de estrangeiros. Isso limita o controle judicial sobre as ações das autoridades migratórias e resulta em uma aplicação da lei frequentemente restritiva em relação aos imigrantes.

Carneiro (2017) argumenta que, nesse regime de ampla discricionariedade do governo, o estrangeiro nunca tem um direito claro e garantido de permanência. O efeito jurídico disso é a impossibilidade de recorrer à proteção constitucional, criando uma espécie de estado de exceção para os imigrantes, ou, de outra forma, uma discriminação jurídica contra os não nacionais. Esse cenário, marcado pela vulnerabilidade legal dos imigrantes, aponta para a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as migrações contemporâneas, especialmente no que diz respeito à precarização planejada das condições de trabalho, tema que será abordado no próximo item.

2.3 Migrações contemporâneas e precarização planejada

As migrações globais contemporâneas podem ser divididas em duas fases principais: a primeira, que ocorreu entre o século XIX e meados do século XX, e a segunda, iniciada na década de 1980 e intensificada nos últimos anos. Carneiro (2017) aponta que os fluxos migratórios atuais apresentam características distintas, com o emigrante buscando não apenas novas oportunidades de trabalho, mas também uma

mudança no padrão de vida. Outro destaque é o aumento expressivo de mulheres liderando o processo migratório, em busca de melhores condições em outros países.

As Nações Unidas anunciaram que os migrantes internacionais atingiram cerca de 272 milhões em 2019, um aumento de 51 milhões desde 2010³. Atualmente, os migrantes internacionais representam 3,5% da população global, em comparação com 2,8% no ano de 2000. Segundo os dados, a população mundial está crescendo, ficando mais velha, mais móvel e mais urbanizada. Na Europa vive o maior número de migrantes internacionais, 82 milhões. A seguir estão a América do Norte com 59 milhões, e o norte da África e Ásia ocidental com 49 milhões cada. Os deslocamentos forçados continuam subindo. O número global de refugiados e pessoas que procuram asilo aumentou 10 milhões entre 2010 e 2017, sendo responsável por mais de um quarto do aumento total (ONU, 2019).

Em 2019, dois terços de todos os imigrantes internacionais vivem em apenas 20 países. O maior número, 51 milhões, está nos Estados Unidos, representando 19% do total global. Em termos globais, um terço de todos os migrantes internacionais tem origem e apenas 10 países. A Índia é o país de proveniência de mais migrantes internacionais, com 17,5 milhões de pessoas vivendo no exterior (ONU, 2019). Em alguns países, a migração feminina supera a masculina, impulsionada pela demanda em ocupações tradicionalmente associadas às mulheres, como serviços de limpeza e cuidado com crianças e idosos, refletindo uma divisão de gênero no mercado de trabalho.

Apesar do aumento das restrições nas legislações nacionais, o fluxo de trabalhadores migrantes, especialmente para os Estados Unidos, continua a crescer, elevando o número de imigrantes indocumentados nos países de destino. Essa situação restringe significativamente sua capacidade de atuação civil, expondo-os a condições de trabalho precárias e à discriminação social. Carneiro (2017) destaca ainda que as atuais migrações internacionais têm sido influenciadas pelo avanço tecnológico, que facilita o acesso prévio a informações sobre o país de destino e permite a manutenção de laços familiares no país de origem. A internet, com sua comunicação instantânea e de baixo custo, reduz as barreiras de adaptação ao novo país e mitiga as rupturas linguísticas e culturais, configurando-se como um fator adicional que incentiva os deslocamentos internacionais.

³ Número global de migrantes sobe mais do que população mundial. *ONU News*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1687312>.

Do ponto de vista dos países emissores, as análises buscam avaliar se a saída de trabalhadores em idade produtiva contribui para o ciclo de subdesenvolvimento. Essa dinâmica sugere que os benefícios econômicos ficam concentrados no país receptor, enquanto o país de origem sofre com a perda de capital humano necessário para impulsionar o desenvolvimento local. Além disso, Carneiro (2017) aponta que os relatos positivos de migrantes pioneiros, que relatam suas experiências bem-sucedidas, funcionam como um incentivo adicional para a continuidade dos fluxos migratórios.

Os deslocamentos internacionais em constante crescimento, especialmente na atual dinâmica global, reforçam a necessidade de compreender como as instituições lidam com a questão migratória no âmbito do direito internacional. Segundo Carneiro (2017), a migração ainda é vista como uma questão diretamente ligada à soberania dos Estados, garantindo-lhes o direito de proteger seu território, política e cultura contra possíveis ameaças externas. Esse enfoque resulta, no campo jurídico, na legitimação de leis interpretadas e aplicadas de forma restritiva aos imigrantes, consolidando limitações aos seus direitos.

O pacto Global para Migração⁴, adotado pela Assembleia Geral da ONU em 2019, estabelece parâmetros para a gestão de fluxos migratórios e é o primeiro acordo global⁵ sobre a migração internacional. Não é juridicamente vinculativo e é baseado em valores de soberania do Estado, compartilhamento de responsabilidade, não discriminação e direitos humanos. Reconhece a necessidade de uma abordagem cooperativa para otimizar os benefícios da migração e enfrentar seus riscos e desafios.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) tem como função principal a criação, adoção e promoção de Normas Internacionais de Trabalho⁶, como convenções, protocolos e recomendações. Esses instrumentos definem padrões mínimos a serem seguidos pelos países que os ratificam. Em um cenário de economia globalizada, essas

⁴ Saiba tudo sobre o Pacto Global para Imigração. *ONU News*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/12/1650601>.

⁵ Global compact for migration. Refugees and migrants. Disponível em: https://refugeesmigrants.un.org/migration-compact?_gl=1*1uwpth0*_ga*NDU2Nzg5MDU5LjE2Mzg4MTkyNjQ.*_ga_TK9BQL5X7Z*MTY4MzU5MDgzOC4xLjEuMTY4MzU5MzcyMC4wLjAuMA.

⁶ [https://www.google.com/search?q=Organiza%C3%A7%C3%A3o+Internacional+do+Trabalho+\(OIT\)&rlz=1C1ONGR_pt-PTBR1065BR1065&oq=Organiza%C3%A7%C3%A3o+Internacional+do+Trabalho+\(OIT\)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyCQgAEEUYORiABDIHCAEQABiABDIICAIQABgWGB4yCAGDEAAyFhgeMggIBBAAGBYHjIICAUQABgWGB4yCAGGEEAAyFhgeMggIBxAAGBYHjIICAgQABgWGB4yCAGJEAAyFhge0gEHMzI1ajBqNKgCALACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Organiza%C3%A7%C3%A3o+Internacional+do+Trabalho+(OIT)&rlz=1C1ONGR_pt-PTBR1065BR1065&oq=Organiza%C3%A7%C3%A3o+Internacional+do+Trabalho+(OIT)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyCQgAEEUYORiABDIHCAEQABiABDIICAIQABgWGB4yCAGDEAAyFhgeMggIBBAAGBYHjIICAUQABgWGB4yCAGGEEAAyFhgeMggIBxAAGBYHjIICAgQABgWGB4yCAGJEAAyFhge0gEHMzI1ajBqNKgCALACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

normas são fundamentais para garantir que o crescimento econômico seja inclusivo e beneficie a todos (OIT, 2019).

Entre os instrumentos mais importantes da Organização Internacional do Trabalho (OIT) está a Convenção nº 97, de 1949, sobre os Trabalhadores Migrantes, que estabelece princípios sobre igualdade de tratamento entre migrantes e nacionais em termos de remuneração, condições de trabalho e acesso à seguridade social. Outra norma central é a Convenção nº 143, de 1975, que trata das migrações em condições abusivas e da promoção da igualdade de oportunidades e de tratamento para os trabalhadores migrantes. Apesar de sua relevância, essas convenções têm baixa taxa de ratificação, especialmente entre os principais países de destino de migrantes, como Estados Unidos, Alemanha e países do Golfo, que temem comprometer sua autonomia sobre políticas migratórias e enfrentar pressões internas contrárias à equiparação de direitos.

Além disso, a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de Suas Famílias, adotada pela ONU em 1990, é um marco na proteção dos direitos humanos de migrantes, mas foi ratificada principalmente por países de origem de migrantes, como México, Filipinas e Egito, enquanto os países de destino em sua maioria a rejeitam ou ignoram, argumentando que ela limita sua soberania e poderia incentivar a migração irregular.

Essas recusas evidenciam a contradição entre o discurso de cooperação internacional — como proposto pelo Pacto Global para a Migração — e as práticas estatais, que muitas vezes priorizam o controle fronteiriço e a seletividade na recepção de migrantes em detrimento dos direitos humanos e trabalhistas.

O sistema global de mercados, desde sua formação, estabeleceu uma divisão hierárquica entre capital e produção, concentrando empregos e desenvolvimento onde o capital está presente. Isso atrai migrantes em busca de melhores oportunidades, embora muitos permaneçam excluídos dos benefícios prometidos pelo capitalismo (Bauman, 1998). Paralelamente, leis que restringem a entrada e permanência de trabalhadores menos qualificados os colocam em situações de irregularidade, dificultando o acesso a documentos, direitos trabalhistas e civis, o que intensifica a precarização do trabalho. Assim, este cenário evidencia a necessidade de explorar teoricamente as crises que impulsionam os movimentos migratórios globais.

2.4 A migração como resposta às crises globais

Durante a crise global de 2008, que afetou diversos países, o Brasil destacou-se por apresentar altas taxas de crescimento econômico, impulsionando a criação de empregos e reduzindo o desemprego a níveis históricos. Para alguns analistas, o país vivia uma situação de quase pleno emprego. Enquanto a crise na Europa intensificava a saída de trabalhadores, o Brasil, por sua vez, tornava-se um destino atrativo para absorver a mão de obra excedente, favorecendo o fluxo migratório em busca de oportunidades (Fernandes e Castro, 2013).

Mesmo antes de concluir a primeira década do novo milênio, Fernandes e Castro (2013) destacam que o Brasil experimentava uma mudança significativa em sua dinâmica migratória internacional. Diferentemente da década de 1980, marcada pela saída em massa de brasileiros e saldos migratórios negativos, o Censo Demográfico de 2010 revelou um papel crescente da imigração para o Brasil. Nesse contexto, os brasileiros que retornavam ao país representavam mais de 65% desse movimento migratório.

É importante destacar que, apesar dos esforços teóricos, ainda não há uma teoria geral consolidada sobre as migrações internacionais. Hania Zlotnik (2005) aponta que diversas disciplinas têm contribuído para explicar a natureza e as causas específicas dos fenômenos migratórios. Embora não exista uma visão única e abrangente, é possível identificar algumas linhas de pensamento que tentam compreender tanto as migrações internas quanto internacionais. No campo da economia, Fernandes e Castro (2013) ressaltam que a migração de trabalhadores tem sido explicada pelas diferenças entre a oferta e demanda de trabalho nas regiões envolvidas.

A migração internacional, dentro da economia, pode ser vista como um mecanismo de redistribuição da força de trabalho, ou seja, da população em idade ativa. Fernandes e Castro (2013) destacam que as abordagens modernas dessa teoria, como a macroteoria e microteoria neoclássicas, explicam a migração internacional com base no trabalho e no capital. No nível macro, essas teorias consideram a redistribuição dos fatores de produção em resposta às mudanças nos preços relativos. Assim, a migração internacional seria uma consequência das desigualdades na distribuição do capital e do trabalho entre as regiões.

No aspecto micro, segundo Stephen Castles e Mark Miller (2009), a teoria neoclássica foca no conceito de "capital humano", que se refere à decisão pessoal de migrar com o objetivo de melhorar as habilidades e obter ganhos futuros. Assim, ao

decidir migrar, o indivíduo avalia os possíveis benefícios financeiros em relação aos custos da migração. Quanto maiores os ganhos esperados, maior a chance de migração; caso contrário, a migração não ocorre.

Segundo Marcos Soares (2002), não há um antagonismo entre as teorias macros e micros neoclássicas, mas ambas apresentam limitações, pois não abordam aspectos relacionados às políticas nacionais e à economia internacional. Em alguns casos, são os trabalhadores mais qualificados, e não os mais pobres, que migram, o que pode aumentar as desigualdades entre os países de origem e destino.

Patrick McGovern (2007) também destaca que os países fornecedores de mão de obra podem ter salários mais altos do que os países mais pobres. A migração internacional, sendo um processo custoso, geralmente ocorre em regiões com crescente integração à economia global.

A visão da escolha racional, conforme Fernandes e Castro (2013), é uma hipótese presente tanto nas teorias neoclássicas quanto na nova economia da migração. A teoria do mercado dual do trabalho sugere que a migração internacional de trabalhadores de países em desenvolvimento para países desenvolvidos ocorre devido à demanda constante de mão de obra, característica da estrutura econômica dos países desenvolvidos.

Esses países possuem setores com alta demanda por trabalhadores de baixa qualificação e com trabalho instável, devido à coexistência de setores com uso intensivo de capital e outros com baixa produtividade, formando assim um mercado segmentado. Devido às condições de trabalho de baixa remuneração e *status* social, os trabalhadores nativos não se dispõem a exercer essas funções (Fernandes e Castro, 2013).

No próximo tópico, abordaremos a crise do trabalho e as relações sociais capitalistas contemporâneas.

2.5 Crise do trabalho e relações sociais capitalistas contemporâneas

A criação de novas centralidades decorre da desintegração do mercado de trabalho industrial, baseada na divisão territorial entre centro e periferia, ou na fusão entre produção e reprodução, como destacado por Ribeiro (2019). Esse processo resultou na ascensão do trabalho autônomo, informal e domiciliar. Além disso, as migrações temporárias para empregos assalariados e alternativas de assentamento no campo, frequentemente apoiadas por políticas públicas, também fazem parte dessa dinâmica.

Segundo Ana Carolina Leite (2015), a ampliação das barreiras às migrações internacionais é um fenômeno significativo nos debates geográficos atuais, refletindo a territorialização das relações sociais capitalistas durante sua reprodução, um processo que pode ser compreendido como uma crise do trabalho.

Embora a interpretação atual, que reconhece a emergência de processos como hegemonia e biopolítica (Foucault, 2008), seja crucial, é necessário discutir o fundamento da mudança na forma de controle. A governamentalidade surge como um substituto da antiga docilização dos corpos, que era voltada para o trabalho.

Esse fundamento está diretamente ligado à crise do trabalho, que reflete a contradição central da reprodução capitalista. Enquanto a acumulação de capital cresce, ela aumenta a composição orgânica do capital, o que tende a excluir o trabalho vivo do processo produtivo. Isso gera uma sociedade de indivíduos monetarizados, mas sem dinheiro (Kurz, 1992). Esse processo está intimamente relacionado com os efeitos do neoliberalismo, como o desemprego, a flexibilização, a terceirização e a precarização.

Diferente da ideia de gestão populacional que surgiu com o capitalismo contemporâneo, Michel Foucault (2008) destaca a população como objeto sobre o qual se exerce a governamentalidade, sendo os dispositivos de segurança os principais instrumentos dessa gestão. Marx (1983) distenderia, a partir de problemas reflexivos ou assemelháveis questão da mobilidade do trabalho.

A mobilidade do trabalho, segundo Hugo Leite e Vanessa Manzione (2020), é definida pelo fato de o trabalho ser uma mercadoria única, capaz de se deslocar por conta própria para o mercado e gerar novo valor, permitindo a reprodução ampliada do capital. No entanto, para que isso aconteça, a força de trabalho deve estar disponível para circular. Essa disponibilidade ocorre quando os trabalhadores se tornam "livres" em dois sentidos: têm a liberdade de vender sua força de trabalho e estão desvinculados de outras mercadorias, como os meios de produção e subsistência. Esse processo de expropriação, conhecido como "acumulação primitiva" (Marx, 1984), é o que constitui a mobilidade do trabalho.

Leite e Manzione (2020) afirmam que a reprodução ampliada do capital não depende apenas da força de trabalho ser uma mercadoria e estar disponível no mercado, mas também exige que o trabalho tenha a mesma fluidez do capital. Essa fluidez se refere à capacidade do trabalhador de se adaptar a diversas mudanças, como mudanças de emprego, variações nas atividades produtivas, horários de trabalho e até mesmo à migração.

Assim, o trabalhador precisa ser flexível e capaz de se ajustar às diferentes características de seu trabalho, sem se apegar a qualidades específicas do conteúdo de sua atividade (Leite; Manzione, 2020).

Ainda que o trabalho seja tratado como mercadoria e sua disponibilidade se manifeste no mercado, a fluidez e a adaptabilidade da força de trabalho não garantem, por si sós, a reprodução ampliada do capital. Para que esta ocorra, é necessário conter os salários em patamares que não acompanhem de perto o valor recém-produzido, evitando que a extração de mais-valia seja comprometida. Marx (1984) identifica que a manutenção dos salários dentro desses limites depende da existência daquilo que denominou “superpopulação relativa”, ou seja, um contingente de trabalhadores desempregados ou subempregados — o chamado exército industrial de reserva — que, embora não esteja formalmente inserido na produção, exerce função essencial ao pressionar os salários para baixo.

Essa concepção marxista confronta diretamente a perspectiva malthusiana, ao argumentar que a “população sobrando” não é resultado de um crescimento populacional desordenado, mas sim da própria lógica do modo de produção capitalista, que não consegue absorver toda a força de trabalho disponível. Trata-se, portanto, de uma classe que, mesmo contribuindo significativamente para a sociedade, permanece excluída dos benefícios por ela gerados (MARX; ENGELS, 1980).

No contexto contemporâneo, duas transformações estruturais reforçam esse cenário: o desemprego estrutural e a realocação de trabalhadores do setor secundário para o terciário, intensificando a competição entre os próprios trabalhadores. Nesse processo, os imigrantes frequentemente ocupam posições precarizadas, tornando-se parte funcional do exército industrial de reserva. O reconhecimento dos direitos desses trabalhadores é essencial para garantir sua segurança e proteção. No entanto, a ausência de apoio efetivo por parte dos sindicatos os torna ainda mais vulneráveis, facilitando sua inserção em condições de subemprego.

Apesar disso, os sindicatos — inclusive os brasileiros — mantêm, em geral, uma postura conservadora em relação à migração internacional. Essa atitude se apoia em uma lógica de defesa do trabalhador nacional, como evidenciado no *Estatuto do Estrangeiro* (Lei nº 6.815/1980), que explicitamente prioriza os interesses da mão de obra brasileira frente à presença de estrangeiros. Tal perspectiva, ao invés de promover a solidariedade entre trabalhadores, intensifica a concorrência interna, contribuindo para a precarização das condições laborais de todos. A superpopulação relativa, nesse sentido, não se

restringe às fronteiras nacionais, sendo cada vez mais estruturada por fluxos migratórios transnacionais que, quando não são amparados por mecanismos coletivos de proteção, acabam sendo ainda mais subordinados às necessidades do capital.

Diante disso, é imprescindível que os sindicatos adotem uma perspectiva internacionalista e de classe, reconhecendo o trabalhador migrante como parte integrante da luta por direitos e condições dignas. Ao ampliar sua atuação para incluir e proteger esses sujeitos, os sindicatos não apenas fortalecem sua base social, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

3. CAPÍTULO 2: RELAÇÕES DE GÊNERO, TRABALHO E AS REDES SOCIAIS

Ao longo do tempo, as Ciências Sociais têm se concentrado nos efeitos dos padrões de conexão entre indivíduos nas sociedades, remontando aos clássicos como Georg Simmel (1972). Esses padrões são sistematicamente analisados com base em estudos empíricos detalhados, datando das primeiras décadas do século XX, especialmente com os trabalhos pioneiros de Jacob Moreno, que tratou do que ele chamou de geografia psicológica e, posteriormente, sociometria (Freeman, 2004, p. 39).

Segundo John Scott (1992) e Linton Freeman (2004), o estudo sistemático das relações sociais em contextos sociais específicos teve início com a antropologia e os estudos de organizações na década de 1930. A análise de rede busca representar gráfica e matematicamente os diversos contextos relacionais em que os atores sociais estão inseridos. Nesse tipo de análise, pessoas, grupos, organizações e entidades são representadas como nós, e as relações entre eles como conexões de tipos diversos. As conexões podem ser materiais e imateriais e apresentar múltiplas substâncias, sendo frequentemente vistas em constante transformação (Marques, 2007).

Seguindo a perspectiva teórica da análise de redes sociais apresentada por Eduardo Marques (2007), os fenômenos sociais são constituídos por relações sociais, e não pelos atributos individuais. Nessa visão, o mundo social é composto por padrões relacionais em constante transformação de diferentes tipos e intensidades. No contexto dos estudos migratórios, tanto os atributos quanto as relações são considerados fundamentais. Segundo Marques (2007), o acesso às oportunidades que levam às condições sociais e às situações particulares dos sujeitos é mediado pelos padrões de relação que eles estabelecem com outros indivíduos e organizações variadas.

As redes migratórias ou redes sociais são aspectos relevantes que merecem destaque. Elas consistem em vínculos interpessoais que conectam emigrantes, imigrantes e migrantes retornados e não migrantes em áreas de origem e destino, aumentando o movimento internacional ao reduzir os custos e riscos da migração e ampliar as expectativas de retorno. Essas redes formam um capital social que os migrantes podem usar para acessar diferentes tipos de capital financeiro, incluindo empregos e a capacidade de obter renda e enviar remessas (Choldin, 1973; Coleman, 1998; Gamio, 1930; Levy; Wadycki, 1973; MacDonald; MacDonald, 1974; Massey *et al.*, 1993; Thomas; Znaniecki, 1973 [1918]; Tilly; Brown, 1967).

De acordo com Mirjana Morokvasic (1984), geralmente as mulheres imigrantes se inserem no setor de serviços domésticos por meio de redes sociais informais, que também podem ser consideradas enclaves étnicos de imigrantes.

Nos estudos iniciais sobre a emigração de brasileiros para os Estados Unidos, não havia uma problematização da questão de gênero, assim como nos estudos clássicos de migração. Contudo, na década de 1990, o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos continuou, e a população se tornou mais diversificada, tornando mais complexas as características da população e revelando outros motivos para a emigração (Assis, 1995; Margolis, 1994; Sales, 1999).

As pesquisas feitas com o propósito de entender a configuração da migração brasileira para os Estados Unidos evidenciaram diferenças na inserção no mercado de trabalho: enquanto as mulheres brasileiras, assim como outras imigrantes latinas, tendem a se concentrar na área de serviços domésticos, os homens buscam trabalho no setor de construção civil e restaurantes (Assis, 1999, 2007; Fleischer, 2002, 2003; Fusco, 2002; Martes, 2000).

De acordo com Gláucia Assis (2007), o aumento da participação feminina nas migrações internacionais tem levado à reflexão e ao questionamento das visões tradicionais sobre a inserção de homens e mulheres nesse processo. Assis (2007) acrescenta que as representações tradicionais dos processos migratórios tendiam a retratar os homens como os principais migrantes em busca de trabalho, enquanto as mulheres eram vistas apenas como acompanhantes de maridos e filhos, sem serem reconhecidas como trabalhadoras imigrantes ou sujeitos ativos no processo migratório.

Desde o momento da partida, conforme Assis (2007), a decisão sobre quem migrará, as razões para migrar, a permanência ou o retorno estão interligadas em uma rede de relações que inclui gênero, parentesco e geração. A partir dessa perspectiva, as teorias de imigração precisam ser questionadas para se ter uma visão mais ampla dos povos em movimento. Com a incorporação da perspectiva de gênero nos estudos de imigração, tornaram-se evidentes as experiências distintas vivenciadas por homens e mulheres: as relações de gênero e as redes sociais são tecidas no processo migratório.

Para Patricia Pessar (1999), Monica Boyd (1989) e Gláucia Assis (2007), as teorias de redes sociais propõem uma abordagem alternativa às teorias neoclássicas e deterministas estruturais, que compreendem as transformações macroestruturais como desencadeadoras das pressões migratórias. Segundo essa abordagem, as famílias e as redes sociais respondem a essas pressões e determinam quais membros dos domicílios e

das comunidades realmente migram. Dessa forma, a migração articulada pelas redes sociais é vista como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança, na qual as mulheres têm um papel ativo. Isso significa que a migração não é mais vista apenas como uma decisão racional de um indivíduo, mas como resultado de uma série de relações sociais e familiares.

As redes migratórias são compostas por laços sociais que conectam as comunidades de origem aos pontos de destino específicos nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos (Massey et al., 1987, p. 139-140). Douglas Massey et al. (1987) observaram que as relações em rede mais relevantes são aquelas baseadas em parentesco, amizade e origem comum, reforçadas por interações regulares em associações voluntárias. No entanto, ao se concentrar apenas nas redes construídas entre homens, o estudo não considerou como as redes sociais eram influenciadas por atributos de gênero e parentesco.

Charles Tilly (1990) argumenta que a nova onda de migração não pode ser explicada apenas pelos fatores tradicionais de atração e repulsão, como oferta de trabalho. Para migrações de longa distância, a existência de redes estabelecidas é fundamental para aumentar as chances de sucesso do migrante no local de destino. Assim, a migração de longa distância se beneficia das redes sociais, que se tornam um recurso valioso, pois representam o capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade (Portes, 1995; Pessar, 1999).

Ao analisar a literatura sobre mulheres latino-americanas e caribenhas, Mary Castro (1989) destacou que os estudos de redes de parentesco mostram como as mulheres são habilidosas na criação de redes de apoio mútuo. Essas redes orientam a alocação dos migrantes e sua integração no mercado de trabalho. Além disso, a experiência das mulheres é destacada não apenas porque vivem experiências migratórias de forma própria, mas também porque são influentes agentes no estímulo a outras migrações. Min Zhou e John Logan (1989) apontam que os emigrantes brasileiros e brasileiras nos Estados Unidos utilizam as redes sociais de acordo com as normas de parentesco e gênero estabelecidas em cada grupo.

O acesso a informações, indicações de empregos, moradia e outros tipos de apoio são algumas das capacidades das redes. Segundo Duval Fernandes e Maria da Consolação Castro (2013), essas redes podem ser consideradas como um capital social que oferece

acesso a empregos mais bem remunerados e outros bens de valor econômico. Portanto, o estabelecimento de contato entre migrantes e seu grupo social, incluindo aqueles baseados em parentesco, amizade e origem comum, é essencial para formar redes sociais de apoio que facilitam o processo de migração.

Scudeler (1999) destaca que as redes sociais, ao facilitarem novas oportunidades, contribuíram para a intensificação da migração ao longo do tempo. Esse fenômeno transformou a migração em uma alternativa de trabalho temporário, possibilitando, ainda que com grandes sacrifícios, a acumulação de capital que os emigrantes e suas famílias almejam utilizar tanto para o sustento quanto para a aquisição de imóveis. Além disso, o perfil dos emigrantes tem passado por mudanças, com um aumento significativo na participação feminina e no número de casamentos no exterior. No entanto, por se tratar do fluxo migratório mais antigo e expressivo do Brasil para os Estados Unidos, ele ainda preserva características marcantes das migrações que ocorreram antes da década de 1990.

Em relação aos critérios de qualificação no país de destino, a mesma autora destaca que a maioria da força de trabalho não domina o inglês nem possui o mesmo nível de escolaridade dos norte-americanos nativos ou de outros imigrantes que já estão há mais tempo no país. Esses fatores, possivelmente, limitam sua participação no mercado de trabalho, restringindo-os a setores marginais e reduzindo as chances de alcançarem as mesmas oportunidades que os trabalhadores locais.

É importante ressaltar que essas redes sociais também são influenciadas por atributos de gênero e de parentesco, o que significa que as mulheres desempenham um papel fundamental na criação dessas redes e na orientação da alocação dos migrantes. Além disso, as redes de apoio também promovem a adaptação e inserção nas atividades de trabalho dos recém-chegados ao país estrangeiro. Sendo assim, o estudo sobre capital social se torna essencial para entendermos o papel dessas redes sociais na vida dos imigrantes e como elas podem ser fortalecidas para auxiliá-los a se estabelecerem em um novo país.

3.1 Capital social em Pierre Bourdieu na perspectiva de gênero

Glenn Loury, um economista americano da Brown University, utilizou o conceito de capital social em 1977 para descrever os recursos imateriais presentes nas relações familiares e comunitárias que promovem o desenvolvimento social entre as pessoas. Já para Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant (1992, p. 119), o capital social consiste na soma

de recursos, presentes ou potencialmente, que beneficiam um indivíduo ou grupo proveniente de uma rede de relacionamentos. A conversibilidade é uma característica central do capital social.

Bourdieu (1980) enfatiza a importância do capital social em três aspectos principais: os elementos constitutivos, os benefícios que os indivíduos obtêm ao participar de grupos ou redes sociais e as formas de reprodução desse tipo de capital. Segundo a definição de Bourdieu e Wacquant (1992, p. 67), o capital social é a soma de recursos, atuais ou potenciais, que estão relacionados a uma rede duradoura de relações institucionalizadas de reconhecimento e mútuo reconhecimento.

As relações sociais entre os indivíduos de um grupo não são baseadas apenas em fatores objetivos ou em um mesmo contexto econômico e social. Além disso, elas se estabelecem através de trocas materiais e simbólicas que exigem reconhecimento e proximidade. Essas redes sociais, como família, clube, escola, entre outras, proporcionam aos indivíduos o sentimento de pertencimento a um grupo específico.

Bourdieu (1980) ressalta que o segundo elemento do capital social diz respeito à quantidade de recursos presentes no grupo. Ele afirma que o volume de capital social de um agente individual depende da extensão da rede de relações que ele pode mobilizar efetivamente, bem como do volume das diferentes formas de capital (econômico, cultural ou simbólico) que pertencem exclusivamente a cada pessoa com quem esse indivíduo se relaciona. Embora o capital econômico seja considerado a fonte de todas as outras formas de capital e haja uma diferenciação nos custos de conversão dos diferentes tipos de capital em capital econômico, Bourdieu enfatiza que o capital social tende a ser convertido em capital econômico ou mesmo em capital cultural.

Bourdieu (1980) identifica ainda um segundo aspecto importante do conceito de capital social: os ganhos obtidos pelo indivíduo que decorrem de sua participação em grupos ou redes sociais. Essa participação lhe permite apropriar-se dos benefícios materiais e simbólicos que circulam entre os membros da rede. Além disso, a reprodução do capital social está diretamente relacionada a essa apropriação, sendo o produto do trabalho necessário para produzir as redes de relações duráveis que podem fornecer esses benefícios aos membros da rede (Bourdieu, 1980).

Na perspectiva destacada, fica evidente a relevância do capital social para todas as frações de classe, devido às oportunidades que a participação em determinados grupos ou redes sociais oferece, no sentido de aumentar o potencial de rendimentos do seu capital social, seja em termos de benefícios simbólicos (como *status* ocupacional) ou em termos

de benefícios salariais. Segundo Bourdieu (1980), a dinâmica do capital social está relacionada aos benefícios que são mediados pelas redes extrafamiliares e às competições entre indivíduos ou grupos dentro de diferentes campos sociais. É por isso que as chances de as pessoas acumularem ou reproduzirem capital social dependem da sua posição dentro do sistema de estratificação social (Ortiz, 1983).

O conceito de campo utilizado por Renato Ortiz (1983) na perspectiva de gênero refere-se ao espaço em que se manifestam relações de poder que podem ser influenciadas pelas diferenças entre homens e mulheres. Dessa forma, indivíduos do sexo masculino que possuem um *quantum* de capital social reconhecido pelo grupo auferirão benefícios relativos às posições de domínio, enquanto mulheres, que muitas vezes são excluídas ou subestimadas em certos grupos, podem ter menos capital social e ocupar posições inferiores no campo. Essas diferenças de gênero na acumulação e distribuição do capital social podem ter impactos significativos na vida das pessoas, incluindo suas oportunidades de trabalho, suas possibilidades de acesso a recursos e serviços, bem como sua posição social e poder.

Podemos observar que as posições dos indivíduos dentro de um campo não são aleatórias, mas sim influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos aos quais homens e mulheres foram submetidos de forma diferenciada. Dessa maneira, é importante destacar que o acesso ao capital social e as estratégias de investimento variam de acordo com o gênero dos indivíduos. Mulheres, por exemplo, historicamente tiveram menos acesso a redes de contatos e espaço de poder, o que afetou diretamente seu acúmulo de capital social. Além disso, as estratégias de investimento dessas mulheres muitas vezes são limitadas por estereótipos de gênero e papéis sociais tradicionais, que podem restringir sua mobilidade e sua capacidade de tomar decisões. Por outro lado, homens tendem a ter mais acesso a espaços de poder e redes de contatos, o que lhes confere um maior acúmulo de capital social e mais oportunidades de investimento. No entanto, mesmo para os homens, existem diferenças de acordo com a posição ocupada na estrutura social e cultural para se adequar a determinados padrões de masculinidade. Portanto, a dinâmica do campo não pode ser considerada sem a perspectiva de gênero, uma vez que as relações de poder e a distribuição de recursos no campo são influenciadas pela desigualdade de gênero.

James Coleman (1998) propõe uma definição de capital social baseada em sua função, considerando-o como um conjunto de entidades distintas que abrigam aspectos das estruturas sociais que facilitam as ações dos atores (indivíduos ou grupos). O autor

destaca que o capital físico, o capital humano e o capital social não são completamente conversíveis em capital econômico, mas podem ser particularmente importantes para certas atividades. No entanto, a importância do capital social varia, uma vez que uma forma de capital pode ser valiosa para facilitar determinadas ações, mas inútil ou até mesmo prejudicial para outras (Coleman, 1998, p. 98). Considerando a perspectiva de gênero, pode-se afirmar que o capital social pode ser diferentemente valorizado para homens e mulheres, visto que as estruturas sociais que facilitam as ações dos atores podem ser construídas de maneira desigual para cada gênero. Além disso, as relações de poder que permeiam a apropriação do capital social também podem ser influenciadas por questões de gênero.

O mesmo autor assevera que a descrição de capital social se relaciona a uma definição funcionalista e associa o valor do capital social aos aspectos da estrutura social que atuam como recursos “que os atores podem utilizar para alcançar seus interesses” (Coleman, 1998, p. 110).

Observa-se, dessa forma, que a definição de capital social apresentada por Coleman (1998) pode ser influenciada pelas relações de poder e pelos papéis de gênero presentes na sociedade. Por exemplo, a posse de capital social pode ser mais valorizada por homens do que por mulheres em determinados contextos, o que pode limitar as oportunidades e ações das mulheres. Além disso, a forma como o capital social é adquirido e mantido também pode ser afetada pelas normas e expectativas de gênero, como a divisão sexual do trabalho e a socialização de gênero.

Assim, temos que Bourdieu (1980) dá ênfase aos conflitos e às disputas competitivas entre indivíduos e grupos por posições de poder, enquanto Coleman (1998) destaca a forma como diferentes grupos sociais colaboram uns com os outros e as relações de reciprocidade e confiança entre seus membros. Bourdieu (1980) formulou o conceito de capital social com foco no papel das redes de relações sociais externas à família na transferência e reprodução desse tipo de capital. No entanto, é importante ressaltar que a construção dessas redes e a incorporação do capital social muitas vezes são sustentadas por questões de gênero, raça, classe e outras formas de desigualdade social.

Por outro lado, Coleman (1998) destaca que o que importa no capital social não é apenas o tamanho da rede, mas também a qualidade das relações estabelecidas. Isso pode ser especialmente relevante para as mulheres, que muitas vezes enfrentam barreiras para a construção de redes amplas, mas podem se beneficiar de redes mais próximas e

confiáveis. Assim, faz-se necessária uma abordagem do papel das redes sociais para entender como elas servem de mecanismos que intermedeiam as relações com o trabalho.

3.2 O papel das redes sociais como mecanismos intermediários para acesso ao trabalho nos Estados Unidos

A abordagem processual e sistêmica da migração é amplamente utilizada por pesquisadores e conceitualmente apresenta os sistemas migratórios como compostos por unidades territoriais específicas interligadas pela origem, trajeto e destino das pessoas e objetos, além de um sentido organizacional geral que deve garantir coerência e integridade a todos os componentes do sistema. Essa abordagem identifica os fluxos de pessoas e objetos como componentes importantes desse sistema (Kritz; Zlotnik, 1992; Massey et al., 1998).

Desde a década de 1980 até os dias atuais, a abordagem processual tem contribuído para consolidar a ideia de que o sistema migratório internacional deve ser entendido como uma “rede de países ligados por interações migratórias, cuja dinâmica é amplamente condicionada pela operação de uma variedade de redes que conectam atores migrantes em diferentes níveis de agregação” (Kritz; Zlotnik, 1992, p. 15).

Em termos gerais, o modelo estrutural baseado na Análise de Redes (incluindo a Análise de Redes Sociais) concentra-se nas “conexões” (linhas, ligações) entre “vértices” (pessoas, unidades de espaço, estação, terminais de computador etc.) em um espaço social específico. Para Albert-László Barabási (2003), qualquer análise de redes, não apenas as redes sociais, começa com a identificação de vértices e conexões e, obrigatoriamente, com a análise de seus padrões de distribuição em um sistema específico.

Dimitri Fazito e Eduardo Rios-Neto (2008b) afirmam que a utilização de um modelo de redes permite ao analista determinar uma topologia específica em um dado sistema, como o social, por exemplo, e identificar as regularidades que o orientam. É importante ressaltar que estudos contemporâneos que utilizam a Análise de Redes mostram que todos esses sistemas se auto-organizam em uma “rede de relações” que pode ser formalmente identificada (Newman, 2003).

Barabási (2003) afirma que muitos desses sistemas, independentemente de seu conteúdo, podem ser entendidos através de modelos semelhantes. Para formalizar um sistema empírico de migração em um modelo estrutural, é necessário observar critérios objetivos, uma vez que os sistemas de migração expressam uma rede complexa e fechada

de fluxos. Essa rede se refere exclusivamente às relações sociais entre pessoas de um determinado contexto de interação. O Brasil tem se tornado um país de emigrantes internacionais que buscam mobilidade especialmente em países capitalistas centrais, com o intuito de alcançar a sonhada mobilidade social (Brito, 1995; Patarra; Baeninger, 1995; Sales, 1999).

Essa tendência está relacionada à segurança produtiva do sistema capitalista global, que tem promovido o movimento inverso das populações em relação à Segunda Revolução Industrial, de acordo com Fausto Brito (1995, p. 29). É importante destacar que essa mudança afetou não apenas os indivíduos e as famílias, mas também o país como um todo, com impactos influenciando a economia, a cultura e a política.

Teresa Sales (1999) salienta que tanto trabalhadoras quanto trabalhadores brasileiros têm cada vez mais participado do processo de deslocamento que se caracteriza fortemente pela alienação física e social. No entanto, é importante destacar que as mulheres muitas vezes enfrentam desafios adicionais, como discriminação de gênero e violência sexual, durante suas migrações internacionais. O resultado desses projetos de deslocamento para terras estrangeiras representa por vezes vias alternativas marginais, tidas como única maneira de solucionar a miséria material, o que afeta especialmente as mulheres, que muitas vezes são as principais provedoras de suas famílias e enfrentam barreiras adicionais para obter empregos e renda estáveis.

Em relação às migrações internacionais de brasileiros para os Estados Unidos, importa destacar que os intermediários da rede migratória desempenham um papel fundamental. Segundo Dimitri Fazito e Eduardo Rios-Neto (2008a), esses intermediários incluem os chamados “corretores” ou atravessadores, bem como as redes sociais da migração, representadas por familiares, amigos e agentes. Embora não seja possível obter uma identificação precisa dos destinos e trajetórias dos emigrantes brasileiros, as estimativas de herança nos países de destino, como o caso de estimativas censitárias e amostrais nos Estados Unidos, permitem estabelecer algumas indicações sobre o volume e a intensidade dos deslocamentos. No entanto, deve se destacar que essas estimativas não levam em conta as diferenças de gênero na migração internacional, que podem afetar significativamente as características dos fluxos migratórios e a experiência dos migrantes.

O agrupamento de indivíduos da mesma região do Brasil, provenientes muitas vezes da mesma microrregião, é evidente tanto na partida quanto na chegada e durante o trajeto, bem como na fixação em comunidades de imigrantes nos Estados Unidos, como destacado por casos notáveis de valadarenses (Soares, 2002), goianos (Ribeiro, Ana. P.,

2019) e criciumenses (Assis, 2003). Essa concentração intrínseca apresenta a preponderância das redes sociais de migração de forma ativa (Fazito, 2002; Massey et al., 1987; Soares, 2002).

O papel dos intermediários, como agentes, atravessadores e recrutadores, é fundamental na concretização dos projetos migratórios dos brasileiros e brasileiras que almejam trabalhar e viver nos Estados Unidos. Eles são responsáveis por conduzir o migrante em sua jornada física e social (Fazito; Rios-Neto, 2008b), demonstrando assim a importância desses intermediários na realização dos desejos dos migrantes.

Observa-se a existência de diferentes estratégias adotadas por brasileiros que migram para os Estados Unidos. A primeira delas é utilizada por aqueles que possuem maior capital humano e têm maior facilidade em obter um visto de entrada no país. Esses migrantes entram como turistas, estudantes ou trabalhadores temporários e, por meio de suas redes pessoais, conseguem se estabelecer de forma definitiva, seja de maneira regular ou não. Já a segunda estratégia é empregada principalmente por aqueles cujo visto é negado e que buscam a rota clandestina (Martes, 1999).

O sistema de intermediação na migração para os Estados Unidos, assim como em todos os sistemas migratórios, deve ser uma prerrogativa formal relativa, que em certa medida independe dos processos empíricos da migração (Fazito, 2005). Em outras palavras, uma combinação ou sobreposição do sistema empírico com suas relações formais pode ocorrer ou não. No entanto, se essa sobreposição ocorre, ela indica atores que estão posicionados de forma mais vantajosa do que outros e, portanto, empiricamente mais poderosos e monopolistas dos fluxos migratórios do que outros.

Ao aprofundar a compreensão dos sistemas de intermediação nas migrações internacionais, é imprescindível considerar como esses processos são atravessados por questões de gênero. As relações de gênero desempenham um papel central na configuração das dinâmicas migratórias, influenciando não apenas as motivações e oportunidades de migração, mas também as condições enfrentadas pelos migrantes nos países de destino. Esse enfoque permite analisar como homens e mulheres experimentam a migração de formas distintas, revelando as desigualdades, os papéis sociais e os desafios específicos associados ao gênero nesse contexto.

3.3 Relações de gênero nas migrações internacionais

A análise de gênero nas migrações internacionais nos permite examinar a participação das mulheres no mercado de trabalho, a interconexão entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, a vida familiar, bem como as mudanças nas relações de gênero no país receptor (Dion; Dion, 2001). Além disso, a perspectiva de gênero também nos permite entender como a migração pode afetar as relações de poder entre homens e mulheres, tanto no país de origem quanto no país de destino. Em muitos casos, a migração pode significar uma oportunidade para as mulheres ganharem mais autonomia e independência financeira, especialmente se elas conseguem empregos remunerados em áreas tradicionalmente ocupadas por homens; por outro lado, a migração também pode acentuar desigualdades de gênero, como quando as mulheres migrantes são forçadas a trabalhar em condições precárias e sem proteção legal, ou quando precisam lidar com a violência de gênero em seus locais de trabalho ou comunidades.

Ethel Kosminsky (2004) destaca que as relações de gênero são vividas de maneira distinta por mulheres em cidades diferentes, como São Paulo ou Nova Iorque. No caso das imigrantes na cidade norte-americana, elas se depararam com uma sociedade que oferece oportunidades de trabalho tanto para homens quanto para mulheres; porém, ainda existe uma forte tratativa de gênero, expressa por meio de piadas e palavrões dos patrões no ambiente de trabalho.

O destaque feito por Adriana Piscitelli (2001) sugere que mulheres brasileiras, por vezes, são associadas à imagem de boa esposa e mãe; entretanto, também são vistas como símbolo de sensualidade em oposição à frieza norte-americana. Essa representação, que entrelaça questões de gênero, raça e nacionalidade, contribui para que as mulheres brasileiras sejam vistas como um “produto de exportação”, vendendo desde biquínis até o carnaval, destacando a sensualidade como um “produto nacional”.

Essa associação entre feminilidade e sensualidade é complexa e pode ter impacto negativo na imagem das mulheres brasileiras no exterior, uma vez que reforça estereótipos que as colocam em posição subordinada e objetificada. Além disso, essa representação pode ter implicações no mercado de trabalho, já que as mulheres podem ser vistas como menos casáveis e mais populares para trabalhos que exijam apelo sexual ou atributos físicos, em detrimento de suas habilidades e competências. É importante que essa visão estereotipada seja desconstruída e que as mulheres brasileiras sejam valorizadas por suas capacidades e talentos, sem serem reduzidas a uma imagem sexualizada e fetichizada.

Ao analisar as migrações ocorridas no final do século XX, Floya Anthias (2000) destaca a importância de considerar não apenas a contribuição econômica e social das mulheres, mas também o papel dos processos, discursos e identidades de gênero no processo de migração e estabelecimento na sociedade de destino. O objetivo não é apenas reconhecer a importância proporcional das mulheres, mas sim de entender como o gênero influencia todo o processo de migração e inserção na sociedade de destino. Isso inclui questões como acesso ao mercado de trabalho, relações familiares e de poder, entre outras. Portanto, é essencial analisar a migração a partir de uma perspectiva de gênero, a fim de compreender as dinâmicas complexas que permeiam esse processo.

O relato de Oliva Espin (1987) destaca que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a perda de *status* e autoridade masculina geram tensões familiares. Quando mulheres migram sozinhas, enfrentam maior propensão à solidão, vergonha e culpa, mas ao mesmo tempo se sentem mais livres do controle da família na busca por novos padrões de comportamento. Já aquelas que migram acompanhadas da família enfrentam maiores desafios em relação à conciliação de papéis sociais tradicionais e novas oportunidades no país de destino. Em ambos os casos, o papel do gênero na migração se mostra essencial para compreender as tensões e os desafios enfrentados pelas mulheres migrantes.

In-Sook Lim (1997) ressalta que mulheres imigrantes adquirem atitudes assertivas ao começarem a trabalhar e tornam-se capazes de expressar suas vontades. Ela ainda afirma que essa assertividade da mulher contribui para o envolvimento do marido nas tarefas domésticas. O envolvimento masculino com questões familiares tem aumentado nos tempos atuais. No entanto, estudos continuam evidenciando que as mulheres ainda enfrentam mais estresse devido à sobrecarga de trabalho, tendo que conciliar a jornada dupla do trabalho e das responsabilidades domésticas (Dion; Dion, 2001; Gowan; Trevi, 1998). O fato de as mulheres investirem cada vez mais em suas carreiras não as exime de suas responsabilidades em relação à manutenção do lar e ao cuidado dos filhos, o que revela uma das desigualdades mais marcantes na vida cotidiana (Holanda, 1999).

Sylvia DeBiaggi (2003) argumenta que a adaptação a uma nova cultura pode afetar a dinâmica conjugal. Quando as mulheres conseguem empregos remunerados, não apenas adquirem poder econômico, mas também experimentam um aumento na autoestima e autoconfiança. O padrão de relações de gênero vivenciado pelos casais passa por mudanças quando eles chegam aos Estados Unidos, de acordo com Assis (2007). Na sociedade receptora, as relações são menos hierárquicas e há maior divisão das tarefas

domésticas. Essas relações são favorecidas pelo empoderamento e maior autonomia adquirida através do trabalho. A autora também apontou que os homens brasileiros precisam compartilhar a autoridade, ao mesmo tempo em que são confrontados com as expectativas de relações mais igualitárias.

Algumas brasileiras, como Leonardo Cavalcanti (2006) observa, optam por empreender como estratégia de mobilidade social e para escapar dos empregos tradicionais destinados às mulheres imigrantes, como limpeza, cuidado com crianças e idosos, garçonne em restaurantes. Dessa forma, o investimento no setor empresarial proporciona maior autonomia no trabalho e melhora o *status* social dessas mulheres. Além disso, a atuação empreendedora dessas mulheres imigrantes impulsiona uma revisão na construção social do imigrante como categoria social.

Já Cavalcanti (2006) sugere que a iniciativa empreendedora das mulheres imigrantes brasileiras é um elemento importante para problematizar e desconstruir a representação social dos imigrantes como uma categoria baseada em imagens de pobreza e marginalização. Da mesma forma, segundo Cavalcanti (2006), a atuação dessas mulheres imigrantes em atividades empreendedoras e comerciais contribui para desconstruir a noção de imigrante como uma força de trabalho que chega para roubar empregos locais. Isso significa que, ao possuírem seus próprios negócios, elas podem contribuir para a economia local e enfraquecer a concepção de imigrante como apenas mão de obra no país de acolhimento. Embora essas mulheres imigrantes não sejam a maioria, é importante destacar sua atuação.

As desigualdades de gênero no mercado de trabalho para os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos são evidentes, com as mulheres geralmente ocupando trabalhos mais precários e mal remunerados, como serviços domésticos, enquanto os homens ocupam trabalhos na construção civil. Essa segregação reflete uma hierarquização e desvalorização do trabalho feminino. Nesse sentido, é necessário um esforço conjunto de políticas públicas, organizações da sociedade civil e iniciativas de conscientização para combater a discriminação de gênero e promover a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para as mulheres imigrantes brasileiras.

4. CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

4.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos a abordagem metodológica adotada para analisar as trajetórias profissionais de emigrantes de Governador Valadares, Minas Gerais, na costa leste dos Estados Unidos, entre 1980 e 2024. A investigação centra-se na influência das redes sociais e do capital social na inserção dos migrantes no mercado de trabalho, explorando processos de adaptação, mobilidade e os fatores estruturais que moldam essas experiências, como gênero, *status* migratório e desigualdades socioeconômicas.

A migração, vista como um fenômeno estruturante na história econômica e social de Governador Valadares, tem implicações diretas nas trajetórias profissionais de seus emigrantes. A cidade, marcada pela cultura migratória, estabelece conexões por meio de redes transnacionais, especialmente com os Estados Unidos, refletindo as aspirações de seus habitantes e as dinâmicas do mercado de trabalho no exterior.

Este estudo exploratório adota uma abordagem qualitativa para compreender como as redes sociais e o capital social desempenham um papel fundamental na inserção profissional, na progressão ou na estagnação dos migrantes. Além disso, analisa como esses fatores interagem com questões estruturais, como desigualdades de gênero, classe social e as restrições do *status* migratório, moldando as oportunidades e desafios ao longo do tempo.

A motivação para a realização deste estudo surge do interesse em compreender as dinâmicas migratórias e as relações sociais que sustentam as experiências desses emigrantes no mercado de trabalho norte-americano. Este trabalho contribui para uma análise crítica das intersecções entre redes sociais, capital social e trajetórias laborais, ampliando a compreensão das estratégias de adaptação e resiliência dos migrantes de Governador Valadares no exterior.

4.2 Aspectos metodológicos

Nesta pesquisa, adotou-se uma metodologia qualitativa voltada para a compreensão do significado das ações humanas no contexto em que ocorrem. Essa abordagem valoriza a subjetividade dos indivíduos e a forma como constroem a realidade social, sendo fortemente influenciada pelo paradigma interpretativista.

Segundo Alda Alves-Mazzotti (2004), essa abordagem busca captar os sentidos e significados atribuídos pelos participantes aos fenômenos estudados, adotando uma análise indutiva que permite identificar padrões emergentes a partir das experiências e narrativas dos sujeitos.

O contexto desempenha um papel central na interpretação dos dados, uma vez que os significados são construídos em contextos específicos e dependem da interação entre os participantes e suas realidades sociais. Em oposição ao positivismo, que prioriza a objetividade e a generalização, a abordagem interpretativa reconhece a complexidade e singularidade das experiências humanas, empregando técnicas como entrevistas e observação participante para aprofundar a compreensão dos fenômenos investigados.

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar que abrange diferentes formas de saberes e discursos. Segundo Antônio Carlos Gil (1995), essa abordagem se caracteriza pela flexibilidade na coleta de dados, pela interação contínua com o ambiente pesquisado e pela ênfase no contexto.

As características fundamentais da pesquisa qualitativa incluem a realização do estudo em um ambiente natural, possibilitando maior proximidade com os sujeitos e a captação de nuances do comportamento social. Além disso, o pesquisador desempenha um papel ativo no processo investigativo, exercendo um papel central na coleta e interpretação dos dados de maneira reflexiva e interativa.

A análise qualitativa também se caracteriza pela descrição detalhada e contextualizada. Clifford Geertz (1973) introduziu o termo "descrição densa", buscando uma compreensão aprofundada por meio de narrativas detalhadas que consideram aspectos subjetivos e simbólicos. Outro ponto essencial é o processo indutivo, no qual a formulação teórica surge da observação dos dados coletados ao longo do estudo, permitindo a construção de interpretações emergentes com base na experiência empírica.

A socióloga e pesquisadora Maria Cecília Minayo (2014), ao escrever sobre a pesquisa qualitativa, destaca a diferença fundamental entre as abordagens qualitativa e quantitativa. Segundo Minayo, enquanto os cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas sua dimensão “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um aspecto que não pode ser captado por meio de equações, médias e estatísticas (Minayo, 2014).

Para analisar as relações de trabalho estabelecidas pelos imigrantes de Governador Valadares em seu processo migratório para os Estados Unidos, iniciou-se uma pesquisa

bibliográfica, por meio da revisão sistemática da literatura e da pesquisa de campo, considerada um momento central para o conhecimento da realidade (Minayo, 2012).

A pesquisa bibliográfica esteve presente em todas as etapas do estudo, desde a construção teórica até a análise dos dados, possibilitando uma compreensão aprofundada do objeto investigado.

Nesse sentido, a pesquisa foi conduzida à luz do pensamento dialético. José Paulo Netto (2009, p. 687) enfatiza que '[...] as categorias não são eternas e são historicamente determinadas [...] as categorias não são eternas e são historicamente determinadas [...]'. A partir dessa perspectiva, aprofundaram-se categorias essenciais para a análise, tais como a reprodução e a estrutura do capitalismo contemporâneo, as relações de trabalho e as particularidades vivenciadas pelos imigrantes.

A definição da metodologia sofreu ajustes ao longo da implementação. Quando ingressei no doutorado, em 2020, o contexto acadêmico e social foi impactado pelas restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Nos primeiros semestres do curso, as disciplinas foram ministradas remotamente, o que gerou incertezas quanto à realização do trabalho de campo.

No entanto, esse período também proporcionou a oportunidade de participar de grupos de estudo voltados para a temática da migração internacional. Apesar de virtuais, essas interações foram fundamentais para ampliar minha compreensão sobre o assunto e estabelecer conexões com redes relevantes para a pesquisa. Por meio dessas interações, recebi indicações de migrantes retornados que viveram nos Estados Unidos, possibilitando a construção de uma lista preliminar de entrevistados.

Para a coleta de dados, utilizei a técnica de amostragem em cadeia, conhecida como 'bola de neve' (*Snowball Sampling*), em que os próprios participantes indicam novos entrevistados.

A pesquisa contemplou homens e mulheres que vivenciaram a experiência da migração internacional entre 1980 e 2024. Ao todo, 32 pessoas com perfis socioeconômicos e culturais diversos foram entrevistadas, abrangendo tanto os que retornaram ao Brasil após um período nos Estados Unidos quanto os que ainda residem e trabalham no exterior.

Figura 1 – Método Snowball Sampling

Fonte: Elaboração da autora (2025).

O mapeamento inicial e o contato com os migrantes foram viabilizados a partir da participação em grupos de estudo e debates remotos. A rede de contatos foi sendo ampliada à medida que os entrevistados indicavam outras pessoas, seguindo o fluxo natural da pesquisa. Dado o caráter privado do tema, foi essencial contar com a mediação de indivíduos já inseridos nesses grupos para facilitar o acesso aos participantes (Vinuto, 2022).

A coleta de dados primários foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, observação e relatos espontâneos. O roteiro das entrevistas foi elaborado com perguntas que proporcionassem aos participantes a liberdade de compartilhar suas vivências de forma aberta. Essa abordagem foi escolhida por sua flexibilidade, permitindo que os entrevistados expressassem suas opiniões, sentimentos e

experiências pessoais, ao mesmo tempo em que seguia uma estrutura básica para garantir que todos os aspectos essenciais fossem abordados. A pesquisa realizada para esta tese integra o projeto de pesquisa "Inserção do migrante da região geográfica intermediária (RGIM-GV) no mercado de trabalho no destino e na origem no retorno. Mudanças e permanências", coordenado pela Prof.^a Dra. Sueli Siqueira, com parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVALE sob o número 5.776.033.⁷

Conforme Minayo (2012), esse tipo de roteiro mescla perguntas abertas e fechadas, possibilitando que os participantes discutam o tema de maneira ampla, sem se restringirem estritamente às questões formuladas. O roteiro das entrevistas, disponível no Anexo I deste documento, incluiu perguntas sobre a trajetória migratória dos entrevistados, os desafios enfrentados ao longo do processo e sua inserção no mercado de trabalho.

O objetivo foi compreender as atividades laborais exercidas pelos imigrantes no contexto da crise do capitalismo e como esse cenário impactou sua trajetória profissional. A seleção dos entrevistados ocorreu de forma intencional, baseando-se em indicações de pessoas chave. Essa metodologia se baseia em um modelo de interação humana que busca captar as percepções e experiências vividas pelos entrevistados, alinhando-se ao propósito da pesquisa. O roteiro utilizado teve como função orientar a conversa, sem impor um formato rígido que pudesse limitar a espontaneidade das respostas (Poupart, 2008).

De acordo com Eva Maria Lakatos e Marina Marconi (2003, p. 56), “a entrevista trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.” Esse entendimento reforça a importância da interação direta com os participantes como forma de obter descrições detalhadas de suas vivências e percepções sobre o fenômeno estudado.

As entrevistas foram planejadas para ocorrer tanto presencialmente quanto por meio de plataformas digitais. O processo de coleta de dados seguiu um cronograma previamente definido, com a seleção intencional dos entrevistados. O primeiro contato foi estabelecido por telefone para marcar a entrevista, garantindo uma abordagem direta e respeitosa. A maioria das entrevistas foi gravada com o consentimento dos participantes, permitindo maior precisão na transcrição e na posterior análise das informações.

⁷ A pesquisa realizada para esta tese está no âmbito do projeto de pesquisa Inserção do migrante da região geográfica intermediária (RGIM-GV) no mercado de trabalho no destino e na origem no retorno. Mudanças e permanências, coordenada pelo profa dra Sueli Siqueira com parecer de aprovação CEP-UNIVALE n.: 5.776.033

As entrevistas foram conduzidas de acordo com a escolha dos participantes, podendo ocorrer presencialmente ou virtualmente. Cada encontro teve uma duração média de 45 a 60 minutos e foi realizado por mim, enquanto pesquisadora responsável, criando um ambiente confortável e propício para que os entrevistados compartilhassem suas experiências de forma aberta e espontânea. Após a realização das entrevistas, as gravações foram transcritas integralmente, garantindo a confidencialidade e anonimato dos participantes. O processo de transcrição foi seguido de uma revisão minuciosa, assegurando a fidelidade das respostas e a precisão dos relatos coletados.

A análise dos dados iniciou-se logo após a finalização das transcrições, empregando a análise qualitativa de conteúdo, um método que busca interpretar dados de forma sistemática e objetiva, identificando padrões, categorias e significados em discursos, documentos e outras fontes de informação (Bardin, 2011). Esse processo possibilitou a identificação de temas recorrentes e aspectos significativos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das experiências migratórias e das relações de trabalho dos participantes.

A abordagem metodológica adotada incluiu a técnica de observação não participante, conforme recomendado por Lakatos e Marconi (2003). Segundo os autores, esse tipo de observação implica estar presente na situação sem interferir nela, mantendo um papel de espectador. No entanto, essa postura não significa uma observação passiva, mas sim um processo consciente, direcionado e sistemático, voltado para um objetivo específico.

Esse planejamento metodológico permitiu uma análise aprofundada das redes sociais e das dinâmicas laborais que sustentam a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho norte-americano, compreendendo sua posição dentro da estrutura capitalista. Além disso, possibilitou um cruzamento metodológico que favoreceu um olhar mais detalhado sobre as trajetórias de vida de alguns participantes da pesquisa.

A observação mostrou-se essencial para capturar nuances que iam além do discurso verbalizado. Embora as entrevistas tenham sido a técnica inicial central da pesquisa, tornou-se evidente que nem sempre há uma total correspondência entre o que as pessoas dizem e o que efetivamente fazem. Mesmo quando essa coerência se verifica, a experiência de campo proporciona uma compreensão mais ampla e detalhada das narrativas.

A escolha das entrevistas fundamentou-se na sua eficácia como instrumento para captar as percepções e interpretações dos próprios sujeitos sobre suas experiências. Como

destaca Jean Poupart (2008), a entrevista se apresenta como um dos melhores meios para compreender o sentido que os atores sociais atribuem às suas ações, a forma como percebem o mundo e vivenciam suas realidades.

Minha inserção no campo começou nos primeiros semestres do doutorado, quando participei de tais grupos de estudo e debates remotos em eventos. Essas interações ajudaram a construir uma lista inicial de possíveis entrevistados. Com essas indicações, comecei a entrar em contato via *WhatsApp*, organizando os primeiros agendamentos. O primeiro encontro, marcado com um participante, não ocorreu como planejado, pois ele não estava em casa. No entanto, ao conversar com um vizinho, descobri que ele era seu irmão e também fazia parte do grupo de interesse da pesquisa. Após explicar os objetivos do estudo, tanto o marido quanto a esposa demonstraram interesse e concordaram em participar.

Esse encontro deu início ao processo de amostragem em cadeia, conhecido como "bola de neve", no qual os próprios participantes indicam novos contatos, ampliando progressivamente a rede de entrevistados. Essa estratégia, amplamente utilizada em pesquisas qualitativas (Bernard, 2005; Gil, 1995; Gray; Williamson; Karp, 2007), foi essencial para alcançar indivíduos com diferentes trajetórias migratórias. A segunda entrevista foi realizada conforme o planejado, e o entrevistado também sugeriu outra pessoa para participar do estudo. Esse método possibilitou a realização de seis entrevistas em Governador Valadares, com participantes cujas experiências estavam diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Foram dois grupos distintos e em momentos diferentes: o primeiro, composto por pessoas que haviam retornado para Governador Valadares após viver nos Estados Unidos, e o segundo, formado por imigrantes residentes na Costa Leste, especificamente em estados da Nova Inglaterra. A seleção dos participantes seguiu um critério intencional, garantindo que as histórias analisadas refletissem o período e os temas em estudo, oferecendo uma compreensão detalhada das dimensões sociais, econômicas e culturais da migração entre Governador Valadares e os Estados Unidos.

O campo de Governador Valadares foi a primeira etapa da coleta de dados, realizada entre dezembro de 2022 e março de 2023. Localizada no leste de Minas Gerais, a cidade é reconhecida por sua conexão histórica com o fenômeno migratório, especialmente para os Estados Unidos, sendo considerada um polo da “cultura migratória” brasileira. A migração para os EUA se tornou um elemento central da

identidade local, impactando a economia e as dinâmicas sociais, com casas financiadas por remessas, histórias de sucesso e retorno, e o papel das redes familiares e comunitárias.

Cada entrevista revelou aspectos importantes das trajetórias migratórias, desde a experiência nos Estados Unidos até as razões para o retorno e os desafios de reintegração em Governador Valadares. A abordagem permitiu não só ampliar a amostra, mas também aprofundar a análise qualitativa, conectando vivências individuais às redes familiares e comunitárias que sustentam os fluxos migratórios e os processos de retorno.

A segunda etapa da coleta de dados foi realizada nos Estados Unidos, entre julho de 2023 e março de 2024, durante meu intercâmbio na Universidade de Massachusetts. Esta fase representou a continuidade natural da pesquisa, expandindo sua abrangência geográfica e aprofundando a compreensão das dinâmicas migratórias entre Governador Valadares e os Estados Unidos.

Antes da viagem, recebi uma indicação valiosa da minha co-orientadora, que me forneceu o contato de uma imigrante de Governador Valadares, residente nos EUA há mais de quarenta anos. Ela, além de estar profundamente envolvida com a comunidade brasileira, também é pesquisadora e mantém estreitas relações com autoridades locais e contribui para a formulação de políticas públicas voltadas aos brasileiros no país.

Instalada em *Boston*, viajei para *Framingham*, conhecida como a "cidade irmã" de Governador Valadares devido à grande população brasileira. Ao caminhar por suas ruas, encontrei elementos que remetiam a características de Governador Valadares, como nas vitrines das lojas. Durante minha visita, também estive em um restaurante administrado por brasileiros, reforçando essa conexão cultural.

As indicações dessa imigrante e pesquisadora foram fundamentais para o sucesso da pesquisa. A partir de seu contato, organizei a agenda de entrevistas e participei de eventos promovidos para imigrantes em diferentes cidades. Em uma dessas ocasiões, participei de uma reunião com um candidato à reeleição para o cargo de senador, responsável pela aprovação de uma lei que permitiu que imigrantes indocumentados em *Massachusetts* obtivessem carteiras de habilitação. Essa experiência destacou as lutas enfrentadas pela comunidade por direitos básicos.

Além disso, participei de eventos promovidos pelo poder público em parceria com a Universidade de *Massachusetts*, oferecendo serviços como exames de vista, consultas ginecológicas e orientações sobre saúde bucal. Também havia atividades para crianças e apresentações musicais, criando um ambiente acolhedor para as famílias.

Esses encontros foram oportunidades para entrevistar imigrantes de Governador Valadares em cidades como *Framingham*, *Worcester* e *Marlborough*, ampliando minha compreensão sobre a diáspora brasileira. Uma das entrevistadas indicou outras pessoas para a pesquisa, expandindo ainda mais a rede de contatos. Como parte de uma família transnacional, contei com o apoio de parentes, que facilitaram os contatos com imigrantes em cidades vizinhas, como *Malden*, *Medford*, *Everett*, *Somerville*, *Woburn* e *Lexington*, além de estados como *Connecticut* e *New Hampshire*.

Durante esta etapa, realizei entrevistas com dez homens e dezesseis mulheres, seguindo o formato do roteiro semiestruturado adotado no Brasil. A maior parte das entrevistas ocorreu presencialmente, especialmente após aprender a utilizar o transporte público, o que facilitou os deslocamentos. Algumas entrevistas foram realizadas remotamente, por meio de *Google Meet*, quando necessário.

Alguns participantes se ofereceram para me encontrar, possibilitando entrevistas na principal biblioteca pública de Boston. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e, em seguida, transcritas e verificadas quanto à fidelidade, com os dados organizados. Para registro, utilizamos o diário de campo, que é uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos, caracterizada pela presença em longa duração de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda (Weber, 2009). Ele permite ainda ao pesquisador realizar uma reflexão e sistematização das atividades observadas fora do imediato contexto dos acontecimentos.

Destaco que, para o levantamento de dados, além da observação, a parte da entrevista que permitia a livre narrativa se ancora em Jovchelovitch e Bauer (2002). Eles consideram uma forma de entrevista não estruturada e que permite maior liberdade do entrevistado de construir seu pensamento e estabelecer as relações e articulações em torno dos acontecimentos e temáticas. Ela possibilita a emergência de concepções, sentimentos, práticas, posicionamentos e “teias de significado” com a autonomia, o que nem sempre é contemplada na lógica da pergunta-resposta (Geertz, 1973).

Esses dados formaram o *corpus* para a análise e a produção dos textos que resultaram em publicações subsequentes.

A estratégia metodológica de coleta de dados em dois contextos geográficos distintos – Governador Valadares e os Estados Unidos – foi fundamental para a análise das trajetórias migratórias. Esse enfoque permitiu compreender as diferentes perspectivas da migração, como o retorno e a reintegração no Brasil, a permanência nos Estados

Unidos e os processos de adaptação cultural, social e econômica. O envolvimento com as comunidades locais e o uso das redes sociais de migração possibilitaram mapear de forma ampla as experiências e desafios enfrentados pelos imigrantes, enriquecendo a análise.

A pesquisa proporcionou um mapeamento detalhado das vivências dos participantes, destacando as estratégias de inserção no mercado de trabalho norte-americano, os impactos nos laços familiares e as redes comunitárias, além dos significados atribuídos às experiências de ida, permanência e retorno. Esse processo investigativo evidenciou a migração como um fenômeno relacional, influenciado por contextos culturais e históricos específicos, e contribuiu significativamente para a compreensão das dinâmicas migratórias.

Com base nesse delineamento, foi possível realizar uma análise profunda e abrangente das trajetórias de inserção dos imigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho dos Estados Unidos, particularmente ao longo das décadas de intensos fluxos migratórios. A pesquisa resultou em uma amostra de 32 entrevistados, cujas entrevistas qualitativas e em profundidade formam a base empírica desta tese de doutorado. Para organizar a apresentação das pessoas da pesquisa, identificadas por nomes fictícios, o texto metodológico foi estruturado em três grupos de entrevistados.

O primeiro grupo será descrito por meio de biografias sintetizadas, acompanhadas de uma tabela, abrangendo quatro homens e duas mulheres, todos migrantes retornados que viveram e trabalharam nos Estados Unidos em situação de indocumentados. Esses participantes foram entrevistados em Governador Valadares, e suas biografias sintetizadas apresentarão um panorama geral de suas trajetórias. A análise destacará os aspectos centrais das experiências desses imigrantes ao retornarem ao Brasil e as mudanças vividas durante a reintegração à sociedade de origem. Uma das mulheres retornadas, que foi deportada, também será incluída no capítulo dedicado à análise da história de vida.

4.3 Biografias sintetizadas das pessoas da pesquisa retornadas vivendo em Governador Valadares

Danilo, de 55 anos, ensino médio, realizou três migrações para os Estados Unidos entre 1987 e 2004. Inicialmente, entrou com visto de turista e, em seguida, pela fronteira do México, incentivado pela febre migratória e influência de amigos. Financiou a viagem com empréstimos e, sem falar

inglês, trabalhou com outros imigrantes de várias nacionalidades. Antes de migrar, trabalhava na sorveteria da família e como entregador. Nos Estados Unidos, foi operador de máquinas pesadas. Atualmente, vive em Governador Valadares, e sua renda provém de aluguéis de imóveis construídos com o dinheiro que economizou durante a migração. No entanto, ele se sente fora do mercado de trabalho brasileiro, pois sua experiência com maquinários pesados no exterior não se aplica ao contexto atual. Retornou por problemas de saúde, mas valoriza a experiência por ampliar sua convivência multicultural.

Ângelo, de 49 anos, migrou duas vezes para os Estados Unidos, a primeira em 1996, incentivado por familiares e em busca de melhores condições de trabalho. Com ensino médio incompleto, no Brasil, ele trabalhava como motorista, mas nos Estados Unidos encontrou novas oportunidades, atuando em padarias e no setor de construção civil, onde chegou a fundar sua própria empresa. Apesar das dificuldades com o idioma e a mobilidade, sua rede de contatos foi essencial para sua adaptação. Em 2008, Ângelo retornou ao Brasil, movido pela saudade da família e dos pais, mas enfrentou complicações com as autoridades devido à sua migração irregular pelo México. Hoje, vive em Governador Valadares e considera a experiência migratória enriquecedora, ampliando sua visão de mundo e suas possibilidades culturais.

Vanessa, 45 anos, ensino fundamental, migrou para os Estados Unidos em 1999 em busca de melhores condições financeiras, incentivada pelo marido, que já havia migrado e desejava retornar. Com apoio familiar financiou sua viagem. Trabalhou cerca de dez horas diárias em restaurantes e no cuidado infantil, enfrentando desafios como a barreira do idioma e a experiência de viver em casas compartilhadas com pessoas desconhecidas. Apesar das dificuldades e do custo de vida elevado, considera a experiência enriquecedora, pois pôde ajudar financeiramente sua família no Brasil, experimentar uma nova cultura e ver o nascimento de sua filha nos Estados Unidos, antes de retornar ao Brasil por questões de saúde em 2008. Atualmente vive em Governador Valadares.

Wladimir, 55 anos, migrou para os Estados Unidos duas vezes: de 1989 a 1998 e de 1999 a 2013, retornando definitivamente ao Brasil. Atualmente vive em Governador Valadares. Com ensino até a sétima série, buscava melhoria de vida, inspirando-se em conhecidos e com o objetivo de adquirir uma casa e um caminhão. Entrou nos Estados Unidos com passaporte montado na primeira vez e pelo México na segunda. Trabalhou em pintura, restaurantes, construção civil e transporte, fundando sua própria companhia e pagando impostos. Pai de duas filhas, uma do primeiro casamento e a outra, do segundo casamento, ambas nascidas nos Estados Unidos. Considera a experiência recompensadora por realizar suas metas financeiras e profissionais, apesar dos desafios linguísticos e da saudade. Seu retorno foi motivado pela necessidade de tratamento de saúde de sua esposa.

Jurandir, 46 anos, solteiro e sem filhos, ensino médio, migrou do Brasil para os Estados Unidos em 2002, aos 21 anos, em busca de estabilidade financeira. No Brasil, ele gerenciava um pequeno negócio de aluguel de motos e trabalhava como vendedor de carros em uma concessionária, mas via poucas perspectivas de crescimento. Acolhido por um primo, seu primeiro emprego nos Estados Unidos foi como padeiro; depois, buscou melhores rendimentos na jardinagem e construção civil. Trabalhando até quinze horas diárias, aprendeu inglês e acumulou patrimônio. Após quinze anos de trabalho exaustivo, retornou ao Brasil em 2017 e vive de rendas de imóveis e de um bar e restaurante. Considera sua experiência migratória enriquecedora e financeiramente compensadora. Atualmente vive em Governador Valadares, Brasil.

Amelie, 46 anos, com ensino médio, migrou aos 24 anos para os Estados Unidos em busca de reatar seu casamento e melhorar sua situação financeira. Viajou ilegalmente pelo México, levando uma filha de 2 anos e 6 meses, com a ajuda de um coite, e começou a trabalhar na empresa de limpeza de sua sogra. Com o tempo, abriu seu próprio negócio de limpeza de casas e também trabalhou em uma pizzaria. Durante a migração teve um filho. Em 2009, foi deportada por sua situação migratória irregular após ser detida, enfrentando três meses de prisão nos Estados Unidos. Hoje no Brasil, Amelie reflete sobre

os desafios da migração e avalia de forma positiva a experiência. Ela mantém a esperança de voltar aos Estados Unidos regularizada sua situação de documentos através de seu filho, nascido nos Estados Unidos. Atualmente, vive em Governador Valadares, Brasil.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica das pessoas retornadas vivendo em Governador Valadares

ENTREVISTADA (O)	IDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS	COR	ESCOLARIDADE	PERÍODO DA MIGRAÇÃO	DOCUMENTADO (A) SIM/NÃO	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NO BRASIL	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NOS EUA
Danilo	55 anos	Casado	0	Parda	Ensino Médio	1987 a 1990 1991 a 1998 1999 a 2004	Não	Entregador em lojas	Operador de Máquinas pesadas
Ângelo	49 anos	Separado	3	Branca	Ensino Médio incompleto	1996 a 1999 1999 a 2008	Não	Motorista	Construção civil
Vanessa	45 anos	Casada	1	Parda	Ensino Fundamental	1999 a 2008	Não	Empresa familiar	Ajudante em restaurante; Limpeza de casas; Cuidados com crianças
Wladimir	55 anos	Casado	2	Branca	Ensino Fundamental	1989 a 1998 1999 a 2013	Não	Motorista; Ajudante de mecânico; Frentista em posto de gasolina	Construção civil; Motorista de caminhão guincho
Jurandir	46 anos	Solteiro	0	Parda	Ensino Médio	2002 a 2017	Não	Empreendimento mototaxi; Vendedor de carros	Padeiro; jardineiro; construção civil
Amelie	46 anos	Divorciada	2	Parda	Ensino Médio	2003 a 2009	Não	Vendedora de loja	Limpeza; cozinha de pizzaria.

Fonte: Elaboração da autora com base em pesquisa própria.

O segundo grupo será descrito por meio de biografias sintetizadas de 22 pessoas (dez homens e doze mulheres), todos imigrantes que residem e trabalham atualmente nos Estados Unidos. Desses, seis têm *status* migratório regularizado, enquanto dezesseis são indocumentados. Este grupo reflete a continuidade da migração, representando aqueles que mantêm uma vivência prolongada nos Estados Unidos, lidando com os desafios e oportunidades de se estabelecer em um novo contexto social e econômico. As biografias serão seguidas de análises focadas nas experiências de adaptação, inserção no mercado de trabalho e nas dinâmicas familiares e comunitárias enfrentadas durante o processo de integração à sociedade norte-americana.

4.4 Biografias sintetizadas das pessoas imigrantes que estão vivendo nos Estados Unidos

André, 51 anos, casado, migrou para os Estados Unidos em 2002 com o objetivo de melhorar sua situação financeira, incentivado pela namorada (hoje esposa) que havia migrado oito meses antes e ajudou a financiar sua viagem. No Brasil, com ensino até a 8ª série trabalhou como frentista em postos de gasolina e via poucas perspectivas de crescimento. Nos Estados Unidos, iniciou com limpeza de casas e escritórios e, com o apoio de familiares e a redes de brasileiros, passou a realizar serviços como bombeiro hidráulico e eletricista, trabalhando de dez a quatorze horas diárias. Sua experiência migratória trouxe estabilidade e patrimônio tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, onde possui imóveis residenciais. Atualmente vive na cidade de *Woburn, Massachusetts*.

Luana, 50 anos, casada, migrou para os Estados Unidos em 2002 em busca de melhores oportunidades de trabalho, motivada pela falta de perspectivas no Brasil, onde completou apenas a 8ª série. Divorciada antes da migração, casou-se com seu namorado brasileiro após sua chegada. Com o apoio dos parentes, conseguiu emprego em um negócio de limpeza com seu tio, e mais tarde adquiriu parte da empresa e passou a oferecer serviços de limpeza em casas, escritórios, escolas e restaurantes. Superou a barreira do idioma e almeja regularizar sua situação por meio da filha de 16 anos. Ela possui casa própria nos Estados Unidos, embora financiada e imóveis no Brasil,

garantindo uma boa renda mensal, e considera sua trajetória enriquecedora, apesar do distanciamento familiar. Atualmente vive na cidade de *Woburn, Massachusetts*.

Valéria, de 47 anos, casada, é formada em Administração de Empresas e em Design. Antes de migrar, trabalhou no banco e teve sociedade com o marido em dois empreendimentos que não obtiveram o retorno esperado. Em 2018, ela migrou para os Estados Unidos com o marido e três filhos, buscando estabilidade após o fechamento de sua loja de queijos e vinhos no Brasil. Posteriormente, a sogra se juntou à família, o que alterou a dinâmica familiar devido aos cuidados especiais que ela precisava. No início, trabalhou como faxineira, mas logo começou na área de estética, oferecendo serviços de unhas em gel, extensão de cílios e design de sobrancelhas, com apoio e indicação de amigos. A sua condição de imigrante indocumentada impede-a de trabalhar na sua área de qualificação, forçando-a a aceitar empregos fora da área de sua formação. A adaptação foi desafiadora, especialmente com a falta de privacidade em uma casa compartilhada, além dos desafios emocionais e linguísticos. Valéria continua se adaptando ao mercado competitivo, buscando melhorar seu inglês querendo alcançar estabilidade e crescimento profissional. Atualmente vive na cidade de *Woburn, Massachusetts*.

Jonas, hoje com 74 anos, ensino fundamental, migrou para os Estados Unidos em 1985, aos 34 anos, em busca de melhores condições financeiras e um futuro sólido. No Brasil, iniciando sua vida profissional, ele apenas ajudou a família sem registro formal de trabalho, mas nos Estados Unidos traçou sua própria trajetória. Casou-se pouco tempo após a chegada, teve quatro filhos, e hoje é viúvo. Jonas trabalhou como motorista de caminhão, carreira que manteve por muitos anos, oferecendo-lhe estabilidade e a chance de sustentar sua família. Apesar das dificuldades iniciais, como barreira do idioma, ele perseverou, obteve o *green card* e, mais tarde, a cidadania. Mesmo retornando ao Brasil apenas para visitas, sente-se em casa nos Estados Unidos, onde construiu uma vida sólida, cercada por familiares que se juntaram a ele ao longo dos anos. Para ele, a experiência migratória foi positiva, pois tudo o que

foi construído profissionalmente foi possível no país que o acolheu. Atualmente vive na cidade de *Malden, Massachusetts*.

Elenice, 52 anos, migrou para os Estados Unidos em 2017, aos 43, com o marido e um dos três filhos que ainda era menor, em busca de soluções financeiras para as dívidas crescentes no Brasil. Com o ensino médio completo e uma capacitação interrompida em Técnico de Segurança do Trabalho, houve dificuldades após sucessivos empreendimentos fracassados. A migração foi incentivada por familiares nos Estados Unidos, o que também ajudou financeiramente na viagem pela fronteira do México. Nos Estados Unidos, começou a trabalhar em limpeza de casas e, atualmente, seu trabalho principal é como babá de três crianças norte-americanas. Apesar das dificuldades com o idioma e da instabilidade no trabalho, Elenice considera a migração uma decisão acertada, que permitiu quitar as dívidas e regularizar sua vida financeira. Atualmente vive na cidade de *Lexington, Massachusetts*.

Juarez, hoje com 61 anos, se casou duas vezes, com a primeira esposa teve uma filha e elas retornaram para viver no Brasil. A segunda esposa casou para obter documentação e também tiveram uma filha. Migrou para os Estados Unidos em 1987, aos 26, após um empréstimo que fez para ajudar seu irmão a emigrar. Quando seu irmão desistiu, Juarez decidiu aproveitar a oportunidade e seguir para *Boston*, onde já tinha primos. Com ensino médio, sua jornada começou pelo Canadá, onde morou por dois meses e depois passou um pequeno período na Flórida. Ao chegar, enfrentou a barreira do idioma e se desenvolveu com a prática ao longo do tempo. Conseguiu empregos temporários em restaurantes e na construção civil. Mais tarde, abriu seu próprio negócio no segmento da construção, atendendo majoritariamente clientes indianos na atualidade. Considera a migração extremamente positiva, pelo conforto e oportunidades oferecidas à sua família. Sempre que tem oportunidade visita seus amigos e familiares no Brasil. Atualmente vive na cidade de *Framingham, Massachusetts*.

Daniel, 50 anos, é um migrante indocumentado nos Estados Unidos desde 1987, solteiro. Quando deixou Governador Valadares aos 20 anos. Sua migração foi impulsionada por relatos de amigos em busca de melhores

oportunidades. Com ensino médio completo, trabalhou como soldador e torneiro mecânico no Brasil, antes de emigrar sem um plano definido. Nos Estados Unidos, ele quebrou a barreira do idioma, e rapidamente aprendeu e se adaptou, conseguindo diversos empregos temporários até abrir seu próprio negócio de construção e reformas de casas. Embora tenha conseguido estabilidade financeira, sente a solidão da vida de imigrante, sem família ou filhos, e reflete sobre a troca que sua migração representou em sua vida. Ele vê a possibilidade de retorno ao Brasil na aposentadoria, ciente das limitações da seguridade social norte-americana. Atualmente vive na cidade de *Framingham, Massachusetts*.

Rita, 39 anos, formada em Ciências Contábeis, emigrou para os Estados Unidos em 2018, grávida de dois meses, acompanhando o marido em busca de novas oportunidades. Antes da migração, trabalhou por quatorze anos em funções financeiras em um Hipermercado e em empresa alimentícia. Nos Estados Unidos, começou com limpeza de casas, mas logo passou a cozinhar marmitas para os colegas de trabalho do marido. Ao perceber a demanda por cuidados infantis, decidiu abrir seu próprio negócio como babá, equilibrando trabalho de cuidados com crianças e maternidade. Apesar das dificuldades linguísticas e da saudade da família, vê a migração como uma evolução de seu crescimento pessoal e se dedica a criar um futuro próspero para sua filha. Atualmente vive na cidade de *Framingham, Massachusetts*.

Lorena, 45 anos, casada, com uma filha. É pedagoga com pós-graduação e trabalhou como professora no Brasil, enfrentando incertezas financeiras devido à natureza temporária de seus contratos. Em 2020, atravessou a fronteira do México em uma jornada de oito dias, junto com o marido, sua filha de um ano e o enteado de 16. Após dificuldades em empregos de limpeza de casas, Lorena se requalificou e abriu um empreendimento em sua própria casa para cuidados com crianças. Uma pequena creche para atender crianças de brasileiros, equilibrando trabalho e maternidade. Apesar da solidão e dos desafios de adaptação, ela se esforça para aprender inglês e construir um futuro melhor para sua família, com planos de retornar ao Brasil um dia. Atualmente vive na cidade de *Framingham, Massachusetts*.

Célio, 53 anos, é casado e pai de uma filha nascida nos Estados Unidos. Ele migrou para os Estados Unidos em 2000, impulsionado por uma desilusão amorosa e o desejo de recomeçar financeiramente. Antes da migração, era caminhoneiro no Brasil, mas sentia-se solitário. Vendendo seu caminhão, atravessou a fronteira do México sem visto. Ao chegar, reuniu-se aos conterrâneos e encontrou trabalho na construção civil, evoluindo para bombeiro hidráulico, sua principal fonte de renda. Embora enfrente desafios com o idioma e a concorrência, sua vida financeira melhorou significativamente, e ele planeja permanecer nos Estados Unidos, valorizando sua família. Atualmente vive na cidade de *Worcester, Massachusetts*.

Kleber, 27 anos, migrou para os Estados Unidos em 2020, aos 24, buscando oportunidades além da vida rural em que trabalhava na fazenda da família em Minas Gerais. Com o ensino médio, solteiro e sem filhos, foi incentivado por familiares já instalados nos Estados Unidos, financiando a travessia com um empréstimo de US\$ 15.000. Após a passagem pelo deserto do México enfrentando caminhadas exaustivas na areia e travessia de rio, o que durou cerca de cinco dias ele se entregou às autoridades na fronteira norte-americana. Permaneceu detido no Arizona por doze dias, quando foi liberado e seguiu para Boston, onde familiares o acolheram. Trabalha com pintura e instalação de cerâmica na construção civil, e estuda inglês para melhor adaptação. Kleber valoriza a comunidade religiosa como rede de apoio essencial. Atualmente vive na cidade de *Lowell, Massachusetts*.

Glória, 65 anos, casada e mãe de dois filhos, imigrou para os Estados Unidos duas vezes: a primeira em 1980, aos 21 anos, com o marido e filhos pequenos, e a segunda em 1986, após retornar ao Brasil e não encontrar as condições desejadas. Inicialmente dona de casa e com escolaridade fundamental, trabalhou na limpeza de um restaurante, depois expandiu para a limpeza residencial, criando uma carteira fiel de clientes ao longo de quarenta anos. Superou dificuldades com o idioma e contornou os desafios da distância familiar e a solidão trazidas pela migração com o apoio da família e da Igreja Católica, onde tem uma participação ativa. Glória considera sua migração uma jornada positiva, que proporcionou aos filhos uma educação de qualidade. Um

deles com formação em Engenharia de Software e o outro em Administração e Direito, alcançando o sucesso profissional. Atualmente vive na cidade de *Marlborough, Massachusetts*.

Joaquim, 74 anos, casado e pai de dois filhos, migrou para os Estados Unidos três vezes: em 1968, aos 18 anos, em busca de novas oportunidades; em 1980, com a família, inicialmente prevista uma estadia de cinco anos; e em 1986, decidindo estabelecer-se permanentemente. Com ensino fundamental e sem falar inglês, encontrou apoio de brasileiros em *Nova York*, onde começou a trabalhar em restaurantes. Após se mudar para *Boston* e depois para *Marlborough*, Joaquim trabalhou por quase quarenta anos no setor, evoluindo de lavador de louças a cortador de legumes, passando por todas as funções na cozinha até assumir como cozinheiro principal. Seus filhos se formaram com sucesso nos Estados Unidos. Ele considera sua migração uma experiência transformadora e gratificante, especialmente por ter ajudado outros imigrantes brasileiros em suas trajetórias. Atualmente, vive na cidade de *Marlborough, Massachusetts*.

Carlos, 26 anos, é solteiro e sem filhos. Cursava Medicina na Bolívia quando seu pai, o único provedor da família faleceu, deixando todos em uma crise financeira. Para sustentar sua mãe e irmãos, decidiu migrar para os Estados Unidos, atravessando a fronteira terrestre do México, em 2020, levando um irmão adolescente à época com 17 anos, com a ajuda de um coiote. Sem visto, passou por *Mexicali* e Arizona, onde ficou preso por dois meses até chegar a *Boston*. Inicialmente, trabalhou na limpeza de um cinema e depois em um supermercado. Enfrentando dificuldades linguísticas e sem estabilidade no trabalho, Carlos se adaptou aos poucos, aprendendo inglês e contando com o apoio de pessoas da igreja local. Ele busca uma vida mais estável e pretende ficar nos Estados Unidos. Atualmente vive na cidade de *Lowell, Massachusetts*.

Edileia, 51 anos, é casada e mãe de um filho de 12 anos. Formada em Jornalismo, em 2018, ela migrou para os Estados Unidos com o marido e o filho, buscando estabilidade financeira após perder o emprego como professora universitária no Brasil. Entraram com visto de turista e decidiram

permanecer após o vencimento do prazo de estadia, vivendo como indocumentados. Graças à sua rede de contatos, ela encontrou rapidamente trabalho como jornalista para a comunidade brasileira, em um emprego de carga horária flexível, embora sem garantias formais – a realidade que percebe como comum no mercado de trabalho norte-americano. Apesar de desafios, como a adaptação do filho e a insegurança para percorrer longas distâncias, considera a experiência migratória positiva. Atualmente, vive com a família em *Marlborough, Massachusetts*.

Marcos, 48 anos, ensino médio incompleto, migrou aos 16 para os Estados Unidos, em 1992, fugindo de um lar instável no Brasil e em busca de novas oportunidades. Com o apoio dos parentes, atravessou a fronteira mexicana, financiando a viagem com um empréstimo. Trabalhou inicialmente em restaurantes, onde aprendeu inglês, e morou com outros imigrantes em casas compartilhadas. Sem apoio familiar ou comunitário, enfrentou dificuldades emocionais e problemas com drogas, mas reorganizou sua vida ao se associar ao grupo espírita. Hoje, é cidadão americano, divorciado, avô, e empreendedor no ramo da construção civil, onde valoriza a independência. Ele descreve sua migração como positiva, apreciando a estabilidade e o conforto que construiu. Atualmente vive na cidade de *Quincy, Massachusetts*.

Júlia, 50 anos, formada em Letras, emigrada do Brasil para os Estados Unidos em 1999 para se reunir com o marido que havia migrado dois anos antes. Com dois filhos pequenos, de 4 e 6 anos, e enfrentando dificuldades financeiras, houve uma mudança como chance de estabilidade. No Brasil, era a professora de séries iniciais. Nos Estados Unidos, começou numa padaria e logo passou a cuidar dos netos do dono do empreendimento, experiência que lhe inspirou a abrir sua própria creche em casa. A chegada ao país foi marcada por desafios: seu filho de 4 anos foi diagnosticado com leucemia, exigindo cuidados intensivos, mas ele se recuperou. Júlia e o marido tiveram mais duas filhas e mais tarde se separaram. Atualmente, ela trabalha autonomamente, cuidando de crianças brasileiras, dedicando-se entre seis e oito horas diárias. Embora tenha aprendido inglês básico, atende majoritariamente brasileiros. Encontra

apoio na igreja católica e na comunidade brasileira local. Atualmente vive na cidade de *Peabody, Massachusetts*.

Gilcélia, 50 anos, formada em prótese dentária, migrou para os Estados Unidos em 1999, buscando novas oportunidades. Após um ano, retornou ao Brasil, casou-se e teve dois filhos. Em 2018, ficou viúva e com dificuldades financeiras, quando migrou novamente com a filha de 13 anos, enquanto o filho ficou no Brasil, atualmente cursando uma universidade federal. No Brasil, Gilcélia contribuía com 10% da renda familiar, enquanto seu marido, dentista, sustentava 90%. Sem condições de manter o padrão de vida após a morte do marido, migrou para sustentar a família. Atualmente, trabalha como babá, enfrentando desafios financeiros, linguísticos e emocionais, e mantém laços com brasileiros de sua região. Atualmente vive na cidade de *Bellerica, Massachusetts*.

Andressa, 28 anos, solteira, sem filhos, graduada em Administração de Empresas e em Direito, migrou para os Estados Unidos em 2020 com visto de turista. Ela solicitou prorrogações de visto, sendo aprovadas, e iniciou o processo para obtenção de visto de trabalho, ainda em andamento. Motivada pelo desejo de mudar de vida e pela busca pela independência, Andressa, filha única e criada com mimos, sentia falta de desafios profissionais no Brasil, onde trabalhava na área administrativa de uma empresa de logística. Nos Estados Unidos, trabalhou em serviços como faxina e cuidando de crianças. Sua situação de indocumentada limita suas oportunidades em área de conhecimento específico. Ela segue aguardando a regularização para atuar em sua área. Atualmente vive na cidade de *Woburn, Massachusetts*.

Jorge, 49 anos, formado em Ciências Contábeis, emigrado para os Estados Unidos em 2018, aos 38 anos, com a esposa, três filhos e sua mãe, após o fracasso de seu negócio no Brasil, uma loja de queijos e vinhos que acumulou dívidas. Ele teve também um restaurante no Brasil. Inspirado por amigos que encontraram melhores oportunidades nos Estados Unidos, buscou uma nova chance de vida e prosperidade financeira. Entrando com visto de turista, a família decidiu permanecer depois do prazo concedido. Jorge iniciou com trabalhos fora de sua área profissional e, com apoio da comunidade brasileira,

especializou-se como bombeiro hidráulico, profissão estável e financeiramente promissora. Atualmente vive na cidade de *Woburn*, Massachusetts.

Cíntia, tem 42 anos, curso superior incompleto, é divorciada e mãe de uma filha de 22 anos. Antes de emigrar, tinha um negócio de decoração de interiores no Brasil, mas, com o fechamento do empreendimento e o fim do casamento, decidiu recomeçar sua vida. Em 2016, migrou para os Estados Unidos com sua filha de 15 anos, após aconselhamento de sua irmã, residente em *Nova York*. Trabalhou inicialmente com limpeza de casas e, depois, como babá. A adaptação ao inglês foi difícil, mas vem se desenvolvendo ao longo do tempo. A falta de documentação limita suas opções, mas ela valoriza as novas oportunidades e a liberdade conquistada. Atualmente vive na cidade de *Connecticut, Massachusetts*.

Vitória, psicóloga de 55 anos, migrou do Brasil para os Estados Unidos em 1998 em busca de mudança e aperfeiçoamento do inglês. Formada em Letras e Psicologia, ela inicialmente se hospedou como intercambista e, com apoio local, ingressou no mestrado, qualificando-se para atuar na área. Hoje, é proprietária de uma clínica de psicologia, onde atende clientes e faz mentoria a uma equipe de psicólogas na sua cidade e em outros estados. Casada com um norte-americano e mãe de uma jovem de 22 anos, ela vê a experiência migratória como um marco positivo de desenvolvimento pessoal e profissional, sentindo-se realizada e estabilizada nos Estados Unidos. Atualmente, vive em *New Hampshire*.

Tabela 2 – Caracterização sociodemográfica das pessoas imigrantes que estão vivendo nos Estados Unidos

ENTREVISTADO (A)	IDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS	COR	ESCOLARIDADE	PERÍODO DA MIGRAÇÃO	DOCUMENTADO (A) SIM/NÃO	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NO BRASIL	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NOS EUA
André	51	Casado	1	Parda	Ensino Fundamental	2002-atual	Não	Frentista em posto de gasolina	Limpeza de casas e escritórios; bombeiro hidráulico; eletricitista
Luana	50	Casada	1	Branca	Ensino Fundamental	2002-atual	Não	Bolconista em sacolão e mercearia da família	Limpeza de casas e escritórios
Valéria	47	Casada	3	Branca	Graduada em Administração; Graduada em Design	2018-atual	Não	Bancária; proprietária de restaurante; proprietária de loja de queijos e vinhos	Limpeza de casas; unhas em gel; extensão de cílios;
Jonas	74	Viúvo	4	Branca	Ensino Fundamental	1985-atual	Sim	Não se aplica	design de sobancelhas
Elenice	52	Casada	3	Parda	Ensino Médio	2017-atual	Não	Sócia em sacolão e mercearia;	Limpeza de casas;
Juarez	61	Divorciado	2	Branco	Ensino Médio	1987-atual	Sim	Subgerente de supermercado	Cuidados com crianças.
Daniel	50	Solteiro	0	Pardo	Ensino Médio	1987-atual	Não	Soldador; torneiro mecânico	Ajudante em Restaurante; Construção civil e reforma de casas.
Rita	39	Casada	1	Parda	Graduada em Ciências Contábeis	2018-atual	Não	Auxiliar administrativo -finanças	Limpeza de casas; Cozinheira; Cuidado com crianças

Lorena	45	Casada	1	Negra	Graduação em Pedagogia com pós-graduação na área	2020-atual	Não	Professora de escola municipal	Cuidados com crianças
Célio	53	Casado	1	Branco	Ensino Fundamental	2000-atual	Não	Caminhoneiro	Bombeiro hidráulico
Kleber	27	Solteiro	0	Branco	Ensino Médio	2020-atual	Não	Trabalhador Rural	Construção civil
Glória	65	Casada	2	Parda	Ensino Fundamental	1980 a 1985	Sim	Dona de casa	Limpeza de casas
Joaquim	74	Casado	2	Pardo	Ensino Fundamental	1968 a 1979 1980 a 1985	Sim	Balcão de mercearia	Cozinheiro de restaurante;
Carlos	26	Solteiro	0	Pardo	Graduação em farmácia – interrompido; Graduação em medicina – interrompido	1986-atual 2020-atual	Não	Atendente de loja; servente de pedreiro	Serviços gerais em supermercado
Edileia	51	Casada	1	Negra	Graduação em Jornalismo	2018-atual	Não	Professora universitária; escritora	Jornalista
Marcos	48	Divorciado	1	Pardo	Ensino Médio incompleto	1992-atual	Sim	Não se aplica	Construção civil
Júlia	50	Separada	4	Parda	Graduação em Letras	1999-atual	Não	Professora das séries iniciais	Cuidado com crianças
Gilcéia	50	Viúva	2	Parda	Técnica em prótese dentária	1999 a 2000 2018-atual	Não	Serviços técnicos em prótese dentária; Sócia em clínica dentária.	Limpeza de casas; Entregadora de aplicativos; Cuidado com crianças
Andressa	28	Solteira	0	Parda	Graduação em Administração;	2020-atual	Não	Auxiliar administrativa - logística	Limpeza de casas; Cuidados com crianças

Jorge	49	Casado	3	Branco	Graduação em direito	2018-atual	Não	Proprietário de restaurante; Proprietário de loja de queijos e vinhos.	Bombeiro Hidráulico
Cíntia	42	Divorciada	1	Parda	Curso superior incompleto	2016-atual	Não	Sócia proprietária em loja de decoração de interiores	Cuidados com crianças
Vitória	55	Casada	1	Parda	Graduação em Letras; Graduação em Psicologia	1998-atual	Sim	Professora de Inglês	Psicóloga; Coach

Fonte: Elaboração da autora com base em pesquisa própria.

No terceiro grupo, apresento as biografias das mulheres cujas trajetórias migratórias foram exploradas por meio de entrevistas e da narrativa de histórias de vida. Dentre elas, duas possuem *status* migratório regularizado, enquanto as outras permanecem em situação de indocumentadas. As narrativas foram coletadas seguindo a metodologia da História Oral (HO).

A história oral é uma abordagem metodológica de pesquisa que se baseia na coleta e interpretação de relatos individuais, permitindo o resgate das experiências, percepções e significados atribuídos aos acontecimentos pelos próprios sujeitos envolvidos. Conforme aponta José Carlos Meihy (1996), a história oral possibilita a delimitação de eventos específicos, situados no tempo e no espaço, utilizando a memória e a linguagem narrativa como elementos centrais na reconstrução do passado.

Nesse contexto, a memória desempenha um papel essencial, uma vez que se constitui como um registro subjetivo e dinâmico das vivências. Diferente dos documentos escritos, que muitas vezes são elaborados por instituições ou autoridades, os relatos orais fornecem uma perspectiva mais pessoal e plural dos eventos, revelando nuances e significados que podem ser negligenciados por fontes tradicionais de registro histórico. Assim, a história oral se torna um instrumento valioso para dar voz a grupos marginalizados ou pouco representados nas formas convencionais de documentação histórica.

Meihy (1996) destaca que a metodologia da história oral exige um rigoroso cuidado tanto na condução das entrevistas quanto na análise das informações obtidas. A relação entre entrevistador e entrevistado deve ser construída com base no respeito mútuo e na escuta ativa, de modo a garantir que os relatos sejam colhidos de maneira ética e fidedigna. Além disso, o pesquisador deve estar atento aos desafios impostos pela subjetividade da memória, como lacunas, esquecimentos ou reconstruções que podem ser influenciadas por experiências posteriores.

Os relatos obtidos nessas entrevistas refletem de forma vívida os desafios e as particularidades da jornada migratória, trazendo à tona aspectos únicos das vivências das entrevistadas. Durante o processo de transcrição das entrevistas, escutava repetidamente os relatos, o que me permitiu aproximar-me das histórias e desenvolver uma maior empatia pelas experiências compartilhadas. Esse envolvimento pessoal foi fundamental para estabelecer uma conexão mais profunda com as narrativas, enriquecendo a construção dos textos que culminaram em uma coleção de livros. Tal proximidade não

apenas transformou o processo analítico, mas também influenciou a maneira como as experiências foram reinterpretadas e apresentadas.

Segundo Karel Kosik (2002, p. 13), a dialética aborda a "coisa em si", mas a "coisa em si" não se manifesta imediatamente ao ser humano. Para o autor, a realidade não se apresenta de forma direta e evidente; o homem cria suas próprias representações das coisas e elabora um sistema correlativo de noções para compreender e fixar o aspecto fenomênico da realidade. A adoção do "método" materialista histórico dialético, desenvolvido por Marx, parte dessa constatação, já que ele distingue a representação e o conceito da coisa com o objetivo de compreendê-la como dois graus de conhecimento da realidade, duas qualidades das práxis humana. A observação inicial não se revela como uma realidade acabada, mas como parte dela. Para José Paulo Netto (2011, p. 22), esse "método de pesquisa favorece o conhecimento teórico, partindo da aparência, mas com o objetivo de alcançar a essência do objeto".

Um aspecto central deste estudo, sustentado pela História Oral, é o papel da memória no processo narrativo. Ao convidar as entrevistadas a revisitar o passado, mesmo que recente, compreendemos a memória como um trabalho, conforme Ecléa Bosi (1995). Esse processo de rememoração vai além do simples resgate de fatos; envolve a reconstrução das experiências acumuladas até o presente. A memória, portanto, se configura como um processo ativo e dinâmico de reconstrução, no qual os sujeitos não apenas recordam, mas também interpretam, reconstróem e atribuem novos significados a essas vivências.

Segundo Bosi (2003), a memória oral se destaca por permitir a expressão de perspectivas diversas, o que enriquece a compreensão das experiências humanas. Ao contrário de uma visão unilateral ou homogênea, a memória oral reflete a pluralidade de pontos de vista, oferecendo uma janela mais ampla para entender as complexidades das vivências individuais e coletivas. Nesse sentido, a memória não busca formular uma teoria histórica ou acadêmica rígida, mas, sim, ilustrar as sutilezas e os múltiplos sentidos que emergem das experiências de vida. A memória oral, assim, contribui significativamente para o campo da História das Mentalidades e Sensibilidades, proporcionando uma abordagem mais humanizada e rica das experiências que muitas vezes são silenciadas nas fontes tradicionais de registro histórico.

Bosi (2003) também levanta uma questão pertinente sobre o resgate da memória nas ciências humanas, questionando se esse movimento seria uma moda passageira ou uma necessidade mais profunda de reconexão com as raízes. Para ela, a memória não é

apenas um retorno ao passado, mas um vínculo essencial para a construção do presente. Ao olhar para o passado, encontramos as bases da nossa identidade e a força necessária para enfrentar as complexidades do presente. Nesse sentido, a memória é vista como uma chave para compreender quem somos, de onde viemos e como nos situamos no mundo, sendo fundamental para o entendimento de nossa trajetória pessoal e coletiva.

Bosi enfatiza ainda que o vínculo com a memória é um direito humano fundamental, comparável a outros direitos relacionados à sobrevivência. O resgate de memórias não se limita à simples preservação do passado, mas se configura como uma forma de reivindicar a continuidade da identidade e da dignidade de indivíduos e grupos. Nesse processo, as narrativas orais se tornam uma ferramenta poderosa para a reafirmação da identidade e a construção de um espaço de reconhecimento social e cultural, permitindo que aqueles cujas histórias foram marginalizadas ou silenciadas encontrem, por meio da lembrança, um meio de resgatar sua própria voz e legitimidade.

Paul Ricoeur (2007) reforça essa visão ao afirmar que as fontes do passado desafiam o presente, promovendo reflexões sobre como o passado interfere na compreensão e vivência do tempo atual. A memória, nesse sentido, vai além de um arquivo de eventos: ela é uma ponte entre épocas, permitindo que o passado dialogue com o presente e revele novas perspectivas sobre a realidade.

Simone Weil (1979), enfrentando os horrores do nazismo, encontrou no conhecimento uma forma de resistência intelectual. Para ela, aprofundar-se na reflexão era uma maneira de se proteger e resistir à opressão. Essa busca incansável por respostas diante do caos exemplifica como o saber pode se tornar um instrumento de resistência moral e intelectual, mesmo em contextos adversos.

Na história recente, Alain Corbin (1996) observa que os testemunhos vivos permitem reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época. Esses relatos oferecem uma visão direta das experiências vividas, enriquecendo a compreensão das emoções, percepções e atitudes que moldaram o passado, possibilitando um resgate mais detalhado e complexo da história.

Maurice Halbwachs (1990) acrescenta que a memória coletiva, moldada e compartilhada por grupos, vai além do individual. Alimentada por imagens, sentimentos e valores, ela confere uma identidade profunda a uma classe social e conecta seus membros por meio de referências comuns. Essa memória coletiva, ao se propagar entre classes e gerações, constrói uma base compartilhada para compreender e preservar o passado, reforçando os laços entre os indivíduos e seu grupo.

A memória oral, apesar de sua riqueza, apresenta desvios, preconceitos e inautenticidades. Esquecimentos, omissões e contradições nas narrativas refletem como fatos históricos são vivenciados e reinterpretados no cotidiano. Como aponta Ricoeur (2007), esses elementos revelam a forma como indivíduos e grupos lidam com o passado. Aspectos ausentes ou distorcidos nas narrativas podem ser tão reveladores quanto o que é explicitamente dito, oferecendo pistas sobre os processos de memória coletiva e as tensões que moldam a construção da história no nível pessoal e social.

Bosi (2003) destaca que, embora a técnica conecte o mundo em redes globais, ela não substitui o valor da reflexão solitária e das interações humanas profundas. A riqueza de formas de comunicação, como conversas significativas entre amigos, transcende o alcance da tecnologia. Essas interações, enraizadas na memória e na história, são essenciais para a construção da identidade coletiva e pessoal, oferecendo experiências insubstituíveis, que a técnica não pode reproduzir.

Os depoimentos orais também revelam as profundas diferenças nas vivências de pessoas que compartilham o mesmo período histórico. Enquanto alguns têm uma consciência histórica militante, outros apenas lutam pela sobrevivência. Mais do que dados factuais, as narrativas sugerem interpretações sutis, traçando caminhos inesperados que exigem análise cuidadosa.

Como observa Bosi (2004), a memória viva, expressa por meio de relatos, transcende os fatos concretos ao oferecer acesso aos sentimentos e emoções que compõem as vivências humanas. Esse processo de escuta e interpretação revela nuances e significados que não são imediatamente evidentes, permitindo compreender o contexto humano e subjetivo de cada história. A memória, em sua complexidade, vai além do que é dito explicitamente, apresentando implicações e perspectivas que enriquecem nossa compreensão do passado.

Os depoimentos revelam que o tempo não é homogêneo ou vazio, mas um campo de significados e índices, como argumenta Carlo Ginzburg (1989). O tempo, longe de ser uma sucessão linear, carrega sinais que exigem uma leitura cuidadosa para extrair seus significados. Nesse sentido, a memória, ao emergir nos depoimentos, conecta passado e presente, oferecendo interpretações que vão além do simples registro de eventos.

Bosi (2004) ressalta que o tempo intensifica o valor das coisas, transformando espaços e objetos em repositórios de memórias que moldam nossa identidade. A casa, por exemplo, transcende sua função física para se tornar um lugar de significados e experiências formadoras, cujas lembranças se ressignificam ao longo do tempo. Assim, a

memória e os sonhos desempenham um papel essencial na preservação de elementos que ultrapassam o visível e o concreto.

Essa pesquisa evidenciou que a memória das experiências migratórias vai além da simples documentação de fatos, permitindo a exploração da dimensão social dessas vivências. Os relatos das mulheres entrevistadas revelam tanto aspectos individuais quanto processos coletivos e estruturais. Nesse contexto, a memória não é um registro passivo, mas um elemento ativo, que reconstrói e ressignifica experiências à luz dos desafios e transformações da migração.

As narrativas desempenharam um papel essencial na criação da coleção de livros *Mulheres que vão ao fim do mundo*. O projeto buscou dar visibilidade a experiências frequentemente negligenciadas, conectando mulheres migrantes a histórias pouco conhecidas. Além das quatro mulheres deste terceiro grupo, a coleção também inclui o relato de uma mulher do primeiro grupo que foi deportada. Mais do que simplesmente contar suas histórias, essa abordagem possibilitou a construção de um espaço criado por elas e para elas, reafirmando a importância de valorizar suas vozes como protagonistas.

A pesquisa revelou que a migração, especialmente para mulheres, é mais do que um deslocamento físico: é um processo de transformação que impacta profundamente suas identidades, relações familiares e papéis de gênero. Envolvendo cooperação, redes de apoio e ressignificação de suas trajetórias, as histórias destacam como a migração atravessa questões de classe, gênero e identidade.

Ao enfatizar essas dimensões, a pesquisa amplia a compreensão sobre os desafios e estratégias de resistência enfrentados pelas mulheres migrantes. As biografias fornecem uma base para análises detalhadas, explorando aspectos como decisão de migrar, a adaptação em território desconhecido, a inserção no mercado de trabalho e dinâmicas comunitárias. Por meio desses testemunhos, é possível compreender como essas mulheres ressignificam suas experiências, conciliando memórias, identidades e relações em constante transformação.

4.5 Biografias de mulheres migrantes nos Estados Unidos e suas experiências de vida

Aurora, 60 anos e com ensino fundamental, é uma migrante brasileira com história de ida e volta aos Estados Unidos. Antes de migrar, era cabeleireira e tinha seu próprio salão. Emigrou em 1986, motivada por melhores condições

financeiras e para reunir-se ao marido. Deixou três filhos no Brasil e, nos Estados Unidos, desafiou a barreira do idioma, do racismo e trabalhou em serviços gerais de limpeza, e na construção civil. Voltou em 1993 para se reunir aos filhos, mas retornou aos Estados Unidos em 2019 com um *green card* concedido por uma das filhas nascida nos Estados Unidos. Hoje, Aurora reflete sobre sua experiência migratória com gratidão, valorizando a proximidade com a família. Atualmente vive na *Flórida*.

Magnólia, 60 anos, ensino médio, migrou para os Estados Unidos em 1998 para melhorar financeiramente e construir um patrimônio, deixando seu trabalho no comércio de cosméticos no Brasil. Nos Estados Unidos, começou na limpeza de casas e gradualmente constituiu um negócio próprio de limpeza. Comprou uma casa que hoje rende aluguel de quartos. A barreira do idioma e das experiências de exploração no trabalho por brasileiros foram desafios que levaram a buscar independência. Em 2019, casou-se para obter documentação, obteve a cidadania em 2024. Hoje, mora com a filha norte-americana e valoriza a estabilidade financeira que a migração proporcionou, sem planos de retorno. Atualmente vive em *Somerville, Massachusetts*.

Brígida, 54 anos, migrou para os Estados Unidos duas vezes, de 2004 a 2006 e novamente em 2021, motivada por dificuldades financeiras e em busca de melhores oportunidades. Com ensino até a 8ª série, era proprietária de uma loja de roupas no Brasil. Nos Estados Unidos, trabalhou em limpeza de casas, lavanderia de roupas, e no cuidado de crianças, garantindo uma renda suficiente para sua subsistência e envio de pequenas remessas para seus filhos no Brasil. Ela destaca a sazonalidade no mercado de trabalho, o que influencia diretamente seus ganhos. Com apoio da irmã e ainda superando barreiras como o idioma, ela considera a experiência gratificante para proporcionar estabilidade e novos aprendizados. Apesar de valorizar sua vivência migratória, Brígida afirma que o Brasil é o seu lugar, avaliando ganhos e perdas ao longo da jornada. Atualmente vive na cidade de *Everett, Massachusetts*.

Olivia, 48 anos, com ensino médio, é uma migrante brasileira com duas experiências nos Estados Unidos. A primeira migração, de 2002 para 2009, foi motivada pelo namorado e pela falta de oportunidades em sua cidade de origem no Brasil. Apesar das dificuldades com o idioma, investiu em cursos de inglês e hoje tem uma fluência que a permite transitar e resolver suas demandas. Começou trabalhando em limpeza de casas, e em lanchonetes até se estabilizar na costura de roupas. Retornou ao Brasil para ajudar nos cuidados com o pai enfermeiro e tentou abrir um negócio de moda, mas a falta de recursos a levou a migrar novamente em 2016, desta vez como mãe de uma filha de três anos. Encontrou sua vocação na costura e se especializou em vestidos de noivas. Mãe solteira, Olivia prioriza a segurança e a educação da filha, considerando a migração uma experiência valiosa, embora mantenha saudades do Brasil e sonhe em viver na Flórida. Atualmente, vive em *Medford, Massachusetts*.

Tabela 3 – Caracterização sociodemográfica de mulheres migrantes nos Estados Unidos

ENTREVISTADO (A)	IDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS	COR	ESCOLARIDADE	PERÍODO DA MIGRAÇÃO	DOCUMENTADO (A) SIM/NÃO	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NO BRASIL	FORMAÇÃO E/OU PROFISSÃO NOS EUA
Aurora	60 anos	Separada	5	Negra	Ensino Fundamental	1996 a 1993; 2022 - atual	Sim	Cabeleireira	Serviços Gerais; Construção civil
Magnólia	60 anos	Relação Estável	1	Parda	Ensino Médio	1998 - atual	Sim	Vendedora em loja de cosméticos	Limpeza de casas
Brígida	54 anos	Divorciada	3	Branca	Ensino Fundamental	2004 a 2006; 2021 - atual	Não	Proprietária de loja de roupas	Limpeza; lavanderia de roupas; cuidado com crianças.
Olívia	48 anos	Solteira	1	Branca	Ensino Médio	2002 a 2009; 2016 - atual	Não	Fabricante de roupas	Garçomete; lavanderia; limpeza de casas; costura

Fonte: Elaboração da autora com base em pesquisa própria.

5. CAPÍTULO 4: REDES DE APOIO E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS: uma análise qualitativa da migração de emigrantes de Governador Valadares

5.1 Introdução

Neste capítulo, analiso o primeiro, o segundo e o terceiro objetivo específico, propondo uma análise crítica do processo migratório dos imigrantes de Governador Valadares que participaram deste estudo. A investigação destaca o papel das redes sociais e de apoio ao longo de suas trajetórias migratórias, bem como sua inserção no mercado de trabalho nos Estados Unidos. Busco assim compreender como essas redes influenciam a construção das trajetórias profissionais e o *status* migratório dos indivíduos, considerando seus impactos desde a decisão de migrar até a adaptação ao novo contexto laboral.

Nossa análise qualitativa foi organizada em categorias e subcategorias que capturam diferentes dimensões da experiência migratória, fundamentando-se nos princípios de categorização de Laurence Bardin (1977), como exclusão mútua, homogeneidade, relevância, objetividade e profundidade. Esse processo permitiu conectar os depoimentos dos entrevistados aos pressupostos teóricos da pesquisa, proporcionando uma compreensão mais aprofundada sobre o papel dos laços familiares, amizades, comunidades locais e redes profissionais ao longo da jornada migratória. Além disso, possibilitou a identificação dos principais desafios enfrentados e das estratégias adotadas para alcançar mobilidade social e econômica.

As categorias principais estruturam-se em torno das motivações para a migração e do papel das redes sociais, desdobrando-se em subcategorias que detalham aspectos específicos dessa experiência e possibilitam uma visão sistemática das inter-relações entre os imigrantes e suas redes de suporte. A partir desse quadro descritivo, desenvolvo uma análise crítica sobre as contribuições e limitações dessas redes, bem como suas implicações para o percurso migratório e a inserção no mercado de trabalho.

Para a avaliação crítica das entrevistas com 32 participantes, foram utilizados nomes fictícios e identificados por grupo. A análise foi baseada na identificação de temas, destacando categorias e subcategorias relevantes para a entrevistadora quanto para os entrevistados (Jovchelovitch; Bauer, 2002).

Quadro Descritivo 1 – Matriz de análise qualitativa das entrevistas

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	PERGUNTA DO ROTEIRO SEMIESTRUTURADO / RESPOSTAS DE ENTREVISTADOS (CASOS)	DESCRIÇÃO / ASPECTOS RELEVANTES
Motivações Econômicas	Oportunidade Financeira	Por qual motivo você migrou para os EUA? (Entrevistados: 12 e 16)	Obter melhores rendimentos financeiros. Resolver problemas de endividamento Garantir o futuro com recursos, casa, carro e ajudar a família.
	Situação financeira atual	(Entrevistado: 10)	Condição financeira precária. Endividamento (dívidas bancárias, refinanciamento de bens, moradia cedida).
	Falta de perspectiva	(Entrevistados: 13, 14, 15, 17, 19)	Trabalho com rendimentos insuficientes. Qualificação insuficiente para boas remunerações no mercado local. Falta de perspectiva de crescimento no mercado de trabalho local e necessidade de sustento familiar. Incertezas relacionadas a contratos ou rendimentos profissionais.

Influências Sociais e Familiares	Influência de familiares ou pessoas próximas	Em relação a migração para os EUA como surgiu a ideia? (Entrevistado: 15)	Incentivo a familiares que já migraram. Apoio financeiro para viabilizar a migração.
	Mudança de vida e contexto familiar	(Entrevistados: 3 8)	Superar fracassos profissionais ou dificuldades no mercado de trabalho. Sair da casa de familiares ou sogros.
	Fatores emocionais e sociais	(Entrevistados: 18, 19)	Superação de eventos pessoais, como desilusões amorosas Desejo de mudança de vida e fuga de um ambiente percebido como limitante
Razões Pessoais e Condições Socioeconômicas	Limitações no Brasil:	Em relação a migração para os EUA como surgiu a ideia? (Entrevistados: 13, 14, 17, 20, 23, 24).	Falta de perspectiva de progresso profissional ou financeiro Dificuldades econômicas e necessidade de sustento familiar Qualificação insuficiente para boas remunerações no mercado local
Redes de Apoio Familiar e Comunitário	Apoio de familiares e parentes	Como conseguiu seu primeiro emprego nos EUA? (Entrevistados: 5, 6, 9, 10, 17, 19,20)	Trabalho oferecido por familiares que já estavam nos EUA Trabalho com familiares que possuem negócios próprios
	Apoio de amigos e conhecidos	(Entrevistados: 11, 12, 13)	Trabalho obtido por meio de amigos que já foram estabelecidos nos EUA

Inserção Profissional de Emigrantes	Formas de Inserção Inicial no Mercado de Trabalho	Qual é o seu principal trabalho e fonte de renda? (Entrevistados: 1, 21, 28, 30, 32)	Apoio de amigos de origem religiosa ou comunitária, como compras
	Processos de inserção no mercado de trabalho	(Entrevistados: 8, 26)	Tipos de ocupações iniciais e setores de atuação. Barreiras enfrentadas na entrada no mercado de trabalho. Estratégias de superação (habilidades, cursos, etc.).
	Condições de Trabalho	Em relação ao seu trabalho nos EUA: Em média quantas horas por dia você trabalhava? (Entrevistados: 5, 21, 26, 28)	Setores de maior concentração de imigrantes valadarenses. Estratégias de adaptação profissional (requalificação, informalidade, empreendedorismo). Barreiras enfrentadas, como idioma, <i>status</i> migratório e discriminação.
			Jornada de trabalho, remuneração e benefícios. Riscos e precariedades (ex.: trabalhos perigosos ou sem proteção legal). Impacto da regularização ou ausência de <i>status</i> migratório nas condições laborais.

	<p>Características Socioeconômicas e Gênero</p>	<p>Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:</p> <p>Escolaridade e qualificação profissional.</p> <p>(Entrevistados: 5, 30)</p>	<p>Padrões de gênero nas ocupações e condições de trabalho (ex.: divisão sexual do trabalho).</p> <p>Escolaridade e qualificação profissional dos migrantes e seu impacto no mercado.</p> <p>Relação entre classe social no Brasil e as oportunidades nos EUA.</p>
	<p>Evolução temporal e impacto cultural</p>	<p>Nos EUA você fez algum curso?</p> <p>Qual tipo de trabalho que você executava antes de migrar para os EUA? Qual tipo de trabalho você executa nos EUA?</p> <p>(Entrevistados: 4, 8, 16)</p>	<p>Diferenças nas condições de trabalho e redes sociais entre as décadas de 1980 e o presente.</p> <p>Mudanças nos fluxos migratórios e sua influência nas oportunidades.</p> <p>Impactos culturais e sociais na comunidade de imigrantes ao longo do tempo.</p>
	<p>Dificultadores da Mobilidade Profissional</p>	<p>Quantos empregos você já teve nos EUA?</p> <p>Qual foi a forma de entrada nos EUA, custo da viagem e como financiou?</p> <p>(Entrevistados: 1, 8, 16, 32)</p> <p>Qual a maior dificuldade relacionada a inserção no mercado</p>	<p>Mudanças de ocupação ao longo do tempo.</p> <p>Fatores que contribuem para a ascensão ou estagnação profissional.</p> <p>Impacto do <i>status</i> migratório na progressão profissional.</p>
	<p>Fatores Estruturais e seus impactos</p>		<p>Influência do gênero e marcadores sociais na inserção e mobilidade.</p>

		de trabalho que você encontrou como emigrante nos EUA? (Entrevistados: 5, 8)	Efeitos de desigualdades socioeconômicas na trajetória laboral. Repercussões de políticas migratórias na estabilidade profissional.
Redes Sociais e Capital Social	Redes de Apoio no Processo Migratório	Em relação ao seu primeiro emprego nos EUA como o conseguiu? (Entrevistados: 7, 19)	Tipos de redes (familiares, comunitárias, religiosas). Papel das redes na facilitação da migração (orientações, empréstimos, apoio logístico).
	Redes no Mercado de Trabalho	Em seu primeiro emprego trabalhou para: (Entrevistados: 15, 18)	Como redes sociais contribuem para encontrar trabalho. Interações entre redes formais (agências, ONGs) e informais (comunidades, amigos). Casos de exploração ou dependência por conta das redes.
	Impacto do Capital Social na Trajetória Profissional	Quais foram as maiores dificuldades encontradas para conhecer novos grupos de apoio de brasileiros da sua região? (Entrevistados: 6,14, 24)	Relação entre acesso a redes e oportunidades de ascensão. Diferenças no uso e eficácia das redes por gênero e <i>status</i> migratório. Dificuldades enfrentadas por aqueles com acesso limitado a redes.

Autonomia e Empreendedorismo	Transição para Empreendimentos Próprios	Em relação mudanças de trabalho nos EUA, como ocorreram? (Entrevistados: 15, 17, 30)	<p>Papel das redes sociais no financiamento ou suporte inicial de empreendimentos.</p> <p>Setores de empreendedorismo predominantes entre os emigrantes (ex.: construção, comércio).</p> <p>Barreiras enfrentadas na formalização e regularização dos negócios.</p>
	Desigualdades e Barreiras estruturais	(Entrevistados: 14, 22, 31)	<p>Diferenças de gênero no acesso a oportunidades de empreendedorismo.</p> <p>Impacto do <i>status</i> migratório na capacidade de obter autonomia econômica.</p> <p>Barreiras culturais e legais que dificultam a expansão de negócios próprios.</p>

Fonte: Elaboração da autora com base em pesquisa própria.

5.2 Análise crítica das categorias e subcategorias

5.2.1 Motivações econômicas

A categoria “Motivações econômicas”, com a subcategoria “Oportunidade financeira”, reflete um padrão frequente entre os emigrantes de Governador Valadares, evidenciando o papel central das aspirações financeiras no processo migratório. A busca por melhores rendimentos, a quitação de dívidas e a garantia de um futuro mais estável — incluindo a aquisição de recursos materiais e o suporte à família, emergem como fatores determinantes na decisão de emigrar. Essa dinâmica está alinhada, mas também tensiona as teorias clássicas da migração internacional.

Os depoimentos coletados ilustram claramente essas motivações. **Daniel**, por exemplo, relata que tomou a decisão de emigrar para quitar uma dívida assumida em nome de seu irmão, que desistiu da viagem: “*Fiz uma dívida para meu irmão vir para os Estados Unidos e depois ele desistiu. Eu estava com a dívida em meu nome e decidi vir no lugar dele. Isso há mais de vinte anos.*” (**Daniel**, Grupo 2). Esse testemunho evidencia a motivação econômica direta, mostrando como a migração pode ser uma estratégia para solucionar problemas financeiros já existentes.

De forma semelhante, **Rita** compartilha que sua decisão de migrar junto com o marido foi motivada pela perspectiva de melhores ganhos financeiros:

Minha migração, junto com meu marido, aconteceu por uma ideia inicial dele. Meu marido então decidiu migrar para os Estados Unidos para ganhar em dólar. Depois, conversamos com conterrâneos que já estavam há mais tempo neste processo. Eu estava grávida de dois meses. Entendi que era a melhor escolha virmos juntos. Em nossa chegada fomos acolhidos na casa de amigos, onde ficamos até conseguir alugar um espaço para nós. (**RITA**, Grupo 2)

Essa narrativa não apenas reafirma a dimensão econômica da migração, mas também destaca a importância das redes de apoio na adaptação dos migrantes, um aspecto fundamental na abordagem sociológica do fenômeno migratório.

A perspectiva neoclássica da economia da migração, conforme apresentada por Sasaki e Assis (2000), sugere que a principal força motriz da migração internacional é a disparidade salarial entre países. Essa teoria argumenta que os mercados de trabalho, e não outros setores, são os responsáveis por induzir os fluxos migratórios, ao buscar um equilíbrio de renda e emprego. Aplicada a este contexto, a migração de Governador Valadares para os Estados Unidos pode ser interpretada como um movimento racional e

calculado, no qual os trabalhadores migram para ampliar seus rendimentos e melhorar suas condições econômicas em resposta às oportunidades percebidas no mercado de trabalho norte-americano.

No entanto, essa abordagem econômica de racionalidade restrita é enriquecida e, em certa medida, desafiada pela perspectiva de Portes (1995). Este autor propõe que as escolhas migratórias não devem ser compreendidas de forma isolada, mas como parte de estruturas sociais mais amplas, marcadas por interações dentro de redes sociais e grupos étnicos orientadas por expectativas de reciprocidade. Os migrantes de Governador Valadares não são apenas indivíduos em busca de melhores condições, mas agentes que mobilizam capital social e redes de apoio para sustentar sua mobilidade espacial e socioeconômica.

Essa análise sugere que, embora as *motivações econômicas* sejam um ponto de partida crucial para a compreensão das consequências, elas estão intrinsecamente ligadas a fatores sociais. O suporte de familiares, amigos e comunidades locais – que muitas vezes oferece informações, oportunidades de trabalho e assistência na adaptação – contribui significativamente para as decisões e resultados migratórios. Assim, a teoria de Portes (1995) fornece uma lente mais abrangente, permitindo a análise da migração como um processo multifacetado, no qual objetivos econômicos e dinâmicas sociais se entrelaçam.

Essa complexidade ressalta que, para os emigrantes valadarenses, a migração não é apenas uma busca por ganhos materiais, mas um projeto coletivo e relacional, moldado por expectativas de apoio e reciprocidade que transcendem as motivações financeiras iniciais.

5.2.2 Situação financeira atual

A subcategoria “Situação financeira atual” evidencia a precariedade econômica vivida pelos emigrantes de Governador Valadares, marcada por endividamento, dívidas bancárias, refinanciamento de bens e moradia cedida. Esse quadro instável revela uma realidade de vulnerabilidade financeira que atua como fator determinante para a migração, refletindo as limitações estruturais da economia local, que não oferece alternativas sustentáveis para a estabilidade e ascensão social. O endividamento, nesse contexto, não é apenas uma circunstância pontual, mas o sintoma de uma economia regional fragilizada, que empurra indivíduos e famílias a buscar fora do país os meios de reconstruir sua segurança material.

O depoimento de **Elenice** ilustra bem essa realidade:

O motivo principal de irmos pra cá foi financeiro. Ficamos endividados de um modo que não tínhamos alternativas para saldar as dívidas. Já estava rolando empréstimos com amigos e em bancos, refinanciamento do carro, morando numa casa emprestada de uma tia do meu marido. Depois de um ano de migração já enviando remessas para saldar as dívidas nos encontrávamos em outro cenário e com uma esperança renovada (ELENICE, Grupo 2)

Este relato evidencia como a migração se insere em uma lógica estratégica de enfrentamento da crise financeira pessoal. O envio de remessas, logo no primeiro ano após a migração, revela um compromisso com as responsabilidades deixadas no país de origem e reforça o papel da migração como mecanismo de reequilíbrio financeiro familiar. A decisão de migrar, portanto, não se reduz a uma busca abstrata por melhores condições de vida, mas se relaciona diretamente com a tentativa de estancar um processo de endividamento acelerado e sem saída no contexto local.

A análise de Sassen (1991) é particularmente relevante para compreender esse fenômeno. A autora argumenta que, embora fatores como pobreza e desemprego sejam condições estruturais que influenciam os fluxos migratórios, é fundamental entender como esses fatores são mobilizados por transformações mais amplas na economia global. Para Sassen, a migração ocorre em um espaço transnacional marcado pela circulação de pessoas, capitais, mercadorias e informações. Assim, a migração deve ser lida não apenas como uma resposta individual à carência econômica, mas como uma manifestação de processos econômicos globais que, ao reorganizarem o trabalho e o capital, desestabilizam economias locais e empurram populações para fora de seus territórios de origem.

Sasaki e Assis (2000) complementam essa perspectiva ao sublinhar o papel do investimento estrangeiro e da internacionalização da produção na definição dos padrões migratórios. São argumentos de que esses movimentos de capital não são neutros: ao reconfigurarem os mercados de trabalho e concentrarem oportunidades em determinados polos, produzem exclusões em outras regiões, como é o caso do interior de Minas Gerais. A migração de valadarenses para os Estados Unidos pode, assim, ser entendida como uma resposta direta a essa reorganização econômica que, ao mesmo tempo em que marginaliza determinadas regiões, reforça a centralidade de outras como destinos de trabalho e geração de renda.

Dessa forma, a análise da situação financeira atual dos migrantes precisa ser ampliada para além dos aspectos individuais ou familiares. As dívidas, a busca por recursos no exterior e o envio de remessas revelam a imbricação entre trajetórias pessoais e dinâmicas econômicas globais. A migração aparece, nesse sentido, como uma resposta à falência de alternativas locais de mobilidade social e à consolidação de um sistema transnacional que torna a circulação de pessoas uma via de acesso ao capital — não apenas para os migrantes, mas também para as famílias e comunidades que permanecem em seus países de origem.

5.2.3 Falta de perspectiva

A subcategoria "Falta de perspectiva" evidencia as limitações enfrentadas pelos emigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho local. Essas dificuldades incluem baixos rendimentos, qualificação inadequada para melhores oportunidades, ausência de perspectivas de crescimento e incertezas relacionadas à estabilidade laboral. Somados à necessidade de sustentar suas famílias, esses fatores criam um cenário de estagnação e vulnerabilidade, no qual a migração se apresenta como uma alternativa viável para a busca de melhores condições de vida.

O depoimento de **Aurora** ilustra essa realidade ao relatar:

Trabalhar e obter melhores ganhos, além de me reencontrar com meu marido que tinha migrado antes. Eu e meu marido não estudamos, o que dificultava a obtenção de um emprego com boas remunerações. Tínhamos três filhos que ficaram no Brasil sob os cuidados da minha sogra por sete anos. Durante esse período nos Estados Unidos tivemos mais duas filhas. (AURORA, Grupo 3)

Essa fala evidencia como a falta de qualificação e de oportunidades no mercado de trabalho local tornaram a migração uma escolha necessária para garantir a subsistência da família.

Conforme Marx (2003), embora os indivíduos façam sua própria história, eles não se constroem em circunstâncias livremente escolhidas, mas dentro de condições herdadas e moldadas por forças sociais, econômicas e históricas. A falta de perspectivas no mercado de trabalho local pode ser compreendida como uma dessas circunstâncias estruturais, resultante de desigualdades sociais, exclusão do mercado global e transformações econômicas que restringem a mobilidade social. Assim, os emigrantes se veem compelidos a tomar decisões que, embora pareçam individuais, estão

profundamente enraizadas em dinâmicas sociais mais amplas, muitas vezes transmitidas de gerações anteriores.

Bauman (2017) complementa essa análise ao situar a migração como um fenômeno moderno e histórico, inerente às transformações econômicas e sociais. Ele ressalta que o progresso econômico frequentemente produz populações "não empregáveis" em suas localidades de origem, deslocando-as para regiões mais desenvolvidas, onde a mão de obra barata é explorada pelos interesses empresariais. Nesse contexto, os emigrantes deixam um cenário "estéril" de oportunidades em busca de mercados de trabalho promissores, mas enfrentam, nos destinos, condições de precariedade e competição, perpetuando ciclos de incerteza e exploração.

Essa precariedade é agravada pelo enfraquecimento do papel do Estado, como apontado por Feitosa (2018) e Castells (1999). No chamado "espaço de fluxos", forças supraestatais, como o mercado global, minam a capacidade do Estado de atender às demandas sociais, deixando os indivíduos à própria sorte. Essa desconexão entre o Estado e seus cidadãos gera descrença na possibilidade de melhora local e reforça a percepção de que a migração é a única alternativa viável para superar as dificuldades estruturais.

Portanto, a análise da falta de perspectiva no contexto migratório reflete não apenas as limitações individuais, mas também a complexa interseção de forças locais e globais que moldam as decisões dos emigrantes. Esses movimentos migratórios, impulsionados pela busca de melhores condições de trabalho, revelam tanto a resiliência individual quanto as falhas estruturais de um sistema econômico global que perpetua a desigualdade e a exclusão.

5.2.4 Influências sociais e familiares

A análise da subcategoria "Influência de familiares ou pessoas próximas" destaca o papel central das redes de apoio no processo migratório de indivíduos de Governador Valadares. O incentivo dos familiares que já migraram e o suporte financeiro oferecido para viabilizar a jornada são aspectos recorrentes no contexto dessa migração, evidenciando como os laços sociais e familiares moldam decisões e estratégias migratórias. Essa dinâmica está presente no depoimento de **Magnólia**, que relata:

Surgiu como uma alternativa de viver melhor, com melhores ganhos. Na época que vim para os Estados Unidos era meio que uma tendência. Meu irmão já tinha vindo para este país antes de mim. Tinha muita gente fazendo este

percurso: o sonho americano de comprar casa, comprar carro, abrir empreendimento dentre outros. (MAGNÓLIA, Grupo 3)

O depoimento de **Magnólia** reflete o fenômeno de influência familiar direta na decisão de migrar, um padrão amplamente documentado por estudiosos como Sousa (2016), Margolis (1994) e Martes (1999). A presença de familiares que já realizaram a migração funciona como um fator encorajador e estruturante, não apenas pelo suporte financeiro, mas também pela disseminação de informações sobre o processo migratório. Isso inclui orientação sobre documentação, rotas e inserção no mercado de trabalho norte-americano, facilitando a adaptação do migrante ao novo contexto.

Desde os anos 1960, a migração para os Estados Unidos tornou-se um elemento estruturante do imaginário coletivo em Governador Valadares. Sousa (2016) ressalta que a disseminação de experiências bem-sucedidas de migrantes, seja por meio de visitas temporárias ou pelo envio de recursos financeiros, fortaleceu um ciclo de aspiração e ação migratória. Esse fenômeno não apenas alterou a dinâmica social e econômica local, mas também consolidou uma cultura migratória que se perpetua através das gerações.

As mudanças estruturais no mercado de trabalho em Governador Valadares também contribuíram para o fortalecimento dessa cultura migratória. Como assinala Siqueira (2009), a falta de oportunidades locais impulsionou a migração como alternativa viável para melhores condições de vida. Assis (1995) complementa essa análise ao demonstrar que a migração impactou não apenas a reconfiguração das famílias – frequentemente separadas pela distância geográfica –, mas também a circulação de capitais, utilizados para viabilizar novos fluxos migratórios.

Portanto, o relato de **Magnólia** exemplifica a influência das redes de apoio familiares e sociais na decisão de migrar e na integração dos migrantes em seus destinos. Essas redes desempenham um papel estruturante na perpetuação da cultura migratória em Governador Valadares, refletindo não apenas um fenômeno de escolha individual, mas um processo moldado por dinâmicas sociais, econômicas e históricas interconectadas.

5.2.5 Mudança de vida e contexto familiar

A subcategoria "Mudança de vida e contexto familiar" reflete a dimensão individual e relacional da migração, evidenciando como fatores pessoais e familiares influenciam a decisão de emigrar. Os participantes do estudo indicaram a migração como uma alternativa para superar desafios como fracassos profissionais, dificuldades no

mercado de trabalho e questões decorrentes da convivência com familiares ou sofrimentos.

Vanessa por exemplo, relatou que migrou para os EUA impulsionada por referências de pessoas próximas que buscavam oportunidades econômicas:

Já tinham migrados parentes que me serviram de referência. Inclusive meu marido e outros membros da família dele – irmãos e cunhadas. Além disso naquela ocasião eu estava morando na casa dos meus sogros e isso era muito desconfortável. (VANESSA, Grupo 1)

Além do apoio familiar, os aspectos econômicos também desempenharam um papel fundamental na escolha migratória. **Valéria** quando relatou que:

Meus amigos foram referência, pois nos falavam da situação de trabalho promissora e do poder de compra. Eles nos receberam em suas casas até que pudéssemos estabelecer em uma moradia adequada. (VALÉRIA, Grupo 2)

Sua experiência evidencia a importância das redes de apoio no processo de adaptação. Ela ainda ressaltou que, no Brasil, tentou empreender, mas encontrou dificuldades:

Tivemos dois empreendimentos que acabaram não dando muito certo. Primeiro um restaurante e depois uma loja de queijos e vinhos. Era muito trabalho, pouco resultado e nada de prosperidade financeira. Tivemos que pensar em uma forma de quitar as dívidas dos empreendimentos e formar um capital. (VALÉRIA, Grupo 2)

Carneiro (2017) sugere que as migrações contemporâneas são significativamente moldadas por avanços tecnológicos que ampliam o acesso à informação sobre os países de destino e mantêm laços com o país de origem. Para os emigrantes de Governador Valadares, esse acesso antecipado pode ter facilitado a percepção de que a migração seria uma solução viável para superar os desafios enfrentados em seus contextos locais. A manutenção de vínculos familiares por meio da comunicação também amenizou as rupturas.

Além disso, Carneiro (2017) destaca que as experiências bem-sucedidas de migrantes pioneiros desempenham um papel crucial, funcionando como um “efeito de demonstração”. Relatos positivos de conhecidos que alcançaram estabilidade e melhores condições de vida nos EUA servem como incentivo para outros seguirem o mesmo

caminho, reforçando o fluxo migratório. Esse efeito se reflete nas narrativas de **Vanessa** e **Valéria**, que ressaltam a influência de parentes e amigos que já haviam migrado.

Para **Vanessa**, a presença de familiares que partiram antes e serviram de referência, incluindo seu marido e cunhados, foi um fator determinante na decisão de migrar. De maneira semelhante, **Valéria** enfatiza como os amigos que já estavam nos Estados Unidos não apenas compartilharam informações sobre o mercado de trabalho, como também ofereceram suporte inicial ao recebê-los em suas casas.

Do ponto de vista econômico, Fernandes e Castro (2013) e Castles e Miller (2009) oferecem uma leitura complementar. As teorias neoclássicas interpretam a migração como um mecanismo de redistribuição de força de trabalho entre regiões, respondendo às desigualdades de capital e emprego. No nível micro, a migração é vista como uma decisão individual, fundamentada no conceito de “capital humano”. Nesse caso, a migração representa uma estratégia para maximizar habilidades e alcançar ganhos futuros, mesmo que isso implique custos emocionais ou financeiros imediatos.

Por outro lado, Bauman (1998) e Carneiro (2017) questionam os limites do capitalismo em atender às expectativas criadas. Embora os migrantes busquem melhores condições de vida e trabalho, muitos permaneceram marginalizados nos mercados beneficiários, incapazes de acessar os benefícios prometidos. A saída de trabalhadores treinados ou em idade produtiva também levanta questões para os países emissores, que perdem parte de seu capital humano necessário para o desenvolvimento local.

A decisão de migrar, conforme apontada pelos emigrantes de Governador Valadares, é multifacetada. Envolve tanto motivações econômicas, como a superação de fracassos profissionais, quanto dinâmicas familiares, como a busca por autonomia em relação aos familiares. Ao considerar teorias econômicas e sociológicas, é evidente que a migração é simultaneamente uma escolha estratégica individual e uma especificação inserida em estruturas sociais e econômicas globais. O contexto familiar e o avanço tecnológico ampliam as possibilidades de migração, enquanto as redes sociais e os relatos de pioneiros ajudam a moldar as expectativas e as trajetórias desses indivíduos.

5.2.6 Fatores emocionais e sociais

A subcategoria “Fatores emocionais e sociais” enfatiza as motivações subjetivas que permeiam as decisões migratórias, como a superação de eventos pessoais traumáticos, como desilusões amorosas, e o desejo de mudança de vida. Essas razões vão

além dos aspectos econômicos, inserindo a migração em um contexto mais amplo de busca por estabilidade emocional e renovação pessoal. Para muitos, representa a oportunidade de recomeçar, distanciar-se de situações que simbolizam fracasso ou estagnação e construir uma nova trajetória.

Célio (Grupo 2), por exemplo, relatou que sua decisão de migrar esteve diretamente ligada a uma dificuldade de sua vida pessoal:

Eu tinha caminhão para trabalhar e ficava sempre nas estradas. Me sentia solitário e além disso, houve um problema no meu relacionamento com minha esposa (daquela época). Traição da minha parte. Nós nos separamos e eu decidi dar uma virada na minha vida. Como naquela cidade muitas pessoas vinham para os Estados Unidos, fiz esta escolha também. (CÉLIO, Grupo 2)

Sua experiência evidencia como eventos pessoais dolorosos podem contribuir para a migração como uma alternativa de mudança.

Para **Kleber** (Grupo 2), a migração foi motivada pelo desejo de escapar de um ambiente que considerava limitante:

Eu sempre morei no meio rural com meus pais. Dali eu percebia que não tinha muito por onde crescer financeiramente. Conversando com um primo que já havia migrado para os Estados Unidos antes. Ele me sugeriu fazer a migração para alcançar outros patamares de ganhos e conseguir formar um patrimônio. (KLEBER, Grupo 2)

Seu relato ilustra como fatores emocionais e sociais se entrelaçam com as expectativas econômicas, demonstrando que uma migração pode ser percebida tanto como uma necessidade quanto como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Uma análise dessa dinâmica à luz da modernidade líquida de Bauman (1999) revela que, em um mundo marcado pela mudança constante, pela incerteza e pela vulnerabilidade, as migrações também são expressões de uma busca por estabilidade em meio a um ambiente de fluxos e transformações. Bauman argumenta que a modernidade líquida cria uma sociedade em que os alicerces antes considerados sólidos, como a estabilidade emocional e social, se tornam fluidos, promovendo um sentimento de insegurança e inquietação. Diante disso, as pessoas tendem a adotar condutas que desafiam os padrões tradicionais, buscando escapar de realidades que percebem como limitadas ou insuportáveis.

No caso dos entrevistados que mencionaram a necessidade de superação emocional e social, fica evidente como a migração pode representar uma estratégia de enfrentamento para escapar das "raízes da vulnerabilidade", conforme descrito por Bauman (1999). Eventos como desilusões amorosas, no caso do Célio, ou a sensação de estagnação, conforme ressaltado por Kleber atuam como gatilhos para decisão de migração. Ao escolher migrar, esses indivíduos não estão apenas buscando melhores condições materiais, mas também uma transformação pessoal e emocional, na tentativa de ressignificar suas trajetórias.

Além disso, a análise de Bauman (2017) sobre o impacto do progresso econômico e social no "descarte" de indivíduos em ambientes locais reflete diretamente nas razões apresentadas por muitos migrantes. Na modernidade líquida, aqueles que não se enquadram nos critérios do mercado ou que enfrentam crises pessoais muitas vezes sentem-se empurrados para buscar alternativas em outros contextos, mesmo que isso implique rupturas profundas com seus laços e culturas de origem.

Portanto, a migração, quando vista sob a perspectiva dos fatores emocionais e sociais, revela-se uma estratégia de reinvenção em meio a crises pessoais e sociais. Ela é tanto uma resposta à sensação de vulnerabilidade imposta pelo contexto local quanto uma tentativa de construir novas narrativas de vida em um cenário onde os riscos e incertezas são inevitáveis, mas onde também residem novas possibilidades.

5.2.7 Razões sociais e condições socioeconômicas

A análise da categoria "Razões sociais e condições socioeconômicas" e da subcategoria "Limitações no Brasil" reflete os obstáculos enfrentados pelos migrantes em seu país de origem, como a falta de perspectiva de progresso profissional ou financeiro, dificuldades econômicas para o sustento familiar e as deficiências de qualificação para alcançar boas remunerações no mercado local. Esses elementos destacam as condições estruturais e conjunturais que tornam a migração uma alternativa para muitos indivíduos que buscam uma solução para superar barreiras impostas por um mercado de trabalho pouco receptivo e por uma economia estagnada.

Conforme observado por Feitosa (2018), a carência de políticas públicas específicas e o declínio da capacidade do Estado em atender às necessidades básicas da população, especialmente em tempos de crise, ampliam a sensação de abandono, levando os cidadãos a procurar alternativas fora do país. Essa sensação de abandono é amplificada

por uma economia global que opera em um "espaço de fluxos", conforme descrito por Castells (1999), onde predominam as forças econômicas transnacionais, desvinculadas das fronteiras e responsabilidades locais. Num contexto global onde predomina uma economia transnacional, e as fronteiras nacionais tornam-se irrelevantes para as forças econômicas, muitos migrantes veem a migração como a única forma de escapar de um sistema que os exclui.

Os casos de **Olívia** (Grupo 3), **Lorena** (Grupo 2) e **Glória** (Grupo 2) ilustram como a estagnação econômica e a falta de perspectivas de crescimento profissional no Brasil influenciam a decisão de emigrar. **Olívia** relata: *“À época, eu namorava com uma pessoa que já tinha migrado inúmeras vezes.”* Sua decisão de migrar foi impulsionada pela falta de oportunidades e pela influência de histórias de sucesso de outros que melhoraram suas condições de vida financeiramente.

Da mesma forma **Lorena** expressou que as questões financeiras eram fundamentais em sua escolha de migrar: *“Minha renda era incerta trabalhando como professora para a prefeitura do município. Eu concorria em editais de acordo com a disponibilidade de vagas e um novo contrato a cada semestre.”* A insegurança no trabalho e a falta de estabilidade financeira levaram a buscar uma vida mais estável no exterior. Já **Glória** compartilha que, após o casamento, seu marido, que já havia migrado para os Estados Unidos, queria voltar para formar um patrimônio.

Ela explica: *“Eu me casei e meu marido já tinha migrado uma vez para os Estados Unidos. Quando o conheci, foi em uma das idas dele no Brasil. Depois que tivemos dois filhos ele quis voltar aos Estados Unidos com a família para formar um patrimônio.”* A busca por uma vida melhor e a formação de um patrimônio foram determinantes na decisão de retorno aos Estados Unidos.

Por outro lado, os casos de **Amelie** (Grupo 1) e **Carlos** (Grupo 2) exemplificam como a pressão financeira e a necessidade de sustentar a família tornam-se determinantes na decisão de emigrar. **Amelie** relata: *“O motivo foi o marido ter migrado um ano antes e não queria ficar abandonada no Brasil.”* Sua migração não buscou apenas o reestabelecimento de seu casamento, mas também uma oportunidade de alcançar melhores condições financeiras, inspirada pelos familiares de seu marido que já estavam nos EUA. Já **Carlos**, ao enfrentar a morte do pai, o único provedor da família, afirma:

O motivo foi a morte do meu pai que era o único provedor da família. Naquele momento não tive outra alternativa senão buscar um meio de sustento para

mim e para auxiliar minha mãe, irmão e irmã (esta é autista e seu grau é muito elevado). (CARLOS, Grupo 2)

A perda de uma figura central na sustentação da família e a necessidade de ajudar seus entes queridos o forçaram a buscar um meio de sustento no exterior.

Esses relatos refletem o contexto de precariedade econômica e social vivido por muitos no Brasil, conforme discutido por Bauman (2017), que descreve a “modernidade líquida” como um período de insegurança e constante transformação, no qual as oportunidades de ascensão social são escassas e a competição no mercado de trabalho é intensa. A migração, portanto, surge como uma tentativa de escapar dessa vulnerabilidade e busca por estabilidade, especialmente quando o sistema local falha em fornecer as condições mínimas para o bem-estar.

Além disso, Bauman (2017) argumenta que as economias globais dependem de um fluxo constante de mão de obra barata e flexível, incentivando a migração. Contudo, essa dinâmica não só oferece oportunidades para os migrantes, mas também aprofunda desigualdades no mercado de trabalho global, com os países receptores se aproveitando da vulnerabilidade dos imigrantes, enquanto os países de origem perdem talentos e forças produtivas.

Esse contexto cria, segundo Bauman, uma "massa integrada", ou seja, pessoas consideradas não empregáveis no sistema econômico vigente. Para esses indivíduos, a migração surge como uma tentativa de fuga do ciclo de precariedade e exclusão. A migração, portanto, não é apenas uma estratégia de superação das limitações locais, mas uma resposta às falhas do Estado e às pressões de um sistema econômico transnacional, marcado pela exclusão e precariedade para muitos cidadãos.

Portanto, a subcategoria "Limitações no Brasil" revela como as deficiências estruturais e econômicas locais são agravadas pela dinâmica da globalização, moldando o processo migratório como uma resposta tanto às falhas do Estado quanto às pressões de um sistema econômico transnacional. A migração, nesse contexto, é vista como uma tentativa de superar as limitações impostas pelo ambiente local, ainda que envolva desafios e incertezas no novo destino.

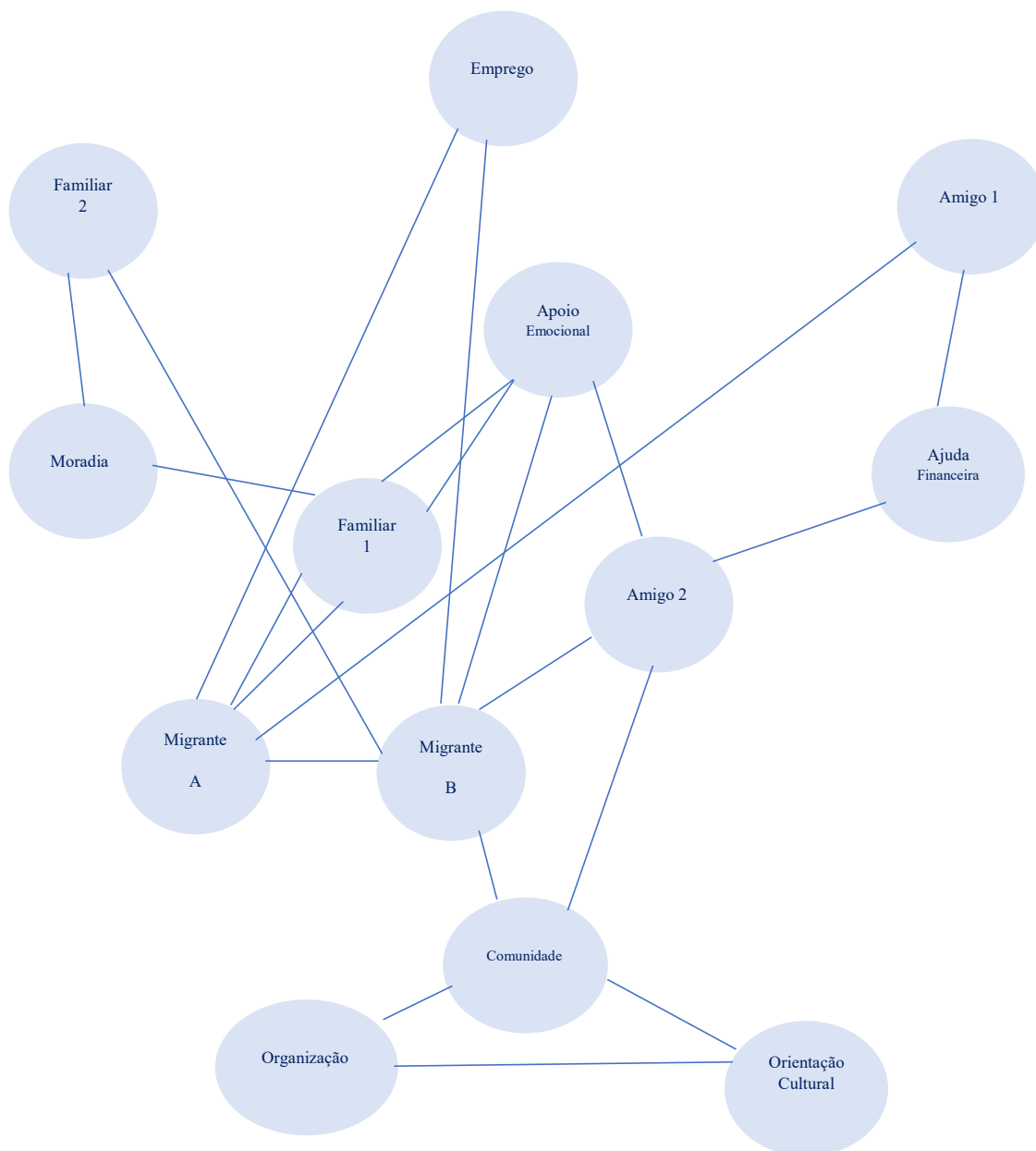
5.2.8 Redes de apoio familiar e comunitário

A subcategoria “Apoio de familiares e parentes” ilustra a importância das redes de apoio familiar na inserção inicial no mercado de trabalho dos emigrantes de

Governador Valadares nos EUA. Essas redes desempenham um papel crucial, oferecendo apoio para superar as barreiras enfrentadas pelos recém-chegados, como a falta de conhecimento do idioma, a ausência de documentação regular e a adaptação às exigências do mercado local. Os familiares previamente estabelecidos no novo país repetidamente funcionam como guias e facilitadores da transição, oferecendo tanto apoio material quanto emocional.

A análise de redes sociais, como destacada por autores como Georg Simmel (1972), John Scott (1992) e Linton Freeman (2004), ajuda a compreender como essas conexões familiares e comunitárias atuam como “nós” centrais, conectando os migrantes a recursos essenciais, tanto materiais (como emprego, moradia ou ajuda financeira) quanto imateriais (como apoio emocional e orientação cultural). No contexto da migração, essas redes são transformadas e fortalecidas ao longo do processo da migração (Marques, 2007).

Para ilustrar essa dinâmica, a inclusão de um gráfico de rede social na análise permite visualizar de forma clara a estrutura dessas conexões e a centralidade dos migrantes na obtenção de suporte.

Figura 2 - Redes sociais de migrantes e recursos

Fonte: Elaboração da autora (2025)

Os relatos dos entrevistados evidenciaram a relevância dessas redes na trajetória migratória. Por exemplo, **Eunice** (Grupo 2) descreve uma experiência inicial de trabalho em que foi ajudada pela cunhada. Ela começou seu primeiro trabalho na limpeza de casas:

Foi com a cunhada do meu marido o meu primeiro trabalho aqui na limpeza de casas. Logo fiz contato com conhecidos para conseguir trabalho com maiores remunerações. Trabalhar para familiares não é muito bom. Há exploração por parte de alguns deles que chegaram antes. Foi meu caso. Na primeira semana – me levou para fazer limpezas em casas imensas e depois não quis pagar o valor normal. Alegou que eu estava em treinamento. (EUNICE, Grupo 2)

Esse relato destaca não apenas a ajuda inicial que os familiares oferecem, mas também a tensão que pode surgir nas relações de trabalho dentro da rede familiar, revelando uma exploração possível que pode ocorrer em contexto de dependência.

Outro exemplo é do **Kleber** (Grupo 2), em que o migrante recebeu apoio de pessoas da sua região de origem. Ele se reuniu a membros de sua comunidade já estabelecida nos EUA e, por meio de uma rede de contatos, conseguiu um emprego na construção civil:

Quando me reuni com pessoas da minha região de origem eles me levaram para trabalhar na construção civil. A gente ia para certos pontos da cidade, em frente a lojas de material de construção e, na medida que as pessoas compravam produtos, nós nos apresentávamos. Muitas vezes, entrei em carros e nem sabia para onde estava indo. (KLEBER, Grupo 2)

Este exemplo mostra como a rede de apoio pode facilitar o acesso a setores específicos do mercado de trabalho e a inserção rápida, mas também revela a informalidade e os riscos dessa forma de inserção.

Por fim, **Glória** (Grupo 2) exemplifica como as redes de apoio familiares podem proporcionar oportunidades mais lucrativas. A entrevistada foi acolhida pelo marido, que havia migrado antes, e iniciou sua trajetória profissional na limpeza de restaurantes. Ela conta:

Comecei trabalhando na limpeza de restaurante onde meu marido trabalhava. Muitas vezes depois que o restaurante fechava a limpeza acontecia na madrugada. Com o tempo fui montando uma agenda de casas e permaneço até hoje com uma clientela fiel que, com o tempo, se transformaram em amigos. (GLÓRIA, Grupo 2)

Esse relato reflete como a rede familiar pode ser a base para o início de uma jornada de trabalho, que eventualmente se transforma em um empreendimento pessoal e independente.

Esses casos demonstram a importância fundamental das redes de apoio aos familiares na trajetória migratória. No entanto, também revelam as suas limitações. Dependendo do contexto, essas redes podem restringir a mobilidade social dos migrantes, mantendo-os em ocupações de baixas qualificações e dificultando a diversificação de suas experiências profissionais. Como sugerem Freeman (2004) e Marques (2007), essas redes são ao mesmo tempo fontes de oportunidades e restrição, dependendo da flexibilidade e

da reciprocidade dentro das relações. A dependência inicial dessas redes pode funcionar como um mecanismo de sobrevivência, mas, a longo prazo, os migrantes podem precisar expandir suas conexões para incluir redes comunitárias e profissionais mais amplas. Essa ampliação é essencial para a promoção de uma integração socioeconômica sustentável.

A análise evidencia que o apoio de familiares e parentes desempenha um papel central na inserção inicial dos migrantes no mercado de trabalho dos EUA, operando como um facilitador das descobertas e da integração econômica. No entanto, para alcançar maior autonomia econômica e social, é fundamental que os migrantes busquem estratégias para ampliar as suas redes, superando as limitações impostas por vínculos familiares restritos.

5.2.9 Apoio de amigos e conhecidos na inserção profissional de migrantes

Seguindo a perspectiva teórica de Eduardo Marques (2007), as influências sociais são moldadas por padrões relacionais, nos quais as relações interpessoais e organizacionais assumem um papel central. No contexto da migração, as redes sociais operam como mediadores cruciais, influenciando as condições de vida e as oportunidades que os migrantes podem acessar.

Conforme destacado por Marques, o mundo social é constituído por padrões relacionais dinâmicos e variáveis, e no caso dos migrantes, essas redes atuam como facilitadores que eliminam custos e riscos associados ao processo migratório. No caso específico dos emigrantes de Governador Valadares, os vínculos com amigos e conhecidos exercem a função de um capital social que possibilita o acesso ao mercado de trabalho e aos recursos fundamentais.

Autores como Massey et al. (1993) e Coleman (1998) reforçam a ideia de que essas redes sociais não apenas oferecem suporte imediato, como emprego ou material de ajuda, mas também criam um sistema de reciprocidade. Por meio dessas relações, os migrantes ampliam suas expectativas de retorno ou estabilidade, construindo vínculos de confiança que sustentam suas trajetórias.

Aplicações nos casos analisados: No caso do **Juarez** (Grupo 2), o apoio inicial recebido de amigos foi decisivo para a adaptação no mercado de trabalho.

Foi por meio de amigos. A escolha por Boston ocorreu porque haviam conhecidos e também um primo que migrou em 1980. Minha trajetória de migração foi pelo Canadá por dois meses. Passei poucos dias na Flórida –

oito dias – e depois vim para Boston. Cheguei em 87 e 88 e tinha documentos.
(**JUAREZ**, Grupo 2)

Esse tipo de relação, de acordo com a teoria das redes sociais, reforça o papel das conexões interpessoais no estabelecimento de trajetórias profissionais com mais resultados. No caso do **Daniel** (Grupo 2), o apoio oferecido por amigos brasileiros foi determinante na sua inserção no mercado de trabalho. “*Amigos brasileiros me receberam aqui e me encaminharam. Por dois meses tive casa de amigos que me receberam e me deram suporte.*” Em seu relato fica evidente que durante os primeiros meses, ele teve suporte habitacional e encaminhamento profissional através desses contatos, demonstrando o papel da solidariedade migratória na fase inicial da adaptação.

No caso de **Aurora** (Grupo 3), a ajuda oferecida por conhecidos de origem religiosa exemplifica como as redes podem ir além do campo laboral, estendendo-se para o suporte cotidiano, criando uma sensação de pertencimento e segurança em um ambiente estrangeiro.

Fui recebida por meu marido que migrou antes. Trabalhei inicialmente nos serviços gerais de uma fábrica de perfumes e cosméticos. Depois eu trabalhei com alimentação e na limpeza de casas. Essas indicações ao mercado de trabalho foram através de amigas da igreja. Por dois anos, fiquei saltando de um emprego a outro até que fui trabalhar na Construção Civil com meu marido. (**AURORA**, Grupo 3)

Esses exemplos ilustram como as redes sociais dos migrantes não apenas facilitam o acesso a recursos econômicos e oportunidades, mas também ajudam a reduzir barreiras estruturais, como o *status* migratório irregular, que frequentemente limita o acesso a meios formais de apoio. Sintetizando, as redes funcionam como elementos estruturantes do processo migratório, corroborando que o capital social derivado dessas relações é um dos principais determinantes do sucesso ou fracasso das experiências migratórias.

5.2.10 Inserção profissional de emigrantes

A inserção inicial dos emigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho norte-americano ocorre em diversas ocupações, muitas vezes em setores informais ou em atividades que exigem pouca qualificação formal, como é o caso de serviços gerais, limpeza, cuidados com crianças, e trabalhos na construção civil. De acordo com as respostas obtidas, é possível observar que muitas dessas ocupações são

técnicas em áreas de baixo custo de entrada, com uma alta dependência de redes sociais e apoio de amigos para acesso a essas oportunidades. A maioria das ocupações iniciais está relacionada a serviços como limpeza doméstica (casas, escritórios), cuidados com crianças (babá, cuidados domiciliares), e atividades na construção civil (como reforma, pintura e operador de máquinas pesadas), que são setores que historicamente atraem trabalhadores pela sua acessibilidade e demanda contínua.

Essa diversidade de ocupações demonstra inicialmente uma realidade comum em processos migratórios, em que os emigrantes iniciam sua trajetória laboral em atividades que são, muitas vezes, marginalizados dentro do mercado de trabalho formal, com baixa qualificação exigida, altos níveis de informalidade e condições de trabalho precários. A inserção nesses setores é facilitada pelo uso de redes sociais, especialmente por meio de amigos e conhecidos já experimentados, que desempenham um papel crucial na obtenção desses empregos.

Seguindo a linha teórica de Sasaki e Assis (2000), a migração é frequentemente acompanhada pela inserção dos emigrantes em setores marginais do mercado, que envolvem ao mercado secundário. Esse mercado, caracterizado pela precarização do trabalho, preenche os espaços deixados pelos trabalhadores nativos, que tendem a ter acesso a empregos melhores e mais bem remunerados, com garantias como proteção sindical, benefícios e estabilidade. Ao contrário, os migrantes são volta e meia relegados a ocupações informais ou temporárias, com baixas perspectivas e oportunidades de ascensão profissional escassas.

A inserção dos emigrantes de Governador Valadares em atividades como limpeza doméstica, cuidados com crianças e serviços gerais segue exatamente esse padrão. Muitas dessas ocupações estão associadas ao mercado secundário, onde as condições de trabalho são menos protegidas e os migrantes, especialmente os indocumentados, enfrentam uma maior vulnerabilidade. A discriminação institucional e a dependência das redes sociais para encontrar trabalho agravam essa exclusão, já que as oportunidades são limitadas, e os emigrantes são muitas vezes obrigados a aceitar trabalhos precários para garantir sua sobrevivência.

Esse cenário é intensificado pela falta de proteção social e pelas barreiras legais e administrativas enfrentadas por muitos migrantes, especialmente aqueles sem documentos, ou que os colocam em uma posição ainda mais desfavorecida dentro do mercado de trabalho. Uma análise de Sasaki e Assis (2000) sugere que a inserção nesses setores, embora essencial para a sobrevivência imediata dos migrantes, reforça um ciclo

de marginalização e dificuldade para alcançar uma mobilidade profissional mais estável e vantajosa.

Danilo (Grupo 1) que se descreveu como um “*Operador de máquinas pesadas.*” reflete a tendência dos migrantes de buscar ocupações que exigem força física e treinamento técnico limitado. Esse tipo de trabalho, embora possa proporcionar uma renda relativamente melhor, ainda está sujeito a condições de trabalho desafiadoras e, muitas vezes, informais.

Em contraste, a experiência de **Joaquim** (Grupo 2) que se iniciou como um lavador de pratos e se tornou o cozinheiro principal, ilustra um padrão de ascensão dentro do setor de serviços. Contudo, esse processo pode levar anos e ainda assim ser marcado pela instabilidade e baixos salários. Já a trajetória de **Gilcélia** (Grupo 2) como cuidadora de crianças, com limpezas de casas e como motorista de aplicativos para entrega de alimentos exemplifica a transição entre diferentes ocupações dentro do mercado secundário. Essa modalidade dentro do setor informal demonstra a flexibilidade dos migrantes, mas também evidencia a falta de oportunidades formais e estruturais de crescimento profissional.

Ao observar as ocupações de emigrantes como operador de máquinas pesadas, cuidados com crianças, trabalho em restaurantes, e outros serviços informais, é evidente que muitos desses trabalhadores têm sua trajetória profissional moldada não apenas pelas oportunidades oferecidas no mercado de trabalho, mas também pelas limitações impostas por fatores como *status* migratório, gênero e discriminação institucional. Esse cenário exige uma reflexão sobre as estruturas de poder e desigualdade que operam no mercado de trabalho dos EUA e como as redes sociais, ao mesmo tempo que oferecem apoio imediato, também são limitadas pela lógica de inserção nesses mercados marginalizados.

5.2.11 Formas de inserção inicial no mercado de trabalho

Ao chegar nos Estados Unidos, os emigrantes de Governador Valadares enfrentaram diversas barreiras para entrada no mercado de trabalho. Essas barreiras incluem a falta de qualificação, o *status* migratório irregular, o desconhecimento do idioma e as diferenças culturais. Muita experiência prática adquirida com outros trabalhadores que já estão estabelecidos no país. Como relatado pelo entrevistado **Jorge**:

Aprendizado foi feito por meio da prática com trabalhadores já instalados no país. Fazer curso aqui é mais difícil por causa da questão do tempo que fica quase todo comprometido com o trabalho principal necessário à subsistência. preciso de alguém licenciado para assinar as autorizações de trabalho.
(**JORGE**, Grupo 2)

Esse depoimento ilustra a dificuldade de equilibrar o trabalho com o desenvolvimento de habilidades formais.

Já **Vitória** (Grupo 2): *“Tenho uma clínica de psicologia e possuo licença para prestar atendimento ao público geral. Tenho uma equipe de psicólogas que faço mentoria e recebo participação nos atendimentos de cada profissional.”*

Para superar essas barreiras, muitos migrantes utilizam métodos como o aprendizado prático no local de trabalho e o engajamento com redes de apoio, como amigos e familiares já estabelecidos. A falta de tempo para cursos formais é uma limitação importante, mas, quando possível, alguns optam por cursos específicos relacionados à sua área de atuação, como é o caso da Vitória, que conseguiu obter uma licença e estruturou um empreendimento formal na área de psicologia. Além disso, a concessão de licenças e certificações locais, quando viável, é uma estratégia para garantir acesso a melhores condições de trabalho e oportunidades de ascensão.

A análise das barreiras e estratégias de superação pode ser enriquecida pelas teorias de segmentação do mercado de trabalho e capital humano. Segundo Sasaki e Assis (2000), os imigrantes repetidamente enfrentam desafios devido à segmentação do mercado de trabalho, que é dividido em dois setores: o primário e o secundário. O mercado primário, onde predominam os empregos de alta qualificação, oferece melhores previsões e condições de trabalho. Já o mercado secundário é caracterizado por empregos com baixa evolução, alta rotatividade e poucas chances de ascensão.

A inserção dos migrantes nos setores do mercado secundário está relacionada ao baixo nível de qualificação formal e à vulnerabilidade do *status* migratório. No entanto, como destaca os teóricos da segmentação, essa divisão não implica que imigrantes e nativos competem diretamente pelas mesmas oportunidades, mas sim que eles ocupam nichos diferentes dentro do mercado de trabalho. Dessa forma, as ocupações iniciais dos emigrantes de Governador Valadares, como serviços de limpeza de casas, cuidados com crianças e construção civil, refletem a realidade do mercado secundário, onde as condições de trabalho são mais precárias e as possibilidades de ascensão são limitadas.

Por outro lado, os teóricos do capital humano, como Borjas (1990), enfatizam que os imigrantes que adquirem qualificações e habilidades localmente têm maiores chances

de ascender para o mercado primário, onde as oportunidades são vantajosas. No caso dos emigrantes de Governador Valadares, uma abordagem de buscar aprendizado prático no local de trabalho, mencionada pelos entrevistados, pode ser vista como uma forma de “capital humano acumulado”, embora não seja formalmente reconhecida. Esta aprendizagem prática é uma resposta à falta de tempo e recursos para cursos formais, e reflete a adaptação ao mercado de trabalho norte-americano, onde muitas vezes a experiência prática tem mais valor imediato do que a qualificação formal.

Em resumo, as barreiras enfrentadas pelos migrantes e as estratégias de superação estão intimamente ligadas às dinâmicas do mercado de trabalho segmentado. A inserção inicial no mercado secundário, apesar de limitações em termos de ascensão profissional, é muitas vezes a única opção para migrantes que enfrentam obstáculos como o *status* migratório irregular e a falta de qualificação formal. No entanto, o uso de redes sociais e a busca por aprendizagem prática refletem tentativa de superar essas barreiras e, eventualmente, acessar melhores condições de trabalho e mobilidade profissional.

5.2.12 Processos de inserção no mercado de trabalho

Os imigrantes de Governador Valadares nos Estados Unidos tendem a se concentrar em setores de trabalho que exigem pouca qualificação formal ou reconhecimento de qualificações internacionais, como construção civil, serviços de limpeza, jardinagem e cuidados pessoais. Esses setores frequentemente oferecem oportunidades e condições de trabalho mais precárias, refletindo a segmentação do mercado de trabalho. Além disso, muitos imigrantes procuram oportunidades no comércio informal ou iniciam pequenos negócios, como serviços de limpeza, reformas ou cuidados pessoais. Essas ocupações refletem uma necessidade de adaptação rápida e flexível, muitas vezes sem as garantias oferecidas pelos setores mais formalizados do mercado de trabalho.

Valéria (Grupo 2), por exemplo, compartilha sua experiência no setor de cuidados pessoais: “*Trabalho com imagem pessoal – faço unhas em gel, sobrancelhas definitivas e coloco cílios postiços.*”. Sua trajetória evidencia uma estratégia empreendedora de adaptação ao mercado de trabalho norte-americano, utilizando habilidades práticas para abrir um pequeno negócio. Ao oferecer serviços especializados, ela consegue atender a uma demanda específica da comunidade, muitas vezes composta por outros imigrantes que buscam serviços estéticos a preços acessíveis.

De forma semelhante, **Marcos** (Grupo 2) construiu sua trajetória como empreendedor na construção civil: “*Hoje trabalho no setor da construção civil – sou empreendedor autônomo – faço reformas e construções de casas.*”. A construção civil é um setor tradicionalmente ocupado por imigrantes, especialmente aqueles que enfrentam dificuldades na validação de diplomas ou na obtenção de empregos formais. O empreendedorismo, nesse contexto, permite maior autonomia e oportunidades de crescimento, ainda que a precarização e a informalidade persistam.

A adaptação ao mercado de trabalho norte-americano envolve diversas estratégias, como a requalificação por meio de cursos específicos, a utilização de habilidades adquiridas na prática e a busca pelo empreendedorismo. Muitos migrantes enfrentam adversidades para obter uma qualificação formal ou validar a educação e experiência profissional adquirida no Brasil, o que os leva ao emprego em setores informais ou na subocupação. O empreendedorismo, nesse contexto, surge como uma estratégia de mobilidade social, com a criação de pequenos negócios que atendem a nichos de mercado, como serviços de limpeza de casas, reformas de casas ou cuidados pessoais. Essas estratégias são cruciais para superar as barreiras impostas pelo idioma, pelo *status* migratório e pela discriminação, facilitando a integração no mercado de trabalho.

O idioma é uma das maiores barreiras para os imigrantes, dificultando a integração e o acesso a empregos melhor remunerados. O *status* migratório irregular impõe restrições legais acesso ao mercado de trabalho, limitando as oportunidades e expondo os migrantes à precarização e exploração. A discriminação, seja por questões raciais, de gênero ou de origem, desempenha um papel significativo nas dificuldades de ascensão social e profissional, relegando muitos migrantes a empregos subalternos e de baixa remuneração. Essas barreiras são ainda mais pronunciadas para mulheres, migrantes indocumentados e minorias étnicas.

Bauder (2006) discute como a migração internacional impacta as economias locais, embora seus efeitos não sejam distribuídos igualmente entre os migrantes e trabalhadores nativos. Os imigrantes tendem a ser empregados em setores de baixo custo que os nativos não desejam, como limpeza, jardinagem e serviços nutricionais, onde os salários são mais baixos e as condições de trabalho são menos desenvolvidas. Esses setores são fundamentais para a flexibilidade do mercado de trabalho, pois muitos trabalhadores substituem a força de trabalho nativa dos migrantes, que aceitam condições de trabalho mais precárias em troca de uma vaga de emprego. A migração, nesse contexto,

funciona como uma ferramenta de regulação do mercado de trabalho, permitindo que as empresas mantenham seus custos baixos e aumentem sua flexibilidade operacional.

Além disso, Bauder observa que, embora muitos imigrantes sejam altamente especializados e fluentes no idioma, eles frequentemente acabam trabalhando abaixo de suas qualificações devido a barreiras estruturais, como a falta de validação de diplomas estrangeiros e a discriminação no mercado de trabalho. Esses imigrantes enfrentam um processo de subocupação, cujas habilidades são subutilizadas, o que contribui para uma maior vulnerabilidade no mercado de trabalho e para a manutenção de dificuldades e condições de trabalho desfavoráveis.

Peck (1996) amplia essa perspectiva ao afirmar que os mercados de trabalho não são espaços naturais de competição, mas sim áreas socialmente regulamentadas, onde as condições de emprego e as oportunidades são moldadas por processos sociais e culturais. O período de adaptação dos imigrantes, longe de ser um processo espontâneo, é, portanto, controlado por dinâmicas sociais que estabelecem e reforçam barreiras para uma ascensão profissional. Essas barreiras não se manifestam apenas no mercado de trabalho, mas também em esferas mais amplas da vida social e econômica, como a discriminação racial, o acesso limitado à educação e a falta de redes de apoio que poderiam facilitar a integração dos migrantes.

Portanto, os processos de inserção dos emigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho norte-americano estão profundamente interligados com as dinâmicas de segmentação laboral, onde as estratégias de adaptação, como a requalificação e o empreendedorismo, se tornam essenciais para superar as barreiras de idioma, *status* migratório e discriminação. Essas estratégias revelam a complexidade da adaptação ao novo mercado de trabalho e a constante negociação das condições de trabalho dos imigrantes, que buscam garantir a sua subsistência e, eventualmente, ascender social e economicamente.

5.2.13 Condições de trabalho

As condições de trabalho dos migrantes indocumentados nos Estados Unidos são frequentemente marcadas por jornadas longas, remunerações abaixo do esperado e ausência de benefícios essenciais, como seguro de saúde ou cobertura trabalhista. Muitos trabalhadores enfrentam situações em que, mesmo ao se machucarem no trabalho, não recebem assistência e precisam arcar com os custos médicos sozinhos. **Marcos** ilustra

essa realidade ao relatar que, ao trabalhar na construção civil, sofreu cortes graves nas mãos devido à falta de luvas, mas não recebeu qualquer suporte:

Segurança no trabalho é coisa mais recente e não tem muita fiscalização na obra. Trabalhei como peão na construção civil por um período onde minhas mãos ficaram na carne viva, com cortes por causa de carregar materiais sem luvas. Fui pra casa cuidar das minhas feridas sem que ninguém soubesse ou quisesse saber. (MARCOS, Grupo 2)

Além dos riscos físicos, há uma grande incerteza sobre estabilidade e garantias. Como Brígida aponta, os migrantes vivem sob uma constante pressão para manter-se empregados, pois a substituição pode ocorrer rapidamente:

Eu não tenho garantia de emprego e nem estabilidade financeira nos Estados Unidos. Se eu trabalho, eu recebo. É assim que funciona a regra do mercado de trabalho aqui. Você não pode adoecer, porque se isso acontecer você será substituído imediatamente. Tem sempre alguém à espera de uma vaga. A concorrência é grande. Além disso, a ajuda médica é outro processo bem complicado e de difícil acesso. Isso me assusta. (BRÍGIDA, Grupo 3)

A irregularidade no *status* migratório limita ainda mais a mobilidade laboral e restringe as opções de emprego a setores informais ou com pouca proteção legal. Essa vulnerabilidade se reflete na rotina exaustiva dos trabalhadores. **Joaquim**, por exemplo, descreve jornadas que se estendem até a madrugada sem direito a feriados ou férias: “Trabalho em torno de oito a doze horas - sem feriado, sem férias e também à noite – depois que o restaurante fecha – hora de limpar – por vezes varando a madrugada.” (**Joaquim**, Grupo 2)

Para muitas mulheres migrantes, a fragmentação da jornada de trabalho impõe dificuldades adicionais, tornando a organização da vida pessoal e profissional ainda mais desafiadora. **Gilcélia**, que trabalha no setor doméstico, relata que não tem controle sobre sua agenda, pois precisa se adaptar às exigências da patroa:

Em torno de seis horas por dia e em todos os dias da semana – mas tem combinados que me deixam com o tempo todo fragmentado. Cumpro a agenda da patroa. Tem dia que começo pela manhã. E em outros dias começo o trabalho à tarde e outros dias à noite. Não sou eu quem faz a agenda. (GILCÉLIA, Grupo 2)

A abordagem de Willen (2005) sobre o “*status abjeto*” ajuda a entender essa precariedade como algo que vai além da falta de documentos, moldando a percepção dos migrantes sobre sua própria existência. O *status* indocumentado os coloca em uma

posição de constante insegurança, onde a aceitação de condições de trabalho degradantes é uma necessidade para sobreviver. A teoria de Bauder (2006) e Castells (1975) complementa essa análise ao destacar que os migrantes não ocupam empregos mal pagos porque essas vagas existem, mas sim que essas vagas existem porque há migrantes dispostos a aceitá-las.

Além disso, a precariedade das condições de trabalho não ocorre de maneira espontânea, mas é resultado de um sistema estruturado que explora a vulnerabilidade dos migrantes. Como demonstram os relatos, os trabalhadores são mantidos em um ciclo de exploração e medo constante de perderem suas fontes de sustento. A política migratória e a falta de proteção legal funcionam como mecanismos que perpetuam essa desigualdade, criando um mercado de trabalho segmentado onde os migrantes são essenciais, mas descartáveis.

A teoria da “política de sofrimento” e da “crueldade benevolente”, discutida por Friskhorn (2015) e Gabiam (2016), evidencia como essa dinâmica se mantém: os migrantes são permitidos a trabalhar, mas em condições que os mantêm em estado de vulnerabilidade, com a promessa implícita de que essa precariedade é um "favor" do sistema que lhes dá acesso ao emprego. Assim, a exploração é normalizada e aceita, pois, a alternativa seria ainda pior: a completa exclusão do mercado de trabalho.

A experiência das mulheres migrantes adiciona outra camada de opressão a esse cenário, pois além da exploração no trabalho formal, muitas lidam com jornadas duplas, assumindo responsabilidades domésticas sem apoio. O cruzamento entre gênero e status migratório cria barreiras ainda maiores para que elas consigam melhorar suas condições de vida.

Diante desse quadro, a luta por melhores condições de trabalho para os migrantes não pode ser vista apenas como um problema de legislação imigratória, mas sim como uma questão de justiça social. As estruturas que perpetuam essa exploração precisam ser revistas, incluindo políticas de proteção ao trabalhador e mudanças institucionais que garantam dignidade e segurança para todos, independentemente do status migratório.

5.2.14 Características socioeconômicas e gênero

A análise das trajetórias migratórias revela um padrão de baixa qualificação educacional entre a maioria dos entrevistados, com exceção de alguns profissionais com graduação. Esse perfil impacta diretamente as oportunidades no mercado de trabalho dos

Estados Unidos, onde migrantes com ensino fundamental ou médio incompleto são direcionados para ocupações de baixos salários e alta vulnerabilidade.

Brígida, por exemplo, menciona ter estudado até a oitava série e, antes da migração, possuía um empreendimento na área do vestuário. Com a mudança, passou a trabalhar no cuidado de crianças, ilustrando como a falta de formação superior frequentemente conduz as mulheres a setores de cuidado e serviços domésticos. Esse movimento reflete as dinâmicas de gênero destacadas por Mary Castro (1989), onde as redes de parentesco e amizade, muitas vezes formadas e sustentadas por mulheres, facilitam a inserção em ocupações de baixa remuneração.

Por outro lado, **Jorge**, com ensino superior completo em contabilidade e experiência como empresário no Brasil, teve sua trajetória profissional alterada ao emigrar. Nos Estados Unidos, ele trabalha como bombeiro hidráulico, evidenciando as dificuldades de validação de diplomas e a necessidade de adaptação a novos contextos profissionais. Essa experiência ressoa com as análises de Tilly (1990) e Portes (1995), que destacam como as redes sociais atuam como mediadoras essenciais para a inserção no mercado de trabalho, mesmo quando ocorre a desqualificação profissional.

A divisão sexual do trabalho também é evidente nas ocupações assumidas pelos migrantes. As mulheres predominam em funções como limpeza doméstica, cuidados pessoais e serviços de estética. Essas atividades, além de reforçarem estereótipos de gênero, oferecem baixa remuneração e poucas oportunidades de mobilidade social. Para homens, os setores da construção civil, transporte e serviços gerais surgem como alternativas principais. Apesar dos riscos e da alta exigência física, algumas dessas ocupações permitem maior especialização e retorno financeiro, como no caso de Jorge.

A influência da classe social prévia também é perceptível na análise das trajetórias. Migrantes que já enfrentavam condições socioeconômicas precárias no Brasil tendem a reproduzir essa marginalização nos EUA. Trabalhadores anteriormente empregados em funções de baixa remuneração, como frentistas ou ajudantes de mecânico, muitas vezes encontram empregos igualmente desvalorizados no exterior. Em contraste, aqueles com experiência como pequenos empresários, como Jorge e Brígida, demonstram maior capacidade de reinvenção e mobilização de suas habilidades.

As redes sociais, como apontado por Daniel Fernandes e Maria da Consolação Castro (2013), desempenham um papel crucial na integração socioeconômica. Os depoimentos indicam que os migrantes utilizam essas redes tanto para acessar informações sobre empregos quanto para garantir suporte emocional e material. Para as

mulheres, especialmente, as redes de amizade e parentesco atuam como canais primordiais de inserção em setores de cuidado, confirmando a centralidade do gênero nesse processo.

Portanto, a trajetória migratória analisada evidencia a permanência das desigualdades estruturais, onde a escolaridade, o gênero e a classe social anterior orientam as oportunidades disponíveis. A atuação das redes sociais, embora fundamental para a sobrevivência e a adaptação, não elimina as barreiras enfrentadas pelos migrantes. Para promover uma inserção mais equitativa, é essencial a implementação de políticas públicas voltadas à validação de diplomas, capacitação profissional e combate à discriminação de gênero no mercado de trabalho.

5.2.15 Evolução temporal e impacto cultural

A migração dos valadarenses nos Estados Unidos segue um padrão no qual a concentração em setores específicos do mercado de trabalho é evidente. Os setores de construção civil, serviços de limpeza, cuidados pessoais e pequenos negócios são os mais procurados por esses imigrantes, refletindo tanto a demanda por mão de obra barata e flexível quanto a busca por estabilidade financeira. Muitos iniciam sua trajetória profissional em empregos precários, mas com o tempo buscam requalificação e empreendedorismo como formas de melhoria de vida e ascensão social.

A experiência da requalificação profissional é evidenciada pelos depoimentos dos próprios imigrantes. **Valéria** (Grupo 2), por exemplo, destaca sua busca constante por capacitação ao afirmar: *“Fiz e ainda faço curso de inglês. E também outros da área de imagem pessoal para ampliar a variedade de serviços, tais como design de sobrancelha, extensão de cílios e unhas em gel.”* Já **Rita** (Grupo 2) menciona o impacto da qualificação no setor de cuidados: *“Fiz curso específicos para cuidados com crianças e curso de inglês.”* Essas narrativas demonstram como o aprimoramento profissional é fundamental tanto na ampliação de oportunidades quanto na integração social dos imigrantes.

A transição entre diferentes tipos de trabalho também revela a dinâmica da mobilidade econômica entre os migrantes. Muitos começam em funções operacionais e, por meio da experiência e capacitação, conseguem evoluir dentro desses setores. A trajetória de **Ângelo** (Grupo 1) ilustra essa realidade: *“No Brasil fui motorista de caminhão. Nos Estados Unidos trabalhei em padaria, na construção civil e mais tarde*

montei minha própria empresa de construção para fazer reformas de casas.” **Wladimir** (Grupo 1) por sua vez, narra uma jornada marcada por múltiplas ocupações:

No Brasil trabalhei como ajudante de mecânico, atendimento em bar, vendedor, motorista, frentista de posto de gasolina, manutenção de posto de gasolina, repositor de mercadoria, manutenção geral em hotelaria. Nos Estados Unidos trabalhei com pintura de peças, restaurante lavando pratos, construção de casas, motorista de caminhão e guincho. (WLADIMIR, Grupo 1)

Esses relatos reforçam o padrão de entrada dos imigrantes em setores manuais e a possibilidade de crescimento dentro desses segmentos, seja por meio da especialização ou do empreendedorismo.

A literatura sobre migração internacional corrobora essas experiências ao destacar os fatores que impulsionam a mobilidade e moldam os percursos dos migrantes. Massey (1997) e Campos e Campos (2022) apontam que a migração não ocorre apenas por desigualdades econômicas, mas também devido às redes sociais e contextos culturais que sustentam a permanência no exterior. O apoio de conterrâneos desempenha um papel essencial na adaptação dos imigrantes, facilitando a inserção no mercado de trabalho e mantendo vínculos com Governador Valadares, seja por meio do envio de remessas financeiras ou de visitas periódicas. Além do aspecto econômico, esses laços abrangem dimensões sociais e culturais, contribuindo para um ciclo contínuo de trocas entre o Brasil e os Estados Unidos.

O *status* migratório irregular, as barreiras linguísticas e a discriminação são desafios que impactam significativamente a vida dos imigrantes. Como observado por Bauder (2006), a migração frequentemente regula o mercado de trabalho ao inserir mão de obra barata e flexível, o que resulta em condições precárias para os imigrantes. A teoria das "luzes da cidade" de Brettell (2022) também se aplica ao contexto valadarense, pois muitos jovens enxergam a migração como uma oportunidade de alcançar um estilo de vida urbano e economicamente estável. O "sonho americano" serve, nesse sentido, como um elemento motivador não apenas para a melhoria financeira, mas também para a realização de aspirações culturais e sociais.

A experiência dos imigrantes valadarenses nos Estados Unidos revela um percurso de adaptação marcado pela entrada em setores manuais, a busca por requalificação, o uso de redes de apoio e, muitas vezes, o empreendedorismo como alternativa para superar as barreiras do mercado de trabalho. Apesar dos desafios estruturais e culturais, os migrantes

desenvolvem estratégias de superação e integração que garantem sua permanência no exterior e sua contribuição tanto para a sociedade americana quanto para sua cidade natal.

5.2.16 Dificultadores da mobilidade profissional

A mobilidade profissional dos imigrantes valadarenses nos Estados Unidos, com o tempo, reflete um processo contínuo de adaptação às condições de mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que busca melhorar suas condições de vida. Inicialmente, muitos imigrantes aceitaram empregos em setores informais ou de baixa qualificação, como limpeza, construção civil ou cuidados pessoais. Com o tempo, alguns buscam requalificação ou migração para setores mais especializados, que exigem maior expertise. Para outros, o empreendedorismo surge como uma solução, permitindo maior controle sobre o trabalho e gerando um ciclo de adaptação ao mercado de trabalho. Essas mudanças de ocupação não são apenas econômicas, mas também refletem um processo de aprendizagem contínuo, onde o idioma e as redes de apoio desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento profissional.

A experiência de mobilidade profissional entre os imigrantes pode ser ilustrada por meio das trajetórias de **Danilo** (Grupo 1) e **Gilcélia** (Grupo 2). Quando perguntados sobre quantos empregos tiveram nos Estados Unidos, Danilo respondeu ter passado por oito tipos de trabalho, enquanto **Gilcélia** mencionou diversas ocupações, incluindo limpeza de casas em diferentes períodos migratórios, além de motorista de aplicativo e cuidadora de crianças. Essas experiências evidenciam a flexibilidade e a necessidade de adaptação diante das oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho.

A ascensão profissional desses imigrantes, assim como de outros grupos migrantes, depende de fatores como conhecimento do idioma, formação educacional, experiência de trabalho e adaptação a novas formas de ocupação. O domínio do inglês facilita o acesso às oportunidades e à mobilidade profissional, enquanto a falta de conhecimento das qualificações adquiridas no país de origem, irregularidade no *status* migratório e a discriminação podem restringir a progressão.

O *status* migratório, por sua vez, tem impacto decisivo na mobilidade profissional. Aqueles que possuem documentação legal têm maior acesso a benefícios trabalhistas e capacitação, enquanto os indocumentados enfrentam limitações significativas. Como relatou Danilo ao descrever sua trajetória migratória, ele entrou inicialmente com visto de turista e permaneceu como indocumentado após o vencimento do prazo. Em outra

tentativa, contratou um intermediário (coiote) em Governador Valadares e, posteriormente, atravessou a fronteira do México com apoio de intermediários. Os custos de sua primeira viagem foram financiados por um empréstimo de seu pai. Já **Vitória** (Grupo 2), que financiou sua viagem com recursos próprios, teve uma trajetória diferente: ingressou nos Estados Unidos por meio de um programa de intercâmbio com o intuito de aperfeiçoar o inglês e, ao identificar novas oportunidades, obteve uma formação avançada e se licenciou para atuar profissionalmente na sua área.

A análise de Marx (1983) sobre a mobilidade do trabalho é relevante para compreender esse processo, pois destaca que o trabalho, enquanto mercadoria, precisa estar disponível para circular e gerar valor no mercado. Essa mobilidade, no caso dos imigrantes, é frequentemente restringida por fatores sociais e econômicos que dificultam o reconhecimento de sua força de trabalho. Leite e Manzione (2020) reforçam essa perspectiva ao argumentar que a ascensão profissional dos imigrantes depende da fluidez do mercado de trabalho, exigindo adaptação constante a novas atividades e mudanças produtivas. No entanto, muitos imigrantes valadarenses enfrentam dificuldades devido à rigidez do mercado, sendo direcionados para empregos precários ou informais que dificultam sua progressão.

Munz (2007) também contribui para a compreensão da mobilidade profissional ao apontar que, embora imigrantes com altos níveis educacionais possam enfrentar sub-representação no mercado, aqueles com menor qualificação são frequentemente absorvidos por setores que oferecem pouca mobilidade. No caso dos valadarenses, muitos acabaram ocupando postos de baixa qualificação, não necessariamente por falta de competência, mas devido à falta de reconhecimento de seus diplomas e experiência anteriores.

Brettell (2022) amplia essa análise ao considerar a migração como um fenômeno multifacetado, envolvendo motivações culturais, sociais e econômicas. A mobilidade profissional não se restringe à esfera econômica, mas também reflete a adaptação social e cultural dos imigrantes. Redes de apoio, relações familiares e estratégias domésticas influenciam diretamente as oportunidades de trabalho e ascensão profissional. Assim, o ciclo migratório dos valadarenses nos Estados Unidos continua sendo moldado por desafios e estratégias individuais que refletem um esforço contínuo por melhores condições de vida.

5.2.17 Fatores estruturais e seus impactos

Fatores como gênero, raça, etnia e outros marcadores sociais têm um impacto profundo na inserção e na mobilidade profissional dos migrantes valadarenses. As mulheres imigrantes enfrentam desafios diversos, muitas vezes sendo direcionadas a setores como limpeza doméstica, cuidados pessoais ou serviços de alimentação, onde a informalidade e a vulnerabilidade estrutural são predominantes. Essas ocupações, culturalmente associadas ao trabalho feminino, oferecem mobilidade limitada e menores salários em comparação com os setores dominados por homens, como a construção civil. Além disso, questões relacionadas à interseccionalidade – como ser mulher, indocumentada e de origem latina – ampliam os desafios, criando barreiras adicionais no acesso a melhores empregos.

As desigualdades socioeconômicas entre os países de origem e destino influenciam as trajetórias de trabalho dos migrantes, muitas vezes obrigando-os a aceitar empregos de baixa qualificação. A migração recente resultou na plena utilização das habilidades ou formação dos indivíduos, sendo comum que os migrantes experimentem uma "desvalorização da formação" em suas trajetórias laborais. Essas desigualdades também são reproduzidas no país de destino, onde o acesso a direitos trabalhistas e oportunidades de ascensão é desejável para imigrantes em comparação com os nativos.

Políticas migratórias restritivas têm implicações diretas na estabilidade profissional dos imigrantes. Indocumentados frequentemente enfrentam maiores riscos de exploração, baixos salários e precarização do trabalho, além de limitações para buscar assistência legal em casos de abusos. Mesmo para aqueles com *status* regularizado, políticas como restrições de vistos temporários e barreiras à naturalização podem gerar instabilidade, dificultando a construção de carreiras de longo prazo. Alternativamente, os programas de regularização podem abrir portas para melhores condições de trabalho e maior segurança no emprego.

A realidade dos migrantes pode ser ilustrada por depoimentos que evidenciam suas adversidades e estratégias de adaptação no mercado de trabalho dos EUA. **Brígida** (Grupo 3), por exemplo, relata que:

Cuidar de crianças brasileiras em casa facilita pra mim. O trabalho vem até minha casa. Movimentar aqui é muito complicado, demoro longas horas no transporte público. Eu não sei dirigir e tenho muita dificuldade para me comunicar em inglês. Para mim o idioma é um grande embaraço. (BRÍGIDA, Grupo 3)

Por outro lado, **Valéria** (Grupo 2) compartilha uma experiência diferente:

Aconteceu que tive um problema pessoal – minha autoestima foi lá em baixo por conta das muitas mudanças vividas naquele momento. Tive muita dificuldade de adaptação. Eu sou uma pessoa qualificada, tenho duas graduações feitas no Brasil e aqui era um recomeço onde não pude atuar na minha área de formação. Passei para um período de sofrimento, chorava muito até me acostumar com o lugar e com o trabalho braçal. Acho que a área de trabalho também era muito desafiante. O grau de responsabilidade quando trabalha com imagem pessoal onde existe um rigor maior nas regras de fidelidade na prestação de serviços. (VALÉRIA, Grupo 2)

Esses relatos evidenciam como fatores como idioma, transporte e a falta de reconhecimento profissional impactam diretamente a mobilidade social e as oportunidades disponíveis para os migrantes.

Brettell (2022) sugere que a migração deve ser vista como um processo fluido, onde os marcadores sociais, culturais e econômicos interagem de forma dinâmica e em constante transformação. A partir dessa perspectiva, a mobilidade laboral e os fatores estruturais que influenciam os migrantes devem ser analisados em contextos que transcendem fronteiras e evidenciam os desafios híbridos e multifacetados enfrentados por esses indivíduos.

A abordagem de Brettell sobre a mobilidade como um processo fluido é particularmente relevante na análise do impacto do gênero. “As mulheres imigrantes transitam por ‘espaços intermediários’” entre papéis tradicionais e as demandas do mercado de trabalho no país de destino. Muitas lidam com a dupla jornada, combinando trabalho remunerado com responsabilidades domésticas e familiares, o que limita sua capacidade de ascensão profissional. Essa dinâmica revela uma identidade fluida, na qual as mulheres conciliam expectativas culturais com desafios econômicos e estruturais.

As desigualdades socioeconômicas são refletidas nos “espaços híbridos” ocupados pelos migrantes, onde eles vivem uma transição constante entre a cultura de origem e a exigência econômica do país de destino. Brettell (2022) argumenta que essa experiência de hibridismo muitas vezes expõe os migrantes a situações de vulnerabilidade econômica e social, ao mesmo tempo em que os forçam a buscar formas criativas de inserção no mercado de trabalho. Para os valadarenses, isso significa adaptar-se a ocupações que não podem corresponder às suas expectativas ou formação, mas que permitem sustentar a si mesmos e às suas famílias.

As políticas migratórias restritivas criam barreiras que tornam ainda mais fluida e incerta a trajetória profissional dos migrantes. A teoria de Brettell, ao enfatizar a

importância das "identidades fluidas", ajuda a explicar como os migrantes superam essas barreiras, navegando por sistemas legais e econômicos enquanto criam estratégias de sobrevivência e adaptação. Mesmo em condições adversas, os migrantes demonstram resiliência ao encontrar formas de se inserir no mercado de trabalho, muitas vezes dentro de redes comunitárias que oferecem apoio e informações.

Brettell (2022) fornece um arcabouço teórico valioso para compreender os fatores estruturais que influenciam a inserção e a mobilidade dos imigrantes valadarenses. Ao considerar a migração como um processo fluido e dinâmico, é possível considerar como gênero, desigualdades socioeconômicas e políticas migratórias moldam as trajetórias de trabalho dos migrantes, destacando a complexidade de suas experiências e a necessidade de políticas públicas inclusivas que promovam maior equidade e inclusão.

5.2.18 Redes sociais e capital social

As redes sociais desempenham um papel crucial no processo migratório, oferecendo apoio emocional, econômico e logístico. No caso dos migrantes valadarenses, essas redes incluem relações familiares, comunitárias e religiosas, que fornecem os primeiros suportes para a inserção na nova sociedade.

Redes de apoio familiares: A família é frequentemente a primeira a oferecer suporte, seja com ajuda de acomodação, apoio financeiro ou indicação de empregos. Muitas vezes, as pessoas recorrem a parentes já estabelecidos para iniciar sua trajetória. **Luana** (Grupo 2), por exemplo, mencionou que ao chegar aos Estados Unidos contou com familiares que migraram antes e, assim, teve facilidade em encontrar trabalho. Ela trabalhou para seus tios e para brasileiros que possuíam negócios próprios de limpeza. Da mesma forma, **Kleber** (Grupo 2) relatou que foi acolhido pela tia e, em poucos dias, começou a trabalhar com seu primo na pintura de casas, posteriormente se especializando em instalação de cerâmica na construção civil.

Esses relatos demonstram como os laços familiares atuam como facilitadores tanto do acesso ao mercado de trabalho quanto da adaptação inicial nos Estados Unidos.

Redes comunitárias: A rede de conterrâneos brasileiros é vital para a adaptação dos migrantes. Indivíduos buscam apoio em amigos ou conhecidos que já migraram, estabelecendo laços que facilitam a inserção no mercado de trabalho, seja por meio de agendamentos diretos ou troca de informações. Os entrevistados destacaram como as

conexões dentro da comunidade brasileira foram fundamentais para encontrar empregos e moradia, além de fornecerem suporte emocional para enfrentar os desafios iniciais.

Redes religiosas: A igreja também atua como uma rede importante, fornecendo conexões que auxiliam tanto na integração social quanto no mercado de trabalho. Muitos migrantes destacaram que as comunidades religiosas foram essenciais para encontrar apoio e oportunidades de emprego. Além do suporte espiritual, as igrejas muitas vezes oferecem moradia temporária, doações e contatos para vagas de trabalho, fortalecendo o sentimento de pertencimento e solidariedade.

O conceito de capital social, inicialmente formulado por Glenn Loury (1977) e aprofundado por Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant (1992), é fundamental para compreender as redes de apoio no processo migratório, sendo crucial para a inserção e adaptação dos migrantes no mercado de trabalho. O capital social pode ser entendido como os recursos imateriais oriundos das relações sociais de um indivíduo, sendo fundamental para a inserção dos migrantes no mercado de trabalho e sua adaptação ao novo ambiente.

Bourdieu (1980) destaca que as redes de apoio familiar são as primeiras a fornecer suporte financeiro, logístico e informativo. Contudo, essas redes também podem gerar desafios, como exploração no ambiente de trabalho familiar, uma vez que a vulnerabilidade do imigrante pode levar a situações de abuso.

As redes comunitárias e religiosas ampliam esse capital social, permitindo que os migrantes desenvolvam conexões além do círculo familiar. Brettell (2022) argumenta que as redes sociais e emocionais, tanto em uma escala macro (ligando as áreas de envio e recepção) quanto em uma escala micro (conectando indivíduos e famílias), são cruciais para a sustentação dos fluxos migratórios.

As redes sociais ajudam os migrantes de diversas formas:

Orientação: Compartilhamento de conhecimentos sobre o processo migratório, como obtenção de documentos e acesso ao mercado de trabalho.

Empréstimos: Apoio financeiro inicial para cobrir custos da migração, transporte e despesas emergenciais.

Apoio logístico: Auxílio na busca por moradia e emprego, facilitando a adaptação nos primeiros meses.

As redes sociais e o capital social são elementos essenciais para a compreensão da experiência migratória dos valadarenses nos EUA. Através dessas redes, os migrantes têm acesso a recursos cruciais para sua adaptação e sucesso no novo país. Seja por meio

de conexões familiares, apoio comunitário ou respaldo religioso, essas redes facilitam a transição para a vida no exterior e contribuem para a construção de identidade e estabilidade dos migrantes. Assim, o capital social, conforme teorizado por Bourdieu e Loury, continua sendo um dos fatores determinantes na mobilidade e na inserção dos migrantes na sociedade americana.

5.2.19 Redes no mercado de trabalho

As redes sociais desempenham um papel fundamental na inserção de migrantes no mercado de trabalho, funcionando tanto como um ponto de partida quanto como um fator de continuidade no processo de adaptação ao novo contexto profissional. Muitos migrantes relatam que o apoio de conhecidos e familiares que já estão estabelecidos no país foi essencial para garantir seus primeiros empregos, como observado no depoimento de **Célio** (Grupo 2): “*Primeiro foi com brasileiros e depois, quando me tornei mais autônomo e aprendi mais do idioma, já prestei serviço para todos os tipos de pessoas que tem neste lugar.*” Esse processo reflete a importância do capital social, conceito elaborado por Bourdieu (1980), que se refere aos recursos acessados por meio de redes de amizade e familiaridade, como empregos e legitimidade dentro de uma comunidade.

Essas redes informais, compostas por pessoas que já passaram por trajetórias semelhantes, são uma das formas mais comuns pelas quais os migrantes se inserem no mercado de trabalho. No entanto, à medida que o migrante adquire mais autonomia e domínio da língua, como exemplificado por **Célio**, ele tende a expandir suas redes para além da comunidade de conterrâneos, buscando novas oportunidades de trabalho. Essa transição reflete a mudança de uma rede mais restrita e, por vezes, exploradora, para uma rede mais diversificada, onde as condições de trabalho podem ser melhores. Por outro lado, **Magnólia** (Grupo 3) compartilha sua experiência com a rede de brasileiros, dizendo: “*Trabalhei para brasileiros inicialmente – mas eu não gostei, senti a exploração no trabalho pelos brasileiros que chegaram antes de mim.*” Esse depoimento ressalta como, em certos casos, as redes informais podem ser fontes de exploração, especialmente no início da migração, quando o trabalhador depende mais dessas relações para conseguir emprego.

A teoria de Marx (1984) sobre a superpopulação relativa ajuda a contextualizar esse fenômeno, ao explicar como muitos migrantes são forçados a aceitar condições de trabalho precárias devido à falta de alternativas viáveis. Isso pode gerar uma classe de

trabalhadores em condições subalternas, sustentada pela dependência das redes informais. Essa dinâmica é visível nos relatos de migrantes que, mesmo enfrentando condições adversas de trabalho, permanecem nas redes de apoio devido à falta de outras opções. No caso de **Célio**, no entanto, a aprendizagem do idioma e o aumento de sua autonomia o ajudaram a sair dessa rede mais restrita e a expandir suas possibilidades de trabalho, melhorando suas condições profissionais.

Além disso, a teoria de mobilidade social de Leite e Manzione (2020) destaca a flexibilidade e a adaptabilidade dos migrantes como fatores cruciais para sua inserção e progresso no mercado de trabalho. A capacidade de navegar entre diferentes redes e setores, tanto formais quanto informais, permite ao migrante buscar melhores condições de trabalho e mais autonomia. Isso é evidenciado na jornada de **Célio**, que ao aprender o idioma e expandir seus contatos foi capaz de melhorar sua posição no mercado de trabalho. A transição de uma rede informal de conterrâneos para um mercado mais formal reflete a busca por uma maior estabilidade e melhores condições profissionais.

Em suma, as redes no mercado de trabalho desempenham um papel crucial na jornada migratória, sendo ao mesmo tempo facilitadoras e fontes potenciais de exploração. Compreender o papel do capital social e as dinâmicas de exploração no trabalho permite uma análise mais profunda das interações entre as redes sociais e as condições de trabalho dos migrantes. As estratégias de negociação, a flexibilidade e a capacidade de adaptação se mostram essenciais para superar as limitações impostas pelas redes informais e alcançar uma inserção mais satisfatória no mercado de trabalho formal.

5.2.20 Impacto do capital social na trajetória profissional

O impacto do capital social na trajetória profissional dos migrantes é evidente na forma como redes de apoio, tanto formais quanto informais, influenciam a inserção e ascensão no mercado de trabalho. Essas redes, que incluem apoio familiar, comunitário e religioso, desempenham um papel crucial, conectando os migrantes a oportunidades essenciais, como emprego, moradia e serviços. Entretanto, a maneira como essas redes são acessadas e utilizadas varia significativamente, sendo influenciada por fatores como gênero, status social e disponibilidade de tempo.

O depoimento de **André** (Grupo 2) ilustra a limitação das redes de apoio quando ele afirma: "*Eu não conheço tanta gente. Eu busco pelas pessoas que podem me auxiliar nas minhas demandas e pronto. Não tenho um grande ciclo de apoio. Os mais próximos*

mesmo são os familiares." Essa fala demonstra como o isolamento social, seja por escolha ou circunstâncias, pode restringir o acesso ao capital social, afetando diretamente as oportunidades de trabalho e suporte emocional. De maneira similar, **Carlos** (Grupo 2) menciona que seu "ciclo de apoio é restrito" e que o grupo da construção civil é o que mais lhe oferece suporte, o que indica que, embora ele tenha uma rede de apoio limitada, ela se configura essencialmente no âmbito profissional.

Olívia (Grupo 3), por sua vez, destaca a dificuldade em ampliar suas redes sociais devido ao seu perfil mais reservado e à falta de tempo, além da alta competitividade no mercado de trabalho. Ela diz: *"Sou muito caseira e aqui as pessoas ficam bem mais focadas em trabalhar, porque os custos de vida são altos também."* Esse relato aponta para um desafio comum entre migrantes: a sobrecarga de trabalho, que pode dificultar a construção de novas conexões e restringir o capital social. Para muitos, o tempo dedicado ao trabalho e a uma vida mais isolada resultam na limitação do acesso a redes que poderiam potencialmente favorecer o crescimento profissional.

Essas respostas reforçam a ideia de que a construção de redes de apoio está profundamente vinculada ao contexto social e à personalidade do migrante, como discutido pela perspectiva de campo social de Ortiz (1983). Redes sociais não são apenas espaços de apoio, mas refletem relações de poder e influenciam diretamente o acesso a oportunidades, sendo muitas vezes afetadas por questões de gênero. Mulheres, como Olívia, que buscam apoio em círculos familiares e religiosos, tendem a ter menos mobilidade social do que os homens, que frequentemente têm acesso a redes mais amplas associadas ao trabalho, como a construção civil, mencionada por Carlos.

O conceito de capital social, conforme definido por Coleman (1998), destaca como as estruturas sociais geram recursos que facilitam ações individuais. Para os migrantes, o capital social se revela fundamental para superar barreiras iniciais, como a falta de documentação, desconhecimento do mercado de trabalho local e desafios de idioma. Contudo, o valor desse capital social varia de acordo com o gênero e o status social. Para as mulheres, especialmente as que dependem de redes comunitárias ou familiares, o capital social é crucial para questões práticas, mas menos eficaz para ascensão no mercado formal. Já os homens, ao acessarem redes associadas ao trabalho, conseguem transformar esse capital em ganhos econômicos mais diretos.

A trajetória profissional dos migrantes está, portanto, fortemente condicionada ao tipo e à qualidade das redes de apoio acessadas. Migrantes proativos, com maior mobilidade e dispostos a estabelecer conexões profissionais, têm mais chances de

expandir seu capital social e convertê-lo em benefícios econômicos. Por outro lado, aqueles com redes limitadas ou que preferem manter uma rotina mais isolada enfrentam obstáculos adicionais para avançar no mercado de trabalho. Como mencionado por Olívia e outros, a dificuldade de deslocamento e a sobrecarga de trabalho podem resultar em um círculo restrito de apoio, o que limita as oportunidades de crescimento profissional.

Em suma, o impacto do capital social na trajetória profissional dos migrantes não depende apenas da sua presença, mas de sua natureza e aplicabilidade em contextos específicos, onde as dinâmicas de poder e as desigualdades de gênero desempenham papéis centrais. Mulheres migrantes frequentemente enfrentam desafios maiores para converter seu capital social em ascensão profissional, enquanto os homens, ao acessarem redes de trabalho mais amplas, têm melhores condições de alcançar uma mobilidade social significativa.

5.2.21 Autonomia e empreendedorismo

A trajetória dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos revela uma constante busca por autonomia e oportunidades no mercado de trabalho, refletindo mudanças significativas em suas carreiras. Muitos, movidos pela necessidade de adaptação e pela falta de garantias no emprego formal, se veem impulsionados a empreender, desenvolvendo negócios próprios. A construção dessas novas trajetórias muitas vezes ocorre por meio de redes sociais e comunitárias, que não apenas oferecem apoio emocional, mas também proporcionam recursos e informações essenciais para o sucesso nos empreendimentos. Por exemplo, **Lorena** (Grupo 2) compartilhou sua experiência de migração e reinvenção ao passar de trabalhadora de limpeza para empreendedora no setor de cuidados infantis, ao realizar um curso e obter a licença necessária em apenas seis meses.

Esse movimento em direção à autonomia é característico de muitas mulheres imigrantes, como destacou Sylvia DeBiaggi (2003), que aponta o trabalho remunerado como uma chave para ampliar a capacidade de criar e sustentar redes que facilitam a transição para o empreendedorismo. **Lorena** exemplifica como essas redes podem ser fundamentais para superar barreiras iniciais, como a falta de qualificação e o desconhecimento dos processos locais.

Além disso, **Jorge** (Grupo 2) menciona sua própria transição de aprendiz a bombeiro hidráulico autônomo, destacando como as conexões feitas com outros

trabalhadores mais experientes possibilitaram o seu crescimento no setor. O testemunho de **Luana** (Grupo 2) também ilustra como as redes de conhecidos podem ajudar a iniciar e expandir um empreendimento, como foi o caso de sua evolução no mercado de limpeza de casas, um setor que exige pouco investimento inicial, mas demanda uma construção gradual de uma clientela fiel.

Esse processo de adaptação ao mercado de trabalho autônomo é facilitado pelas redes étnicas, que atuam como um capital social, conectando os imigrantes a clientes locais e oferecendo suporte na superação dos desafios da vida nos Estados Unidos. No entanto, como aponta Portes (1995), essas redes nem sempre substituem as limitações que surgem do status migratório, como o caso de imigrantes indocumentados, que enfrentam barreiras legais significativas para formalizar seus negócios.

O empreendedorismo, especialmente entre as mulheres, vai além da mera sobrevivência. Como afirmou Cavalcanti (2006), ele representa uma forma de transformação econômica e social, desafiando a visão do imigrante como uma figura subalterna e promovendo a imagem da mulher como uma agente ativa de mudança na economia local. Para as mulheres, o empreendedorismo se manifesta principalmente em setores como o de beleza e estética, cuidados infantis e limpeza de casas, onde a flexibilidade e o baixo custo inicial são fundamentais.

No entanto, a formalização desses negócios não é isenta de obstáculos. A falta de familiaridade com a burocracia e as leis locais, o desconhecimento sobre como registrar um negócio ou obter uma licença necessária, são desafios comuns enfrentados pelos imigrantes. A discriminação e o estigma, muitas vezes associados à xenofobia, também podem dificultar a expansão dos empreendimentos, restringindo o acesso a financiamentos ou à construção de uma rede de clientes estável.

Em resumo, a busca por autonomia no trabalho entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos não se limita apenas à necessidade de adaptação, mas também envolve uma busca por mobilidade social e transformação econômica. As redes sociais desempenham um papel central nesse processo, facilitando o acesso a recursos, clientes e informações cruciais, ao mesmo tempo que as barreiras legais e sociais dificultam a formalização e o crescimento dos negócios. O empreendedorismo surge, assim, não apenas como uma estratégia de sobrevivência, mas como um meio de redefinir a posição econômica e social desses imigrantes.

5.2.22 Desigualdades e barreiras estruturais

As desigualdades de gênero nas oportunidades de empreendedorismo são acentuadas em contextos migratórios, onde as mulheres enfrentam desafios específicos, tanto pelas barreiras culturais quanto pelas estruturas legais e sociais que limitam suas opções. A migração pode oferecer uma chance de autonomia e independência financeira, mas também pode fortalecer as desigualdades, a dependência do *status* migratório e das condições de trabalho.

Os depoimentos das entrevistadas ilustram bem essa realidade. **Cíntia** (Grupo 2), por exemplo, recorreu às suas redes de conhecidos para conseguir um emprego, e destacou a importância do aprendizado do idioma por meio da mídia para conseguir se comunicar e eventualmente abrir seu próprio negócio. A experiência de **Cíntia** revela como muitas mulheres migrantes encontram oportunidades no mercado de trabalho por meio de suas redes de contato. Contudo, essas oportunidades frequentemente se limitam a áreas que são socialmente associadas ao trabalho feminino, como serviços domésticos ou cuidados infantis. A escolha pelo empreendedorismo, nesse contexto, surge como uma estratégia para driblar as barreiras impostas pelo mercado de trabalho formal e, muitas vezes, pela falta de reconhecimento profissional.

Olívia (Grupo 3), por sua vez, compartilha um relato que expõe outra dificuldade significativa: a barreira do *status* migratório. Para imigrantes indocumentados, a opção de acessar empregos formais ou regulamentados é muito restrita. Em sua experiência, ela teve que aprender a comunicar-se em inglês de forma prática para conseguir empregos, que estavam limitados principalmente a serviços braçais, dada sua condição migratória. O depoimento de **Olívia** mostra que a informalidade do trabalho, característica comum entre muitos imigrantes, é uma consequência direta das restrições legais que dificultam o acesso a empregos formais, expondo-os, assim, a condições de trabalho mais precárias e a uma maior vulnerabilidade à exploração.

Além disso, o relato de **Jurandir** (Grupo 1) ilustra a diferença de oportunidades entre homens e mulheres no contexto migratório. Enquanto ele foi redirecionado para setores como jardinagem e construção civil, ambos de alta demanda e com melhores condições salariais, as mulheres frequentemente se veem restritas a áreas tradicionalmente femininas, como o cuidado infantil ou o trabalho doméstico, que são muitas vezes mais precarizados e mal remunerados.

Esses depoimentos também se alinham com as análises de Ethel Kosminsky (2004), que discute como as relações de gênero vividas pelas mulheres imigrantes são

influenciadas pelas particularidades de cada local, sendo que as mulheres, ao buscarem uma maior participação no mercado de trabalho, enfrentam adversidades tanto por serem mulheres quanto por serem imigrantes. Essa combinação de fatores pode resultar na desvalorização de suas habilidades, na falta de acesso a redes de apoio e na estigmatização no ambiente de trabalho.

Adriana Piscitelli (2001) também destaca que as mulheres brasileiras migrantes muitas vezes enfrentam a dualidade de ser vistas como boas esposas e mães, mas também como símbolos de sensualidade. Esse estereótipo cultural as coloca em uma posição vulnerável, já que a objetificação de seus corpos e a associação de sua feminilidade à sensualidade são frequentemente exploradas e reforçam estereótipos negativos. Esse processo dificulta ainda mais a construção de uma imagem positiva das mulheres no mercado de trabalho, limitando suas oportunidades de ascensão social e econômica.

Por fim, a pressão para manter a "imagem" cultural no país de acolhimento, além das exigências do trabalho e das responsabilidades domésticas, cria uma sobrecarga nas mulheres migrantes. Elas se veem desafiadas a equilibrar as expectativas do sucesso no novo país com as normas culturais brasileiras, sem uma rede de apoio eficiente, o que acaba multiplicando suas responsabilidades e aumentando as dificuldades na adaptação.

As desigualdades de gênero no empreendedorismo e no trabalho de mulheres migrantes brasileiras são influenciadas por fatores legais, econômicos, culturais e sociais. A migração pode abrir oportunidades, mas também evidencia e intensifica essas barreiras, exigindo uma análise crítica dos obstáculos à autonomia e ao sucesso dessas mulheres.

5.3 À guisa de conclusão

A análise das trajetórias migratórias dos migrantes de Governador Valadares revela a centralidade das redes sociais na construção de suas experiências migratórias e na inserção no mercado de trabalho nos Estados Unidos. Essas redes de apoio, compostas por familiares, amigos e conexões profissionais, desempenham papel fundamental nas decisões de migração, adaptação e ascensão profissional. No entanto, embora apresentem suporte emocional, financeiro e informativo, também impõem desafios, como a dependência de contatos que, em alguns casos, limitam a mobilidade social e o acesso a novas oportunidades.

Além disso, a migração deixa de ser apenas uma escolha pessoal, transformando-se em uma resposta a um cenário econômico global que influencia as condições de vida

e de trabalho em diferentes partes do mundo. Esses movimentos migratórios, impulsionados pela busca de melhores condições, revelam não apenas a resiliência dos indivíduos, mas também falhas estruturais de um sistema econômico global que perpetuam a desigualdade e a exclusão social.

Sob uma perspectiva emocional e social, a migração se configura como uma estratégia de reinvenção diante de crises pessoais e sociais, buscando superar a vulnerabilidade do contexto local e criar novas narrativas de vida. Apesar dos riscos envolvidos, ela oferece possibilidades de reinvenção e crescimento. As mulheres migrantes, em particular, tendem a depender mais de redes de apoio familiar e comunitárias, enquanto os homens têm maior acesso a redes laborais amplas, refletindo desigualdades estruturais que limitam a mobilidade profissional feminina.

O impacto do capital social nas trajetórias profissionais não depende apenas de sua presença, mas também de sua natureza, valor e aplicabilidade em contextos específicos em que os migrantes estão inseridos, sempre influenciados por dinâmicas de poder e desigualdade de gênero. As redes sociais e os fluxos globais de capital são elementos-chave na experiência migratória dos emigrantes de Governador Valadares, moldando suas trajetórias profissionais e condições de vida, e refletindo as dinâmicas globais que afetam suas estratégias de adaptação e ascensão.

Nesse contexto, as políticas públicas adotadas pelo atual governo norte-americano desempenham um papel significativo na experiência migratória. Embora alguns avanços tenham sido feitos no sentido de ampliar proteções e oferecer caminhos para a regularização, muitos desafios permanecem, especialmente para imigrantes indocumentados. A ampliação de programas de apoio comunitário, o fortalecimento de iniciativas de acolhimento e o incentivo a reformas migratórias que priorizem a inclusão social são essenciais para mitigar as desigualdades enfrentadas por essa população. Além disso, a manutenção de políticas que garantam acesso a serviços essenciais, como saúde e educação, influencia diretamente as possibilidades de ascensão social e econômica dos migrantes.

Assim, é essencial que as políticas públicas e estratégias de apoio considerem essas desigualdades estruturais para promover uma migração mais inclusiva e equitativa, reconhecendo o papel das redes sociais e das dinâmicas globais na construção das trajetórias migratórias.

6 CAPÍTULO 5: MULHERES MIGRANTES: narrativas de identidade, gênero e pertencimento

6.1 Introdução

A experiência migratória de mulheres transcende a mera mudança geográfica, configurando-se como um processo complexo de transformação pessoal, social e cultural. A migração impacta profundamente identidades, relações familiares e papéis de gênero, atravessando questões de classe e pertencimento.

Este capítulo explora essas dimensões por meio da análise de histórias de vida de cinco mulheres brasileiras que vivenciaram a migração para o exterior: quatro vivem nos Estados Unidos, enquanto uma, após a deportação, reside em Governador Valadares. Suas trajetórias, que abrangem o período entre os anos 1980 e 2024, evidenciam tanto os desafios da migração quanto as estratégias de resistência e ressignificação que marcaram suas vidas.

Com base na metodologia da história oral, apresentado no capítulo metodológico, os relatos coletados permitem uma análise aprofundada das experiências individuais, proporcionando uma visão plural da migração feminina. O estudo aborda múltiplos eixos, como o enfrentamento da falta de documentação, os riscos da travessia de fronteiras, a adaptação em um território desconhecido, as relações laborais precarizadas e os impactos emocionais desse percurso.

Além de descrever a jornada dessas mulheres, este estudo ilumina os aspectos subjetivos de suas experiências, analisando como enfrentam a separação familiar, a vulnerabilidade, a inserção no mercado de trabalho e os desafios da legalização.

Ainda que suas biografias já tenham sido apresentadas, junto com a dos outros entrevistados, neste capítulo aprofundo em suas narrativas por meio de trechos de seus próprios relatos. A abordagem adotada será fundamental para evidenciar suas vozes, perspectivas e sentimentos diante dos desafios enfrentados no processo migratório. A partir dessas narrativas, será apresentada uma análise crítica que destaque as estratégias de adaptação, resistência e transformação dessas mulheres, demonstrando como suas experiências refletem dinâmicas mais amplas de gênero, identidade e pertencimento no contexto da migração.

6.2 Descrição das mulheres migrantes e suas narrativas

Brígida, sempre soube que sua terra natal, Governador Valadares, guardava histórias de partida e retorno. Aos 54 anos, sua jornada migratória se inscreve nessa narrativa coletiva, marcada por desafios, saudades e a busca incessante por uma vida melhor. Como tantas outras mulheres, sua travessia foi moldada por renúncias e coragem, revelando as facetas complexas da migração.

A primeira vez que cruzou a fronteira dos Estados Unidos foi entre 2004 e 2006, impulsionada pela escassez de oportunidades no Brasil. A segunda, em 2021, foi motivada pela mesma necessidade de sobrevivência, mas agora acompanhada de sua filha e sua neta. Ambas as viagens foram permeadas por perigos e incertezas, mas a primeira ficou marcada pelo medo mais visceral.

Ao sair do Brasil, poucas pessoas sabiam da minha travessia – foi um pedido do coioote para que ninguém soubesse da viagem. Foram vinte e um dias passando de trecho a trecho, dormindo em casas desconhecidas, com pessoas que nunca tinha visto antes. Além das exaustivas caminhadas. (BRÍGIDA, Grupo 3)

O momento mais perturbador de sua travessia veio de um desaparecimento inexplicado: "*Um homem do nosso grupo foi retirado da casa por um coioote e nunca mais o vimos.*" As incertezas tornaram-se suas companheiras constantes, assim como a exaustão física.

Eu estava bem acima do peso e pensei que ia morrer devido às longas caminhadas. Descobri que teria que atravessar um rio já nas margens, usando uma câmara de ar de pneu de carro. Atravessei o deserto a pé, cheguei aos Estados Unidos com a roupa do corpo e inúmeras escoriações causadas pelo contato com o mato espinhoso e cercas de arame farpado. Mas, foi preciso voltar antes de completar dois anos para cuidar dos meus filhos, porque o pai deles não se responsabilizou na minha ausência. (BRÍGIDA, Grupo 3)

Apesar da luta, seu tempo no novo país foi interrompido pela necessidade de cuidar dos filhos que ficaram no Brasil, pois o pai deles não assumiu essa responsabilidade.

Anos depois, Brígida voltou a percorrer o mesmo caminho, mas sob outra condição. Utilizou o sistema "cai-cai", que oferecia acolhimento para imigrantes. "*Era a alternativa que tínhamos naquele momento de crise, e o governo norte-americano em*

2021 indicou acolhimento aos imigrantes." Dessa vez, a decisão foi tomada não apenas por si, mas também por sua filha e neta, que necessitavam de uma perspectiva melhor.

Nos Estados Unidos, Brígida encontrou trabalho como faxineira e babá. "*Aqui eu cuido de crianças, e não pense que é fácil. É uma grande responsabilidade.*" Mesmo sem dominar o inglês, adaptou-se ao aprender espanhol no ambiente de trabalho. Suas jornadas eram intensas e imprevisíveis, refletindo a precariedade do mercado de trabalho para imigrantes: "*Se eu trabalho, recebo. Se adoecer, fico sem salário. Pode acontecer de estar a caminho do trabalho e meu empregador avisar que não precisa mais de mim.*"

A migração lhe custou muito. Para financiar a viagem, vendeu um lote no Brasil e contraiu dívidas. Mas o custo emocional foi ainda maior. "*Vivi um tempo longe dos meus filhos pequenos, e isso dificultou minha relação com eles. Meu filho mais velho se sentiu rejeitado e nunca mais morou comigo depois que voltei.*" A distância também destruiu seu casamento: "*Assim que voltei, meu marido já tinha outra família e me esperava para assinar o divórcio.*"

Apesar de tudo, Brígida acredita que a migração foi essencial para melhorar sua condição financeira. "*Se eu não tivesse passado por essa experiência, não saberia o que é lutar por uma vida melhor.*" No entanto, ela também reconhece os limites dessa escolha. "*O mercado de trabalho é difícil tanto aqui quanto no Brasil. Nada é fácil.*" Mesmo usufruindo de um poder de compra maior, reafirma seu pertencimento: "*O Brasil é o meu lugar, mesmo diante das dificuldades.*"

Brígida personifica a dualidade da migração: entre perdas e ganhos, entre o partir e o permanecer. Sua história, como tantas outras, revela as camadas ocultas das trajetórias migratórias femininas, marcadas pela resiliência e pela incessante busca por dignidade. Sua história foi registrada no livro *TRAVESSIA: coragem na fronteira do impossível* (Oliveira, 2024c).

Nossa próxima entrevistada, **Magnólia**, tinha 60 anos quando decidiu compartilhar sua trajetória – uma história marcada por escolhas difíceis, superação e a incansável busca por dignidade. Natural de Governador Valadares, Minas Gerais, ela cresceu em um ambiente religioso e conservador, onde cada ensinamento moldou sua determinação. O desejo de conquistar melhores condições de vida a impulsionou a atravessar fronteiras em busca do sonho americano.

Em 1998, o chamado dos dólares falou mais alto. No Brasil, o comércio de cosméticos garantia seu sustento, mas não oferecia as oportunidades que ela almejava.

"*Eu queria ganhar em dólar e melhorar minha condição de vida*", lembra. A promessa de prosperidade, porém, exigiria um alto preço.

A travessia pelo México foi uma experiência marcada por incertezas e perigos. O dia em que foi detida permanece vívido em sua memória. "*Fiquei nesse centro por pouco tempo, mas, como nunca tinha sido presa, o período pareceu uma eternidade.*" Entre as paredes frias e o eco das vozes chamando nomes, a incerteza era sua única companhia. As famosas "geladeiras" – mantas de alumínio – ofereciam algum conforto contra o frio. "*Nunca se sabe se sairá para os Estados Unidos ou se será deportado(a).*" A cada novo nome anunciado, Magnólia sentia o peso do desconhecido.

A liberdade veio, mas trouxe consigo novos desafios. O trabalho doméstico foi sua porta de entrada, mas as barreiras linguísticas e a competição no mercado de trabalho logo se tornaram evidentes. "*Trabalhar para outros brasileiros me fez sentir explorada. Sempre chega gente nova por aqui.*" A busca por regularização se tornou prioridade, e foi nesse contexto que ela tomou uma decisão difícil.

Um relacionamento com um norte-americano parecia ser o caminho para conquistar seus documentos. A relação, contudo, revelou-se abusiva. "*Engravidei e tive uma filha com ele, mas fui humilhada e enfrentamos conflitos incessantes. Ele sempre quis me prejudicar e me ver deportada.*" A fragilidade do vínculo afetivo somada à violência emocional a fez buscar outra saída.

Magnólia encontrou coragem para se reerguer. Com o tempo, estabilizou sua clientela, adquiriu uma casa e começou a alugar quartos para complementar sua renda. Mas a legalização ainda era um sonho distante. Foi então que surgiu uma proposta – um casamento arranjado. "*Depois de anos tentando obter documentos, uma cliente me apresentou a uma mulher com quem me casei apenas para conseguir legalmente o direito de permanência.*" Durante dois anos, a esposa morou no porão de sua casa, e Magnólia pagou pelo casamento.

A espera foi angustiante, cada visita ao advogado carregada de ansiedade. Quando, finalmente, seus documentos chegaram, a sensação foi de alívio. "*Com os documentos em mãos pude viajar, ver minha mãe e me sentir livre da angústia de não ter liberdade.*" Apesar da conquista, a vergonha ainda a acompanhava.

Tive muita vergonha de me casar com uma mulher apenas para obter documentos, mas essa foi a alternativa que encontrei. Hoje, sou grata, porque deu certo e conquistei minha cidadania. Nunca contei para minha família, apenas para amigos mais próximos. Agora, estou me abrindo e contando a você. (MAGNÓLIA, Grupo 3)

O tempo trouxe alguma paz. Hoje, Magnólia mantém um relacionamento com um brasileiro, mas prefere a independência de viver em casas separadas. "*Nos damos bem assim, cada um no seu espaço.*" Sua filha, agora completamente adaptada à cultura americana, também é um pilar em sua vida. O retorno ao Brasil não está em seus planos. "*A migração valeu a pena para o meu crescimento pessoal, mas não foi fácil passar por tudo que passei.*"

A história de Magnólia é um testemunho de força e resiliência. Cada escolha, cada dor e cada conquista compõem a narrativa de uma mulher que desafiou fronteiras e se reconstruiu, escrevendo seu próprio caminho em meio às adversidades. Sua história está registrada no livro *REATÂNCIA: arranjos legais* (Oliveira, 2024b).

A terceira entrevistada da qual é narrada a história de vida é **Aurora** que sempre acreditou que a vida poderia lhe oferecer mais. Natural de Governador Valadares, ela construiu sua trajetória com resiliência e determinação. Aos 60 anos, sua história é marcada por partidas e retornos, desenhando um caminho de desafios e reencontros.

Em 1986, com a promessa do "sonho americano" brilhando diante dela, Aurora decidiu cruzar fronteiras. Deixou para trás seu salão de beleza, encerrando temporariamente o ofício de cabeleireira que tanto gostava. Seus três filhos ficaram sob os cuidados da sogra, enquanto ela voava rumo ao desconhecido, unindo-se ao marido que já vivia nos Estados Unidos.

A chegada não foi fácil. Na terra das oportunidades, o caminho era árduo. Aurora tentou retomar seu ofício, mas encontrou um mercado fechado e hostil. "*Ninguém queria me ensinar, ninguém queria mais uma cabeleireira para competir.*" A exclusão ecoava em cada porta fechada. Diante das adversidades, seguiu os passos do marido e ingressou na construção civil. Entre cimento e madeira, encontrou um refúgio, ainda que o ambiente fosse desafiador.

Não aprendi a falar inglês. E, embora naquela época não fosse comum mulheres trabalharem na construção civil, por ser um trabalho pesado, eu me sentia mais à vontade porque não precisava conversar nem negociar. Meu marido combinava o serviço, e na hora da execução, eu comparecia. Aprendi a fazer de tudo na construção civil, principalmente carpintaria. (AURORA, Grupo 3)

Mesmo sendo uma presença incomum em um setor predominantemente masculino, Aurora se destacou. Mas o peso das interações humanas ainda a assombrava.

"Fui trabalhar na construção civil com meu marido porque não me adaptei bem com outras pessoas. Me sentia excluída. Talvez por ser brasileira, talvez por ser imigrante e talvez por ser preta."

Sete anos se passaram. *"Eu vivi nos Estados Unidos naquela época só para trabalhar. Não conheço nada, nem lugar algum. Também me distanciei muito de cuidar de mim mesma."* A saudade dos filhos só crescia. Em 1993, Aurora tomou a difícil decisão de retornar ao Brasil. O reencontro foi marcado por lágrimas e abraços, mas também pelo reconhecimento das ausências. *"Eles cresceram sem mim. Eu tinha duas crianças pequenas nos Estados Unidos e outros três filhos no Brasil. A culpa me acompanhava."*

De volta ao seu país natal, ela retomou a profissão de cabeleireira. Contudo, as limitações financeiras tornaram-se evidentes. *"Eu não conseguia oferecer muito a eles."* Essa realidade impulsionou seus filhos a trilharem o mesmo caminho da migração. *"Às vezes, penso que fui um exemplo para eles. A busca por uma vida melhor tornou-se um legado."*

Em 2022, Aurora retornou aos Estados Unidos, desta vez com um *green card* concedido por uma de suas filhas nascidas no país. Na Flórida, reencontrou parte de sua família e encontrou um novo rumo profissional no setor alimentício. *"Dessa vez, não era só trabalho. Queria estar perto dos meus filhos e netos."*

A separação matrimonial, após 14 anos de casamento, foi mais uma marca em sua jornada. *"A distância desgasta o que não tem definição de reencontro."* No entanto, Aurora escolheu olhar para frente, valorizando o crescimento pessoal e as experiências acumuladas. *"A migração me transformou. Houve arrependimentos, especialmente por ter perdido momentos da infância dos meus filhos. Mas, ao retornar, fui acolhida por eles. Não houve resistência, apenas amor."*

Hoje, Aurora reflete sobre sua trajetória com serenidade. Sua história, entrelaçada por perdas e conquistas, revela a força de quem atravessou fronteiras físicas e emocionais. A migração foi, para ela, um caminho de aprendizado contínuo. E mesmo com as cicatrizes que carrega, Aurora encontra conforto na proximidade daqueles que ama. Sua história foi registrada no livro *PRUMO: demolição e reconstrução* (Oliveira, 2024a).

Olívia, aos 48 anos, carrega em sua história a marca de duas viagens em busca de um recomeço. Natural de Governador Valadares, Minas Gerais, ela partiu para os Estados Unidos pela primeira vez em 2002. Sua partida não foi apenas uma decisão individual, mas um passo influenciado pelo namorado da época, um viajante frequente entre o Brasil e os EUA. *"Minha migração foi a convite do meu namorado, que já havia migrado várias*

vezes. *Ele passava um período no Brasil e outro no exterior*", lembra Olívia, destacando como aquele apoio inicial moldou sua coragem para cruzar fronteiras.

No início, a relação lhe oferecia conforto e segurança. Morar juntos amenizava a saudade da família e de sua terra natal. *"Ele me apoiava e ajudava a lidar com a saudade que eu sentia do Brasil."* Mas, com o tempo, as fissuras da relação se ampliaram. A dependência emocional e a falta de uma rede de apoio própria tornaram Olívia vulnerável. *"Tinha parentes para apoiá-lo, e eu não tinha ninguém. Acho que ele percebeu isso e passou a controlar minha vida"*, revela. A situação atingiu seu limite quando seu passaporte foi trancado em um cofre. *"Senti-me muito vulnerável e sem saída."*

A separação não foi apenas o término de um relacionamento, mas o início de uma jornada de autossuficiência. Sem o amparo de familiares, Olívia enfrentou o idioma desconhecido e as limitações do trabalho informal. Começou como faxineira, depois motorista de uma equipe de limpeza, passou por lavanderia e lanchonete, mas foi na costura que reencontrou sua paixão e propósito.

Esse foi o trabalho com o qual me identifiquei mais e que hoje é minha principal ocupação. Mas antes disso, trabalhei com limpeza, como motorista para uma equipe de faxineiras, garçom e em lavanderias. Hoje, há mais opções, e o principal diferencial para atuar em outras áreas é saber falar o idioma. (OLÍVIA, Grupo 3)

Determinada a vencer a barreira da língua, Olívia buscou aprender inglês por meio de cursos comunitários e esforçou-se para aprimorar sua comunicação. *"Hoje, depois de muita prática, consigo me comunicar melhor"*, conta com orgulho.

Em 2016, a saudade e o desejo de recomeçar a trouxeram de volta ao Brasil. Com sua irmã, abriu um negócio na área da moda. Contudo, as dificuldades financeiras e a falta de estabilidade empurraram-na novamente para os Estados Unidos. Desta vez, ela retornou como mãe, com uma filha de três anos. *"Retornei ao Brasil porque sentia que era meu lugar, mas não deu certo. Não consegui emprego e meu negócio não teve sucesso. Por isso, migrei novamente."*

Ser mãe solteira em um país estrangeiro trouxe desafios intensos. Sem uma rede de apoio e com poucos amigos, Olívia moldou sua rotina em função da filha. Apesar das dificuldades, ela não considerou recorrer a casamentos por conveniência para obter legalização. *"Surgiram oportunidades, inclusive algumas pessoas que poderiam me proporcionar a legalização no país, mas, por ter uma filha pequena, preferi não arriscar."*

Hoje, mesmo com a saudade do Brasil, Olívia reconhece as oportunidades que a migração proporcionou a ela e à filha. *"A escola, o atendimento dentário, o plano de saúde... Aqui, consigo proporcionar tudo isso a ela."* Ela ainda sonha com o dia em que poderá rever sua família e seus amigos. *"Uma das maiores angústias é não poder viajar para o Brasil e rever minha família e amigos."*

Para Olívia, a migração não tem gênero; é uma escolha moldada pelas circunstâncias de cada um:

Não vejo tanta diferença entre a migração de homens e mulheres atualmente. No passado, os homens iam mais para a construção civil e as mulheres para a faxina. Hoje, há mais opções, e o principal diferencial para atuar em outras áreas é saber falar o idioma. (OLÍVIA, Grupo 3)

A história de Olívia é um retrato de resiliência, coragem e reinvenção. Cada desafio superado reafirma sua capacidade de se reconstruir, mantendo viva a esperança de um futuro melhor para si e para sua filha. Sua história foi retratada no livro *ENTRELAÇOS: do outro lado da agulha* (Oliveira, 2024d).

Amelie, 46 nunca se considerou uma mulher destemida, mas a vida não lhe deu muitas escolhas. Aos 24 anos, com uma filha pequena nos braços e um casamento marcado pela distância, sentiu o peso da incerteza quando seu marido partiu para os Estados Unidos em busca de um futuro melhor. No Brasil, a dependência financeira da sogra a inquietava. As remessas de dinheiro sustentavam a casa, mas a faziam sentir-se impotente. Foi então que a decisão se impôs: se queria reescrever sua história, precisaria cruzar a mesma fronteira que tantos outros já haviam atravessado.

A viagem foi rápida, mas tensa. O coioete, encontrado com facilidade, garantiu a travessia pelo México e a entrada pelos desertos do Texas. *"Encontrar o coioete foi muito fácil. Ele pagou todas as despesas da viagem e quando cheguei lá minha sogra me emprestou o dinheiro para acertar com ele. Eu não tive problemas maiores."*

Conta num tom de alívio:

"Houve só uma vez que um coioete me chamou para ir à casa dele no México. Ele me adiantou que tinha família e queria somente que eu ensinasse sua esposa a preparar um tipo de alimento que fiz em um dos pontos de parada." Embora o convite de um dos coioetes para visitar sua casa no México tenha deixado um leve temor no ar. Mas não houve ameaças, apenas um pedido inusitado: ensinar sua esposa a preparar um prato.

Quando chegou a Boston, sua sogra lhe emprestou o dinheiro necessário para quitar a dívida da travessia. Amelie mergulhou no trabalho, dedicando-se à limpeza de casas ao lado da sogra. Com o tempo, percebeu que poderia ter seu próprio negócio, trabalhar com autonomia e aumentar seus rendimentos. A sogra, previsivelmente, não gostou. Mas Amelie seguiu firme. Também trabalhou como ajudante de cozinha em uma pizzaria, encarando jornadas de 8 a 12 horas diárias. A exaustão era constante, mas a dignidade do trabalho e a possibilidade de uma vida melhor a impulsionavam.

A adaptação teve seus desafios. O inglês aprendido no dia a dia era suficiente para se comunicar, mas sua vida social resumia-se à família e alguns poucos brasileiros da região. No lar, a convivência com a sogra era carregada de tensões e um sentimento de marginalização. Mas sua maior surpresa veio em 2007: uma gravidez inesperada, mesmo usando métodos contraceptivos. O nascimento do segundo filho trouxe um novo sentido à sua jornada, reforçando sua determinação em oferecer uma vida estável à família.

Porém, tudo mudou drasticamente em 2009. Uma simples abordagem policial revelou sua situação migratória irregular:

Eu nem sabia que eu deveria comparecer a uma corte para uma audiência de imigração. No momento da abordagem policial, fui levada diretamente para uma unidade prisional. Ali recebi um uniforme de cor laranja que me remetia o tempo todo à humilhação e a caracterização de uma prisioneira. Não falei com mais nenhuma pessoa conhecida depois disso. (AMELIE, Grupo 1)

Ela nunca compareceu à audiência de imigração – um detalhe que não compreendeu na época, confiando na orientação da sogra e do namorado desta que lhe disseram para rasgar os papéis da imigração. “*Achei que era o melhor a fazer, já que não tinha dinheiro para advogado*”, lamenta.

A detenção foi um choque brutal. O uniforme laranja simbolizava a humilhação de ser tratada como criminosa. Na prisão, enfrentou ameaças, aprendeu regras não ditas sobre o uso da cela e, em um momento de vulnerabilidade extrema, teve que dormir no chão. O isolamento foi devastador. Não houve despedidas, nem palavras de conforto. Ela diz: “*Eu pensava que usar aquele uniforme alaranjado no presídio era sinal de humilhação e degradação. Mas, a parte mais humilhante foi andar pelo aeroporto e entrar no avião de voo convencional algemada, tendo que ser julgada pelos olhares das pessoas que ali estavam. Meu erro foi minha limitação para ler e compreender o que deveria ter feito.*”

Quando finalmente foi deportada, sentiu o peso do julgamento nos olhares dos passageiros do voo comercial onde embarcou algemada. “*Aquilo foi pior do que o uniforme laranja*”, admite.

O retorno ao Brasil não foi um recomeço fácil. Sua filha mais velha, retirada abruptamente da escola nos EUA, demorou a se adaptar à nova realidade. O filho mais novo sequer guarda lembranças do que viveram. Amelie, por sua vez, precisou enfrentar as marcas emocionais da experiência.

Hoje, ela avalia sua trajetória com sentimentos mistos. “*A vida nos Estados Unidos me deu oportunidades que eu nunca teria no Brasil, mas a deportação foi um golpe duro.*” Aprendeu, da pior forma, sobre a importância de compreender e se responsabilizar por processos migratórios. Ainda nutre a esperança de que, um dia, seu filho cidadão americano possa ajudá-la a regressar legalmente. Enquanto isso, segue reconstruindo sua vida no Brasil, tentando ressignificar sua história e curar as cicatrizes de um sonho interrompido. Sua história foi retratada no livro *ENTRELAÇOS*: do outro lado da agulha (Oliveira, 2024d).

6.3 Análise das histórias de vida de mulheres migrantes

Esta análise será incorporada por citações diretas das entrevistadas, que serão seguidas de reflexões e interpretações com base no referencial teórico adotado. Essa metodologia da história oral busca preservar as vozes das participantes e destacar as nuances e complexidades de suas vivências, respeitando a riqueza e a subjetividade de cada relato. Dessa forma, espera-se contribuir para uma compreensão mais ampla dos desafios, conquistas e sentimentos que permeiam a experiência migratória, valorizando a memória como um instrumento essencial de construção da identidade e da história.

Da experiência de Brígida serão analisados: (i) a vulnerabilidade e ausência de informação durante a travessia; (ii) os riscos de vida experimentados na travessia terrestre da fronteira do México; (iii) a decisão de retorno ao Brasil antes de concluir o projeto migratório devido às responsabilidades maternas; (iv) a reemigração pelo sistema "cai".

6.3.1 A vulnerabilidade e ausência de informação durante a travessia

Brígida relata:

Ao sair do Brasil, poucas pessoas sabiam dessa travessia – foi um pedido do coioote para que ninguém soubesse da viagem. Foram vinte e um dias passando de trecho a trecho, com pessoas que eu nunca tinha visto antes. Dormimos em casas desconhecidas, com pessoas que nunca tinha visto antes. Além das exaustivas caminhadas. (BRÍGIDA, Grupo 3)

O relato de Brígida evidencia a vulnerabilidade e a ausência de informação durante a travessia da fronteira terrestre do México para os Estados Unidos, aspectos que podem ser compreendidos a partir da interseccionalidade de gênero, raça e classe, conforme discutido por Saffioti (1992). A exigência de sigilo imposta pelo coioote não apenas reforça o caráter clandestino da migração, mas também implica a perda de autonomia dos migrantes, especialmente das mulheres, que se tornam mais suscetíveis a situações de risco e exploração. A dinâmica da travessia – marcada por deslocamentos contínuos, noites em casas desconhecidas e caminhadas exaustivas – reforça um estado de precariedade extrema, onde o corpo feminino se torna simultaneamente um instrumento de resistência e um alvo de sujeição.

Para Saffioti (1992), o corpo é um campo onde as relações de poder se manifestam materialmente, tornando visível a interseção entre gênero e raça. No contexto da migração irregular, essa interseção se intensifica, pois, a falta de informações, a instabilidade e a dependência de terceiros tornam as mulheres ainda mais vulneráveis a diferentes formas de violência e exploração. A experiência de Brígida, ao ser submetida a um percurso fragmentado, sem controle sobre os próprios passos e interações, ilustra a ausência de garantias e direitos nesse processo.

Além disso, a perspectiva de Oliveira (1976) e Saffioti (1992) sobre etnia e gênero como componentes de um campo relacional dialético permite compreender como as desigualdades estruturais afetam de forma diferenciada mulheres brancas e negras. Embora todas enfrentem a precariedade e a insegurança da travessia, a raça pode adicionar camadas extras de discriminação e exposição à violência. Assim, a análise do relato de Brígida reforça a necessidade de compreender a migração como um fenômeno profundamente atravessado por relações de poder, no qual gênero, raça e classe estruturam as condições de deslocamento e as experiências vividas ao longo da jornada.

6.3.2 Os riscos de vida experimentados na travessia terrestre da fronteira do México

Sobre os riscos ela nos conta: “*Um homem do nosso grupo foi retirado da casa por um coioote e nunca mais o vimos.*” (BRÍGIDA, Grupo 3).

O desaparecimento desse homem durante a travessia da fronteira terrestre do México para os Estados Unidos reflete os riscos extremos e a vulnerabilidade enfrentada pelos migrantes nesse percurso. A retirada forçada por um coioote evidencia não apenas a imprevisibilidade do trajeto, mas também a fragilidade da vida dos migrantes diante da falta de controle sobre seu próprio destino. Essa situação se insere em um contexto de relações desiguais de poder, onde os imigrantes dependem completamente dos coiootes para atravessar, sem garantias de segurança ou sequer explicações sobre os acontecimentos.

A teoria do capital social, conforme formulada por Bourdieu (1980) e Coleman (1998), permite uma análise aprofundada da dinâmica de poder presente na travessia. Bourdieu destaca que o capital social é adquirido e mantido através das redes de relações sociais e que sua distribuição é influenciada por fatores como gênero, raça e classe. No contexto da migração clandestina, a posse de capital social – ou seja, conexões, informações e acesso a recursos – pode significar a diferença entre a segurança e a exposição a perigos fatais. No entanto, a construção dessas redes é desigual, e muitos migrantes, especialmente mulheres e pessoas racializadas, encontram-se em uma posição de extrema desvantagem.

Coleman (1998), por sua vez, enfatiza que não é apenas o tamanho das redes que importa, mas a qualidade das relações e a confiança entre os membros. No caso da travessia migratória, as relações são estabelecidas em um ambiente de medo e incerteza, onde a confiança é limitada e a reciprocidade nem sempre é garantida. O desaparecimento de um integrante do grupo gera insegurança e desconfiança entre os demais, evidenciando a fragilidade das conexões estabelecidas nesse percurso. Além disso, a relação dos migrantes com os coiootes não se baseia em um vínculo de confiança genuína, mas sim em uma relação assimétrica de dependência, na qual os coiootes detêm o controle da informação e do deslocamento.

A interseção entre capital social e as hierarquias de poder revela como determinados grupos são mais vulneráveis dentro dessa dinâmica. Enquanto alguns migrantes podem ter acesso a informações privilegiadas ou a redes de apoio que

aumentam suas chances de atravessar em segurança, outros enfrentam o desconhecido sem qualquer tipo de suporte, tornando-se alvos fáceis de exploração, abandono e violência. O relato de Brígida ilustra essa realidade, reforçando a necessidade de compreender a migração clandestina como um fenômeno atravessado por relações desiguais de poder e pelo controle da informação e dos recursos essenciais à sobrevivência.

“Eu estava bem acima do peso e pensei que ia morrer devido às longas caminhadas. Descobri que teria que atravessar um rio já nas margens, usando uma câmara de ar de pneu de carro.” (BRÍGIDA, Grupo 3).

O relato de Brígida evidencia os riscos extremos enfrentados por migrantes que recorrem à travessia clandestina da fronteira entre o México e os Estados Unidos. A travessia do rio, utilizando recursos improvisados como uma câmara de ar de pneu, revela a precariedade das condições impostas pelos coiotes e a vulnerabilidade dos migrantes que, muitas vezes, não têm informações prévias sobre os desafios físicos que precisarão enfrentar.

No contexto das migrações internacionais, Fazito e Rios-Neto (2008b) apontam que os intermediários – atravessadores, agentes e recrutadores – desempenham um papel crucial na realização dos projetos migratórios. No entanto, essa dependência dos intermediários coloca os migrantes em uma posição de extrema fragilidade, pois suas vidas ficam sujeitas à lógica de mercado imposta por esses agentes, que detêm o monopólio sobre os fluxos migratórios e exploram a vulnerabilidade dos que buscam melhores condições de vida.

Dessa forma, o relato de Brígida ilustra como a migração clandestina, para além do deslocamento geográfico, é um processo atravessado por dinâmicas de poder, desigualdade e risco iminente à vida. O enfrentamento de barreiras físicas e psicológicas, como o medo da morte e o esgotamento extremo, demonstra que a busca por melhores condições de vida muitas vezes passa pelo limite da resistência humana, tornando a experiência migratória uma prova de sobrevivência.

6.3.3 Os riscos de vida experimentados na travessia e o retorno ao Brasil antes de concluir o projeto migratório

Sobre o que experimentou na travessia:

Atravessei o deserto a pé e cheguei aos Estados Unidos com a roupa do corpo e inúmeras escoriações causadas pelo contato com o mato espinhoso e cercas de arame farpado. Mas, foi preciso voltar antes de completar dois anos para cuidar dos meus filhos, porque o pai deles não se responsabilizou na minha ausência. (BRÍGIDA, Grupo 3)

O relato de Brígida evidencia o extremo sacrifício físico e emocional que marca a travessia clandestina da fronteira. O percurso pelo deserto, sem recursos básicos, expõe os migrantes a uma série de riscos, incluindo desidratação, exaustão e ferimentos, como os que ela menciona. A travessia a pé, aliada ao contato com arame farpado e vegetação hostil, não apenas impõe desafios físicos, mas também revela a precariedade das condições nas quais os migrantes são forçados a transitar.

A experiência de Brígida também se insere nas discussões sobre a migração feminina e os desafios específicos enfrentados por mulheres em contextos de deslocamento. Oliva Espín (1987) destaca que a migração feminina pode ser acompanhada por um misto de sentimento de culpa e solidão, especialmente para aquelas que deixam filhos para trás. Essa separação pode gerar um forte dilema emocional, levando algumas mulheres a reconsiderarem sua permanência no exterior. No caso de Brígida, o peso das responsabilidades maternas se sobrepôs ao projeto migratório, fazendo com que ela decidisse retornar ao Brasil antes de consolidar sua trajetória nos Estados Unidos.

Além disso, a literatura sobre migração feminina aponta que, apesar da crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, elas ainda enfrentam desafios relacionados à sobrecarga de responsabilidades. In-Sook Lim (1997) observa que mulheres migrantes desenvolvem maior assertividade ao conquistarem autonomia financeira, mas essa transformação nem sempre é acompanhada por uma divisão mais equilibrada das tarefas domésticas. Estudos como os de Dion e Dion (2001) e Gowan e Trevi (1998) reforçam que, mesmo quando alcançam independência econômica, as mulheres continuam sobrecarregadas pelas obrigações familiares, o que pode aumentar seu nível de estresse e influenciar suas decisões sobre permanência ou retorno ao país de origem.

Sylvia DeBiaggi (2003) também ressalta que a adaptação a uma nova cultura pode modificar a dinâmica familiar, trazendo impactos sobre o casamento e a vida doméstica. No entanto, para mulheres como Brígida, que enfrentam a jornada migratória sem apoio familiar direto, essa adaptação se torna ainda mais desafiadora. A necessidade de equilibrar trabalho, adaptação e responsabilidades maternas pode ser um fator

determinante na decisão de retornar ao Brasil, buscando um ambiente onde suas obrigações maternas possam ser desempenhadas com maior suporte.

Dessa forma, o relato de Brígida não apenas ilustra os riscos da travessia, mas também revela as dificuldades estruturais enfrentadas por mulheres migrantes, que precisam lidar com o peso da maternidade, a vulnerabilidade da migração clandestina e as pressões culturais que ainda associam as mulheres ao papel de cuidadoras primárias, limitando suas possibilidades de ascensão em contextos migratórios.

6.3.4 A reemigração pelo sistema cai-cai

Ao relatar sobre a reemigração pelo sistema “cai-cai: *“era a alternativa que tivemos naquele momento de crise, e o governo norte-americano em 2021 indicou acolhimento aos imigrantes.”* (BRÍGIDA, Grupo 3).

O sistema "cai-cai" refere-se a uma estratégia de emigração utilizada por imigrantes que, ao se entregarem voluntariamente às autoridades dos Estados Unidos, buscam regularizar sua situação por meio dos mecanismos de acolhimento oferecidos em momentos de crise humanitária. O relato de Brígida demonstra como essa alternativa foi utilizada diante do contexto migratório de 2021, período em que o governo norte-americano adotou políticas de recepção para determinados grupos de imigrantes, permitindo que permanecessem no país enquanto aguardavam processos legais.

A decisão de Brígida e de tantos outros imigrantes de tentar a reemigração pelo sistema "cai-cai" pode ser interpretada à luz da teoria dos economistas da migração (Stark; Bloom, 1985). Diferente da abordagem neoclássica, que foca no indivíduo e na maximização da renda, essa teoria destaca que a migração é uma decisão coletiva, tomada por famílias ou domicílios como forma de reduzir riscos e diversificar fontes de renda. No caso de Brígida, sua reemigração provavelmente não foi apenas uma escolha individual, mas um movimento estratégico para melhorar as condições da família, seja por meio do envio de remessas ou pela busca de estabilidade financeira.

Além disso, Massey (1997) aponta que a migração não ocorre apenas devido a diferenças salariais, mas também por fatores estruturais, como redes sociais e políticas governamentais. No contexto do "cai-cai", essas redes foram fundamentais, pois imigrantes que já haviam cruzado a fronteira anteriormente compartilhavam informações sobre essa possibilidade, incentivando novas tentativas. Além disso, a flexibilização da

política migratória dos EUA naquele período funcionou como um fator que estimulou a reemigração de pessoas que anteriormente não viam essa possibilidade viável.

Carneiro (2017) reforça que a pressão sobre o mercado de trabalho nos Estados Unidos contribui para essa reemigração, pois há demanda por trabalhadores em setores de baixa qualificação, como construção civil, serviços gerais e trabalho doméstico. Essa realidade influencia o fluxo migratório, pois imigrantes como Brígida percebem que há oportunidades disponíveis e se arriscam novamente na tentativa de conquistar uma posição no mercado de trabalho norte-americano.

Brettell (2022) amplia essa discussão ao sugerir que a migração não deve ser vista como um evento isolado, mas como um processo contínuo e multidimensional, que envolve motivações econômicas, políticas e sociais. A experiência de Brígida ilustra essa perspectiva, pois sua trajetória migratória não seguiu um percurso linear – ela tentou estabelecer-se, retornou ao Brasil devido a fatores familiares e, posteriormente, reemigrou, aproveitando uma nova conjuntura política e econômica mais favorável.

O sistema "cai-cai" exemplifica como as decisões migratórias são moldadas pela articulação entre redes sociais, políticas governamentais e fatores econômicos estruturais. A tentativa de Brígida de reingressar nos EUA nesse contexto revela a complexidade dessas interações e como os imigrantes mobilizam estratégias diante das mudanças nas políticas de acolhimento. Nesse sistema, é comum a criação de uma narrativa específica para o pedido de asilo — o chamado "bom relato" ou "relato convincente" —, o que envolve não apenas conhecimento prévio sobre os requisitos do processo, mas também uma articulação discursiva que torne a história persuasiva aos olhos das autoridades migratórias. A reemigração de Brígida, portanto, não foi apenas uma ação individual, mas uma estratégia coletiva baseada tanto na necessidade de estabilidade financeira quanto no suporte das redes migratórias, que orientam e compartilham informações sobre como transitar nesse sistema e como construir uma narrativa de refúgio que aumente as chances de permanência.

Da experiência de Magnólia serão analisados: (i) tentativa de entrada no país com documentação montada e a consequente prisão; (ii) casamento por conveniência; (iii) normatividade social e cidadania.

6.3.5 Tentativa de entrada no país com documentação montada e a consequente prisão

Magnólia relata:

Fiquei nesse centro por pouco tempo, mas, como nunca tinha sido presa, o período pareceu uma eternidade. Ali, só ficavam mulheres. Recebíamos alimentos e uma manta de alumínio – as famosas “geladeiras” – para nos cobrir, pois fazia muito frio. A pessoa fica perturbada e não consegue dormir. Sempre há alguém chamando por nomes das presas, o que significa que chegou a hora daquela pessoa responder a algo ou sair. E nunca se sabe se sairá para os Estados Unidos ou se será para deportação. (MAGNÓLIA, Grupo 3)

A experiência de Magnólia ao tentar entrar nos Estados Unidos com documentação montada e, conseqüentemente, ser detida, revela a complexidade dos processos migratórios e as vulnerabilidades enfrentadas por imigrantes, especialmente mulheres. Sua passagem pelo centro de detenção, a incerteza sobre o desfecho e o impacto psicológico dessa experiência refletem as dificuldades e os desafios enfrentados por migrantes que tentam acessar novas oportunidades, muitas vezes em condições de extrema vulnerabilidade.

A tentativa de Magnólia de ingressar nos Estados Unidos com documentos falsificados se encaixa na estrutura teórica proposta por Lee (1966b), que reafirma as leis migratórias de Ravenstein (1885) e destaca que toda migração envolve um local de origem, um destino e obstáculos intervenientes. No caso de Magnólia, sua decisão de migrar foi influenciada por fatores que a atraíam para os Estados Unidos, como melhores condições de vida e trabalho, mas também por barreiras que dificultaram sua entrada legal. Os centros de detenção, as políticas de deportação e o controle rigoroso na fronteira são exemplos desses "obstáculos intervenientes", que tornam a jornada ainda mais imprevisível e arriscada.

Além disso, o impacto emocional descrito por Magnólia – a sensação de que o tempo na detenção se arrastava, o frio intenso, a privação de sono e a constante incerteza sobre o próprio destino – reforça como esses obstáculos não são apenas físicos, mas também psicológicos. A experiência de detenção representa uma ruptura brusca na trajetória migratória, afetando a percepção de tempo e segurança da pessoa detida.

A análise de Camurça e Gouveia (2004) sobre a importância do conceito de gênero para entender as relações sociais e políticas se aplica diretamente à experiência de Magnólia. A prisão migratória afeta homens e mulheres de maneiras distintas, e a segregação por gênero nos centros de detenção destaca a vulnerabilidade das mulheres nesse contexto. O fato de Magnólia estar em um ambiente exclusivamente feminino não elimina as tensões e inseguranças da detenção, mas ressalta que as mulheres, muitas

vezes, enfrentam desafios específicos, como medo da violência, ansiedade pelo futuro de seus filhos (caso os tenham) e maior dificuldade de acesso a informações sobre seus processos migratórios.

O relato de Magnólia também ilustra a forma como muitas mulheres lidam com estratégias de enfrentamento nessas situações. Camurça e Gouveia (2004) destacam que a migração feminina envolve não apenas o deslocamento físico, mas também a necessidade de adaptação a novas realidades políticas e sociais. A experiência de detenção pode representar um momento de extrema vulnerabilidade, mas também pode funcionar como um ponto de inflexão na trajetória migratória, levando a reflexões sobre as dificuldades do processo e possíveis novas estratégias para alcançar seus objetivos.

A tentativa de entrada nos Estados Unidos por meio de documentação montada e a posterior detenção de Magnólia reforçam a complexidade dos fluxos migratórios e os desafios específicos enfrentados por mulheres nesse contexto. A teoria de Lee (1966b) ajuda a compreender os obstáculos estruturais que dificultam a migração, enquanto a análise de Camurça e Gouveia (2004) sobre gênero evidencia como as mulheres vivenciam esses processos de maneira distinta, enfrentando dificuldades tanto no aspecto burocrático quanto na dimensão emocional e social. A experiência de Magnólia demonstra como a migração se configura em um processo repleto de desafios psicológicos, políticos e sociais.

6.3.6 Casamento por conveniência

Do casamento ela conta:

Depois de anos tentando obter documentos, uma cliente me apresentou a uma mulher com quem me casei apenas para conseguir legalmente o direito de permanência. Com os documentos em mãos, pude viajar, ver minha mãe e me sentir livre da angústia de não ter liberdade. (MAGNÓLIA, Grupo 3)

A experiência de Magnólia ao recorrer a um casamento por conveniência para regularizar sua situação migratória expõe as complexidades da ilegalidade, da identidade de gênero e da cidadania. Seu relato não apenas evidencia a vulnerabilidade dos imigrantes indocumentados, mas também revela a dinâmica de poder e negociação dentro do contexto migratório.

A decisão de Magnólia de casar-se exclusivamente para obter documentação legal pode ser analisada à luz da abordagem crítica e fenomenológica de Willen (2005). O autor argumenta que a ilegalidade não é apenas uma questão de *status* legal, mas uma forma de existência que molda profundamente a maneira como os migrantes percebem o tempo, o espaço e seus próprios corpos. No caso de Magnólia, a ilegalidade impôs restrições severas à sua vida, tornando a regularização um objetivo central e moldando suas decisões e estratégias de sobrevivência. O casamento, nesse sentido, foi uma solução pragmática diante da ausência de outras possibilidades para conquistar o direito de permanência. O longo processo judicial que enfrentou e a sensação de alívio ao obter os documentos reforçam essa ideia: a documentação não era apenas uma formalidade legal, mas uma libertação de uma existência marcada pela incerteza e pelo medo da deportação.

Para Munz (2007), a cidadania tem um papel decisivo na integração dos imigrantes, mas sua relação com a vida social e econômica não é linear. No caso de Magnólia, o casamento por conveniência pode ser visto como uma resposta direta à dificuldade de integração sem um *status* legal. O fato de que ela precisou pagar pelo casamento e fornecer moradia à esposa por dois anos reflete a precariedade desse processo e as dinâmicas de troca e negociação frequentemente presentes na trajetória de imigrantes indocumentados. A partir da perspectiva de Munz, a obtenção da documentação representa o primeiro passo para a inclusão, permitindo acesso a empregos formais, viagens e direitos básicos.

A análise de Carneiro (2017) sobre a discricionariedade do governo na questão migratória também se aplica ao caso de Magnólia. O autor destaca que, dentro do regime de controle estatal sobre a imigração, o estrangeiro nunca tem um direito absoluto de permanência, ficando à mercê de decisões governamentais. Essa incerteza jurídica leva muitos imigrantes a buscar caminhos alternativos para alcançar a estabilidade, como o casamento arranjado. No caso de Magnólia, sua trajetória reflete essa vulnerabilidade: sem garantias claras de permanência, ela foi obrigada a recorrer a uma solução arriscada e onerosa para escapar da insegurança constante.

O casamento por conveniência de Magnólia também pode ser analisado à luz das teorias de gênero. Camurça e Gouveia (2004) argumentam que as normas de gênero influenciam profundamente a identidade e as relações sociais. O fato de Magnólia ter se casado com outra mulher não necessariamente reflete sua identidade de gênero ou orientação sexual, mas sim a maneira como as relações sociais e econômicas moldam as escolhas dos imigrantes. A decisão de casar-se para regularizar sua situação é uma

resposta às normas e expectativas impostas pelo sistema legal, que privilegia o casamento como uma via legítima de naturalização.

A abordagem de Judith Butler (2003) sobre identidade de gênero também pode ser aplicada ao caso de Magnólia. Butler argumenta que a identidade de gênero é performativa, ou seja, construída e reforçada por meio de ações e normas sociais. O casamento por conveniência desafia as concepções tradicionais de casamento e relacionamento, evidenciando como essas instituições podem ser instrumentalizadas para atender a demandas burocráticas e sociais. Magnólia precisou adotar uma identidade conjugal específica para navegar pelo sistema migratório, demonstrando como a identidade é muitas vezes moldada pelas necessidades e restrições impostas pelo Estado.

A trajetória de Magnólia ilustra como a ilegalidade afeta não apenas a vida prática dos imigrantes, mas também suas percepções de tempo, espaço e identidade. O casamento por conveniência, longe de ser apenas uma estratégia isolada, reflete a precariedade estrutural enfrentada por muitos migrantes e a necessidade de negociar constantemente sua posição dentro de um sistema que os mantém em um estado de vulnerabilidade. A partir das teorias de Butler, Carneiro, Camurça e Gouveia, Munz e Willen, podemos compreender como a experiência de Magnólia se insere em um contexto mais amplo de exclusão, resistência e adaptação dentro do regime migratório e das normas sociais de gênero.

6.3.7 Normatividade social e cidadania

Magnólia relata:

Tive muita vergonha de me casar com uma mulher apenas para obter documentos, mas essa foi a alternativa que encontrei. Hoje, sou grata, porque deu certo e conquistei minha cidadania. Nunca contei para minha família, apenas para amigos mais próximos. Agora, estou me abrindo e contando a você. (MAGNÓLIA, Grupo 3)

A experiência de Magnólia pode ser analisada a partir das teorias de Judith Butler e Simone de Beauvoir, que problematizam a normatividade social, o gênero como construção performativa e os desafios impostos às mulheres migrantes.

Judith Butler (2003), em *Problemas de gênero*, argumenta que o gênero não é uma identidade fixa, mas um processo performativo regulado por normas culturais. No caso de Magnólia, sua decisão de se casar com uma mulher para obter documentos ilustra como

normas sociais e jurídicas influenciam e até forçam indivíduos a desempenharem papéis específicos. Seu relato evidencia um conflito entre a construção social do casamento e a necessidade de legalização, demonstrando como normas de gênero e sexualidade são instrumentalizadas dentro do contexto migratório. O casamento, tradicionalmente compreendido dentro de uma lógica heteronormativa e patriarcal, torna-se uma ferramenta estratégica que desafia suas definições convencionais.

Butler também aponta como os discursos normativos marginalizam identidades que não se conformam às expectativas sociais. Magnólia expressa vergonha por sua escolha, o que sugere que ela internalizou as normas que definem o casamento por meio de uma moralidade reguladora. Contudo, ao compartilhar sua experiência, ela inicia um processo de subversão dessas normas, contestando a rigidez das estruturas que condicionam sua identidade e legitimidade social.

Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1962), argumenta que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, destacando a construção cultural da identidade feminina. No contexto da migração, essa construção se torna ainda mais complexa, pois as mulheres enfrentam tanto a opressão de gênero quanto as imposições sociais do país de destino. A trajetória de Magnólia reflete a interseccionalidade dessas opressões, visto que sua situação migratória e econômica a levou a tomar uma decisão que, em outra circunstância, não teria sido considerada. Seu relato aponta para a forma como o deslocamento obriga mulheres migrantes a negociarem novas formas de agência dentro de estruturas de poder que frequentemente as colocam em posições de vulnerabilidade e subordinação.

Além disso, Beauvoir enfatiza que a emancipação das mulheres depende de sua liberdade econômica e sexual. Magnólia, ao obter a cidadania, conquistou um grau de autonomia que antes lhe era negado, mesmo que essa conquista tenha sido acompanhada por dilemas morais e conflitos internos. Sua história ressalta a necessidade de se pensar a luta pela igualdade de gênero de maneira interseccional, considerando as múltiplas camadas de opressão que mulheres migrantes enfrentam.

A análise das experiências de Magnólia sob as lentes de Butler e Beauvoir evidencia como normas de gênero e sexualidade são constantemente desafiadas e ressignificadas no contexto migratório. Sua trajetória não apenas revela os desafios impostos pela normatividade social, mas também destaca a resiliência e agência de mulheres que, mesmo diante de estruturas opressivas, encontram maneiras de sobreviver e reconstruir suas identidades em novos contextos.

Da experiência de Aurora serão analisados: (i) racismo, xenofobia e exclusão; (ii) distanciamento do autocuidado e da identidade; (iii) trabalho como fuga da realidade.

6.3.8 Racismo, xenofobia e exclusão

Aurora conta que não conseguiu trabalhar como cabeleireira: “*Ninguém queria me ensinar, ninguém queria mais uma cabeleireira para competir.*”

A experiência de Aurora nos Estados Unidos, ao tentar trabalhar como cabeleireira e enfrentar barreiras na inserção profissional, é analisada à luz da teoria do estrangeiro de Georg Simmel (1908). Simmel descreve o estrangeiro como aquele que "chega hoje e fica amanhã", uma figura que está simultaneamente dentro e fora do grupo social. Essa posição paradoxal caracteriza a experiência de muitos migrantes, incluindo Aurora, que se vê em um espaço de proximidade física, mas distanciamento social e econômico.

No relato de Aurora: “*Fui trabalhar na construção civil com meu marido porque não me adaptei bem com outras pessoas. Me sentia excluída nas equipes, talvez por ser brasileira, talvez por ser imigrante e talvez por ser preta.*”. A partir dessa nova perspectiva, a análise da experiência de Aurora é enriquecida pela teoria de Angela Davis (2016), que, em *Mulheres, raça e classe*, argumenta que as opressões de gênero, raça e classe são interdependentes e estruturais. O relato de Aurora evidencia como essas dimensões moldam sua trajetória, revelando que a exclusão que ela sentiu nos espaços de trabalho pode ser atribuída não apenas à sua condição de imigrante, mas também ao racismo sistêmico e à exclusão de mulheres negras em ambientes dominados por homens.

A afirmação de que "ninguém queria ensinar e ninguém queria mais uma cabeleireira para competir" reflete um mecanismo de exclusão que pode ser entendido como uma combinação de xenofobia, racismo e barreiras econômicas. O mercado de trabalho para cabeleireiros nos Estados Unidos, já saturado, impôs desafios aos migrantes que buscam inserção sem redes de apoio ou capital social suficiente. A recusa dos colegas em compartilhar conhecimento ou oportunidades indica uma estratégia de proteção do mercado, onde o estrangeiro é visto como um competidor indesejado, reforçando a ideia de que sua presença é tolerada, mas não plenamente aceita.

A posição liminar do migrante, como destacado por Schroeder (2020), possibilita uma contribuição para a diversidade cultural, mas também expõe desafios de aceitação e integração. O relato de Aurora ilustra como a presença de migrantes pode ser vista como uma ameaça em determinados setores econômicos, ao invés de uma oportunidade para

trocas culturais e inovação. Essa dinâmica reforça um padrão de exclusão, onde o migrante permanece à margem do mercado formal e, muitas vezes, é forçado a buscar alternativas de subsistência menos seguras ou rentáveis.

Beck (2019) aponta que, em cidades globais, a presença de estrangeiros cria dinâmicas sociais complexas, nas quais a coexistência entre diferentes grupos é marcada tanto por interações enriquecedoras quanto por tensões relacionadas à identidade e pertencimento. No caso de Aurora, a barreira profissional imposta pelos colegas evidencia essa ambivalência: sua presença como cabeleireira poderia enriquecer o mercado com novas técnicas e estilos, mas, ao mesmo tempo, representa uma competição que os profissionais locais buscam evitar. Esse tipo de exclusão reflete não apenas a dinâmica econômica do setor, mas também preconceitos estruturais contra imigrantes, que frequentemente são percebidos como invasores de espaços de trabalho já ocupados por nativos ou migrantes mais estabelecidos.

A análise de Angela Davis reforça que a exclusão de Aurora não se limita à xenofobia ou barreiras profissionais, mas também se entrelaça com a discriminação racial e de gênero. O trabalho na construção civil, setor majoritariamente masculino e frequentemente excludente para mulheres, revela as dificuldades adicionais que Aurora enfrentou. Davis (2016) destaca como o capitalismo perpetua desigualdades através da exploração de corpos racializados e femininos, forçando muitas mulheres negras e latinas a aceitar empregos precarizados e de menor reconhecimento social.

Este caso exemplifica como os imigrantes enfrentam um duplo desafio: a necessidade de adaptação a um novo contexto e a resistência da sociedade receptora em incluí-los plenamente. A rejeição no mercado de trabalho, sob a justificativa da concorrência, pode ser interpretada como um reflexo da xenofobia estrutural que restringe oportunidades e reforça a exclusão social. A teoria de Simmel nos ajuda a compreender como os migrantes permanecem em uma posição paradoxal, ao mesmo tempo presentes e excluídos, evidenciando as dificuldades de integração em sociedades urbanizadas e economicamente competitivas. Já Angela Davis nos permite aprofundar essa análise ao destacar como raça, gênero e classe se interseccionam para estruturar diferentes formas de opressão que impactam as experiências de mulheres como Aurora.

6.3.9 Trabalho como fuga da realidade

Sobre o trabalho na construção:

Não aprendi a falar inglês. E, embora naquela época não fosse comum mulheres trabalharem na construção civil, por ser um trabalho pesado, eu me sentia mais à vontade porque não precisava conversar nem negociar. Meu marido combinava o serviço, e na hora da execução, eu comparecia. Aprendi a fazer de tudo na construção civil, principalmente carpintaria. (AURORA, Grupo 3)

Deste relato foi possível aplicar as teorias sobre capital social, gênero e interseccionalidade. A ausência de fluência no inglês e a escolha por um trabalho que minimizava interações interpessoais apontam para um mecanismo de adaptação e possível fuga da realidade.

Daniel Fernandes e Maria da Consolação Castro (2013) destacam que as redes sociais podem representar um capital social valioso, facilitando o acesso a empregos e moradia. No caso de Aurora, o marido desempenhava o papel de mediador dentro dessas redes, negociando e assegurando oportunidades de trabalho. No entanto, a dependência dessa intermediação também pode ter limitado a autonomia de Aurora no mercado de trabalho e sua capacidade de conversão desse capital social em outras formas de capital.

Pierre Bourdieu (1980) enfatiza que o volume de capital social de um indivíduo depende da extensão de sua rede de relações e do acesso aos recursos detidos por essa rede. Neste contexto, a estrutura patriarcal pode ter restringido sua inserção autônoma em relação ao mercado de trabalho, reforçando uma divisão sexual do trabalho que Connell (1987) problematiza em sua análise das dimensões de poder e produção nas relações de gênero. O trabalho na construção civil, em um contexto predominantemente masculino, não apenas serviu como estratégia para evitar a necessidade de interação linguística e social, mas também reforçou as barreiras impostas pela estrutura de gênero na sua experiência de imigrante.

Sob uma perspectiva interseccional, Lélia Gonzalez (1979) discute como gênero, classe e raça estruturam as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho. Aurora, possivelmente situada em um contexto de vulnerabilidade por sua condição de imigrante e mulher, encontra-se em uma posição onde a informalidade e a precarização do trabalho se tornam ainda mais evidentes. O fato de trabalhar em um setor que historicamente exclui mulheres evidencia não apenas sua capacidade de resiliência, mas também as limitações impostas por uma estrutura social que restringe a mobilidade econômica e social de indivíduos marginalizados.

Portanto, o trabalho de Aurora na construção civil pode ser interpretado como uma forma de escape da necessidade de interagir socialmente em um ambiente linguístico desconhecido, ao mesmo tempo em que reflete as barreiras estruturais que dificultam a inserção plena de mulheres imigrantes no mercado de trabalho formal. Essa análise ressalta a importância das redes sociais e do capital social na definição das trajetórias laborais, bem como as limitações impostas por gênero, classe e etnia na distribuição de oportunidades e recursos.

6.3.10 Distanciamento do autocuidado e da identidade

Sobre si, Aurora narra: *“Eu vivi nos Estados Unidos naquela época só para trabalhar. Não conheço nada, nem lugar algum. Também me distanciei muito de cuidar de mim mesma.”*

O relato de Aurora evidencia um afastamento não apenas do espaço social e cultural ao qual ela migrou, mas também de sua própria identidade e bem-estar pessoal. Esse distanciamento pode ser compreendido a partir das análises de Souza-Lobo (2021), que discute como a naturalização do trabalho doméstico e da divisão sexual do trabalho impõe às mulheres ciclos de vida rigidamente estruturados pelo casamento, maternidade e trabalho, muitas vezes relegando a própria individualidade ao segundo plano.

A identidade da mulher trabalhadora, especialmente quando associada ao trabalho manual, se contrapõe ao trabalho intelectual e ao acesso à formação, limitando suas perspectivas de desenvolvimento pessoal e social (Souza-Lobo, 2021). No caso de Aurora, essa limitação se materializa na ausência de conhecimento sobre o novo país e na negligência do autocuidado, elementos que reforçam a experiência de despersonalização decorrente de sua vivência laboral.

Guilbert (1966) contribui para essa análise ao estabelecer a relação entre a feminização do trabalho e sua desqualificação, evidenciando como o predomínio feminino em determinadas funções implica uma menor valorização dessas ocupações e, conseqüentemente, de suas trabalhadoras. Assim, Aurora não apenas experimenta uma desconexão com sua identidade, mas também uma posição subalterna dentro da estrutura de trabalho migrante.

Portanto, a experiência de Aurora ilustra um padrão estrutural presente na organização do trabalho feminino, onde a dedicação exclusiva à sobrevivência e ao emprego conduz a uma marginalização tanto social quanto subjetiva. A falta de acesso a

espaços de lazer, aprendizado e autocuidado configura um mecanismo que reforça a alienação e a invisibilização das mulheres dentro das dinâmicas laborais e migratórias.

Da experiência de Olívia serão analisados: (i) inserção no mercado de trabalho americano; (ii) relacionamento abusivo; (ii) retorno ao país de origem; (iii) reemigração.

6.3.11 Inserção no mercado de trabalho norte-americano

O relato do Olívia:

Esse foi o trabalho com o qual me identifiquei mais e que hoje é minha principal ocupação. Mas antes disso, trabalhei com limpeza, como motorista para uma equipe de faxineiras, garçomete e em lavanderias. Hoje, há mais opções, e o principal diferencial para atuar em outras áreas é saber falar o idioma. (OLÍVIA, Grupo 3)

Olívia, ao mencionar sua trajetória de trabalho, destaca o fato de que, apesar das dificuldades iniciais, conseguiu encontrar uma atividade com a qual se identificasse, a costura. Isso demonstra uma transição de empregos de baixa qualificação, como limpeza e garçomete, para um trabalho um pouco mais especializado e que atende à sua vocação. Esse percurso é característico da experiência de muitos imigrantes que, inicialmente, ocupam posições mais precárias até conseguirem, com o tempo, um trabalho mais alinhado com suas habilidades e aspirações. A referência de Olívia à importância do idioma é um fator central nessa inserção, pois ela permite que a fluência no idioma seja crucial para acessar as melhores oportunidades. Isso se alinha ao que Bauder (2006) afirma, de que a migração, ao fornecer trabalhadores interessados em aceitar contratos mais baixos e empregos de baixa qualificação, regula o mercado de trabalho.

A partir do trabalho de Munz (2007), a situação de Olívia é um exemplo clássico da realidade de muitos imigrantes que, mesmo com anos de experiência e uma trajetória de adaptação, muitas vezes permanecem em empregos de baixa qualificação e mal remunerados. Essa realidade é resultado de vários fatores, entre eles a falta de reconhecimento de suas qualificações no novo país, as barreiras linguísticas e a dependência das redes sociais e familiares para a adaptação. Apesar de Olívia ter encontrado sua verdadeira vocação na costura, ela também passou por esse processo de transição e pelo desafio de aceitar trabalhos temporários ou informais para se estabelecer.

Michel Piore (1979) oferece uma visão interessante ao argumentar que a renda não é a principal variável para entender os padrões de migração internacional. Ao invés

disso, ele sugere que as motivações para a migração podem ser multifacetadas e incluem fatores como a busca por melhores condições de vida, a aspiração a um futuro mais promissor, entre outros. Olívia parece compartilhar essa perspectiva, pois, apesar de começar em empregos de baixos salários, sua motivação para migrar foi mais ampla, envolvendo a busca por melhores oportunidades e a chance de um futuro mais estável.

Bauder (2006) propõe uma perspectiva que inverte a relação tradicional entre migração e mercado de trabalho, sugerindo que os imigrantes, por serem mais vulneráveis, aceitam condições de trabalho menos desenvolvidas, o que impacta os mercados de trabalho ao reduzir a flexibilidade e criar empregos mais flexíveis e precários. A história de Olívia reflete essa dinâmica, já que ela iniciou sua trajetória de trabalho em posições de menor qualificação antes de conseguir um trabalho que correspondesse às suas habilidades e interesses.

A teoria de Castells (1975) também é relevante para esta análise. Castells argumenta que os trabalhos “difíceis e mal pagos” não existem apenas porque há uma necessidade de trabalhadores para ocupá-los, mas porque existem trabalhadores interessados em ocupá-los. Essa visão ajuda a entender a posição de Olívia no mercado de trabalho norte-americano, onde ela, como outros imigrantes, pode ter sido obrigada a aceitar condições de trabalho desfavoráveis até encontrar sua verdadeira vocação.

Por fim, Peck (1996) destaca a ideia de que os mercados de trabalho são socialmente regulados, e o processo de adaptação dos imigrantes não é natural, mas sim um processo controlado de diferenciação. A trajetória de Olívia é um exemplo claro desse processo: ela passou por diversas fases de adaptação e acessos a empregos que não refletiam seu nível de qualificação, até conseguir um espaço no mercado de trabalho mais alinhado com sua vocação. Esse processo de adaptação e diferenciação está atrelado às barreiras sociais, culturais e linguísticas que ela envolveu, e que são comuns a muitos imigrantes.

A experiência de Olívia pode ser vista como uma jornada de adaptação ao mercado de trabalho norte-americano, que inicialmente se posicionou em empregos de baixa qualificação. Sua história ilustra como os imigrantes enfrentam um processo de diferenciação, conforme apontado por Bauder (2006) e Peck (1996), e como a fluência no idioma pode ser um fator decisivo para superar barreiras sociais e culturais, permitindo que Olívia se realocasse para um emprego que atendesse sua vocação e qualificações.

6.3.12 Relacionamento abusivo

Sobre o relacionamento: *“Ele me apoiava e ajudava a lidar com a saudade que eu sentia do Brasil. Tinha parentes para apoiá-lo, e eu não tinha ninguém. Acho que ele percebeu isso e passou a controlar minha vida. Senti-me muito vulnerável e sem saída.”*

O relato de Olívia revela uma experiência de relacionamento abusivo, no qual a dinâmica de poder foi progressivamente desigual, culminando em sua vulnerabilidade emocional e física. A análise desta situação foi aprofundada a partir das perspectivas de Bourdieu (1980), Camurça e Gouveia (2004) e Souza-Lobo (2021), que discutem as relações de poder, capital social e desigualdade de gênero.

Pierre Bourdieu (1980) argumenta que o capital social – ou seja, as redes de relações integradas que fornecem apoio e benefícios aos seus membros – é um fator determinante na posição de um indivíduo dentro da estrutura social. No caso de Olívia, seu parceiro possuía uma rede de suporte, enquanto ela ficava sozinha, sem parentes ou amigos próximos. Esse desequilíbrio tornou-a mais vulnerável e dependente dele, o que pode ter facilitado o controle abusivo que ele exerceu. O isolamento social de Olívia tinha suas possibilidades de resistência, pois ela não tinha acesso ao suporte que pudesse ajudá-la a romper o ciclo de dependência.

A falta de capital social de Olívia limitou suas opções e reforçou sua vulnerabilidade, uma dinâmica que Bourdieu descreve como uma forma de desigualdade estrutural. Sua posição desvantajosa na rede social comprovada na perda de autonomia, levando a um cenário em que seu parceiro pudesse explorar essa fragilidade e exercer maior controle sobre sua vida. Quando ele guardou seu passaporte em um cofre, isso simbolizou não apenas o controle físico sobre sua mobilidade, mas também o domínio psicológico que ele colocou ao limitar suas alternativas.

A perspectiva de Camurça e Gouveia (2004) sobre as relações de gênero como relações de poder ajuda a compreender a experiência de Olívia. A sociedade desenvolveu normas que estabelecem uma posição simbólica onde o masculino é mais valorizado que o feminino, e essa desigualdade reflete-se nas interações cotidianas, incluindo os relacionamentos afetivos. O comportamento controlador do parceiro de Olívia pode ser interpretado dentro desse contexto: ao perceber que ela estava isolada e sem suporte social, ele se aproveitou da vulnerabilidade dela para fortalecer sua posição de poder dentro da relação.

O abuso emocional e psicológico, nesse sentido, é um reflexo da estrutura desigual que define papéis sociais rígidos e coloca as mulheres em uma posição de dependência.

A falta de autonomia de Olívia não foi apenas um resultado do isolamento, mas também de um sistema que historicamente condiciona as mulheres a aceitarem relações de poder desiguais como normais.

A análise de Souza-Lobo (2021) sobre a feminização dos setores e a acessibilidade das condições de trabalho mais precárias por parte das mulheres também pode ser aplicada ao caso de Olívia. Muitas mulheres migrantes, ao chegarem a um novo país, encontram dificuldades em ingressar no mercado de trabalho e frequentemente aceitam posições menos valorizadas e mal remuneradas. A precarização do trabalho feminino está ligada à falta de consciência sobre seus direitos e à menor participação política, o que perpetua a desigualdade de gênero no ambiente profissional e doméstico.

Embora Olívia tenha conseguido trabalhar e encontrar sua vocação na costura, seu isolamento e a falta de apoio social podem ter dificultado sua independência financeira no início da migração, tornando-a ainda mais dependente do parceiro. Essa dependência, somada à vulnerabilidade emocional causada pela saudade do Brasil, criou um ambiente propício para a consolidação da dinâmica abusiva.

A experiência de Olívia ilustra como fatores estruturais – como a ausência de capital social, a desigualdade de gênero e a precarização do trabalho feminino – prejudicados pela vulnerabilidade das mulheres em relacionamentos abusivos. O isolamento social foi um elemento-chave que permitiu ao parceiro exercer controle sobre sua vida, e a falta de autonomia econômica pode ter agravado essa situação.

A análise de Bourdieu (1980) explica como a rede de apoio influencia a posição social de um indivíduo e, no caso de Olívia, a ausência desse suporte facilitado o abuso. Camurça e Gouveia (2004) ajudam a compreender como as normas de gênero reforçam a desigualdade e perpetuam relações de poder desequilibradas. Souza-Lobo (2021) aponta como a precarização do trabalho feminino pode ampliar a dependência e dificultar a emancipação.

O relato de Olívia não é apenas uma experiência pessoal, mas um reflexo das estruturas sociais que dificultam a autonomia das mulheres em situações de vulnerabilidade. Para romper esse ciclo, é fundamental fortalecer redes de apoio, promover a conscientização sobre direitos e garantir maior acesso a oportunidades que possibilitem a independência e segurança das mulheres em contextos de migração e desigualdade de gênero.

6.3.13 Retorno ao país de origem e reemigração

Sobre a reemigração Olívia diz: *“Retornei ao Brasil porque sentia que era meu lugar, mas não deu certo. Não consegui emprego e meu negócio não teve sucesso. Por isso, migrei novamente.”*

O relato de Olívia sobre sua tentativa de retorno ao Brasil e sua posterior reemigração reflete uma especificidade recorrente na migração internacional, caracterizada pelo desejo de reinserção na sociedade de origem e pelos desafios que podem levar à nova imigração. A análise desse processo se deu à luz das teorias de Gmelch (1980) e Sayad (1998, 2000), que abordam as complexidades do retorno e a condição existencial do migrante.

Gmelch (1980) diferencia os emigrantes que deixam sua sociedade de origem com a intenção de uma saída definitiva daqueles que planejam uma permanência temporária. No caso de Olívia, sua decisão de retornar ao Brasil indica que ela, em algum momento, acreditou que poderia se reinserir em sua terra natal. No entanto, o sucesso na busca por emprego e no empreendimento próprio levou a reavaliar sua decisão, culminando em uma nova migração. Isso evidencia que o retorno nem sempre é um ponto final na trajetória migratória, mas pode ser parte de um ciclo mais amplo de mobilidade.

Além dos fatores econômicos, Gmelch (1980) observa que os laços familiares e culturais podem ter um peso significativo na decisão de retorno. No caso de Olívia, sua saudade e a percepção de pertencimento ao Brasil foram determinantes para sua tentativa de reinserção no país. No entanto, o retorno não garantiu a sua estabilidade, levando-a a reconsiderar a migração como alternativa para melhores condições de vida.

Sayad (1998) oferece uma perspectiva profunda sobre o estado de provisoriedade que caracteriza a experiência migratória. O migrante, ao se deslocar para outro país, frequentemente se encontra em uma situação ambígua: ele nunca pertence completamente ao local de destino e, ao mesmo tempo, perde sua inserção plena na sociedade de origem. Essa contradição existencial se reflete no caso de Olívia, que, ao retornar ao Brasil, não conseguiu reconstruir sua vida como esperava, o que levou a experimentar uma nova migração.

Segundo Sayad (1998), essa sensação de provisoriedade se torna parte da identidade do migrante, que nunca está totalmente integrada em um único espaço. Esse sentimento se manifestou em Olívia, que, mesmo desejando se fixar em seu país de origem, viu-se obrigada a reemigrar devido às dificuldades enfrentadas. O retorno, nesse

contexto, não foi um fechamento de ciclo, mas uma etapa de um processo contínuo de deslocamento.

Sayad (2000) argumenta que imigração e emigração são processos interligados: não há presença em um país sem ausência em outro. A decisão de Olívia de retornar ao Brasil não apenas marcou sua ausência no país onde havia sido previsto anteriormente, mas também revelou dificuldades de reabsorção pelo seu país de origem. Esse movimento cíclico demonstra como a migração não é um evento isolado, mas um aspecto relacionado que envolve tanto o local de saída quanto o de chegada.

Além disso, Sayad (1998) destaca que o migrante muitas vezes se encontra em uma posição de não pertencimento total em nenhum dos dois espaços, sem conexões sólidas na sociedade de origem nem plena participação na sociedade de destino. Isso explica o dilema enfrentado por Olívia: ao retornar, ela não encontrou as oportunidades que permitissem sua permanência e, ao reemigrar, teve que mais uma vez lidar com os desafios da adaptação.

O caso de Olívia ilustra a complexidade do retorno migratório e a possibilidade de reemigração como resposta às dificuldades de reintegração. A análise de Gmelch (1980) mostra como os fatores econômicos e sociais influenciam essa decisão, enquanto Sayad (1998, 2000) aprofunda a questão da identidade migrante e da sensação de provisoriade que acompanha aqueles que se deslocam entre países.

A trajetória de Olívia demonstra que o retorno nem sempre significa uma solução definitiva e que a migração pode ser um ciclo contínuo, marcado por tentativas de adaptação, rupturas e novos recomeços. Esse processo reforça a ideia de que a mobilidade humana não é apenas uma questão econômica, mas uma questão social e existencial profundamente ligada à identidade e à experiência do pertencimento.

Da experiência de Amelie serão analisados: (i) vulnerabilidade na travessia; (ii) indocumentação e retorno forçado; (iii) ilegalidade e deportação.

6.3.14 Vulnerabilidade e exposição

O relato de Amelie:

Encontrar o coioite foi muito fácil. Ele pagou todas as despesas da viagem e quando cheguei lá minha sogra me emprestou o dinheiro para acertar com ele. Eu não tive problemas maiores. Houve só uma vez que um coioite me chamou para ir à casa dele no México. Ele me adiantou que tinha família e

queria somente que eu ensinasse sua esposa a preparar um tipo de alimento que fiz em um dos pontos de parada. (AMELIE, Grupo 1)

O relato de Amelie sobre sua travessia migratória pelo Texas, com a intermediação de coioite, expõe aspectos de vulnerabilidade e exposição que podem ser analisados a partir das perspectivas teóricas de Simone de Beauvoir (1962), Joan Scott (1991) e Heleieth Saffioti (1992). A migração, quando atravessada pelas questões de gênero, revela desigualdades específicas enfrentadas por mulheres, que frequentemente se encontram em situações de maior risco e dependência.

Simone de Beauvoir (1962), em *O segundo sexo*, argumenta que as mulheres são duplamente marginalizadas: primeiro, por sua condição de imigrantes e, segundo, por seu gênero. O caso de Amelie evidencia essa dupla vulnerabilidade. A facilidade com que encontrou um coioite e a dependência financeira em relação a sua sogra para quitar a dívida são indicativos de uma rede de subordinação, onde suas escolhas eram limitadas por condições externas e por sua posição social. A migração, nesse sentido, não implica apenas riscos financeiros e econômicos, mas também a possibilidade de exploração e abuso, especialmente quando há uma relação de dependência com intermediários, como o coioite.

A experiência de Amelie ilustra como o gênero pode ser um fator determinante na forma como a migração é vivida. O episódio em que o coioite a convida para sua casa sugere um cenário ambíguo de poder e submissão, onde a migração feminina ocorre dentro de um campo simbólico estruturado pela desigualdade de gênero. Embora a solicitação do coioite tenha sido justificada de maneira aparentemente inocente, a mera existência dessa interação destaca a posição frágil em que Amelie se encontra, sujeita à boa vontade de um intermediário do processo migratório.

Joan Scott (1991) discute como o gênero é um campo onde as relações de poder são estruturadas. No contexto da migração, isso significa que a posição das mulheres é frequentemente definida por estruturas sociais que as colocam em situação de desvantagem. A relação de Amelie com o coioite reflete uma distribuição desigual de poder: enquanto ele possuía controle sobre sua travessia, ela estava em uma posição de dependência. A narrativa também sugere que, para as mulheres migrantes, a travessia não se resume apenas à localização física, mas envolve uma série de interações sociais onde o gênero pode tornar uma jornada ainda mais precária.

Bourdieu, citado por Scott, argumenta que a estrutura simbólica da vida social determina quem tem acesso ao poder e aos recursos. No caso de Amelie, sua

vulnerabilidade não decorre apenas da condição de imigrante, mas de sua posição dentro das relações de gênero que permeiam esse processo. A dependência de terceiros para viabilizar sua entrada nos Estados Unidos demonstra como o gênero influencia os modos de deslocamento e as oportunidades disponíveis para mulheres.

A teoria da transversalidade de Saffioti (1992) complementa essa análise ao demonstrar como gênero, classe social e outras formas de dominação estão interligadas. No contexto migratório, mulheres como Amelie enfrentam frequentemente uma sobreposição de desigualdades: são imigrantes em situação irregular, estão sujeitas a estruturas patriarcais e, muitas vezes, pertencem a camadas sociais economicamente desfavorecidas. Essas múltiplas camadas de opressão tornam a experiência migratória feminina ainda mais desafiadora.

A relação de Amelie com sua sogra também pode ser interpretada sob essa ótica. O fato de precisar de um empréstimo familiar para sair de sua dívida com o coioote reflete não apenas uma limitação econômica, mas também a transparência das relações de dependência e subordinação que estruturam sua trajetória migratória. Mesmo depois de cruzar a fronteira, sua autonomia financeira e social continua condicionada a redes familiares e dinâmicas de gênero.

A análise do caso de Amelie à luz das teorias de Beauvoir, Scott e Saffioti evidencia como a migração feminina é marcada por relações desiguais de poder. A vulnerabilidade de gênero se manifesta tanto na travessia quanto na inserção em um novo país, refletindo estruturas sociais que restringem a autonomia das mulheres e expõem riscos específicos. A migração, nesse sentido, não apenas amplia as oportunidades de vida, mas também pode fortalecer as posições existentes, exigindo das mulheres estratégias constantes para navegar entre a dependência e a busca por autonomia.

6.3.15 Indocumentação e retorno forçado

Do seu retorno forçado:

Eu nem sabia que eu deveria comparecer a uma corte para uma audiência de imigração. No momento da abordagem policial, fui levada diretamente para uma unidade prisional. Ali recebi um uniforme de cor laranja que me remetia o tempo todo à humilhação e a caracterização de uma prisioneira. Não falei com mais nenhuma pessoa conhecida depois disso. (AMELIE, Grupo 1)

O relato de Amelie ilustra uma experiência de documentação e retorno imposta que pode ser comprovada a partir das perspectivas teóricas de Brettell e Hollifield (2022), Coutin (2005), Heyman (2001), Plascencia (2009) e Willen (2007a, b). Sua vivência evidencia não apenas os desafios estruturais enfrentados por imigrantes indocumentados, mas também os impactos emocionais e psicológicos da detenção e da deportação.

A situação de Amelie reflete a vulnerabilidade extrema enfrentada por imigrantes sem *status* legal nos Estados Unidos. De acordo com Brettell e Hollifield (2022), nem toda migração é voluntária, e muitos migrantes se deslocam devido a fatores externos como violência, fome ou perseguição. Embora o relato de Amelie não explicithe suas motivações para migrar, sua condição de indocumentada foi colocada diretamente na categoria de “trabalhador migrante indocumentado” ou “estrangeiro ilegal” (Coutin, 2005; Heyman, 2001; Plascencia, 2009), rótulos que historicamente foram usados para práticas específicas de criminalização e exclusão.

A ausência de informação sobre sua audiência de imigração e o fato de ter sido imediatamente levada a uma unidade prisional demonstra o tratamento securitário dispensado a imigrantes em situação irregular. A falta de acesso a recursos legais e de comunicação com pessoas conhecidas reforça o isolamento que caracteriza a experiência de muitos migrantes detidos, o que contribui para a perda de agência e para a sensação de impotência diante do sistema migratório.

Willen (2007a, b) discute como a securitização da imigração transforma imigrantes indocumentados em ameaças à ordem pública, justificando seu tratamento como criminosos. O uniforme laranja, que remete à prisão, simboliza essa criminalização e a forma como a experiência de ser indocumentado é equiparada a de um infrator comum. Essa estratégia estatal reforça o “*status abjecto*” dos imigrantes indocumentados, uma condição na qual eles são percebidos como sujeitos sem direitos e sem identidade jurídica, tendo sua dignidade constantemente negada.

A experiência de Amelie exemplifica essa abjeção ao ser privada de informações sobre sua situação legal e ao ser custodiada como uma detenta, sem acesso a redes de apoio ou qualquer forma de defesa. A imposição da prisão como um espaço de espera reflete o que Willen (2007a) descreveu como uma forma de imobilidade forçada, em que os imigrantes são presos em um limbo jurídico e territorial, incapazes de reivindicar sua presença no país ou de retornar voluntariamente.

A deportação, ou retorno forçado, representa uma das formas mais severas de controle migratório, sendo frequentemente acompanhada de processos de desumanização.

Kristin Monroe (2014) e Ruth Gomberg-Muñoz (2016) apontam que a experiência da deportação não se resume apenas à expulsão física, mas envolve um processo psicológico de desposseção e exclusão social. Amelie, ao ser levada diretamente para a prisão e privada de contato com pessoas conhecidas, vivenciou uma forma extrema dessa desumanização.

O silêncio institucional e a falta de comunicação sobre sua audiência demonstram como o Estado pode importar a deportação sem que os migrantes tenham plena compreensão ou participação no processo. Esse aspecto reforça a condição de precariedade dos indocumentados, que muitas vezes são removidos do território sem qualquer possibilidade de apelação ou suporte legal adequado.

A experiência de Amelie sintetiza aspectos centrais do regime de controle migratório contemporâneo: securitização, criminalização e desumanização dos indocumentados. Seu relato exemplifica a teoria de Willen sobre o “*status abjecto*” dos migrantes, evidenciando como a falta de documentos pode transformar um indivíduo em um sujeito invisível, sem acesso a direitos básicos. A vestimenta prisional e a ausência de contato humano reforçam a estratégia de segregação imposta pelo Estado, que busca reafirmar sua soberania por meio da exclusão daqueles que consideram indesejáveis.

O caso de Amelie também ilustra as consequências emocionais da documentação e do retorno forçado, destacando como a deportação não é apenas uma deslocação territorial, mas um processo de desidentificação e negação da própria existência no espaço social e jurídico do país receptor.

6.3.16 Ilegalidade e deportação

Do sentimento de ser deportada:

Eu pensava que usar aquele uniforme alaranjado no presídio era sinal de humilhação e degradação. Mas, a parte mais humilhante foi andar pelo aeroporto e entrar no avião de voo convencional algemada, tendo que ser julgada pelos olhares das pessoas que ali estavam. Meu erro foi minha limitação para ler e compreender o que deveria ter feito. (AMELIE, Grupo 1)

O relato de Amelie sobre sua deportação e a experiência de humilhação associada à ilegalidade reflete dimensões teóricas importantes sobre migração, retorno forçado e desigualdade estrutural. Seu testemunho ilustra como a deportação não é apenas um ato

administrativo, mas um processo de desumanização e exclusão, que marca profundamente a identidade e o pertencimento do migrante.

A experiência de Amelie ao ser deportada, algemada e exposta ao julgamento público no aeroporto e no avião, demonstra a criminalização dos imigrantes indocumentados. O conceito de “ilegalidade” não é um *status* fixo, mas sim uma construção social e política, conforme argumentos de diversos estudiosos da migração (De Genova, 2017; Coutin, 2005). A criminalização de migrantes faz parte de um discurso que os associa à ameaça e à desordem, legitimando práticas punitivas como o encarceramento e a deportação.

O uso do uniforme alaranjado simboliza essa criminalização, representando a perda de identidade e agência. Como observa Patricia Hill Collins (2015), as relações de dominação e subordinação operam em múltiplos níveis: individual, institucional e simbólico. No caso de Amelie, a humilhação sentida ao ser algemada e exposta reflete o nível simbólico dessa dominação, em que os migrantes indocumentados são tratados como criminosos diante da sociedade. Esse processo reforça a exclusão social e dificulta a possibilidade de uma reintegração digna, tanto no país de destino quanto no de origem.

Brettell (2003) diferencia a “ideologia do retorno” do “retorno real”, destacando que muitos migrantes idealizam um possível retorno ao país de origem, mas, quando esse retorno ocorre de forma involuntária, ele pode ser acompanhado de um profundo sentimento de não inserção. No caso de Amelie, seu retorno não foi planejado, e sua experiência de deportação acrescenta um elemento de fracasso e humilhação à sua trajetória migratória.

Muitos migrantes que retornam enfrentam dificuldades de reintegração, pois já não se veem como parte do contexto que deixou para trás. Além disso, em suas comunidades de origem, podem ser estigmatizadas e ridicularizadas, especialmente se a migração era vista como uma forma de ascensão social. A experiência de Amelie sugere esse tipo de frustração e culpa ao refletir sobre sua falta de conhecimento do processo migratório e sua confiança em terceiros. Isso evidencia como as desigualdades de classe e o acesso à informação afetam diretamente as possibilidades de sucesso na migração.

A teoria da interseccionalidade, conforme desenvolvida por Patricia Hill Collins (2015), nos permite entender como gênero, classe e raça se entrelaçam para moldar a experiência dos migrantes. Amelie, enquanto imigrante indocumentada, foi duplamente marginalizada: primeiro, pela sua condição migratória, que a tornou vulnerável à

deportação; e segundo, por sua posição dentro de um sistema desigual, que restringiu seu acesso a informações e oportunidades de defesa legal.

Ao reconhecer que sua falta de conhecimento jurídico e idiomático foi um fator determinante para sua deportação, Amelie expõe a desigualdade estrutural que molda as experiências dos imigrantes. A dependência de terceiros para lidar com um processo jurídico complexo é uma realidade comum entre aqueles que não possuem recursos financeiros e educacionais para navegar pelo sistema jurídico de imigração. Essa limitação não é uma falha individual, mas um reflexo de barreiras institucionais que perpetuam a vulnerabilidade dos migrantes.

O relato de Amelie evidencia as dimensões estruturais e simbólicas da ilegalidade e da deportação. Seu retorno forçado não apenas cerrou sua trajetória migratória, mas também expôs as profundas desigualdades que permeiam o sistema de controle de imigração. A humilhação sentida ao ser deportada reflete a criminalização do imigrante indocumentado, enquanto sua frustração com a falta de conhecimento revela as barreiras institucionais que impedem o acesso equitativo à justiça.

Uma análise interseccional de Collins nos ajuda a compreender que a experiência de Amelie não pode ser minimizada apenas a um erro individual, mas deve ser vista dentro de um contexto maior de dominação sistêmica. A deportação não apenas interrompeu a migração, mas deixou marcas de forma permanente, influenciando seu pertencimento e suas oportunidades futuras.

6.4 À guisa de conclusão

Através das histórias de vida de Brígida, Magnólia, Aurora, Olívia e Amelie, esta análise ilustra como a migração feminina, em seus aspectos clandestinos e formais, é profundamente entrelaçada com dinâmicas de poder, desigualdade e risco. Cada relato, ao ser desenvolvido com base nas teorias, revela as múltiplas camadas que configuram a experiência migratória das mulheres, ressaltando a complexidade das questões de gênero, classe, e *status* migratório que atravessam suas trajetórias.

O caso de Brígida, por exemplo, demonstra como a migração clandestina é marcada por um processo de resistência à extrema vulnerabilidade, onde a sobrevivência é testada de forma extenuante. Já Magnólia, com seu casamento por conveniência, revela como a precariedade estrutural do regime migratório obriga as mulheres a negociar suas identidades e posições sociais dentro de um sistema que as marginaliza. Aurora e Olívia,

por sua vez, trazem à tona as dificuldades enfrentadas cotidianamente pelas mulheres imigrantes, como o racismo, a xenofobia, a precarização do trabalho e a luta pela autonomia, questões essas que são frequentemente invisibilizadas no debate sobre migração. O caso de Amelie expõe as relações de poder desiguais e as múltiplas formas de opressão que se intensificam no contexto migratório, tornando a jornada dessas mulheres um campo de resistência e subordinação simultâneas.

As experiências migratórias analisadas revelam um conjunto de vulnerabilidades estruturais e desafios individuais enfrentados por mulheres em contextos de migração indocumentada. A travessia expõe muitas delas a riscos de vida, desinformação e situações de extrema precariedade. A indocumentação, por sua vez, amplia as possibilidades de exploração, exclusão e violações de direitos, como evidenciado pelas experiências de prisão, deportação e retorno forçado. Além disso, aspectos como relacionamentos abusivos, responsabilidades maternas e a pressão por sustento financeiro permeiam suas trajetórias, influenciando decisões de retorno e reemigração. A análise dessas vivências ressalta a intersecção entre gênero, raça, classe e *status* migratório, demonstrando a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e protetivas para mulheres migrantes em situação de vulnerabilidade.

Ao considerar essas experiências de vida, observamos que a migração feminina é um processo de ressignificação da identidade, onde a luta pela sobrevivência e pelo pertencimento é constante. As mulheres migrantes, muitas vezes, atravessam fronteiras não apenas físicas, mas também psicológicas, sociais e culturais, enfrentando desafios imensos enquanto buscam uma vida melhor. As reflexões teóricas e as vozes das participantes, resgatadas ao longo deste capítulo, enfatizam a importância da memória na construção da identidade e da história, ressaltando que a migração é, sobretudo, uma experiência de resistência, adaptação e reinvenção das mulheres, cujas vivências são fundamentais para a compreensão das complexidades e nuances desse processo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como ponto de partida o questionamento central acerca da inserção dos imigrantes de Governador Valadares no mercado de trabalho da Costa Leste dos Estados Unidos, entre 1980 e 2024, e de como essa inserção é afetada por fatores como gênero, status migratório, redes sociais e capital social. A hipótese central do estudo foi a de que as condições laborais desses emigrantes são marcadas por desigualdades estruturais, refletindo padrões de precarização e segmentação ocupacional. Ao longo da investigação, também se buscou compreender como as transformações da sociedade capitalista global impactam a experiência laboral dos migrantes, considerando a reestruturação produtiva e a intensificação das relações desiguais entre metrópoles e países periféricos.

A pesquisa revelou que, apesar das oportunidades de mobilidade social e econômica proporcionadas pela migração, a trajetória profissional dos imigrantes de Governador Valadares é permeada por condições de trabalho adversas e pela reprodução de desigualdades estruturais. O principal objetivo desta pesquisa foi analisar a inserção profissional dos emigrantes de Governador Valadares na Costa Leste dos Estados Unidos, entre 1980 e 2024, considerando o papel das redes sociais e do capital social em suas trajetórias laborais. Adicionalmente, buscou-se compreender a migração feminina como um processo complexo de transformação pessoal, social e cultural, considerando identidades, relações familiares e papéis de gênero.

A pesquisa estruturou-se em três grandes eixos analíticos, complementados por relatos de história oral de cinco mulheres migrantes:

1. **Redes sociais e apoio migratório:** A pesquisa evidenciou que as redes sociais desempenham um papel essencial na inserção inicial dos migrantes no mercado de trabalho norte-americano, facilitando o acesso a emprego e moradia. No entanto, esses laços podem se tornar um fator de contenção, limitando as oportunidades de ascensão profissional e promovendo uma dinâmica de reprodução ocupacional dentro de nichos migrantes. A análise das histórias orais mostrou que essas redes são fundamentais para as mulheres em situação de vulnerabilidade, mas também impõem desafios, como a dependência de contatos que restringem a mobilidade social e o acesso a novas oportunidades.

2. **Formas de inserção no mercado de trabalho:** Identificou-se que a maioria dos imigrantes inicia suas trajetórias profissionais em empregos informais, de baixa remuneração e alta carga horária. As possibilidades de ascensão dependem de fatores como tempo de permanência, regularização migratória e redes de contato. Para as mulheres, a dupla jornada de trabalho e a segregação ocupacional por gênero tornam a trajetória ainda mais desafiadora. Os relatos de história oral revelaram que a precarização laboral afeta de maneira mais intensa as mulheres, que muitas vezes se veem obrigadas a negociar sua identidade e posição social em um contexto que as marginaliza. O caso de Magnólia, por exemplo, ilustra como o casamento por conveniência se tornou uma estratégia de sobrevivência diante das barreiras migratórias e da dificuldade de inserção no mercado de trabalho.
3. **Impacto do capital social na mobilidade profissional:** A análise demonstrou que o capital social exerce grande influência sobre as oportunidades de transição dos migrantes para postos de trabalho mais estáveis e melhor remunerados. Laços sociais fortes proporcionam segurança econômica e facilitam a inserção em nichos ocupacionais mais estruturados, enquanto a ausência desse capital perpetua ciclos de precarização. Contudo, a natureza desse capital e sua aplicabilidade variam de acordo com as dinâmicas de poder e desigualdade de gênero. O caso de Amelie evidencia como as relações de poder desiguais intensificam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres migrantes, tornando suas jornadas simultaneamente um campo de resistência e subordinação.

A análise das categorias e subcategorias que compõem esta pesquisa evidenciou a complexidade do fenômeno migratório dos emigrantes de Governador Valadares. As motivações econômicas, especialmente a busca por melhores condições financeiras e a superação do endividamento, revelam que a migração é impulsionada por fatores estruturais que transcendem a esfera individual, inserindo-se em uma lógica de economia globalizada. A falta de perspectivas no mercado de trabalho local, caracterizado por rendimentos insuficientes e a ausência de crescimento profissional, reforça a migração como uma alternativa viável para garantir sustento e melhores oportunidades. Além disso, a influência das redes familiares e sociais desempenha um papel central nesse processo, não apenas facilitando a decisão de emigrar, mas também oferecendo suporte essencial para a inserção inicial nos novos contextos econômicos e sociais.

A migração é um processo multifacetado, resultante da interseção entre fatores emocionais, sociais e econômicos. Ela transcende a busca por melhores condições materiais. A necessidade de reinvenção pessoal, a fuga de contextos de estagnação e a busca por autonomia também se destacam como elementos fundamentais na decisão migratória. Nesse sentido, as redes de apoio familiar e comunitário se mostram essenciais na integração dos migrantes ao novo país, fornecendo não apenas suporte financeiro e material, mas também emocional.

A experiência migratória dos emigrantes de Governador Valadares, especialmente das mulheres, transcende a simples mudança geográfica e revela-se como um processo de ressignificação da identidade e adaptação constante. Os relatos coletados demonstram que a migração não é apenas uma escolha individual, mas uma resposta a um cenário econômico global que influencia as condições de vida e trabalho em diferentes partes do mundo. Esses movimentos migratórios revelam a resiliência dos indivíduos, mas também expõem falhas estruturais do sistema econômico que perpetuam desigualdades e exclusão social. A análise das trajetórias femininas destaca como a migração se insere em um contexto de luta pela sobrevivência e pertencimento. Brígida, ao atravessar a fronteira de forma clandestina, enfrentou situações de extrema vulnerabilidade, refletindo as dificuldades de uma jornada marcada por riscos e incertezas. Olívia e Aurora vivenciaram desafios cotidianos relacionados ao racismo, xenofobia e precarização do trabalho, mostrando como as mulheres imigrantes precisam constantemente se reinventar para garantir sua autonomia e dignidade.

A migração feminina também se destaca como um processo de reinvenção diante de crises pessoais e sociais. A dependência de redes familiares e comunitárias é mais evidente entre as mulheres, enquanto os homens tendem a ter maior acesso a redes laborais amplas, evidenciando desigualdades estruturais que limitam a mobilidade profissional feminina. Essas dinâmicas revelam que a presença do capital social por si só não é suficiente para garantir melhores oportunidades; é necessário considerar sua natureza e a forma como se articula em contextos de desigualdade de gênero.

Por meio das histórias de vida analisadas, observa-se que a migração feminina envolve a travessia de fronteiras não apenas físicas, mas também psicológicas, sociais e culturais. As experiências compartilhadas revelam um complexo cenário de vulnerabilidades estruturais e desafios individuais, particularmente em contextos de migração indocumentada. Durante a travessia, muitas mulheres enfrentam riscos à vida, falta de informação e condições de extrema precariedade. A condição de indocumentação

amplia as possibilidades de exploração, exclusão e violações de direitos, como evidenciado por episódios de prisão, deportação e retorno forçado.

Além disso, fatores como relacionamentos abusivos, responsabilidades maternas e a pressão por sustento financeiro emergem como elementos centrais em suas trajetórias, influenciando frequentemente decisões de retorno e reemigração. As narrativas ressaltam a intersecção entre gênero, raça, classe e status migratório, demonstrando como esses marcadores estruturam as experiências migratórias e as oportunidades de inserção social e econômica. A memória e a narrativa desempenham um papel fundamental na construção da identidade migratória, revelando a migração como uma experiência de resistência, adaptação e reinvenção.

Diante dessas complexidades, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e estratégias de apoio que reconheçam e enfrentem as desigualdades estruturais que permeiam a experiência migratória feminina. Promover abordagens mais inclusivas e protetivas para mulheres migrantes em situação de vulnerabilidade é um passo essencial para garantir a proteção de seus direitos e fomentar processos de integração social mais equitativos e sustentáveis.

A migração dos valadarenses para os Estados Unidos deve ser compreendida como um fenômeno que articula motivações individuais e dinâmicas estruturais, refletindo tanto os desafios socioeconômicos locais quanto as possibilidades oferecidas por um mundo cada vez mais interconectado.

Concluo que o fenômeno migratório dos emigrantes de Governador Valadares revela uma complexidade que transcende a busca por melhores condições financeiras. As motivações econômicas, especialmente a superação do endividamento e a falta de perspectivas no mercado de trabalho local, são fatores predominantes, mas não suficientes para compreender plenamente o processo. A migração reflete uma interação profunda entre aspectos sociais, emocionais e econômicos, onde a busca por autonomia e a reinvenção pessoal também desempenham papéis centrais. As redes familiares e sociais são elementos-chave nesse processo, proporcionando apoio fundamental, tanto material quanto emocional, aos migrantes. Elas não apenas facilitam a decisão de emigrar, mas também oferecem suporte na adaptação aos novos contextos, sendo essenciais para a integração no novo país. Essa dinâmica reforça a ideia de que a migração é, de fato, um processo multifacetado, que articula o desejo de melhoria material com a busca por novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social.

Ao refletir sobre essas conclusões, considero que é importante reconhecer que a migração dos valadarenses para os Estados Unidos é impulsionada por fatores interconectados, envolvendo a estrutura socioeconômica da região de origem e as possibilidades oferecidas pela globalização. Para desenvolver políticas públicas eficazes, é essencial focar tanto na melhoria das condições de vida nessas regiões quanto no apoio contínuo aos migrantes durante a transição e adaptação aos novos contextos.

O atual cenário político norte-americano reflete uma divisão em torno da questão migratória. As declarações de campanha do presidente em exercício indicam um endurecimento das políticas de controle de fronteiras e aplicação rigorosa das leis de imigração. Esse discurso, muitas vezes marcado por retóricas anti-imigrantista, intensifica o clima de insegurança entre a população imigrante indocumentada, incluindo brasileiros.

A imigração foi utilizada como ferramenta de mobilização eleitoral, ampliando a polarização do debate público. Promessas de deportações em massa, maior segurança na fronteira e vigilância sobre imigrantes indocumentados geraram impactos diretos nas percepções e expectativas tanto dos americanos quanto da comunidade migrante. Para os brasileiros indocumentados, essa conjuntura resulta em maior incerteza sobre sua permanência, afetando suas condições de trabalho e seu bem-estar psicológico e social.

O aumento da pressão política pode desencadear mais operações de fiscalização e deportação, dificultando a regularização migratória. A retórica excludente também agrava o preconceito e a discriminação, comprometendo a segurança e os direitos dos imigrantes em seu cotidiano. Isso restringe o acesso a serviços essenciais como saúde, educação e assistência jurídica, acentuando as vulnerabilidades socioeconômicas.

Contudo, os imigrantes brasileiros demonstram resiliência ao desenvolver estratégias de sobrevivência e construir redes de apoio. Organizações comunitárias e grupos de defesa dos direitos dos imigrantes fornecem suporte jurídico, orientação e apoio emocional, contribuindo para a resistência e adaptação dessas comunidades. Nesse contexto, políticas públicas que garantam a proteção dos direitos fundamentais dos imigrantes, ampliem programas de regularização e ofereçam suporte psicológico e acesso a serviços básicos tornam-se essenciais para mitigar os impactos das políticas restritivas.

A pesquisa apresenta algumas limitações. Por se concentrar nos emigrantes de Governador Valadares, seus resultados podem não ser generalizáveis para outros grupos migratórios. A migração é um fenômeno global, com características diversas em cada região. Além disso, o estudo abrange um período específico (1980-2024), o que pode não

refletir integralmente as mudanças nas políticas migratórias, condições econômicas e novas dinâmicas migratórias. A falta de uma análise longitudinal mais aprofundada limita a compreensão das trajetórias dos migrantes ao longo do tempo.

Outro aspecto relevante é o impacto das políticas migratórias dos Estados Unidos. O estudo poderia ter abordado com maior profundidade as consequências das medidas de controle de fronteira e das mudanças na legislação imigratória para os emigrantes de Governador Valadares. As oscilações nas políticas, alternando entre maior restrição e períodos de fiscalização intensificada, afetam diretamente as rotas migratórias, os custos e os riscos da travessia.

A postura do governo norte-americano influencia as oportunidades de regularização e o nível de repressão contra imigrantes indocumentados, moldando as estratégias dos migrantes e suas redes de apoio. A ausência de uma análise mais detalhada dessas dinâmicas pode limitar a compreensão das dificuldades enfrentadas durante o processo migratório e das adaptações necessárias para garantir sua permanência e inserção nos Estados Unidos.

Embora a pesquisa tenha ressaltado o papel das redes de apoio familiar e comunitária, um aprofundamento sobre a evolução dessas redes ao longo do tempo e as relações de poder internas poderia oferecer insights adicionais. As mudanças na legislação e no controle de fronteiras impactam diretamente a maneira como os migrantes acessam suporte e reconfiguram suas trajetórias. Além disso, investigar as dinâmicas de dependência ou conflito dentro dessas redes, especialmente em relação a questões de gênero e geração, seria relevante.

Futuras pesquisas poderiam explorar como fatores externos, como a postura política do governo norte-americano, influenciam essas redes de apoio e as estratégias de resistência dos migrantes. Ampliar o foco para compreender essas conexões possibilitaria uma análise mais abrangente do fenômeno migratório.

Em síntese, os resultados desta pesquisa ressaltam a importância do tema investigado e indicam a possibilidade de novos estudos que aprofundem suas implicações. As conclusões apresentadas contribuem para o entendimento do fenômeno migratório, ao mesmo tempo em que abrem caminho para investigações futuras. Espera-se que este trabalho inspire reflexões e propostas que ampliem o debate e ofereçam soluções mais assertivas para os desafios enfrentados pelos migrantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Teresa. **Gênero e profissão**: desafios na construção da identidade profissional. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa em qualitativa. São Paulo: Editora Pioneiras, 2004.

ALONSO, Jose Antonio. **International Migration and Development: A review in light of the crisis**. Washington D.C: United Nations, 2011.

ANDERSON, Bridget. **Us and Them? The Dangerous Politics of Immigration Control**. Oxford: Oxford University Press, 2014a.

ANDERSON, Bridget. **The Politics of Migration: Immigration and Immigration Control in Europe since 1945**. Oxford: Oxford University Press, 2014b.

ANTHIAS, Floya. Metaphors of Home: Gendering New Migrations in Southern Europe. In: ANTHIAS, Floya; LAZARIDIS, Gabriela (orgs.). **Gender and Migration in Southern Europe**. Oxford, New York: Berg, 2000. p. 17-47.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Brasileiros nos Estados Unidos**: a construção da identidade nacional na imigração. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Mulheres brasileiras e a migração internacional**: redes sociais e trajetórias. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Brasileiros em Criciúma**: redes sociais e estratégias de migração. Criciúma: Ed. da Universidade, 2003.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/pTknVwR7jtGFHsPfyV5Mk7x/abstract/?lang=pt>.

BAUDER, Harald. **Labor Movement: How Migration Regulates Labor Markets**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: As Consequências Humanas. Reino Unido: Polity Press, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked**: the new science of networks. Cambridge: Perseus Publishing, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BASOK, Tanya. **Tortillas and tomatoes: Transmigrant Mexican harvesters in Canada**. Montreal: McGill-Queens's University Press, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini. 1. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- BECK, Ulrich. **The Cosmopolitan Vision**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- BERNARD, H. Russell. **Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches**. 4. ed. Lanham: AltaMira Press, 2005.
- BOEHNM, Deborah. **Returned: Going and Coming in an Age of Deportation**. Berkeley, CA: University of California Press, 2016.
- BORJAS, George J. **Friends or strangers: the impact of immigrants on the U.S. economy**. New York: Basic Books, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Réponses: pour une anthropologie réflexive**. Paris: Seuil, 1992.
- BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. **International Migration Review**, Nova York, v. 23, n. 3, p. 638-670, 1989.
- BOYER, Robert. **The Regulation School: A Critical Introduction**. Nova York: Columbia University Press, 1990.
- BRASIL. *Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil – Estatuto do Estrangeiro*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 ago. 1980. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm.
- BRETTELL, Caroline B. **The Politics of Migration**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- BRETTELL, Caroline B. **The Migration State: National Borders and the Identity of States in an Age of Global Migration**. New York: Springer, 2022.
- BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. **Migration Theory: Talking across Disciplines**. 3. ed. New York: Routledge, 2022.
- BRITO, Fausto. A. **A migração internacional no Brasil: características, determinantes e tendências**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMAROTA, Steven A. **Immigration in a time of recession: An examination of trends since 2000**. Washington, DC: Center for Immigration Studies, 2003.

CAMPOS, Marden Barbosa; CAMPOS, Thiago Barbosa. Migração e mobilidade espacial em uma rede multifocal: o caso dos Pataxó na RMBH. **Redes – Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz Sul, v. 27, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/17376>.

CAMURÇA, Sílvia.; GOUVEIA, Taciana. **O que é gênero**/ Sílvia Camurça; Taciana Gouveia. 4ed.- Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2004. 4op. – (Caderno SOS CORPO; v.I).

CARNEIRO, Cynthia Soares. Migrações internacionais e precarização do trabalho: o contexto global, os acordos de residência do Mercosul e os imigrantes sul-americanos no Brasil. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho, n. 26, p. 337-374, jan./jun. 2017. Disponível em: https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/461/pdf_1.

CASTELLS, Manuel. Immigrant workers and class struggles in advanced capitalism: The Western European experience. **Politics and Society**, Thousand Oaks v. 5, n. 1, p. 32-66, 1975.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration: international population movements in the modern world**. 5. ed. New York: Guilford Press, 2009.

CASTRO, Mary Garcia. Redes de parentesco e migração feminina. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 2, p. 53-73, 1989.

CAVALCANTI, Leonardo. O protagonismo empresarial imigrante a partir de uma perspectiva de gênero: o caso das brasileiras nas cidades de Madri e Barcelona. In: **Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 7. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p. 1-7.

CHÁVEZ, Leo. Settlers and Sojourners: The Case of Mexicans in the United States. **Human Organization**, Oklahoma City, v. 47, p. 95-107, 1988.

CHILDS, Geoff, and Namgyal CHOEDUP. From a Trickle to a Torrent: Education, Migration, and Social Change in a Himalayan Valley of Nepal. Berkeley, CA: University of California Press, 2018.

CHOLDIN, Harvey M. Kinship networks in the migration process. **International Migration Review**, Nova York, v. 7, n. 2, p. 163-175, 1973.

CIAMPA, Renato. **A identidade**: entre o pessoal e o social. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COHEN, Robin. **The New Helots: Migrants in the International Division of Labour**. Aldershot: Gower Publishing, 1987a.

COHEN, Robin. **The Politics of Migration**. Aldershot: Gower Publishing, 1987b.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 94, p. S95-S120, 1998.

- COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. 2. ed. Boston: Unwin Hyman, 2015.
- CONNELL, Raewyn. **Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics**. Cambridge: Polity Press, 1987.
- CORBIN, Alain. **O tempo, o desejo e o horror**: ensaios sobre a história e a memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COUTIN, Susan B. **Legalizing Moves: Salvadoran Immigrants' Struggle for U.S. Residency**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.
- DAHYA, Basant. **Migration and Urbanization in the Middle East**. London: Macmillan, 1973.
- DÂMASO, Rita; PINTO, João Carlos; SILVA, Carlos. **Identidade e profissão**: o papel da ideologia na construção social. Porto: Universidade do Porto, 2019.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editora P, 2016.
- DEBIAGGI, Sylvia. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES, Ana Cristina B.; FLEISCHER, Soraya (orgs.). **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 175-197.
- DE GENOVA, Nicholas (ed.). **The Borders of "Europe": Autonomy of Migration, Tactics of Bordering**. Durham: Duke University Press, 2017.
- DION, Karen K.; DION, Kenneth L. Gender and cultural adaptation in immigrant families. **Journal of Social Issues**, Malden, Massachusetts, v. 51, n. 3, p. 511-521, 2001.
- DOCQUIER, Frédéric.; MARFOUK, Marfouk. **The impact of migration of skilled workers. The Brain Drain and the Brain Waste**. Washington, DC. Banco Mundial, 2006.
- ESPIN, Oliva M. Psychological impact of migration on Latinas: Implications for psychotherapeutic practice. **Psychology of Women Quarterly**, Los Angeles, Califórnia, EUA, v. 11, n. 4, p. 489-503, 1987.
- FASSIN, Didier. and Estelle D'HALLUIN, E. **Migration, Identity, and the State: The Experience of Exclusion**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- FAZITO, Dimitri. **Redes sociais e migração**: um estudo sobre os intermediários da migração internacional. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002.
- FAZITO, Dimitri. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. 2005. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FAZITO, Dimitri; RIOS-NETO, Eduardo L. G. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 305-323, jul./dez. 2008a.

FAZITO, Dimitri; RIOS-NETO, Eduardo L. G. Redes sociais e os intermediários da migração internacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 1, p. 105-122, 2008b.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. Inseguranças, incertezas e o desalento pós-moderno: o estado de crise nos últimos textos de Zygmunt Bauman. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://vlex.com.br/vid/inseguranças-incertezas-desalento-pos-739143961>.

FERNANDES, Ana Maria; ALELUIA, Maria João. **Identidade e cultura: um enfoque sociológico**. Lisboa: Edições 70, 2020.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação. Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **RENHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXI, n. 41, p. 99-116, jul/dez. 2013.

FERNANDES, Maria Ignez G.; CASTRO, Maria do Carmo de. Migração e desenvolvimento: o Brasil como destino. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, Distrito Federal, v. 56, n. 2, p. 28-43, 2013.

FITZGERALD, David Scott. Remote Control of Migration: Theorising Territoriality, Shared Coercion, and Deterrence. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, Reino Unido, v. 46, n. 1, p. 4-22, 2020.

FLEISCHER, Soraya. Travessias e (re)encontros: as redes sociais na imigração de brasileiros para os Estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 141-158, 2002.

FLEISCHER, Soraya. **Sonhos intermitentes: narrativas de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. Brasília: Editora UnB, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANK-VITALE, Amélia. **Migration and the State: Strategies for Immigrants and Refugees**. Los Angeles: University of California Press, 2020.

FREEMAN, Linton C. **The development of social network analysis: a study in the sociology of science**. Vancouver: Empirical Press, 2004.

FRISCHKORN, Rebecca. Political Economy of Control: Urban Refugees and the Regulation of Space in Lusaka, Zambia. **Economic Anthropology**, Hoboken, New Jersey, v. 2, n. 1, p. 205-223, 2015.

FUSCO, Wilson. **Brasileiros nos Estados Unidos: redes sociais e trabalho**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2002.

GABIAM, Asef. **The Political Economy of Migration and Refugee Crisis in the Global South**. New York: Routledge, 2016.

GAMIO, Manuel. **Mexican immigration to the United States: a study of human migration and adjustment**. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures: Selected Essays**. New York: Basic Books, 1973.

GETRICH, Catherine. **Strangers in a Foreign Land: The Immigrant Experience in Urban America**. Chicago: University of Chicago Press, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GMELCH, George. Return migration: A theoretical formulation. **Sociological Studies on Migration**, Palo Alto, Califórnia, 1980.

GMELCH, George. **Double Passage: The Lives of Caribbean Migrants Abroad and Back Home**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

GOMBERG-MUÑOZ, Ruth. Criminalized Workers: Introduction to Special Issue on Migrant Labor and Mass Deportation. **Anthropology of Work Review**, Holoken, New Jersey, v. 37, n. 1, p. 3-10, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher**. In: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 8., 1979, Pittsburg, EUA. Anais.Pittsburg: Latin American Studies Association, 1979. p. 1-19.

GONZALEZ, Nancie L. Family Organization in Five Types of Migratory Wage Labor. **American Anthropologist**, Arlington, Virgínia, EUA, v. 63, p. 1264-1280, 1961.

GONZALES, Roberto. G.; CHAVES, Letícia. **Understanding Migration and Its Impact on Immigrant Communities**. Stanford: Stanford University Press, 2012.

GORDON, David M. **Segmented work, divided workers – the historical transformation of labor in the United States**. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1982.

GORDON, Milton M. **Assimilation in American life: the role of race, religion, and national origins**. New York: Oxford University Press, 1964.

GOWAN, Mary; TREVI, Melanie. An examination of gender differences in Mexican-American attitudes toward family and career roles. **Sex Roles**, Nova York, EUA, n. 38, p. 1079-1093, 1998.

GRAY, David. E.; WILLIAMSON, John. B.; KARP, David. A. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. Boston: Pearson, 2007.

GUILBERT, Madeleine. **Feminização e desqualificação no mercado de trabalho**. Paris: Editora Q, 1966.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARDING, Sandra. **The Science Question in Feminism**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **A migração como necessidade estrutural nas economias. Empire**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.
- HEIDBRINK, Lyle. **Migration and the Social Life of Cities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- HEYMAN, James. M. **The Politics of Immigration and Border Control**. New York: Oxford University Press, 2001.
- HOLANDA, Heloisa B.; CAPELATO, Maria Helena R. (orgs.). **Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1999.
- HUGO, Graeme. Networks and migration: A social perspective. **International Migration Review**, Nova York, EUA, v. 15, n. 3, p. 377-387, 1981.
- JANKÉLÉVICH, Vladimir. La nostalgie et la mémoire: Un retour impossible. **Revue des Sciences Sociales**, Paris, 1983.
- JAUNAIT, Alexandre; CHAUVIN, Sébastien. Représenter l'intersection. **Revue Française de Science Politique**, Paris, v. 62, p. 5-20, 2012. DOI: 10.3917/rfsp.621.0005.
- JOVCHELOVITCH, Silvia.; BAUER, Michael. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Michael. W.; GASKELL, Gillian. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- KALLIUS, Annastiina; MONTERESCU, Daniel; RAJARAM, Prem Kumar. Immobilizing Mobility: Border Ethnography, Illiberal Democracy, and the Politics of the Refugee Crisis in Hungary. **American Ethnologist**, Arlington, Virgínia, EUA, v. 43, n. 1, p. 1-13, 2016.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.
- KOSMINSKY, Ethel V. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, p. 279-328, 2004.
- KRITZ, Melvin. M.; ZLOTNIK, Hania. Global interactions: migration systems, processes, and policies. **International Migration Systems: A Global Approach**, Londres, p. 1-16, 1992.
- KURZ, Robert. **A sociedade industrial e sua crise**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEE, Everett. S. A dinâmica das leis da migração de Ravenstein. **Revista de Estudos Migratórios**, cidade, v. 3, n. 2, p. 95-101, 1966b.
- LEITE, Ana Carolina Gonçalves. **O campesinato do Vale do Jequitinhonha: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LEITE, Hugo; MANZIONE, Vanessa. **Mobilidade do trabalho: do mercado à fluidez do capital**. São Paulo: Editora Selo, 2020.

LEVY, Frank; WADYCKI, Walter. Social networks and the decision to migrate. **Demography**, Durham, Carolina do Norte, EUA. v. 10, n. 1, p. 1-14, 1973.

LIM, In-Sook. Korean immigrant women's challenge to gender inequality at home: The interplay of economic resources, gender, and family. **Gender & Society**, Londres, Inglaterra, v. 11, n. 1, p. 31-51, 1997.

LOCKWOOD, Victoria S. Development and Return Migration to Rural French Polynesia. **International Migration Review**, Thousand Oaks, v. 24, p. 347-371, 1990.

LONG, Lynellyn D.; OXFELD, Ellen. **Coming Home? Refugees, Migrants, and Those Who Stayed Behind**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004.

LOURY, Glenn C. A dynamics theory of racial income differences. In: WALLACE, Phyllis A.; LAMOND, Annette A. (eds.). **Women, Minorities and Employment Discrimination**. Lexington: Lexington Books, 1977. p. 153-186.

MACDONALD, John S.; MACDONALD, Leatrice D. Chain migration, ethnic neighborhood formation and social networks. **The Milbank Memorial Fund Quarterly**, Nova York, v. 42, n. 1, p. 82-97, 1974.

MARGOLIS, Maxine. L. **Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

MARTES, Ana Cristina B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre redes sociais e inserção ocupacional**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MARTES, Ana Cristina. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. v. 1. São Paulo: Boitempo, 1983.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. v. 1. Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1980.

MASSEY, Douglas. Migration and its social consequences: Networks and migrations. **Migration Studies Review**, Washington, DC, 1990.

MASSEY, Douglas. **Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

MASSEY, Douglas S.; ARANGO, Joaquín; HUGO, Graeme; KOUAOUCCI, Ali; PEREGRINO, Adela. **Mundos em movimento: compreendendo a migração internacional no fim do milênio**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

- MASSEY, Douglas S.; GONZALEZ, Humberto; ALARCÓN, Rafael; DURAND, Jorge. **Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico**. Berkeley: University of California Press, 1987.
- MASSEY, Douglas S. ALARCÓN, Rafael; DURAND, Jorge; GONZÁLEZ, Humberto. The social organization of international migration. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 99, n. 6, p. 1492-1533, 1993.
- MATHEWS, Gordon; LIN, Dan; YANG, Yang. How to Evade States and Slip Past Borders: Lessons from Traders, Overstayers, and Asylum Seekers in Hong Kong and China. **City & Society**, Hoboken, Nova Jersey, v. 26, n. 2, p. 217-238, 2014.
- McGOVERN, Patrick. Immigration, labour markets and employment relations: problems and prospects. **British Journal of industrial relations**, Londres, v. 48, n. 2, p. 217-235, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola. 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 61-77.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa na saúde**. 14. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.
- MONROE, Kristin. Labor and the Urban Landscape: Mobility, Risk, and Possibility among Syrian Delivery Workers in Beirut. **Anthropology of Work Review**, Hoboken, Nova Jersey, v. 35, n. 2, p. 84-94, 2014.
- MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also women.... **International Migration Review**, Nova York, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984.
- MUNZ, Rainer. **Migration, labor markets, and integration of migrants: An overview for Europe**. Washington, DC, Banco Mundial, 2007.
- NAÇÕES UNIDAS. **Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de Suas Famílias**. Adotada pela Resolução 45/158 da Assembleia Geral em 18 de dezembro de 1990. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/international-convention-protection-rights-all-migrant-workers>.
- NAÇÕES UNIDAS. **Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular**. Adotado pela Assembleia Geral da ONU em 19 de dezembro de 2018 (Resolução A/RES/73/195). Disponível em: <https://www.un.org/migration>.
- NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório sobre migrações internacionais 2019**. Nova York: Nações Unidas, 2019.
- NASH, Jennifer C. Re-thinking Intersectionality. **Feminist Review**, Thousand Oaks, Londres, v. 89, p. 1-15, 2008.
- NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. São Paulo: Cortez, 2009.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEWMAN, Mark. E. J. The structure and function of complex networks. **SIAM Review**, Filadélfia, v. 45, n. 2, p. 167-256, 2003.

OKA, Hiroshi. **Migration in the Global Context: Urban and Rural Experiences**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

OLIVEIRA, Margarida A. Gênero e trabalho: a importância das redes sociais na inserção de imigrantes brasileiras no mercado de trabalho na costa leste dos Estados Unidos. In: CHACHAM, Alessandra Sampaio; JAYME, Juliana Gonzaga (orgs.). **Explorando as dimensões do gênero**: interfaces com o mundo do trabalho, a violência e a diversidade sexual. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2023. E-book.

OLIVEIRA, Margarida. **Prumo**: demolição e reconstrução. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2024a.

OLIVEIRA, Margarida. **Reatância**: arranjos legais. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2024b.

OLIVEIRA, Margarida. **Travessia**: coragem na fronteira do impossível. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2024c.

OLIVEIRA, Margarida. **Entrelaços**: do outro lado da agulha. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2024d.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes. **O trabalho e a mulher**: estudos de gênero e política social. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

ORDÓÑEZ, Juan Thomas. **Jornalero: Being a Day Laborer in the USA**. Berkeley, CA: University of California Press, 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Normas internacionais de trabalho**. 2019. Disponível em: <https://www.ilo.org>.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Trabalho decente para os trabalhadores migrantes: Relatório Geral da Comissão de Aplicação de Normas da OIT**. Genebra: OIT, 2019. Disponível em: <https://www.ilo.org>.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Convenção n° 97 sobre os Trabalhadores Migrantes*. 1949. Disponível em: https://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_ILO_CODE:C097.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Convenção n° 143 sobre os Trabalhadores Migrantes (Disposições Complementares)*. 1975. Disponível em: https://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_ILO_CODE:C143.

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

PARK, Robert. E. **The Urbanization of America: A Study of Migration and Urban Life**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

- PATARRA, Nelson. L.; BAENINGER, Regina. Migração internacional: um balanço bibliográfico. **Cadernos de Estudos Sociais**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 41-68, 1995.
- PECK, Jamie. **Workplace: The social regulation of labor markets**. New York: Guilford, 1996.
- PESSAR, Patricia. The role of gender, households, and social networks in the migration process: a review and appraisal. In: HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Josh (orgs.). **Handbook of international migration: the American experience**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 53 a 69.
- PIORE, Michel. **Dual Labor Markets: A Theory of Labor Market Segmentation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- PIORE, Michel J.; DOERINGER, Peter B. Internal labor markets and manpower analysis , Lexington, Mass., Heath, 1971.
- PISCITELLI, Adriana. Gringos nos trópicos: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In: CASTRO, Mary Garcia. **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 589-613.
- PLASCENCIA, Luis F. **The Immigrant Experience: Migration, Identity, and Adaptation**. New York: Springer, 2009.
- PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, Alejandro (org.). **The economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship**. New York: Russell Sage Foundation, 1995.
- POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- QUESADA, James. **Health and Immigration: Challenges of Moving between Worlds**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- RAMSAY, David. **Refugees and the Politics of Border Crossing**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.
- RATHA, Dilip.; MOHAPATRA, Sanket.; SIWAL Ani. **Remittances and development: myth and reality**. [s.l.], 2011.
- RAVENSTEIN, Ernst. G. **Leis da migração**. Londres: The Journal of the Royal Statistical Society, 1985.
- REEVES, Madeleine. **Border Work: Spatial Lives of the State in Rural Central Asia**. London: Cornell University Press, 2013.
- RIBEIRO, Ana. P. **A migração goiana para os Estados Unidos: redes sociais e trajetórias de vida**. Goiânia: Editora UFG, 2019.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RHOADES, Robert E. Intra-European Migration and Rural Development: Lessons from the Spanish Case. **Human Organization**, Oklahoma, v. 37, p. 136-147, 1978.

- ROTTMAN, Susan. Cultivating and Contesting Order: European ‘Turks’ and Negotiations of Neighborliness at “Home”. **Anthropology of the Middle East**, Nova York, v. 8, n. 2, p. 1-20, 2013.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, etnia e classe: a intersecção entre as desigualdades sociais**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- SALA, Emanuela; BALDASSAR, Loretta. Leaving Family to Return to Family: Roots Migration among Second-Generation Italian-Australians. **Ethos**, Hoboken, Nova Jersey, v. 45, n. 3, p. 386-408, 2017.
- SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa: identidade e cidadania em contexto de migração**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SASAKI, Elisa M.; ASSIS, Gláucia O. **Teorias das migrações internacionais: XXII Encontro Nacional da ABEP**, p. 1-19, Cuiabá, 2000.
- SASSEN, Saskia. **The global city: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- SAYAD, Abdelmalek. **La double absence: des illusions de l’immigré**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. La question du retour et l’impossibilité de l’émigré de retrouver le passé. **Anthropologie et Sociologie de l’Immigration**, Paris, 2000.
- SCHROEDER, Lisa. **The Immigrant and Expatriate Experience in Global Cities**. New York: Palgrave Macmillan, 2020.
- SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **American Historical Review**, Chicago, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.
- SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1991.
- SCOTT, Joan W. **The Gender of History: Men, Women, and Historical Practice**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- SCOTT, John. **Social network analysis: a handbook**. London: SAGE, 1992.
- SCUDELER, Valéria. **Imigrantes Valadarenses no mercado de trabalho dos EUA**: In REIS, R.; SALLES, T. (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.
- SHERESTHA, Kiran. **Refugees and the Global Migration Crisis**. New York: Routledge, 2019.
- SIMMEL, Georg. The Stranger. In: SIMMEL, Georg. **On Individuality and Social Forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1908.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia: estudos sobre as formas de socialização**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora USP, 1972.
- SIQUEIRA, Sueli. **A crise econômica nos EUA e o retorno à terra natal**. In: Latin American Studies Association. **LASA2009**. Rio do Janeiro. 2009.

- SIQUEIRA, Sueli. **Governador Valadares e a diáspora brasileira**: um estudo sobre a emigração para os EUA. Rio de Janeiro: Editora Z, 2008.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).
- SOARES, Marcos A. **Economia e migrações**: teorias e métodos. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- SOUSA, Leonardo G. **Redes sociais, mercado e cultura migratória**: um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no século XXI/ Leonardo Gomes de Sousa – Belo Horizonte, 2016.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth, 1943-1991. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**/ Elizabeth Souza-Lobo. – 3. Ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.
- STARK, Oded; BLOOM, David E. The new economics of labour migration. **American Economic Review**, Pittsburgh, v. 75, p. 173-178, 1985.
- SUM, Andrew; FURSTENBERG, Francine F.; SPINELLI, Liza. **The Labor Market and Immigration**. New York: Oxford University Press, 2004.
- TAYLOR, John E. **Differential migration, networks, information and risk**. In: STARK, Oded (ed.), **Research in Human Capital and Development**, Vol. 4, **Migration, Human Capital, and Development**. Greenwich, Connecticut: JAI Press, p. 147-171, 1986.
- THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. **The Polish peasant in Europe and America**. New York: Dover Publications, 1973 [1918].
- TILLY, Charles. **Transplanted networks**. In: YANS-MCLAUGHLIN, Virginia (Org.). **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. New York: Oxford University Press, 1990.
- TILLY, Charles; BROWN, C. H. **On uprooting, kinship, and the auspices of migration**. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 8, n. 2, p. 139-164, 1967.
- VINUTO, Juliana. Suspeição generalizada: entrelaçamentos entre raça e gênero na produção da repressão estatal seletiva. In: RIOS, Flávia; CAMPOS, Luiz Augusto; LIMA, Raquel Guilherme (orgs.). **Raça e Estado**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2022. p. 273-296.
- VOGT, Wendy A. **The Complexity of Global Migration and Its Impact on Urban Life**. New York: Routledge, 2013.
- WEBER, Max. **A ciência como vocação**. São Paulo: UNESP, 2009.
- WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WILLEN, Sarah. S. **The Experience of Migration and the Politics of Exclusion**. Stanford: Stanford University Press, 2005.
- WILLEN, Sarah. S. **The Right to Have Rights: Migration and Statelessness in the Modern World**. New York: Columbia University Press, 2007a.

WILLEN, Sarah. S. **Migrants and the Conditions of Immobility**. Stanford: Stanford University Press, 2007b.

WILLEN, Sarah. S. **Migration, Health, and the Politics of Exclusion**. Chicago: University of Chicago Press, 2019.

ZHOU, Min; LOGAN, John R. Returns on human capital in ethnic enclaves: New York City's Chinatown. **American Sociological Review**, Washington, v. 54, n. 5, p. 809-820, 1989.

ZLOTNIK, Hania. Teorias e tendências das migrações internacionais. In: ZLOTNIK, Hania. **Migrações internacionais e mercados de trabalho**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ANEXO 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**PESQUISA
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Nº _____ _____

I – Dados Iniciais

1. Nome: _____

Idade: _____ Cor: _____ Sexo: _____

Cidade de Origem: _____

Cidade em que reside: _____

Rua. _____ Nº: _____

Bairro: _____ Telefone: _____

Estado: _____

II – Dados sobre a experiência de emigrar

2. Quantas vezes você emigrou para os EUA? Qual foi o ano de chegada nos EUA?
Qual o ano de retorno para o Brasil?

Quantas vezes emigrou?	Ano de chegada	Ano de retorno	Tempo (em meses)	Cidade
1ª vez				
2ª vezes				
3ª vezes				
4ª vezes				

3. Por qual motivo você migrou para os EUA?

4. Em relação a migração para os EUA como surgiu a ideia?

1. () Já tinham migrados parentes que me serviram de referência

2. () Já tinham migrados amigos que me serviram de referência

3. () Por saber notícias de conhecidos que conseguiram trabalho e melhoraram suas vidas

4. () Pelas notícias em mídia que mostravam aspectos referente a entrada de Valadarenses nos EUA

5. () Por meio das redes sociais formadas por brasileiros

6. () outros. Citar

5. Em relação ao seu primeiro emprego nos EUA como o conseguiu?
1. Já foi com emprego arranjado por amigos ou parentes
 2. Fez contato com conhecidos para conseguir trabalho
 3. procurou em jornais ou anúncios
 4. através de redes sociais com grupos de brasileiros
 5. outros. Citar
-

6. Em relação mudanças de trabalho nos EUA
1. Referenciado por amigos ou parentes
 2. Usou rede de conhecidos para conseguir trabalho
 3. Decidiu abrir seu próprio negócio se espelhando em conterrâneos que já estavam a mais tempo.
 4. Observando as demandas no mercado de trabalho
 5. Através de redes sociais com grupos de brasileiros
 6. Outros. Citar
-

7. Em seu primeiro emprego trabalhou para:
1. Brasileiros
 2. Emigrantes de outras nacionalidades
 3. Americanos

8. Qual é o seu principal trabalho?
-

9. Quantos empregos você já teve nos EUA?
-

10. Qual tipo de trabalho que você executava antes de migrar para os EUA? Qual tipo de trabalho você executa nos EUA?

	Tipo de trabalho no Brasil	Tipo de trabalho nos EUA
1ª vez		
2ª vez		
3ª vez		

11. Quando você emigrou pela primeira vez, sua situação era:

11.1. Em relação ao trabalho – Brasil	11.2. Em relação ao trabalho - EUA
1. () empregado com carteira assinada 2. () empregado s/ carteira assinada 3. () trabalhava por conta própria 4. () desempregado 5. () estudante 6. () proprietário 7. () outros: citar	1. () empregado com contrato 2. () empregado sem contrato 3. () trabalho por conta própria 4. () emprego imediato 5. () tempo com trabalho e tempo sem trabalho. 6. outros: citar

12. Quais são as diferenças percebidas nas relações de trabalho no Brasil e nos EUA.

Relação trabalho no Brasil	Relação de trabalho nos EUA

13. A sua relação de trabalho atual oferece alguma garantia de continuidade? De quais fatores depende a sua permanência neste trabalho.

--	--

14. Qual o motivo de ter emigrado?

	Motivo da ida para os EUA	Motivo do retorno para o Brasil
1 ^a vez		
2 ^a vez		
3 ^a vez		
4 ^a vez		

15. Qual foi a forma de entrada nos EUA, custo da viagem e como financiou?

Forma de entrada	1 ^a vez	2 ^a vez	3 ^a vez	4 ^a vez	Ao retornar	Custo da viagem (em dólar)	Como financiou a viagem?
1. Visto de turista							
2. Visto de trabalho							
3. Visto de estudante							
4. Passaporte montado							
5. Pela fronteira do México							
6. Green Card							
7. Cidadão americana							
8. Outros: citar:							

16. Quando retornou para o Brasil quais eram seus planos?

1 ^a vez	
2 ^a vez	
3 ^a vez	
4 ^a vez	

17. Na atividade que você tinha no Brasil antes de emigrar qual era sua renda mensal ?
(TER COMO REFERÊNCIA O SALÁRIO MÍNIMO ATUAL – R\$1.100,00)

18. Em relação ao seu trabalho nos EUA:

10.1) Em média quantas horas por dia você trabalhava?	10.2) Qual sua renda semanal? (em dólar)

19. Com que frequência você realizava no Brasil e nos EUA as seguintes atividades:

Atividades	17.1) No Brasil antes de emigrar	17.2) Nos EUA	17.3) atualmente
1. Cinema			
2. Teatro			
3. Museus e exposições			
4. Jantar fora			
5. Ir a pizzaria			
6. Visitar amigos			
7. Fazer caminhada			
8. Ir à praia, piscina			
9. Ir à igreja			
10. Outros. Citar:			

20. Você fazia algum tipo de leitura nos EUA e no Brasil?

Leitura	18.1) No Brasil antes de emigrar	18.2) Nos EUA	18.3) atualmente
Jornal			
Revista			
Livros			
Outros: citar			

Frequência: 1. nunca, 2. frequentemente, 3. raramente, 4. não lembra

21. Você fazia parte de algum tipo de rede social nos EUA e no Brasil?

26. Quais foram as maiores dificuldades encontradas para conhecer novos grupos de apoio de brasileiros da sua região?

27. Como você classifica sua experiência de emigrar:

1. () uma experiência que não valeu a pena. Por que?

2. () um experiência que valeu a pena. Por que?

3. () indiferente. Por que?

28. Você pretende emigrar novamente?

1. () não

2. () não sei

3. () sim – para qual país? _____

Qual motivo? _____

III – Caso seja empreendedor:

29. Qual o tipo de atividade da sua empresa?

1.() comércio. Citar

2.() indústria. Citar

3.() serviço. Citar

4.() agronegócio. Citar

30. Quais as razões que o levaram a escolher este tipo de negócio?

31. Você encontrou alguma dificuldade para tornar-se empreendedor?

1. () não

2. () sim – qual?

32. Você fez algum tipo de pesquisa de mercado antes de iniciar esse negócio?

1. () não
 2. () sim – qual?
-

33. Procurou alguma orientação especializada para iniciar seu negócio?

1. () não
 2. () sim – qual?
-

34. Quanto tempo **sua** empresa exerce esta atividade?

35. Qual foi o capital inicial do seu empreendimento (em reais)?

36. Quanto tempo foi necessário permanecer no estrangeiro para montar o seu negócio?

37. Como você considera a situação de sua empresa hoje?

- 1 () em fase de crescimento com boas perspectivas
 - 2 () um empreendimento sólido com boas perspectivas
 - 3 () em fase de retraimento com poucas perspectivas
 - 4 () outros. Citar:
-

38. Em relação ao seu empreendimento você considera que:

- 1 () sem emigrar não seria possível se estabelecer como empreendedor
 - 2 () a emigração apenas possibilitou estabelecer-se como empreendedor em um tempo menor
 - 3 () o fato de ter emigrado foi indiferente para estabelecer-se como empreendedor
 - 4 () outros. Citar:
-

39. Quais são seus planos em relação a sua empresa para os próximos dois anos?

IV – Dados pessoais

40. Sexo: 1. () Masculino
2.()Feminino

41. Data de Nascimento: _____

42. Naturalidade: _____

43. Nos EUA você fez algum curso?

1. não
2. sim?

Qual? _____

44. Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:

	Antes de ir para os EUA	Atualmente
Série, grau e curso		
Estado civil		
Idade (quando emigrou pela primeira vez)		
Número de filhos, idade e sexo		

45. Caso tenha mudado seu estado civil isso ocorreu:

1. antes de emigrar para os EUA
2. durante sua permanência nos EUA
3. após seu retorno para o Brasil
4. outros.

Citar: _____

5. não se aplica

46. Se casou nos EUA, foi para obter visto?

47. Caso tenha filhos antes da migração, levou junto ou se deixou, quem ficou cuidando?

48. Se levou, quem cuida do filho ou filhos nos EUA?

49. Se teve filhos nos EUA, quem cuida?

OBSERVAÇÕES: (anotar todas as informações que julgar importante para a pesquisa)

